



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

ANDRELINA HELOÍSA RIBEIRO RABELO

**AS CONSTRUÇÕES CLASSIFICADORAS NA LÍNGUA DE SINAIS
BRASILEIRA-LIBRAS**

UBERLÂNDIA-MG

2025

ANDRELINA HELOÍSA RIBEIRO RABELO

**AS CONSTRUÇÕES CLASSIFICADORAS NA LÍNGUA DE SINAIS
BRASILEIRA-LIBRAS**

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Estudos Linguísticos-
Ppgel da Universidade Federal de Uberlândia-
Ufu como requisito parcial para obtenção do
título de Doutora em Estudos Linguísticos

Área de concentração: Estudos Linguísticos
Linha de Pesquisa: Teoria, descrição e análise
linguística
Orientadora: Profa. Dra. Eliamar Godoi

UBERLÂNDIA-MG

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- R114c
2025 Rabelo, Andreina Heloisa Ribeiro, 1982-
 As construções classificadoras na língua de sinais brasileira- Libras
 [recurso eletrônico] / Andreina Heloisa Ribeiro Rabelo. - 2025.
- Orientadora: Eliamar Godoi.
 Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de
 Pós-graduação em Estudos Linguísticos.
 Modo de acesso: Internet.
 Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2025.5064>
 Inclui bibliografia.
 Inclui ilustrações.
1. Linguística. I. Godoi, Eliamar, 1968-, (Orient.). II. Universidade
 Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Estudos
 Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br


ATA

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Tese de Doutorado - PPGEL				
Data:	Dezesseis de maio de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	18:00
Matrícula do Discente:	12113ELI028				
Nome do Discente:	Andrelinea Heloisa Ribeiro Rabelo				
Título do Trabalho:	AS CONSTRUÇÕES CLASSIFICADORAS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA- LIBRAS				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Teoria, descrição e análise linguística				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Panorama sociolinguístico e descritivo da Libras falada pela comunidade surda em contexto educacional da cidade de Uberlândia				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta pelos Doutores: Giselly Tiago Ribeiro Amado- UFU; Letícia de Sousa Leite - UFU; Maria Virgínia D. Ávila - FATRA; Telma Rosa de Andrade - UFSJ; Eliamar Godoi - UFU, orientadora da Tese.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Eliamar Godoi, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Giselly Tiago Ribeiro Amado, Usuário Externo**, em 19/05/2025, às 11:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliamar Godoi, Presidente**, em 19/05/2025, às 15:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Telma Rosa de Andrade, Usuário Externo**, em 19/05/2025, às 16:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Letícia de Sousa Leite, Usuário Externo**, em 24/05/2025, às 00:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Virgínia Dias de Ávila, Usuário Externo**, em 04/06/2025, às 10:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6309848** e o código CRC **D673ABEA**.

**“Agrada-te do Senhor e Ele realizará os desejos do seu coração.
Entrega teu caminho ao Senhor, confia nele e o mais Ele fará.” (Salmos 37:4 e 5)**

AGRADECIMENTOS

Ao grande e poderoso Deus, dono de tudo, que me permitiu sonhar e realizar os sonhos mais improváveis. Àquele que me conhece desde sempre, sabe dos meus anseios, limitações e envia seus anjos para me auxiliar durante a caminhada. Anjos, em forma de gente, que torna a vida mais leve. Eis alguns deles a quem tenho muita gratidão.

À Professora Doutora Eliamar Godoi a quem nós, seus orientandos, chamamos carinhosamente de Master, por despertar em mim habilidades que eu nem mesma imagina possuir, por aceitar ser minha orientadora e por ser HUMANA todas as vezes que eu precisei de uma orientação para além da pesquisa. Obrigada, professora Eliamar! Enquanto escrevo sinto-me emocionada e honrada por tê-la comigo nesses últimos 8 anos entre a graduação e Pós- Graduação. Sua vida contribui significativamente com a minha e isso é motivo de alegria e gratidão.

Ao professor Fábio Izaltino Laura pelo respeito e carinho com que me trata e por partilhar seu conhecimento de forma tão leve. Por estar sempre junto prestigiando as conquistas de seus alunos, inclusive as minhas. Aos demais professores do curso de Letras-Língua Portuguesa com Domínio de Libras por terem compartilhado comigo seus conhecimentos e contribuído com minha carreira acadêmica.

Ao professor Doutor Ariel Novodvorski, que durante minha graduação e Pós-Graduação (Mestrado - Doutorado) foi o diretor do Instituto de Letras e Linguística – Illeel, por sua boa vontade e gentileza em atender minhas demandas. Gratidão por ter conhecido alguém de alma tão boa.

À professora Doutora Ronice Müller de Quadros por ceder o corpus utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa e fornecer informações solicitadas ao longo desse processo. Obrigada, professora Ronice! Sua presteza em esclarecer as dúvidas que surgiam, conforme analisava o corpus, contribuiu para a fluidez da pesquisa.

As pessoas envolvidas no programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos - PPGEL que me possibilitaram, por meio do corpo docente, adquirir conhecimentos acadêmicos que contribuíram e contribuem com e para minha carreira, os quais comprometo-me a partilhar durante minha trajetória. Em especial a professora Doutora Cristiane Carvalho coordenada do PPGEL pela assistência prestada nesse período em que estive como pesquisadora do Programa. Obrigada Doutora Cristiane!

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Capes, por financiar essa pesquisa e torná-la possível. Os resultados apresentados aqui contribuirão com outras pesquisas de mesma natureza.

Às secretárias do PPGEL Luana e Virgínia pela disposição e pela gentileza em sempre avisar sobre prazos e eventos, além das orientações e esclarecimentos diante de dúvidas. À Tatiane e Giselly, os dois primeiros anjos que Deus enviou quando ingressei no curso de Letras, em 2014, que fazem parte da secretaria de graduação. Foram suas orientações, dicas e boas conversas que contribuíram para que eu chegasse tão longe. Ah, como vocês são especiais!

Aos amigos da graduação e da Pós-Graduação. Alguns ainda caminham comigo e vez ou outra trocamos conhecimento. Suely, doce e sábia, comigo nessa trajetória sempre com palavras de ânimo e de esperança. Letícia com seu “Leticês” desejando coisas boas e espalhando luz, como foi e é importante tê-la por perto. Raquel, silenciosa, mas que diz muita coisa boa com seu sorriso. Augusto sempre com muita boa vontade me auxiliando nas questões referentes a Tecnologias Digitais.

Aos amigos falantes de Libras como primeira língua-L1 por terem me acolhido e pela troca de saberes. A cada pessoa surda que tive a oportunidade de tornar a comunicação em Libras/Português acessível, enquanto tradutora/intérprete de Libras, agradecida! Aprendi tanto com vocês! Aprendi que o grande problema não é a diferença linguística, mas a falta de interesse em saber quem são vocês, suas verdadeiras dificuldades e como ajudá-los.

Agradeço aos discentes do Letras-Língua Portuguesa com domínio de Libras pelo período em que estive como professora substituta e pude aprender tanto sobre SERES HUMANOS enquanto ministrava minhas aulas. Obrigada, pessoal!

- 1) À banca examinadora da qualificação da tese nas pessoas do professor Waldemar dos Santos Cardoso Júnior da Universidade Federal do Pará e da professora Maria Virgínia Dias de Ávila da Faculdade do Trabalho. Gratidão pelas orientações. Elas foram de grande valia e contribuíram para o alinhamento da minha pesquisa.

À banca de defesa da Tese por aceitar o convite. A escolha da composição da mesa foi feita considerando a valiosa contribuição de cada um dos convidados, em especial à professora Doutora Telma Rosa de Andrade, falante de Libras como L1 que contribuiu, enquanto usuária da língua, com sugestões e reflexões pertinentes em relação aos Classificadores e suas construções nas sentenças.

À minha família, pelo amparo. Uma pena não ter minha vizinha por aqui, ela certamente sentiria muito orgulho. Uma mulher sábia, de muitas vivências e com um amor tão

ingênuo. Uma intercessora que apresentava, pelo nome, cada integrante da família, a Deus. Sem entender muito sobre o universo acadêmico comemorava comigo cada avanço. Como sou grata pelo privilégio de tê-la como avó. Eu estou vencendo, rompendo a minha caminhada e agradecida pelos pouco mais de quarenta anos que a tive comigo.

Ao meu tio Osvaldo, que também não está mais aqui, mas me ajudou a caminhar tão longe. Sempre sonhou nossos sonhos. Com seus sábios conselhos, mesmo sem imaginar...fez tanta diferença na minha vida.

À família que Deus me permitiu construir. Meu amigo e marido Sérgio por ser esse parceiro de vida e na vida. Sempre otimista, traçando o percurso da minha jornada acadêmica, já me via doutora antes mesmo desse processo iniciar. Acreditou em mim mais que eu mesma. Obrigada por ser esse anjo materializado em minha vida. Ter você ao meu lado fez e faz muita diferença. Aos meus filhos Larissa, Paulo e Lucas inspiração para que eu queira seguir avante. Olho para vocês e sinto-me privilegiada por ter sido escolhida para gerar e trazer ao mundo suas vidas e isso me enche de vontade de ser alguém cada vez melhor... como pessoa, com alma boa, com coragem e vontade de viver.



OBRIGADA

RESUMO

A Libras apresenta o Classificador, ou seja, a representação icônica de um ser, objeto ou coisa, como possibilidade de formação de sinal. A revisão da literatura nos impulsionou a investigar as ocorrências de sinais classificadores e suas construções dentro das sentenças, em contexto comunicativo. O objetivo é identificar, descrever e analisar a aparição de Classificadores e suas construções dentro das sentenças produzidas em Libras, pelo viés morfossintático e utilizando como modelo a Morfologia Construcional-Silex. Para isso, identificamos e descrevemos os tipos de Classificadores e/ou de Construções Classificadoras em sinais base ou raiz. Categorizamos os fenômenos e suas ocorrências nas falas dos surdos. Posteriormente, identificamos e descrevemos as regras que regem a união de uma unidade a outra para atribuir ou alterar significados no fenômeno de criação de sinais classificadores e de Construções Classificadoras. Apresentamos a categoria do Classificador ou Construção Classificadora identificada e qual tipo de formação ocorreu nesse processo. O aporte teórico desta pesquisa, no que se refere à descrição e análise linguística da Libras, foi embasado nos estudos descritivos de línguas de sinais distintas, sendo eles: Allan (1977); Felipe (2002); Ferreira-Brito(2010, [1995]); Klima e Bellugi (1979); Quadros e Karnopp (2004); Supalla (1986). Já em relação aos estudos dos Classificadores nosso aporte teórico contou com os seguintes autores: Allan (1977); Faria-Nascimento (2009); Ferreira-Brito (2010[1995]); McDonald (1982); Pimenta e Quadros (2009); Quadros e Karnopp (2004); Strobel e Fernandes (1998) e Supalla (1986). A metodologia adotada para o desenvolvimento desta pesquisa é de caráter descritivo de cunho explicativo, considerada por Gil (2008) como pesquisas que visam descrever e explicar como acontecem certos fenômenos. Em relação à abordagem, enquadra-se no tipo qualitativo, pois visa apresentar os resultados por meio de percepções e análises, descrevendo a complexidade do problema e a interação entre variáveis. O corpus utilizado para a coleta de dados foi extraído do banco de dados da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC e consiste em vídeos produzidos em Libras. Para a análise, foram selecionados três vídeos como um recorte representativo para a pesquisa. Nesses vídeos os participantes fizeram uma síntese da narrativa do clipe escolhido e assistido previamente. Os clipes são vídeos que utilizam como forma de comunicação a pantomima e a mímica. Os participantes escolheram os clipes de *Charles Chaplin* e de *Tom e Jerry*. Os resultados mostraram que a presença de Classificadores e suas Construções Classificadoras é frequente em gênero narrativo. Quinze fenômenos distintos foram identificados entre tipos de Classificadores e Construções Classificadoras. Em alguns casos, para um mesmo referente, identificamos escolhas distintas entre os participantes. Na revisão da literatura percebemos que alguns Classificadores que se apresentam como tipo de Classificadores são, de fato, Construções Classificadoras. A Nominalização; Derivação; Composição; Incorporação e Soletração rítmica são consideradas fenômenos de formação de sinais, mas não identificamos estudos que se referem a possibilidade de formação de sinal primária que seria por meio da junção dos parâmetros. O desenvolvimento desta pesquisa confirmou nossa hipótese de que os surdos, ao utilizarem Classificadores e suas construções, lançam mão de informações gramaticais e lexicais da Libras em sinais-base ou raiz. Ao concluirmos nossa análise afirmamos a importância de pesquisas descritivas dos aspectos linguísticos da Libras e sua contribuição para elaboração de materiais didáticos, novas pesquisas na área e para a divulgação e perenização dessa língua.

PALAVRAS-CHAVE: Classificadores na Libras; Descrição; Morfossintaxe na Libras

ABSTRACT

Libras presents the Classifier, that is, the iconic representation of a being, object, or thing, as a possible way to form a sign. A literature review prompted us to investigate the occurrence of classified signs and their constructions within sentences in a communicative context. The objective is to identify, describe, and analyze the properties of Classifiers and their constructions within sentences produced in Libras, from a morphosyntactic perspective and using Silex Constructional Morphology as a model. To this end, we identify and describe the types of Classifiers and/or Classifying Constructions in base or root signs. We categorize the characteristics and their occurrences in the speech of deaf individuals. Subsequently, we identify and describe the rules governing the union of one unit with another to define or alter meanings in the phenomenon of creating classified signs and Classifying Constructions. We present the category of the Classifier or Classifying Construction identified and the type of formation that occurred in this process. The theoretical framework of this research, regarding the description and linguistic analysis of Libras, was based on descriptive studies of different sign languages, namely: Allan (1977); Felipe (2002); Ferreira-Brito (2010, [1995]); Clima and Bellugi (1979); Quadros and Karnoop (2004); Supalla (1986). Regarding the studies of Classifiers, our theoretical framework outlines the following authors: Allan (1977); Faria-Nascimento (2009); Ferreira-Brito (2010[1995]); McDonald (1982); Pimenta e Quadros (2009); Quadros and Karnopp (2004); Strobel and Fernandes (1998) and Supalla (1986). The methodology adopted for the development of this research is of a descriptive nature with an explanatory nature, considered by Gil (2008) as research that aims to describe and explain how certain characteristics occur. Regarding the approach, it falls within the qualitative category, as it aims to present results through perceptions and analyses, describing the complexity of the problem and the interaction between variables. The corpus used for data collection was extracted from the database of the Federal University of Santa Catarina (UFSC) and consists of videos produced in Libras. For analysis, three videos were selected as a representative sample for the research. In these videos, participants summarized the narrative of the previously watched and selected clip. The clips use pantomime and mime as forms of communication. Participants chose clips from Charles Chaplin and Tom and Jerry. The results demonstrated that the presence of Classifiers and their Classified Constructions is frequent in the narrative genre. Fifteen distinct characteristics were identified between types of Classifiers and Classifying Constructions. In some cases, for the same referent, we identified different choices among participants. In the literature review, we noticed that some Classifiers that present themselves as types of Classifiers are, in fact, Classifying Constructions. Nominalization; Derivation; Composition; Incorporation; and Rhythmic Spelling are considered important for sign formation, but we did not identify any studies that address the possibility of primary sign formation through the particularity of the configurations. This research confirmed our hypotheses that deaf individuals, when using Classifiers and their constructions, utilize grammatical and lexical information from Libras in base or root signs. Concluding our analysis, we affirm the importance of descriptive research on the linguistic aspects of Libras and its contribution to the development of teaching materials, new research in the field, and the dissemination and perpetuation of this language.

KEYWORDS: Classifiers in Libras. Description. Morphosyntax in Libras.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	American Sign Language (Língua Americana de Sinais)
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos
CL	Classificador
CL- A	Configuração de Mão em A
CL- F	Classificador-Configuração de Mão em F.
CL- G	Classificador-Configuração de Mão em G
CL-B	Classificador-Configuração de Mão em B
CL-G	Configuração de Mão em G
CL-Y	Classificador-Configuração de Mão em Y
CM	Configuração de Mão
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EF	Expressão Facial
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
ENM	Expressões Não-Manuais
Feneis	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
Gpelet	Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias
GU	Gramática Universal- GU
IC	Instrumento Conceitual
INDL	Inventário Nacional da Diversidade Linguística
Ines	Instituto Nacional de Educação de Surdos
INRC	Inventário Nacional de Referências Culturais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico Imaterial
IPOL	Instituto de Políticas Linguísticas
L1	Primeira língua
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LP	Língua Portuguesa
LPDL	Letras – Língua Portuguesa com domínio de Libras
LSF	French Sign Language family (Língua de Sinais Francesa)
MO	Movimento
Nals	Núcleo de Pesquisas em Aquisição de Língua de Sinais

OD	Orientação/Direção
PA	Ponto de Articulação
PC	Ponto de Contato
PNPI	Programa Nacional do Patrimônio Imaterial
Ppgel	Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos
Pronatec	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
Prouni	Programa Universidade para todos
Silex	Sintaxe, Interpretação e Léxico
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina-
Ufu	Universidade Federal de Uberlândia

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Capa do Manual/Dicionário: <i>Icnographia dos Signaes dos Surdos-Mudos</i>	31
FIGURA 2	Manual/Dicionário: <i>Icnographia dos Signaes dos Surdos-Mudos</i>	31
FIGURA 3	Capa do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue de Libras	32
FIGURA 4	Descrição do sinal para APRENDER	32
FIGURA 5	Sinal para TELEFONE	35
FIGURA 6	Sinal para PESSOA	40
FIGURA 7	Classificador para PESSOA	41
FIGURA 8	Parâmetros básicos da Libras	57
FIGURA 9	Sinal para APRENDER e para SÁBADO	58
FIGURA 10	Configurações de mão conforme Ferreira-Brito (2010, [1995])	58
FIGURA 11	Configurações de mão conforme Felipe e Monteiro (2007)	59
FIGURA 12	Configurações de mão conforme Duarte (2011)	60
FIGURA 13	Alfabeto manual da Libras	61
FIGURA 14	Configuração de Mão conforme Barretos e Barretos (2012)	61
FIGURA 15	Sinal para BANHEIRO	63
FIGURA 16	Sinal para MEMORIZAR	64
FIGURA 17	Sinal para CHATO	65
FIGURA 18	Sinal para AFASTAR	65
FIGURA 19	Sinal para PERGUNTAR	70
FIGURA 20	Sinal para PESQUISAR	70
FIGURA 21	Sinal para CADEIRA	71
FIGURA 22	Sinal para SENTAR	71
FIGURA 23	Sinal para SENTAR e CADEIRA	71
FIGURA 24	Sinal para ABRIR LIVRO e LIVRO	72
FIGURA 25	Sinal para CASA	72
FIGURA 26	Sinal para ESTUDAR	73
FIGURA 27	Sinal para ESCOLA	73

FIGURA 28	Sinal para INSETO	73
FIGURA 29	Configuração de Mão 17	74
FIGURA 30	Sinal para COSTURAR À MÃO	74
FIGURA 31	Sinal para ACREDITAR	75
FIGURA 32	Sinal para PAI, MÃE e Composto por Aglutinação Regra da Sequência Única PAIS	75
FIGURA 33	Sinal Composto por Aglutinação Regra da Antecipação da Mão para BOA NOITE	76
FIGURA 34	Sinal para BAR	78
FIGURA 35	Sinal para LARANJA e SÁBADO	87
FIGURA 36	Sinal para BOLA	92
FIGURA 37	Sinal Classificador para BOLA DE VÔLEI	93
FIGURA 38	Sinal Classificador para BOLA DE FUTEBOL	93
FIGURA 39	Sinal Classificador para BOLA DE BASQUETE	93
FIGURA 40	Sinal para ACIDENTE 1	95
FIGURA 41	Sinal para ACIDENTE 2	95
FIGURA 42	Sinal Classificador para MALA	98
FIGURA 43	Sinal para CARRO	99
FIGURA 44	Sinal para VASSOURA	99
FIGURA 45	Sinal para ANDAR DE BICICLETA e BICICLETA	100
FIGURA 46	Classificador Configuração de Mão em Y	109
FIGURA 47	Classificador Configuração de Mão em B	110
FIGURA 48	Classificador Configuração de Mão em G	110
FIGURA 49	Sinal Classificador para RETÂNGULO	111
FIGURA 50	Classificador Configuração de Mão em F	112
FIGURA 51	Classificador Configuração de Mão em A	112
FIGURA 52	Classificador para PESSOA ANDANDO	114

FIGURA 53	Classificador para DUAS PESSOAS ANDANDO/PARADAS LADO A LADO	114
FIGURA 54	Layout da ficha técnica dos vídeos	131
FIGURA 55	Layout da ficha técnica vídeo 1 e cenário	139
FIGURA 56	Layout da ficha técnica do vídeo 2 e cenário	139
FIGURA 57	Layout da ficha técnica do vídeo 3 e cenário	140
FIGURA 58	Layout do cenário vídeo 1- FLN_GR_F02_NARRATIVA_Cam 03_2017	144
FIGURA 59	Realização do sinal <i>COWBOY</i>	144
FIGURA 60	Realização do sinal TOCA DE RATO	147
FIGURA 61	Realização do sinal ANDAR	150
FIGURA 62	Realização do sinal TER UMA IDEIA	152
FIGURA 63	Realização do sinal DORMIR CADEIRA SENTADO	154
FIGURA 64	Realização do sinal PÃO DE FORMA	156
FIGURA 65	Realização do sinal ESPINGARDA ATIRAR	158
FIGURA 66	Realização do sinal TIROS	160
FIGURA 67	Cenário vídeo 2- FLN_GR_F09_NARRATIVA1_cam03_2017	162
FIGURA 68	Realização do sinal <i>CHARLIE CHAPLIN</i> 01	162
FIGURA 69	Realização do sinal ARREMESSAR PEDRA 01	165
FIGURA 70	Realização do sinal VIDRO QUEBRAR 01	167
FIGURA 71	Cenário vídeo 3- FLN_GR_M10_narrativa1_cam03	169
FIGURA 72	Realização do sinal <i>CHARLIE CHAPLIN</i> 02	170
FIGURA 73	Realização do sinal MASSA PARA VIDRO	172
FIGURA 74	Realização do sinal ARREMESSAR PEDRA 02	174
FIGURA 75	Realização do sinal VIDRO QUEBRAR 02	177
FIGURA 76	Realização do sinal JANELA	183

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Teses e Dissertações de pesquisadores integrantes do Gpelet de 2014 a 2025	23
QUADRO 2	Sinais em Libras equivalentes a LSF	36
QUADRO 3	Pesquisas coletadas do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes	43
QUADRO 4	Quadro conceitual de termos descritores utilizados nesta pesquisa	49
QUADRO 5	Classificadores Nominais Descritivos	103
QUADRO 6	Classificadores Nominais Descritivos /referentes e atributos	104
QUADRO 7	Classificadores Nominais Especificadores	105
QUADRO 8	Classificadores Verbais-Sujeito + Verbo	115
QUADRO 9	Classificadores Verbais-Verbo + Objeto	116
QUADRO 10	Classificadores Verbais-Verbo + Instrumento	117
QUADRO 11	Classificadores Verbais-Verbo + Objeto + Instrumento	118
QUADRO 12	Classificadores Verbais-Verbo + Locativo	119
QUADRO 13	Classificadores Verbais-Sujeito + Verbo + Locativo	120
QUADRO 14	Classificadores Verbais -Verbo + Instrumento + Locativo	120
QUADRO 15	Classificadores Verbais - Verbo + Objeto + Locativo	121
QUADRO 16	Classificadores Verbais - Sujeito + Verbo + Modo	122
QUADRO 17	Classificadores Verbais - Sujeito + Verbo + Modo + Locativo	123
QUADRO 18	Classificadores Verbais-Sujeito + Verbo + Objeto + Modo + Locativo	123
QUADRO 19	Classificadores Verbais-Sujeito + Verbo + Objeto + Modo + Aspecto	124
QUADRO 20	Classificadores Verbais-Sujeito + Verbo + Objeto + Modo + Aspecto + Locativo	125
QUADRO 21	Classificadores Homônimos	126

QUADRO 22	Instrumento Conceitual do termo “CLASSIFICADOR” nos processos de formação de sinais nas línguas sinalizadas de acordo com o aporte teórico	132
QUADRO 23	Modelo descritivo/analítico	133
QUADRO 24	Surdos de Referência desta pesquisa	137
QUADRO 25	Quadro demonstrativo do resultado das análises	185

SUMÁRIO

	MEMORIAL	19
	APRESENTAÇÃO GERAL	23
1	INTRODUÇÃO	30
2	ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DA LIBRAS	50
2.1	Os estudos linguísticos e suas principais teorias	50
2.2	Estudos Descritivos das línguas	53
2.3	A Estrutura Linguística da Libras	54
2.3.1	Aspecto Fonético-Fonológico	56
2.3.1.1	Configuração de Mão	58
2.3.1.2	Ponto de Articulação	63
2.3.1.3	Movimento	64
2.3.1.4	Orientação/Direção	65
2.3.1.5	Expressões Não-Manuais	66
2.3.2	Aspecto Morfológico	67
2.3.2.1	Derivação e Nominalização	70
2.3.2.2	Composição	72
2.3.2.3	Incorporação e Construções Classificadoras	76
2.3.2.4	Datilologia e Soletração Rítmica	77
2.3.3	Morfossintaxe na Libras	79
2.3.4	Morfologia Construcional – Silex: um modelo para descrição de dados	80
2.3.5	Aspecto Sintático	84
2.3.6	Aspecto Semântico e pragmático.	86
3	CLASSIFICADORES COMO FENÔMENO DE FORMAÇÃO DE SINAIS	88
3.1	Classificadores na Libras	88
3.2	A característica icônica dos Classificadores	97
3.3	Tipos de Classificadores	100
3.3.1	Classificador Nominal Descritivo	102

3.3.2	Classificador Descritivo: CL-D	104
3.3.3	Classificador Nominal Especificador	105
3.3.4	Classificador Especificador: CL-ESP	106
3.3.5	Classificador Instrumental: CL-I	107
3.3.6	Classificador Plural: CL-P	107
3.3.7	Classificador de Numeral: CL-N	108
3.3.8	Classificador do Corpo: CL-P	108
3.3.9	Classificador ‘X Tipo de Objeto	108
3.3.9.1	Classificador-Configuração de Mão em Y: CL-Y	109
3.3.9.2	Classificador-Configuração de Mão em B: CL-B	109
3.3.9.3	Classificador-Configuração de Mão em G: CL-G	110
3.3.9.4	Classificador-Configuração de Mão em F: CL-F	111
3.3.10	Classificador ‘Segurar X-Tipo de Objeto’	112
3.3.10.1	Classificador-Configuração de Mão em A: CL-A.	112
3.4	Construções Classificadoras na Libras	113
3.4.1	Verbos Classificadores	113
3.4.1.1	Classificadores Verbais Sujeito + Verbo	115
3.4.1.2	Classificadores Verbais Verbo + Objeto	116
3.4.1.3	Classificadores Verbais Verbo + Instrumento	117
3.4.1.4	Classificadores Verbais Verbo + Objeto + Instrumento	118
3.4.1.5	Classificadores Verbais Verbo + Locativo	118
3.4.1.6	Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Locativo	119
3.4.1.7	Classificadores Verbais Verbo + Instrumento + Locativo	120
3.4.1.8	Classificadores Verbais Verbo + Objeto + Locativo	121
3.4.1.9	Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Modo	122
3.4.1.10	Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Modo + Locativo	122
3.4.1.11	Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Objeto + Modo + Locativo	123
3.4.1.12	Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Modo + Aspecto	124
3.4.1.13	Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Modo + Aspecto + Locativo	125
3.4.2	Classificadores Semânticos	126
3.4.3	Classificadores Homônimos	126
3.4.4	Classificadores Possessivos: possuídos; relacionais; possuidores	127

3.4.5	Classificadores Locativos	127
4	METODOLOGIA DA PESQUISA	128
4.1	Metodologia e procedimentos para escolha do corpus	128
4.2	Procedimentos para coleta de dados	132
4.2.1	Mecanismos para coleta de dados ‘Surdos de Referência	135
4.3	Perfil dos participantes e análise do cenário para gravação dos vídeos	136
4.4	Conteúdo das narrativas para identificação de Classificadores e Construções Classificadoras	141
4.4.1.	Tradução das narrativas realizadas pelos participantes	141
5	ANÁLISE DOS DADOS	143
5.1	Fenômeno de formação de sinal por meio de Classificador ou de Construção Classificadora de informações gramaticais em itens lexicais e a regularidade desses fenômenos na formação dos sinais	143
5.1.1	Contextualização e análise vídeo 1	144
5.1.2	Contextualização e análise vídeo 2	162
5.1.3	Contextualização e análise vídeo 3	169
6	RESULTADOS	179
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	188
	REFERÊNCIAS	196
	ANEXOS	203

MEMORIAL

Durante o Mestrado fiquei pensando em como me aproximar do leitor da minha Dissertação e fazê-lo conhecer um pouco da minha trajetória. Não só a acadêmica, mas a minha trajetória de vida, pois há uma pessoa por trás da pesquisadora e pertencço a uma história real. E dessa história fazem parte a minha família, o meu povo e quem passa por mim. Na ocasião elaborei uma breve autobiografia. Nela conto, de forma sucinta, essa trajetória que mistura vida pessoal, carreira acadêmica e profissional¹.

Já neste Memorial, ao qual você está lendo, quero discorrer um pouco mais sobre essa trajetória pois, a existência, assim como a língua, é viva e outras tantas coisas aconteceram nesses 4 anos de pesquisa que contemplam meu doutoramento. Só recapitulando: em dezembro de 2020 defendi minha Dissertação intitulada Libras e o fenômeno da incorporação nos processos de formação de sinais e, apesar de todas as dores que carregava, dores geradas pelas mortes de meu pai, meu sogro e meu tio, justamente nesse período de desenvolvimento da pesquisa 2018-2020, e as intempéries que aconteceram fui aprovada.

Nesse mesmo período eu conciliei o final do Mestrado com o processo seletivo para ingresso no Doutorado e fui aprovada. Pensando em continuar minhas pesquisas na área da Libras, mais especificamente nos processos de formação de sinais, optei por pesquisar sobre os Classificadores como possibilidades de formação de sinais e a organização morfosintática desse fenômeno.

A escolha do tema se deu por conta das indagações despertadas no Mestrado. As Construções Classificadoras presentes com uma frequência regular no corpus que eu analisei naquela ocasião, mostraram a riqueza desse fenômeno e pareceu interessante investigar. Em março de 2021 ingressei no Doutorado, cursei quatro disciplinas durante esse ano e fui aprovada nas mesmas. Nesse período, eu dividia minha versão pesquisadora com as minhas versões mãe, esposa, professora e cuidadora de minha vizinha, que estava doente e precisava de auxílio. Uma rotina nada diferente da maioria das pessoas que querem o improvável, sim, desenvolver minha tese era meu improvável, principalmente nessas circunstâncias. A vida não para, tampouco permite que a versão pesquisador/a seja nossa única versão, tudo vai acontecendo.

Nesse turbilhão de coisas que é a minha vida eu fui aproveitando as oportunidades. Lembro-me que em 2019 participei do processo seletivo para professor substituto no curso de

¹ <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/31475>.

Letras- Língua portuguesa com domínio de Libras, o mesmo que meu deu o título de licenciada em Letras/Libras lá em 2017. Na ocasião fui aprovada, mas devido a formação que possuía na época não pude assumir a vaga e solicitei reclassificação. Eu ainda não havia terminado o Mestrado e por isso não seria possível a contratação. Acontece que, no ano seguinte, vivemos a pandemia e a validade do processo foi prorrogada. Em 2021 surgiu uma vaga no curso e eu, já de posse do título de Mestre e considerando a reclassificação, fui contratada. Atuei entre agosto de 2021 a julho de 2023, período de muito aprendizado que contribui para minha carreira profissional e para o desenvolvimento da tese, pois as disciplinas ministradas tinham correlação com minha pesquisa.

Nesse período em que atuei como professora substituta me lembro o quanto essa oportunidade foi enriquecedora. Estar cercada de excelentes profissionais, colegas de trabalhos, o contato com os alunos falantes de Libras, as atividades propostas e desenvolvidas foram relevantes para que minha pesquisa tomasse forma e eu tivesse certeza de que o tema previamente escolhido era de fato o que eu manteria até a defesa.

Faço um adendo aqui para externar minha profunda gratidão ao corpo docente e equipe de assistentes administrativos do curso de Letras-Língua Portuguesa com domínio de Libras, carinhosamente chamado de LPDL, à equipe do Instituto de Letras na pessoa do professor Doutor Ariel Novodvorski. O sonho de pertencer a esse lugar, seja como discente ou docente, não nasceu em um tempo recente, ele vem desde a juventude, tempo em que eu sonhava em ultrapassar os muros desta Universidade, mas não via possibilidades de materializar esse sonho.

Em fevereiro de 2022 protocolei meu projeto de pesquisa com o título provisório: As Construções Classificadoras na formação de sinais na Libras: uma análise morfossintática com a pretensão de desenvolver e concluir a pesquisa até meados de 2025. Segundo semestre, minha vizinha ficou doente, falecendo em dezembro. Que situação! Mas a vida segue. A família precisava de cuidado e consolo, minha mãe, que era filha dela, precisava de atenção e nós netos, bisnetos, demais filhos também, afinal, ela era a tradicional matriarca, a conselheira, a que intercedia e servia a família. Esse mês foi muito difícil e a pesquisa teve de esperar.

Confesso que as ideias fervilhavam, rascunhos eram feitos e eu, mesmo que apenas no campo das ideias, mantinha meu compromisso em ser pesquisadora. E assim, fui seguindo fazendo elaborações mentais e pensando o quanto esse Doutorado também era importante para ela. Vinda de um lugar de vulnerabilidade, o orgulho de minha avó era ver a família

avanzando. Um filho, neto ou bisneto seguindo nos estudos era, para ela, uma realização pessoal.

Entramos no ano de 2023. Minha filha organizando para casar-se, eu, mãe da noiva nos preparativos, a Tese retomada e tudo acontecendo ao mesmo tempo. Minha missão cuidadora de vó havia se encerrado e dava lugar à missão cuidadora de mãe. Dizer que a vida não espera e que vai acontecendo é isso: tudo junto e misturado e a gente vai se reorganizando. Em janeiro desse ano minha mãe foi diagnosticada com um tumor na coluna cervical, dentro da medula óssea. A família que ainda vivia o luto de minha vizinha teve que engolir o choro e auxiliar minha mãe. Eu organizando casamento, desenvolvendo minha pesquisa, preciso agora de tempo para ajudar minha mãe em um momento tão delicado. Nesse ínterim minha filha, se casou, acompanhei minha mãe em duas cirurgias, fui esposa, pesquisadora, professora e o que mais precisasse ser na vida.

Foi um ano difícil, sim! Muitos desafios. Entre as realizações pessoais e profissionais que proporcionam alegrias tive que lidar com as dores e as angústias. Apesar desse misto, da sensação de impotência, eu encontrei disposição em meio ao caos e segui adiante com minha pesquisa. Eu queria analisar os dados, registrar os resultados, compartilhar minhas percepções. Para isso era preciso avançar. Atenta aos prazos do programa fui cumprindo cada etapa do processo e desenvolvendo a pesquisa.

Início de 2024, pesquisa com os prazos cumpridos, ajustes sendo feitos, eu na escola trabalhando, meus filhos seguindo seus caminhos, meu marido sendo meu apoio, meu incentivador, meu amigo fiel com disposição para ouvir meus dramas, minhas angústias, também na vida profissional e acadêmica e as coisas fluindo. Em março descobrimos que o tumor da minha mãe é maligno e sem tratamento. Um susto, lógico! Mas decidimos seguir sem alvoroço, afinal, já havia um ano que estávamos tratando o caso com normalidade e o fato de ser maligno, embora tenha assustado, não poderia mudar o rumo das coisas. Nesse viver, no dia 28 de junho de 2024 defendi a qualificação da tese e fui aprovada nesta etapa.

A vida foi seguindo e ainda segue, que bom! A vontade de pesquisar, o prazer pela ciência, a curiosidade me impulsiona e ter uma rede de apoio faz toda a diferença. Que rede é essa? São meus filhos. Olhar para eles e saber que estão por aqui, seguros e seguindo, traz paz, tranquilidade e a pesquisa flui. É meu marido, a maneira como ele trata minha pesquisa, o respeito que ele tem com o meu tempo de estudo, o valor que ele dá em tudo isso. São minhas irmãs que me tiram altas gargalhadas quando a mente está cansada de tantas leituras, preocupações com cumprimentos de prazos, com a família. É minha mãe com toda a disposição apesar da doença.

Há uma vida acontecendo enquanto a gente pesquisa. Nesse emaranhado de acontecimentos bons e ruins a pesquisa precisa ser desenvolvida. Fácil? Nem tanto! Mas necessário, pois é um compromisso selado, um produto precisa ser entregue. Prazeroso? Também! E nesse ajuntamento de vida pessoal, profissional e acadêmica fui tecendo meu trabalho e agora entrego, após 11 anos de pesquisa na área a contar desde a graduação, para a instituição que me acolheu, como forma de cumprir meu compromisso e, com muita gratidão, os resultados desta pesquisa.

E você que tiver um tempo para ler minha pesquisa peço que se sinta à vontade para entrar em contato comigo e comentar, sugerir, alertar sobre algum equívoco ou erro, fazer suas considerações. “Não sou um robô”(rrsr) seres humanos são limitados e toda contribuição para enriquecer ainda mais esse trabalho será bem-vinda a todo tempo. Segue meu endereço de e-mail: andrelinarabelo@ufu.br.

“Não que seja fácil, mas é possível!”

Andreline Rabelo, meados de julho de 2024.

APRESENTAÇÃO GERAL

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (Capes) - Código de Financiamento 001. Esta pesquisa se vincula à linha de pesquisa: “Teoria, descrição e análise linguística”, contemplando o tema “Escolarização de pessoas com deficiência” do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos -Ppgel, da Universidade Federal de Uberlândia-Ufu. Vincula-se também ao Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias-Gpelet desenvolvido na mesma instituição e coordenado pela professora Dra. Eliamar Godoi.

Fundado em 2014 e certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPQ, o Gpelet tem estimulado a produção de conhecimento por meio do desenvolvimento de pesquisas em diferentes perspectivas a partir de dois elementos que confluem as cinco linhas do grupo de pesquisa (já mencionada anteriormente): a inclusão e a acessibilidade da pessoa com deficiência.

Para demonstrar a produção de conhecimento por meio do desenvolvimento de pesquisas do Gpelet apresentamos, no quadro 1, as produções acadêmicas realizadas pelos participantes do grupo desde sua fundação, em 2014².

Quadro 1: Teses e Dissertações de pesquisadores integrantes do Gpelet de 2014 a 2025

	PESQUISADOR	TÍTULO	MESTRADO DOUTORADO	ANO
1	Aparecida Rocha Rossi	O Ensino de Libras na Educação Superior: Ventos, trovoadas e brisas – UFU	Mestrado	2014
2	Rosane Cristina de Oliveira Santos	O espaço comunicativo do Aposentado na UFU – UFU	Mestrado	2014
3	Carla Regina Rachid Otavio Murad	A tradução como mediação em contexto jornalístico: uma análise textual discursiva de textos de opinião das Seleções do Reader's Digest	Doutorado	2014
4	Lucio Cruz Silveira Amorim	Políticas educacionais de inclusão: a escolarização de Surdos em Uberlândia-MG – UFU	Mestrado	2015
5	Paulo Sérgio de Jesus Oliveira	O movimento surdo e suas repercussões nas políticas educacionais para a escolarização de surdos – UFU	Mestrado	2015
6	Wandelcy Leão Junior	História das instituições educacionais para o deficiente visual: o instituto de cegos do Brasil central de Uberaba (1942- 1959) – UFU	Mestrado	2015
7	Soraya Bianca Reis Duarte	Validação do WHOQOL- Bref/Libras para avaliação da qualidade de vida de pessoas surdas – UFG	Doutorado	2016

² <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0770069618391261>. Acesso aos trabalhos na íntegra.

8	Telma Rosa de Andrade	Pronomes pessoais na interlíngua de surdo/a aprendiz de português L2 (escrito)	Mestrado	2016
9	Elaine Amélia de Moraes Duarte	Tenho uma aluna surda: experiências de ensino de Língua Portuguesa em contexto de aula particular – UFU	Mestrado	2017
10	Flavia Medeiros Álvaro Machado	Formação e Competências de Tradutor e Intérprete de Língua em interpretação simultânea de Língua Portuguesa-Libras: estudo de caso em câmara de deputados federais – UCS	Doutorado	2017
11	Lucas Floriano de Oliveira	Elementos avaliativos em comentários de blogs de ensino de português para surdos sob a perspectiva do sistema de avaliativa – UFG	Mestrado	2017
12	Mara Rúbia Pinto de Almeida	Narrativas de sujeitos surdos: relatos sinalizados de uma trajetória – UFU	Mestrado	2017
13	Paulo Celso Costa Gonçalves	Políticas públicas de livro didático: elementos para compreensão da agenda de políticas públicas em educação no Brasil – UFU	Doutorado	2017
14	Rogério da Silva Marques	O profissional Tradutor e Intérprete de Libras Educacional: desafios da política de formação profissional – UFU	Mestrado	2017
15	Eloá Tainá Costa da Rosa Moraes	O professor de Língua Portuguesa para o aluno surdo: identificações e representações – UFU	Mestrado	2018
16	Letícia de Sousa Leite	Mecanismos de avaliação da aprendizagem de aluno surdo no ensino superior no âmbito da Linguística Aplicada – UFU	Mestrado	2018
17	Márcia Dias Lima	As Políticas de Acessibilidade dos Livros Didáticos em Libras – UFU	Mestrado	2018
18	Marisa Dias Lima	Política Educacional e Política Linguística na Educação dos e para os Surdos – UFU	Doutorado	2018
19	Waldemar dos Santos Cardoso Junior	Oficina pedagógica de escrita para surdos usuários da Libras - PUC/SP	Doutorado	2018
20	Guacira Quirino Miranda	Talentos Esportivos no Ensino Fundamental: (Re)Pensando as Altas Habilidades ou Superlotação no esporte – UFU	Doutorado	2018
21	Késia Pontes de Almeida	Do assistencialismo à luta por direitos: as pessoas com deficiência e sua atuação no processo de construção do texto Constitucional de 1988 – UFU	Doutorado	2018
22	Renata Altair Fidelis	Desenvolvimento Profissional e formação contínua de professores: contribuições do mestrado em educação – UFU	Mestrado	2019
23	Josimar Soares da Silva	Práticas de compreensão leitora no ensino médio: o leitor, o sentido e o texto na sala de aula	Mestrado	2019
24	Angélica Rodrigues Gonçalves	Produção escrita de alunos surdos de escola inclusiva: um estudo contrastivo português / Libras	Mestrado	2019
25	Naiane Ferreira Souza	Processo de Ensino e Aprendizagem de Matemática nas Escolas Prisionais: Perspectivas e Possibilidades – UFG	Mestrado	2020
26	Raquel Bernardes	Estudos do léxico da Libras: realização dos processos flexionais na fala do surdo	Mestrado	2020

27	Andrelina Heloísa Ribeiro Rabelo	Libras e o fenômeno da incorporação nos processos de formação de sinais	Mestrado	2020
28	Viviane Barbosa Caldeira Damacena	Escrita e interação: Uma proposta de ensino de língua portuguesa como L2 para surdos	Mestrado	2020
29	Pedro Henrique de Macedo Silva	A família como fator de apoio à aquisição da Libras por crianças surdas	Mestrado	2021
30	Tayná Batista Cabral	Um estudo sobre a subcompetência estratégica no processo de interpretação em Língua Portuguesa-Língua Brasileira de Sinais	Mestrado	2021
31	Eni Catarina da Silva	Língua portuguesa e a Expressão Escrita De Surdos	Mestrado	2021
32	Kássio Silva Cunha	Associação entre iniciação sexual precoce e coocorrência de comportamentos de risco à saúde: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar -PENSE 2015	Mestrado	2021
33	Kleyver Tavares Duarte	A Formação dos Professores de Surdos para a EJA: Uberlândia de 1990 a 2005	Doutorado	2022
34	Ana Beatriz da Silva Duarte	Vida fecunda, obra imperecível: Ana Rímoli de Faria Dória à frente do Instituto Nacional de Educação de Surdos, 1951-61.	Doutorado	2022
35	Victor Sobreira	Análise de Performance na Localização de Bugs apoiada pela Dissecção de Conjuntos de Dados	Doutorado	2022
36	Marisa Pinheiro Mourão	Corpo, deficiência e inclusão escolar em teses na Educação em Ciências (2008-2018)	Doutorado	2022
37	Andreia Cristina da Silva Costa	Pedagogia Visual na aprendizagem da escrita do aluno surdo	Mestrado	2022
38	Antônia Aparecida Lopes	O Ensino da Língua Brasileira de Sinais-Libras a Ouvintes pela Perspectiva da Abordagem Intercultural	Mestrado	2022
39	Helano da Silva Santana Mendes	O profissionalismo digital para tradutores e intérpretes de língua de sinais	Mestrado	2022
40	Juliano Marques	O psicólogo escolar e a demanda linguística na escolarização de alunos surdos	Mestrado	2023
41	Juliana Prudente Santana do Valle	Práticas de ensino de língua portuguesa para surdos em escolas bilíngues: possibilidades de aprendizagem	Mestrado	2023
42	Telma Rosa de Andrade	Sistema pronominal e tipologia verbal na língua brasileira de sinais	Doutorado	2023
43	Suely André de Araújo Drigo	Aspectos metodológicos e funcionais do atendimento educacional especializado para surdos em uma escola inclusiva	Mestrado	2023
44	Angélica Rodrigues Gonçalves	De atividades gamificadas ao portlibras: uma investigação sobre a criação de jogos para o ensino de português em uma escola inclusiva	Doutorado	2023
45	Heverton Rodrigues Fernandes	A audiodescrição, os textos alternativos e as tecnologias da informação e comunicação: um estudo acerca da escolarização das pessoas com deficiência visual	Mestrado	2023

46	Márcia Dias Lima	Política de Formação de Professores para Educação Bilíngue de Surdos	Doutorado	2024
47	Letícia de Souza Leite	Processos avaliativos e os mecanismos de avaliação da aprendizagem de aluno surdo no âmbito da Pós-Graduação	Doutorado	2024
48	Aparecida Rocha Rossi	Marcos e possibilidades da Escola para Surdos professora Dulce de Oliveira de Uberaba-Mg: Proposta de Léxico Alfabético Bilíngue (Libras/Português) de sinais-termo da Educação Bilíngue de Surdos	Doutorado	2025
49	Lucas Floriano de Oliveira	Escola bilíngue para surdos e o ensino de línguas: diversidade surda e as políticas públicas de inclusão	Doutorado	2025
50	Raquel Bernardes	O processo classificatório de sinais da Libras: categorias determinativas e combinatórias	Doutorado	2025

Fonte: elaborado por Leite (2024) e atualizado pela autora

Dentre o período apresentado, 50 pesquisas entre Dissertações e Teses foram publicadas pelo grupo de pesquisa, em áreas distintas, quais sejam, ensino e aprendizagem, política educacional, aspectos linguísticos da Libras, tradução/interpretação da Libras, ensino de Língua Portuguesa para surdos, educação a distância, além de audiodescrição e legendagem. As produções que estão relacionadas à presente pesquisa, por tratarem em específico da temática envolvendo processos de descrição da Libras, foram publicadas entre os anos de 2020 a 2025.

A primeira pesquisa identificada é de Raquel Bernardes, publicada em 2020, intitulada: “Estudos do léxico da Libras: realização dos processos flexionais na fala do surdo.” A autora descreveu os processos flexionais que se apresentaram na fala espontânea do surdo. O objetivo geral da pesquisa foi analisar e descrever os fenômenos de flexão de gênero e de número da Libras na perspectiva da Linguística Descritiva. Para tanto, ela identificou e categorizou os processos flexionais que se realizaram na fala de um surdo docente no Ensino Superior; e, a partir desses dados, identificou e descreveu as regras de combinação que organizaram a flexão de gênero e de número nesses sinais.

A segunda pesquisa identificada é de Andreлина Heloisa Ribeiro Rabelo, também publicada em 2020, sob o título: “Libras e o fenômeno da incorporação nos processos de formação de sinais”. A autora descreveu e analisou o processo de formação de sinais, por meio de incorporação, em contexto comunicativo de surdos sinalizantes de Libras. A autora ainda identificou e analisou os tipos de incorporação de informações gramaticais e lexicais em sinais-base ou raiz; além de registrar e categorizar os tipos de incorporação identificados e suas ocorrências na fala dos surdos. Em seguida, a autora identificou e descreveu, as regras

que regeram a união de uma unidade a outra para atribuir ou alterar significados ao se incorporarem em sinais-base ou raiz.

A terceira pesquisa identificada é de Eni Catarina da Silva, publicada em 2021, intitulada: “Língua Portuguesa e a Expressão Escrita de Surdos.” O objetivo da pesquisadora foi investigar o processo da expressão escrita dos surdos usuários de Libras como primeira língua (L1). Desse modo, Eni utilizou textos produzidos por surdos que participaram de um projeto de extensão universitária oferecido pela Universidade Federal do Pará-UFPA.

A autora analisou as habilidades textuais e discursivas adquiridas e utilizadas pelos surdos para produzir sentido em textos de redação; analisou o funcionamento da linguagem e da interlíngua na produção escrita desses surdos concluintes do ensino médio; e, identificou e descreveu os padrões de regularidade e/ou de ocorrência, que regeram a apresentação e organização das informações no texto desses surdos.

A quarta pesquisa identificada é de Telma Rosa de Andrade, publicada em 2023 sob o título: “Sistema pronominal e tipologia verbal na língua brasileira de sinais”. O objetivo proposto pela autora foi de elaborar um estudo do sistema pronominal na Língua Brasileira de Sinais analisando narrativas em Libras. A autora lançou como hipótese que o pronome na primeira pessoa possui um argumento incorporado, assim como acontece com os verbos de concordância.

No caso dos verbos de concordância, a autora aponta que o argumento não se incorpora apenas na primeira pessoa. A autora identificou, analisou e descreveu as ocorrências pronominais. Desse modo, a autora identificou a presença de preposições lexicais e de preposições pronominais plenas/ expressos e argumentos nulos e concluiu que verbos ancorados no corpo possui sujeito nulo e que a referência dos argumentos nulos pode ocorrer por meio da ligação dos argumentos a um tópico discursivo.

Por fim, identificamos a quinta pesquisa intitulada: “O processo classificatório de sinais da Libras: categorias determinativas e combinatórias”, também desenvolvida por Raquel Bernardes e publicada em 2025. Essa pesquisa tem como objetivo compreender como se realizam os processos de classificação de sinais, considerando as categorias dos determinantes e articuladores, na fala dos surdos participantes da pesquisa. Para isso, a autora levanta, analisa e descreve as regras de combinação e organização dos sinais nos processos de classificação a partir da função que os sinais exercem na fala dos surdos.

Como resultado obteve-se que os itens conectivos apresentam traços semânticos direcionais, localizados, instrumentais, relativos, temporais, propositivos, continuativos, dependentes, concatenativos, coordenativos e subordinativos. Os itens conectivos

apresentaram os seguintes traços semânticos: direcionais, localizado. Em relação aos traços morfológicos obteve-se que os itens prepositivos e conectivos se realizaram, em sua maioria, por meio de morfologia segmentar sequencial. A pesquisadora concluiu, ainda, que por consequência do processo de gramatização muitos itens da Libras apresentaram multifuncionalidade.

As pesquisas desenvolvidas pelos participantes do Gpelet têm contribuindo significativamente para o avanço da ciência nas áreas a que se filia e áreas afins. O quadro 1, apresentado anteriormente, nos mostra que no período de 2014 a 2025 foram concluídas 50 pesquisas entre Dissertações e Teses. Um número expressivo considerando a complexidade das áreas e os temas escolhidos pelos pesquisadores. Essas pesquisas contribuem como material de aporte teórico para novas pesquisas.

Nossa pesquisa, que também foi desenvolvida dentro do Gpelet, foi realizada a partir da linha de teoria, descrição e análise, apontando a possibilidade de descrever e analisar um fenômeno por meio do contexto comunicativo. A língua em contexto comunicativo foi a Libras, o campo investigado foi o morfológico e os fenômenos descritos e analisados foram os tipos de Classificadores e Construções Classificadoras possíveis durante uma narrativa em Libras. Nossa pesquisa visa contribuir com o que o grupo já vem desenvolvendo, no que tange os aspectos gramaticais da Libras e na disseminação e difusão dessa língua, bem como a valorização das comunidades surdas.

Esta pesquisa está organizada em seis seções, além do Memorial, desta apresentação geral e das considerações finais. Na primeira seção apresentamos as considerações iniciais contextualizando o tema, discorrendo sobre a Libras e a inscrevendo no âmbito da Linguística. Perpassamos pelos níveis linguísticos dando ênfase ao nível morfológico em consonância com o nível sintático e explanamos, de forma sucinta, sobre os Classificadores e as Construções Classificadoras. Em seguida, apontamos como hipótese que o uso de Classificadores e das Construções Classificadoras são elementos que auxiliam na compreensão da Libras, em contexto comunicativo, contribuindo para que as sentenças sejam gramaticais e cumpram suas funções nas construções semânticas. Posteriormente, apresentamos os objetivos e justificativas para a realização desta pesquisa. Também elaboramos um quadro conceitual com os principais termos utilizados na pesquisa.

Na segunda seção, adentramos nos aspectos linguísticos da Libras fazendo um recorte sobre os estudos linguísticos e suas principais teorias e estudos descritivos das línguas, de forma geral. Na sequência apresentamos a estrutura linguística da Libras e os aspectos ou níveis que compõem essa língua tais como: fonético-fonológico; morfológico; sintático e

semântico. Abordamos ainda a morfossintaxe na Libras e a Morfologia Construcional-Silex (Corbin,1987) um modelo que nos norteou para descrição dos dados.

Na seção três trouxemos estudos que discorrem sobre os Classificadores na Libras como fenômeno de formação de sinais e apresentamos a característica icônica dos Classificadores. Em seguida, enumeramos e definimos os tipos de Classificadores e as Construções Classificadoras identificadas na revisão da literatura. Já na seção quatro apresentamos a metodologia e os procedimentos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa. Na seção cinco apresentamos as análises dos dados e na seção seis os resultados desta pesquisa. Na seção sete apresentamos as considerações finais da pesquisa elaborada com base na hipótese levantada em relação aos dados comprovados e nos objetivos propostos.

INTRODUÇÃO

Dados históricos apontam que a Libras se desenvolveu sob a influência da *French Sign Language family*-LSF/Língua Francesa de Sinais. Autores como Diniz (2010); Gama (1875); Campello (2011); Sofiato (2011) e Martins (2017) discorrem sobre isso em suas pesquisas. Inclusive, Língua Francesa de Sinais é considerada uma das primeiras línguas de sinais do mundo a ser registrada (L'épée, 1776). Isso ocorreu devido à vinda do Francês Ernest Huet que, a pedido de D. Pedro II, chegou ao país por volta de 1855 e fundou, em 1857, a primeira escola de surdos no Brasil: Instituto dos Surdos-Mudos, atualmente denominado Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES.

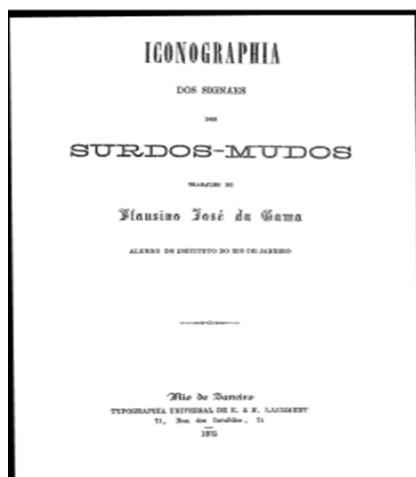
Queremos ressaltar que o termo surdo-mudo não é adequado, mas que, por muito tempo, foi utilizado sob a perspectiva médica que associava surdez a mudez. Nesse sentido, acreditava-se que toda pessoa com perda auditiva era muda e a justificativa para o uso do termo era que o aparelho fonador da pessoa com perda auditiva tinha má formação ou, simplesmente, a pessoa surda não possuía aparelho fonador.

Inclusive, nesse período em que o Instituto foi fundado esse termo se disseminou sendo utilizado, por exemplo; como título do livro: *Iconografia dos Sgnaes dos surdo-mudos*, publicado em 1875, e como nome do Instituto Paulista: Instituto Paulista de Surdos-Mudos, fundado em 1904 (Cardoso, 2021). Todavia, a surdez não é prejuízo para o aparelho fonador e o termo adequado para se referir a uma pessoa com perda auditiva, de acordo com a Lei 10436/2002, Artigo 2º é pessoa surda (Brasil, 2002).

Estima-se que o primeiro registro da Libras seja o manual *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* publicado em 1875, também nomeado de dicionário. O material foi elaborado por Flausino José da Costa Gama, o qual foi aluno do INES, que se inspirou na obra do francês Pierre Pélissier, ambos eram surdos (Sofiato, 2011). A seguir apresentamos a imagem da capa do primeiro dicionário elaborado por Gama (1875). O dicionário contém 399 sinais separados por categorias, a saber: animais, objetos, vestuário, entre outros. Alguns sinais registrados nessa época ainda são utilizados, como por exemplo; os sinais dêiticos, ou seja, aqueles realizados a partir de apontamentos como os marcadores de tempo, lugar e pessoas. O material encontra-se disponível no site da Arara Azul³.

Figura1: Capa do Manual/dicionário: *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*

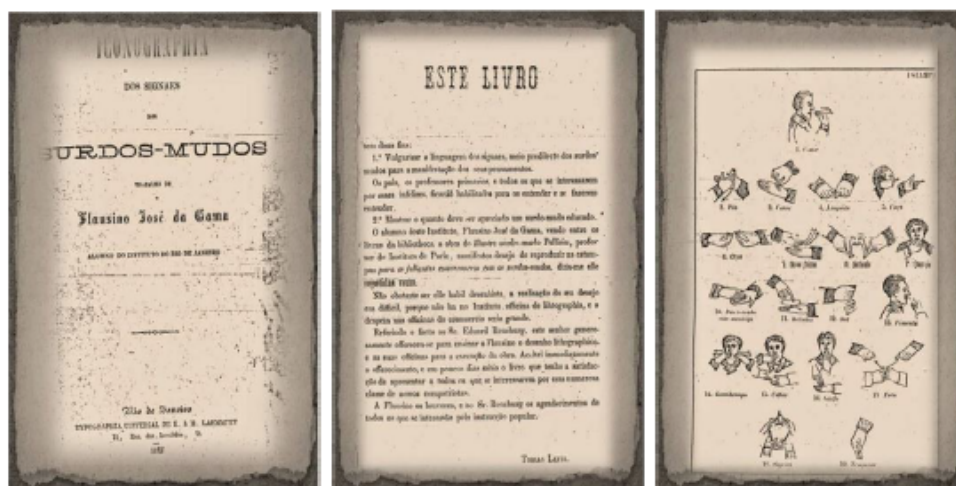
³ <https://editora-arara-azul.com.br/site/e-books>.



Fonte: Sofiato, (2011, p.71)

A figura a seguir demonstra algumas páginas do dicionário. Nela podemos identificar a contracapa do dicionário, o texto introdutório e algumas imagens representativas dos sinais.

Figura 2: Manual/dicionário: Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos



Fonte: Cardoso (2017, p.52)

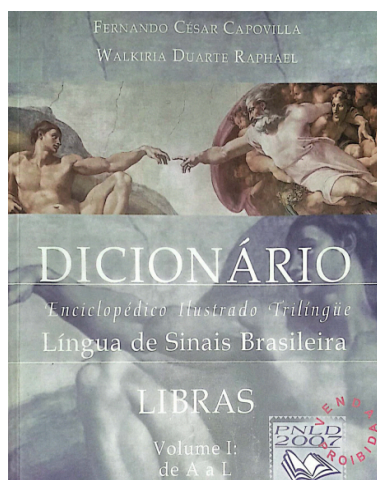
Aproximadamente um centenário após a publicação do manual elaborado por Gama (1875) é que surge, em 2001, outro dicionário: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira. O material é de autoria do professor Fernando César Capovilla e da psicóloga Walkiria Duarte Raphael. Ele, Professor Titular (MS-6) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, já Walkiria atua como psicóloga, mas não encontramos informação do lugar onde trabalha.

O dicionário contém 9.500 verbetes e foi organizado em dois volumes. No volume 1 estão os sinais de A até L e no volume 2 estão os sinais de M a Z. Cada sinal apresentado é

descrito de forma detalhada e todos os parâmetros tais como: Configuração de Mão (CM), o Ponto de Articulação (PA), a Localização (LO), o Movimento (MO) e as Expressões Não-Manuais (ENMs), necessários para formação desse sinal são retratados. O dicionário é intitulado trilingue porque há nele a tradução dos sinais para português, inglês e escrita de sinais. Inclusive, esse dicionário será material de apoio desta pesquisa.

As figuras 3 e 4 demonstram a capa do Dicionário Trilingue, publicado em 2001, e um exemplo de como os sinais são apresentados, respectivamente:

Figura 3: Capa do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue



Fonte: Capovilla; Raphael (2001)

Na figura 4 identificamos que no canto superior esquerdo, para quem está lendo, há uma imagem relacionada ao contexto de uso da palavra que será descrita. Ao centro temos a imagem de como é realizado o sinal referente à palavra, em Libras, e no canto superior direito está a representação do sinal em escrita de sinais. Abaixo dessas imagens estão as seguintes informações: tradução da palavra para o inglês, classe gramatical a qual a palavra pertence, a definição da palavra, exemplos de sentenças utilizando a palavra e a descrição do sinal referente a palavra apresentando a combinação dos parâmetros para a realização do sinal.

Figura 4: Descrição do sinal APRENDER



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.215)

Em relação às questões relacionadas ao campo linguístico da Libras mais adiante, em uma seção específica, discorreremos sobre essas questões. Mas, em suma, temos que os primeiros estudos linguísticos dessa língua ocorreram por meio dos estudos de Ferreira-Brito (2010 [1995]) inspirados pelos estudos de Stokoe (1960), o qual foi precursor das análises descritivas das línguas de sinais, especificamente a *American Sign Language-ASL/Língua Americana de Sinais*. Nos últimos, aproximadamente, vinte anos, pesquisadores têm se debruçado em suas pesquisas a fim de compreender como se articulam essas questões de políticas públicas em relação a Libras, seu reconhecimento e uso e, também, como essa língua se estabelece considerando as questões linguísticas. Acreditamos que isso seja um reflexo do reconhecimento dessa língua por meio da Lei 10436/2002:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais-Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais-Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais- Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais-Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa (Brasil, 2002).

Todavia, a primeira Lei que garante o direito à acessibilidade comunicacional dos surdos por meio da Libras foi a Lei 10098/2000 onde o capítulo VII em seus artigos 18 e 19 faz menção aos profissionais intérpretes e guia-intérpretes para garantir o acesso desse público à informação. Como podemos observar a seguir, nesse período a Libras ainda era entendida como linguagem:

Art. 18. O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braile, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação. Regulamento

Art. 19. Os serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens adotarão plano de medidas técnicas com o objetivo de permitir o uso da linguagem de sinais ou outra substituição, para garantir o direito de acesso à informação às pessoas portadoras de deficiência auditiva, na forma e no prazo previsto em regulamento (Brasil, 2000).

Posteriormente, o Decreto 5626/2005 regulamentou as Leis 10436/ 2002 e 10098/2000 e tratou, inclusive, do ensino de Libras, formação de professores para atuar na área e formação de Tradutores/Intérpretes de Libras (Brasil, 2005). Embora a Libras seja reconhecida como língua, a mesma não é oficializada como a segunda língua do Brasil e isso pode ser confirmado no parágrafo único da Lei 10436/2002. Esta língua é reconhecida e aceita como meio de comunicação e expressão de seus usuários, apenas.

Durante o desenvolvimento da Dissertação, enquanto pesquisávamos sobre o fenômeno da incorporação no processo de formação de sinais, deparamos com a informação de que alguns sinais do léxico da Libras são idênticos aos sinais do léxico da Língua de Sinais Francesa-LSF. O fato de o professor Ernest Huet ser de origem francesa pode ter contribuído para essa influência. Inclusive, acredita-se que vários sinais do léxico da Libras sejam advindos de empréstimos linguísticos da LSF.

Identificamos o exemplo de TELEFONE como empréstimo linguístico da LSF, conforme descrito a seguir. Essa percepção trouxe um questionamento: não seria o sinal para TELEFONE um sinal icônico e por isso realizado de forma idêntica entre as duas línguas, haja vista que a imagem visual básica que se tem de um aparelho telefônico é comum entre as línguas? Inclusive, se considerarmos as línguas orais perceberemos que há iconicidade e semelhança entre a representação gestual ou mímica de línguas orais para esse referente.

Observe, na figura a seguir, que o sinal para TELEFONE é realizado com mão em Y horizontal, palma para trás, dedo mínimo em frente aos lábios e polegar próximo à orelha (Capovilla; Raphael, 2001). Desse modo, a realização do sinal remete a ideia de iconicidade,

ou seja, o sinal representa o próprio objeto, embora tenham surgido, a partir dos avanços tecnológicos, outras formas de telefones, como, por exemplo; o telefone sem fio e o celular.

Figura 5: Sinal para TELEFONE







Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.2093)






O sinal apresentado anteriormente refere-se ao telefone de mesa, aquele com fio e que fica sobre o gancho. Atualmente há algumas outras possibilidades de realização de sinal para TELEFONE. Esses sinais são compreendidos como Classificadores e variam conforme o modelo do aparelho. Por exemplo, para o sinal TELEFONE CELULAR há falantes de Libras que realizam o sinal com a palma da mão em B, dedos para cima, encostando a palma da mão no ouvido. Esse sinal não está registrado no Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira, mas observando a Libras em contexto comunicativo identificamos essa possibilidade.



Ao terminarmos a Dissertação retornamos as leituras concernentes às influências linguísticas da LSF sobre a Libras na tentativa de compreendermos se os sinais da Libras, considerados influenciados pela LSF, eram de fato empréstimos linguísticos ou poderiam ser icônicos. Entendemos que, nas línguas de sinais, o classificador é um fenômeno de formação de sinal que ocorre por meio da iconicidade e que se organiza nas sentenças por meio de Construções Classificadoras para tornar as sentenças gramaticais. Portanto, compreender se dada ocorrência é ou não icônica, auxilia na categorização do sinal, pois se um sinal icônico é considerado um Classificador, logo será categorizado em um tipo de Classificador ou Construção Classificadora.

Em Marques e Cantarelli (2020) identificamos uma tabela com 11 sinais registrados na Libras e que são utilizados na Língua de Sinais Francesa -LSF. A seguir o quadro 2 apresenta os sinais em Libras que são equivalentes a Língua de Sinais Francesa:

Quadro 2: Sinais em Libras equivalentes a LSF

<p>Sinal 1: ÁRVORE (<i>arbre</i>)</p> 	<p>Descrição do sinal: (Braço esquerdo horizontal dobrado em frente ao corpo, mão aberta, palma para baixo, dedos separados e curvados; cotovelo direito apoiado no dorso da mão esquerda, mão direita aberta, palma para frente, dedos separados. Girar a palma direita para trás, duas vezes.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 279)</p>
<p>Sinal 2: ACAMPAMENTO (<i>camping</i>)</p> 	<p>Descrição do sinal: (Mãos verticais fechadas, palma a palma, dedos indicadores e mínimos distendidos tocando-se pelas pontas. Mover as mãos diagonalmente para baixo e para lados opostos.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 76)</p>
<p>Sinal 3: CRESCER (<i>grandir</i>)</p> 	<p>Descrição do sinal: (Mão aberta, palma para baixo, ao lado da cintura. Elevar a mão até a altura do ombro.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 824)</p>
<p>Sinal 4: DIFÍCIL (<i>difficile</i>)</p> 	<p>Descrição do sinal: (Mão em 1, palma para baixo, lado do indicador tocando o lado direito da testa. Mover a mão para o lado esquerdo da testa, curvando e distendendo o indicador, com expressão facial contrainda.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 964)</p>

<p>Sinal 5: EMPÉ (<i>debout</i>)</p> 	<p>Descrição do sinal: (Mão esquerda aberta, palma para cima; mão direita em V, palma para trás, dedos para baixo, com pontas dos dedos tocando a palma esquerda.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 1061)</p>
<p>Sinal 6: LIVRO (<i>livre</i>)</p> 	<p>Descrição do sinal: (Mãos horizontais abertas, palma a palma, tocando-se. Separar as mãos inclinando as palmas para cima, mantendo-as unidas pelas laterais dos dedos mínimos.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 1699)</p>
<p>Sinal 7: PENSAR (<i>penser</i>)</p> 	<p>Descrição do sinal: (Mão em 1, palma para a esquerda, ponta do indicador tocando o lado direito da testa.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 2146)</p>
<p>Sinal 8: PROIBIR (<i>interdire</i>)</p> 	<p>Descrição do sinal: (Mão esquerda em 1, palma para baixo; mão direita em 1, palma para trás, diante do ombro esquerdo. Mover a mão direita em direção à esquerda, tocar a ponta do indicador na ponta do indicador esquerdo, e virar a palma direita para baixo.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 2314)</p>
<p>Sinal 9: QUEBRAR (<i>casser</i>)</p> 	<p>Descrição do sinal: (Mãos em 5, palmas para baixo, tocando-se pelos indicadores. Afastar ligeiramente as mãos, virando-as palma a palma.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 2364)</p>

<p>Sinal 10: SAÚDE (<i>santê</i>)</p> 	<p>Descrição do sinal: (Mão horizontal aberta, palma para trás, ponta do dedo médio tocando o lado direito do peito. Mover a mão para a esquerda, e tocar o lado esquerdo do peito.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 2540)</p>
<p>Sinal 11: SURDO (<i>sourd</i>)</p> 	<p>Descrição do sinal: (Mão em 1, palma para a esquerda. Tocar a ponta do indicador na orelha direita, virar a palma para trás, e tocar a ponta do indicador nos lábios.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 2644)</p>

Fonte: Marques e Cantarelli (2020, p. 96 a 99)

As autoras concluem que 7 desses sinais que compõem a tabela anterior são icônicos. Entendemos que esses sinais não seriam casos de empréstimos linguísticos, mas sinais classificadores, uma vez que temos por definição que os sinais classificadores são icônicos

Numa visão tradicional e categórica, os classificadores são sinais polimorfêmicos, estruturas icônicas em que cada aspecto formacional é um morfema classificador, dentre eles: a configuração de mão, o movimento realizado pela mão, característica do movimento, ponto inicial e final do movimento, orientação da palma, disposição do corpo do sinalizante e a disposição de parte do corpo do sinalizante. Cada parâmetro, dispondo de traços, caracterizaria um grupo de referentes (Carneiro, 2016, p.122).

Diante disso, parecia estar respondida a nossa indagação sobre o que vem a ser um sinal icônico, portanto, classificador. Essa percepção fez uma intersecção com outra percepção que tivemos durante o Mestrado. Conforme coletávamos, descrevíamos e analisávamos os dados para desenvolvimento da Dissertação a presença de Classificadores no fenômeno de incorporação no processo morfológico da Libras era frequente. As Construções Classificadoras dentro das sentenças eram comuns.

Essas percepções despertaram em nós o interesse em pesquisar sobre as Construções Classificadoras na Libras, pelo viés morfossintático, considerando, inclusive os Classificadores como aspecto morfológico, e, portanto, as construções classificadoras como mecanismos utilizados para atribuir sentido às sentenças. Desse modo, escolhemos como tema dessa pesquisa: análise descritiva das Construções Classificadoras pela perspectiva morfossintática. A Morfologia Construcional de Corbin (1987) foi utilizada como norteadora

da escolha para a coleta, descrição e análise dos dados considerando a Morfologia e a Sintaxe, concomitantemente.

Para tanto, o objetivo geral desta pesquisa foi identificar a ocorrência dos Classificadores e suas construções dentro das sentenças produzidas em Libras, em contexto comunicativo, e se a formação dessas construções acontece por Composição ou Derivação. Em específico, buscamos identificar as categorias de Classificadores e de Construções Classificadoras em sinais-base ou raiz; apresentar qual morfema foi vinculado ao sinal-base ou raiz e a definição de acordo com o contexto; descrever o sinal identificado e as regras que regeram a união de uma unidade a outras para atribuir ou alterar os significados no fenômeno de formação de sinais por meio de Classificadores ou de Construções Classificadoras nos sinais-base ou raiz; e analisar se essas construções ocorreram por meio de Composição por Aglutinação, Justaposição ou por meio de Concatenação. Para descrição dos sinais apresentados no decorrer dessa pesquisa utilizamos como suporte os registros lexicográficos disponíveis no Dicionário Trilíngue (Capovilla; Raphael, 2001).

Em relação ao corpus para coleta dados, a metodologia e procedimentos adotados seguimos a mesma estrutura escolhida no Mestrado: vídeos do Corpus de Libras, pesquisa qualitativa, e teoria, descrição e análise dos fenômenos identificados. A diferença aqui está no fato de que, para o fenômeno a ser descrito na Tese, escolhemos vídeos que recontam narrativas, os quais outrora se encontravam disponíveis no Corpus de Libras⁴, assim como ocorreu no período da Dissertação de Mestrado e, a posteriori, foi fornecido, via e-mail, pela professora Doutora Ronice Quadros, responsável pelo acervo.

Ao tratarmos do uso de Classificadores na Libras, em contexto comunicativo, temos ao menos um impasse: conversas informais apontam que os Classificadores são utilizados apenas para representar palavras que não possuem sinais e que os Classificadores são gestos e mímicas e, por isso, não devem ser inseridos no campo da Morfologia como possibilidades de formação de sinais. Essas conversas não levaram a refletir sobre a função dos Classificadores e autores, tais como; Allan (1977); Faria-Nascimento (2009); Ferreira-Brito (2010 [1995]); Lyons (1977); Mc Donald (1982); Passos (2014); Pimenta e Quadros (2009); Quadros e Karnopp (2004); Strobel e Fernandes (1998) e Supalla (1986), comprovaram o caráter linguístico dos Classificadores em línguas orais e de sinais.

Rodero-Takahira (2015) corrobora com as discussões relacionadas ao caráter dos Classificadores apresentando, em sua Tese, pelo menos cinco grupos que definem, de maneira

⁴ : <http://corpuslibras.ufsc.br>.

distinta, o que vem a ser os Classificadores, sobretudo, nas línguas de sinais. Discussões como essa torna uma pesquisa descritiva relacionada ao uso de Classificadores e suas construções nas sentenças ainda mais complexa e necessária no sentido de apontar qual seria/é o papel dos Classificadores nas línguas de sinais, em específico na Libras- língua de sinais utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa

Nas LSs o estatuto dos CLs ainda é bastante discutido. Há autores que consideram CLs como gestos (Cf. COGILL-KOEZ, 2000); outros consideram CLs como uma combinação de componentes linguísticos e gestuais (Cf. LIDDELL, 2003, que os chama de *depictivos*¹⁶, ou seja, que retratam pictorialmente certos aspectos de seu significado); um terceiro grupo trata alguns CLs como morfemas, tal como nos predicados Classificadores com verbos de movimento e localização (Cf. SUPALLA, 1982, 1986); outros, ainda, tratam alguns CLs como raízes semanticamente motivadas, formando raízes compostas (Cf. ZWITSERLOOD, 2002, 2003, 2008); finalmente, um quinto grupo discute se os CLs poderiam ser definidores de classe de palavras (Cf. MEIR, 2006; ZWITSERLOOD, 2012). (Rodero-Takahira, 2015, p. 49).

Dessa forma, instaura-se aqui o interesse pela descrição desse fenômeno em contexto comunicativo, pois, ao descrevermos e analisarmos os Classificadores por meio de suas construções nas sentenças, em contexto comunicativo, pretendemos categorizar esse fenômeno de acordo com o tipo ou Construção Classificadora, analisar se essas construções são compostas por aglutinação, concatenação ou justaposição.

Percebemos que o surdo, ao se comunicar em Libras, se vale das Construções Classificadoras da Libras em que sinais-base ou raiz se incorporam nas construções de sentenças. Nossa hipótese é a de que o surdo, ao lançar mão de Classificadores e das construções Classificadoras, utiliza diversas informações gramaticais e lexicais da Libras em sinais-base ou raiz.

Identificamos que mesmo o referente possuindo um sinal específico ao ser exposto em contexto comunicativo é, por vezes, substituído por seu sinal classificador como ocorre na realização do sinal para PESSOA. O sinal para PESSOA acontece com a mão horizontal aberta, palma para trás; ponta do dedo médio passando sobre a testa, da esquerda para direita, conforme figura 6.

Figura 6: Sinal para PESSOA



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.1739)

Em contexto comunicativo o sinal para PESSOA pode ser realizado pelo Classificador tipo Descritivo, conforme figura 7. O Classificador Descritivo para pessoa pode, ainda, ser Classificador tipo Plural se a intenção for representar mais de uma pessoa. Uma peculiaridade desse sinal reconhecido como classificador é que no Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira ele aparece como uma variação linguística utilizada por sinalizantes de Libras, dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Rio Grande do Sul. O sinal classificador é realizado, quando no singular, com apenas uma das mãos fechada na horizontal, palma para frente, o dedo indicador e o dedo polegar distendidos e curvados na altura do rosto e movimento vertical para baixo. A figura a seguir apresenta como o sinal Classificador para PESSOA é realizado.

Figura 7: Classificador para PESSOA



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p. 1739)

O surdo, ao se comunicar em Libras, utiliza além dos processos de incorporação de diversas informações gramaticais, lexicais, o processo de Construções Classificadoras da Libras em que sinais-base ou raiz se incorpora, aglutina, concatena ou justapõe nessas construções. Isso nos leva às seguintes perguntas de pesquisa: será que a Libras apresenta um sistema de Classificadores e Construções Classificadoras obrigatório para formação dos sinais? Nesse caso, quais seriam esses mecanismos, quais as categorias dos Classificadores e das Construções Classificadoras e em quais situações a língua lança mão desses recursos?

A demanda pelo conhecimento linguístico da Libras tem aumentado nos últimos anos, sobretudo, em relação às pesquisas que explicam os fenômenos de ocorrência dessa língua. Os processos descritivos dos fenômenos linguísticos da Libras no que se refere ao fenômeno das Construções Classificadoras, estão, na maioria das vezes, representados pela incipiência de pesquisas relativas à descrição das línguas de sinais. A falta de aprofundamento e ainda a dificuldade de acesso aos trabalhos desenvolvidos abordando esse aspecto na Libras impulsiona essa pesquisa. Outro ponto é que pesquisas descritivas considerando essa língua em contexto comunicativo são rasas/escassas. Os vídeos produzidos em Libras são pouco explorados para essa finalidade.

A discussão acerca do fenômeno de formação de sinais por meio de Classificadores e/ou de Construções Classificadoras não é recente em termos das pesquisas descritivas considerando outras línguas de sinais, como por exemplo; a ASL. Na Libras há lacunas concernentes a pesquisas descritivas dos Classificadores e suas construções, inclusive, considerando o contexto comunicativo e utilizando vídeos armazenados em corpus para essa finalidade. As discussões sobre a necessidade de haver mais pesquisas envolvendo processos descritivos das línguas de sinais têm aumentado no contexto acadêmico.

Essa lacuna foi constatada, principalmente, por meio das discussões compartilhadas pelo Gpelet e a busca feita no repositório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Capes. Tratar da identificação, descrição e análise de sinais realizados por meio de Construções Classificadoras e como esses sinais se compõem poderá contribuir para comprovar essas construções como parte do nível morfológico da Libras.

A análise feita considerando a morfossintaxe também poderá contribuir para que essas construções se mostrem parte da língua e não apenas arranjos para estabelecer comunicação. Sendo a Libras uma língua de modalidade espaço-visual, uma pesquisa descritiva dessa língua em contexto comunicacional contemplará seus elementos articulatórios visuais e como os sinais são realizados, de fato, na comunicação. Além disso, estudos linguísticos e descritivos da Libras podem fornecer dados que explicitam suas regras gramaticais próprias, além de que o registro dessa descrição tende a perenizar a língua, a documentar a Libras auxiliando no seu processo de difusão.

Podemos considerar que essa pesquisa contribuirá com fundamentos teóricos e empíricos para a criação de materiais didáticos para o ensino de Libras, além de oferecer um registro da experiência de vida das comunidades surdas brasileiras, nesse caso os surdos participantes dos vídeos selecionados para esta pesquisa. Esta pesquisa poderá ser, inclusive, utilizada pelas diversas comunidades surdas como forma de inclusão social; aquisição de conhecimentos linguísticos e na ampliação de seus repertórios lexicais e culturais, uma vez que, se encontram nesse material, surdos de regiões e comunidades distintas.

Inclusive, a pesquisa desenvolvida a partir do corpus disponibilizado pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC poderá auxiliar na visibilidade do corpus e promoção das comunidades surdas do Brasil que participaram desse acervo. Por fim, devido ao aumento nas discussões sobre a necessidade de haver mais trabalhos envolvendo processos descritivos das línguas de sinais, considerando a evidente escassez de trabalhos relativos à área da descrição de fenômenos linguísticos da Libras em contexto comunicativo, sobretudo,

relacionados aos Classificadores e suas Construções Classificadoras é o que, também, justificam o desenvolvimento dessa pesquisa.

Com a finalidade de identificar e destacar as produções acadêmicas referentes à temática desta pesquisa realizamos um levantamento de Teses e Dissertações no Portal de Periódicos - Capes. Elencamos trabalhos relacionados às discussões sobre os processos descritivos do fenômeno linguístico relativo à realização de Classificadores na Libras em contexto comunicativo, a fim de realizar um estudo acerca da produção científica brasileira publicada nesse banco eletrônico de pesquisas acadêmicas que tratam dos Classificadores, suas construções, descrição e análise.

Os descritores utilizados foram: CLASSIFICADORES, DESCRIÇÃO e LIBRAS. Os unitermos foram escolhidos com a intenção de montar um panorama dos trabalhos relacionados à temática desta pesquisa, com o recorte de publicações relacionadas às análises descritivas. Demarcamos para a busca o período de 2010 a 2025. Nossa busca comprovou que estudos dessa natureza são escassos. Ao todo foram identificadas para o período selecionado apenas 15 pesquisas, mas apenas 10 pesquisas versaram, de alguma forma, com descrição e análise de Classificadores em contexto comunicativo. No quadro a seguir registramos as pesquisas encontradas nesse banco eletrônico Capes que se relacionam com nossa pesquisa e em seguida discorreremos sobre cada uma delas.

Quadro 3: Pesquisas coletadas do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes

Quant./ano	Autores – Títulos	IFES
1 2010	DINIZ, HELOISE GRIPP. A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais' 31/05/2010 144 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis Biblioteca Depositária: Biblioteca Universitária	UFSC
2 2015	TAKAHIRA, ALINE GARCIA RODERO. COMPOSTOS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA. 13/08/2015 203 f. Doutorado em LINGÜÍSTICA. Universidade de São Paulo, São Paulo.	USP
3 2016	SANTOS, JAELOSON DA SILVA. HÁ CLASSIFICADORES VERBAIS EM LIBRAS?' 07/07/2016. Mestrado em LETRAS	UFRR
4 2016	SABANAI, NORIKO LUCIA. Aspectos gramaticais e discursivos da narrativa na Libras' 29/07/2016 120 f. Doutorado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UnB - BCE	UNB
5 2016	STOLLER, FÁBIO TADEU CABRAL. O USO DE CLASSIFICADORES DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NO ENSINO DE CIÊNCIAS: A RECICLAGEM DE MATERIAIS EM CONTEXTO ' 17/11/2016 68 f. Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão	UFF
6 2017	AZEVEDO, LOISE SOARES DE. A Importância dos Classificadores no Processo de Comunicação e Aprendizagem por Parte de Sujeitos Surdos: Pesquisa e Criação de Materiais Pedagógicos. / Loise Soares de Azevedo. - Niterói: [s.n.], 2017. 132f.	UFF
7 2019	ROYER, MIRIAM. ANÁLISE DA ORDEM DAS PALAVRAS NAS SENTENÇAS EM Mestrado LIBRAS DO CORPUS DA GRANDE FLORIANÓPOLIS' 15/03/2019 undefined	UFSC

	f. em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis.	
8 2020	SOUZA, THAMIRES OLIVEIRA DE. A NATUREZA GRAMATICAL DA LIBRAS ADQUIRIDA POR SURDOS E OUVINTES : SINAL, CLASSIFICADOR, AÇÃO CONSTRUÍDA E GESTO ' 31/03/2020 173 f. Mestrado em Linguística Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA, Vitória da Conquista Biblioteca Depositária: Biblioteca do PPGLin	UESB
9 2020	MIRANDA, ROSELBA GOMES DE. TOPONÍMIA EM LIBRAS : descrição e análise dos sinais dos municípios do Tocantins' 18/12/2020 183 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - PALMAS, Porto Nacional Biblioteca Depositária: Biblioteca do Câmpus de Porto Nacional	UFT
10 2022	PINHEIRO, VALDENIR DE SOUZA. O PAPEL DOS CLASSIFICADORES NA LIBRAS E OS CONTEXTOS LINGÜÍSTICOS DE SUAS REALIZAÇÕES ' 20/05/2022 132 f. Mestrado em Letras	UNIOESTE

Fonte: elaborado pela autora com base no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (2025)

A primeira pesquisa identificada foi desenvolvida por Heloíse Gripp Diniz, no ano de 2010 e intitulada: “A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais.” O objetivo da pesquisa foi resgatar um pouco da história evolutiva da Libras na perspectiva linguística. Para isso, a autora selecionou três dicionários, posteriormente fez um levantamento de sinais categorizados em: sinais idênticos, os sinais em mudança fonológica e os sinais em mudança lexical. Em seguida descreveu e analisou esses sinais. Os resultados mostraram que os sinais icônicos tendem a mudar para a arbitrariedade com o passar do tempo. A autora ainda analisou os fatores sociais que auxiliam na compreensão do funcionamento da Libras para falantes surdos e ouvintes e o contato dos surdos com a língua portuguesa.

Aline Garcia Roderio Takahira, em 2015, publicou sua pesquisa intitulada: “Compostos na língua de sinais brasileira.” O objetivo da pesquisa foi descrever os tipos de compostos que ocorrem na Libras e investigar a possibilidade de ocorrência de Classificadores e marcadores não-manuais em compostos, formando, assim, compostos simultâneos. Para atingir tal objetivo a autora analisou um conjunto de dados levantados em dicionários, conversas espontâneas e gravações. A autora concluiu que o fenômeno de compostos simultâneos é pouco explorado nas línguas de sinais.

Em seguida, identificamos a pesquisa de Jaelson da Silva Santos intitulada: “Há Classificadores verbais em Libras?” e defendida em 2016. O autor teve como objetivo investigar de os verbos CAIR, ANDAR e PEGAR são, de fato, Classificadores verbais em Libras e para isso se fundamentou na corrente teórica da linguística cognitivo-funcional, a fim de considerar a linguagem em situações reais de uso. Surdos roraimenses foram entrevistados, as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, descritas e analisadas. Os resultados

mostraram que o verbo CAIR oscilou entre ser Classificador e Verbo de Movimentos, já os verbos ANDAR e PEGAR tiveram função de Verbos de Movimento.

A pesquisa: “Aspectos gramaticais e discursivos da narrativa na Libras”, escrita por Lúcia Noriko Abanai, em 2016, analisou e descreveu os aspectos transitivos da Libras falada em Brasília. Os dados coletados foram extraídos de gravações de vídeos, em Libras, de alunas surdas narrando filmes. A autora concluiu que a Libras é uma língua de transitividade complexa e que apresenta marcadores discursivos e atos de fala. Também identificou o uso de topicalização como recurso anafórico e que os predicados nominais e verbais podem ser destacados pela repetição se forem o foco da sentença.

Fábio Tadeu Cabral Stoller, em 2016, defendeu sua pesquisa intitulada: “O uso de classificadores da Língua Brasileira de Sinais no ensino de Ciências: a reciclagem de materiais em contexto.” O objetivo da pesquisa foi investigar o uso de Classificadores como facilitador no processo de aprendizagem de conceitos voltados para o tema reciclagem de materiais. Na ocasião, o público-alvo da pesquisa foram 16 alunos surdos do 9º ano do Ensino Fundamental.

A investigação consistiu em identificar as categorias de Classificadores utilizados para o termo reciclagem e para os materiais recicláveis: vidro, plástico, papel, metal e orgânico e o desenvolvimento de uma prática pedagógica. Os resultados da pesquisa apontaram que as produções em Libras para o termo reciclagem foram realizadas de acordo com o entendimento dos alunos. Já em relação aos termos relacionados aos materiais recicláveis, foram encontrados sinais, que obedecem à regra linguística da Libras.

Em 2017, Loise Soares de Azevedo defendeu sua pesquisa intitulada: “A importância dos Classificadores no processo de comunicação e aprendizagem por parte de sujeitos surdos: pesquisa e criação de materiais pedagógicos.” A referida pesquisa teve como objetivo elaborar uma descrição lúdica dos Classificadores na Língua Brasileira de Sinais. Para tanto, a autora utilizou fundamentações teóricas oriundas de bibliografias escritas, assim como informações e dados de interações com falantes da Libras, sejam eles surdos ou profissionais fluentes em Libras. A pesquisa resultou na elaboração de um material didático em forma de vídeo, mídia (DVD) para distribuição e utilização por profissionais e educadores que atendem alunos surdos do Ensino Fundamental.

A pesquisa desenvolvida por Míriam Royer e intitulada: “Análise da ordem das palavras nas sentenças em Libras do corpus da grande Florianópolis”, defendida em 2019, teve como objetivo analisar a relação entre o que pesquisas teóricas de autores reconhecidos como referências nos estudos linguísticos da Libras, tais como: Ferreira-Brito (2010 [1995]),

Quadros (1999) e Quadros e Karnopp (2004) apresentam no que se refere a estrutura das sentenças e as produções dos surdos em situações reais de uso dessa língua. A autora analisou a estrutura das sentenças em Libras com foco em sentenças transitivas e concluiu que a ordem básica das sentenças em Libras é S-V-O (sujeito-verbo-objeto). O corpus utilizado pela autora foi retirado do mesmo banco de dados em que retiramos o corpus para nossa pesquisa. Os objetivos também dialogam com nossa pesquisa.

Thamires Oliveira de Souza, em, 2020, defendeu sua pesquisa sob o título: “A natureza gramatical da Libras adquirida por surdos e ouvintes: sinal, classificador, ação construída e gesto.” O objetivo dessa pesquisa foi investigar a natureza gramatical das ações construídas e dos Classificadores em Libras considerando três tipos sujeitos de pesquisa: surdos com aquisição pós-infância, ouvintes bilíngues e ouvintes não falantes de Libras a fim de identificar a recorrência e a produtividade das ações construídas e a suscetibilidade delas à aquisição.

Os dados foram coletados de um corpus de vídeos, em Libras, o qual registra as falas dos três perfis de participantes. A autora concluiu que as ações construídas são não-gramaticais por terem recorrência restrita a certos gêneros textuais; alto grau de dependência icônica, não haver limite na articulação contínua, serem altamente idiossincráticas, não possuem estruturas, serem dependentes de aprendizagem em baixo nível, terem predisposição a inter-relação com sinais em que complementam frases e textos. Em relação aos Classificadores os resultados mostraram que são gramaticais, recorrem a processos sintáticos morfêmicos, são convencionais não-padrão, possuem iconicidade.

Mariana Ferreira Albuquerque pesquisou sobre Toponímia. Em sua pesquisa defendida em 2021, sob o título: “Toponímia em Libras: descrição e análise dos sinais das escolas de Araguaína-TO.” A autora descreveu e analisou os aspectos estruturais e motivacionais dos sinais topônimos das escolas em cidades do Tocantins. Os dados foram coletados por meio de conversas espontâneas entre os surdos e por meio de entrevistas concedidas pelos mesmos.

Para a coleta de dados a autora elaborou uma ficha Lexicográfico-Toponímica com os seguintes itens: a imagem do topônimo em Libras; mapa e localização do município; o link de acesso ao vídeo na Plataforma do YouTube; o sinal representado pela escrita de sinais Signwriting; o nome do topônimo em língua portuguesa; a região administrativa a qual a cidade pertence, no estado do Tocantins; descrição do sinal em seus aspectos articulatórios; morfologia do sinal (simples ou composto).

A autora elencou, ainda, a categoria do topônimo (nativo, inicializado ou soletrado); motivação do sinal (motivação icônica ou motivação da língua portuguesa e seus desdobramentos); nome da pesquisadora responsável pelo levantamento dos topônimos; grupo de validação do topônimo; tipo de fonte e a data da coleta. Nos 139 municípios do estado do Tocantins foram identificados 61 sinais topônimos. Os sinais foram categorizados em: nativos, inicializados/ híbridos e soletrados. Os sinais inicializados foram o de maior ocorrência e o de menor ocorrência foram os sinais soletrados.

Valdenor de Souza Pinheiro, em 2022, também publicou pesquisa sobre Classificadores. Intitulada: “O papel dos classificadores na Libras e os contextos linguísticos de suas realizações”; a pesquisa teve como objetivo analisar a composição morfológica dos Classificadores na Libras, tendo como base de dados os registros lexicográficos disponíveis no Dicionário Trilíngue (Capovilla; Raphael, 2001) e os contextos linguísticos de suas realizações. Os resultados mostraram que há um conjunto de Classificadores nominais em que a composição pode ocorrer por meio de morfema gramatical CL adjungido de um sinal e, também, por CL nominal verbal em que o verbo requer a presença de um nominal.

A revisão da literatura nos mostra alguns vácuos que impulsionam lançar novos olhares sob os aspectos morfossintáticos das Construções Classificadoras, inclusive, na perspectiva do contexto comunicativo. Ao fazermos o levantamento de Teses e Dissertações sobre a referida temática no repositório da Capes não identificamos trabalhos que tratassem de forma específica, ou mais aprofundada, sobre o fenômeno de Construções Classificadoras pelo viés morfossintático, tampouco que tratassem da análise e de descrição desse fenômeno, as regras de combinação e de formação desses sinais Classificadores.

A partir desta pesquisa pretendemos contribuir para o desenvolvimento de estudos descritivos da Libras, em especial os estudos relacionados ao fenômeno de Construções Classificadoras no processo de formação de sinais observando contextos comunicativos. Pretendemos ainda que esta pesquisa contribua para que mais trabalhos relacionados ao campo linguístico da Libras sejam desenvolvidos. Uma pesquisa descritiva sobre o fenômeno das Construções Classificadoras como formadoras de sinais em contexto comunicacional contemplará seus elementos articulatórios visuais e como esses são realizados, de fato, na comunicação.

Estudos descritivos da Libras tiveram seu início utilizando como referências resultados obtidos em outras línguas de sinais, inclusive, a ASL e por esse motivo nosso estudo se respaldará em estudos descritivos de outras línguas de sinais como forma de auxiliar essa pesquisa. Sendo o objeto de estudo dessa pesquisa os Classificadores e Construções

Classificadoras na Libras teremos como principais bases teóricas estudiosos como: Allan (1977); Faria-Nascimento (2009); Ferreira-Brito (2010 [1995]); Mc Donald (1982); Pimenta e Quadros (2009); Quadros e Karnopp (2004); Strobel e Fernandes (1998) e Supalla (1986).

Diante o explanado em nossa base teórica e a lacuna identificada nos estudos descritivos em temáticas nesse viés, propomos nessa pesquisa, identificar, no contexto comunicativo, a ocorrência do fenômeno de formação de sinais por meio de Classificadores e de Construções Classificadoras e analisar a regularidade de uso de Classificadores na composição de enunciados em Libras. Essas construções ocorrem, são tipificadas e estão dentro do nível morfológico, mas ainda não foram descritas como propomos.

Para tanto, essa pesquisa se faz pertinente, a fim de coletar os dados, descrever, analisar e registrar a ocorrência dos Classificadores e suas construções, por meio da análise morfossintática. Segundo Silva (2006), os níveis sintáticos e morfológicos estão diretamente ligados, inclusive, ao nível Semântico, desse modo cabe uma análise desse fenômeno por meio do aspecto morfossintático. Pretendemos, ainda, identificar se o processo de formação ocorre por meio de aglutinação, concatenação ou justaposição e se o fenômeno se comporta como um morfema flexional ou derivacional.

Embora haja pesquisas relacionadas às Construções Classificadoras em Libras, a revisão da literatura não nos mostra estudos detalhados deste fenômeno, em especial no âmbito da sua descrição e análise a partir da abordagem morfossintática ponderando o contexto comunicativo. Desenvolver trabalhos descritivos nesse viés contribuirá para identificação dos fenômenos linguísticos típicos da modalidade gestual-visual, em específico da Libras, aprimorando a compreensão acerca da descrição de seus fenômenos, o que contribui com banco de dados para pesquisas das áreas afins. A análise, a partir do contexto comunicativo, fomenta maior transparência na coleta de dados.

Para adentrarmos em nosso objeto de pesquisa: Classificadores e suas construções na Libras, explanamos sobre alguns conceitos que permeiam e fundamentam essa discussão: AGLUTINAÇÃO, CONCATENAÇÃO, CLASSIFICADORES, CONSTRUÇÕES CLASSIFICADORAS, CONTEXTO COMUNICATIVO, ESTUDOS DESCRITIVOS, JUSTAPOSIÇÃO, MORFEMA GRAMATICAL, MORFEMA LEXICAL, MORFOSSINTAXE, MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL. O quadro a seguir demonstra os termos e seus conceitos.

Quadro 4: Quadro conceitual de termos descritores utilizados nesta pesquisa

AGLUTINAÇÃO	É um fenômeno morfológico de composição de sinais que ocorre quando um sinal é realizado a partir da junção de dois ou mais sinais e há a supressão de um ou mais elementos fonéticos.
CONCATENAÇÃO	Combinação de vários elementos que compõem um sinal para a realização de um novo sinal de categoria gramatical distinta.
CLASSIFICADORES	Diferentes modos como um determinado sinal é produzido dependendo das propriedades físicas específicas do referente que é representado, tais como: tamanho, forma, intensidade ou movimento, dando aos sinais da língua de sinais grande realismo e flexibilidade. Formas que, substituindo o nome que as precedem, pode vir junto ao verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo. Marcadores de concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL, COISA. Os Classificadores também são descritos como morfemas que se ligam a verbos para formar Construções Classificadoras.
CONSTRUÇÕES CLASSIFICADORAS	Construções sintáticas que desempenham a função de localizar espacialmente os elementos e a relação entre eles. Sentenças elaboradas a partir de sinais classificadores. As Construções Classificadoras são subsistema morfológico, sendo composto por diversos segmentos.
CONTEXTO COMUNICATIVO	O contexto comunicativo compreende o enunciador e o enunciatário, as circunstâncias espaciais e temporais nas quais o processo comunicativo ocorre.
ESTUDOS DESCRITIVOS	O estudo descritivo da linguagem é dividido em vários níveis sendo os principais: o nível fonético-fonológico, o nível morfológico, o nível sintático. Esses níveis constituem a gramática de uma língua. A esses níveis deve acrescentar o léxico respeitando as regras da gramática. Consiste em descrever o fenômeno que se investiga.
JUSTAPOSIÇÃO	É um fenômeno morfológico de composição de sinais que ocorre quando um sinal é realizado a partir da junção de dois ou mais sinais e não há alteração fonética.
MORFEMA GRAMATICAL	É o afixo que se combina com radicais de nomes e de verbos para dar noção de pessoa, de tempo, de número etc., ou o morfema que exerce função gramatical na frase, relacionando palavras. Em Libras, também assumimos essa mesma definição, ao passo que os parâmetros Movimento e Expressões Não-Manuais (ENMs), quando combinados ao morfema livre ou ao morfema lexical, são os morfemas responsáveis pela predicação nominal, verbal, número etc.;
MORFEMA LEXICAL	Elemento invariável que é responsável pela base do significado, também chamado de radical/raiz. Em Libras, consideramos Morfema Lexical os itens lexicais que são responsáveis pela base de um significado, podendo ser constituído por apenas três parâmetros: configuração de mão, orientação da palma da mão, localizadas em algum ponto do espaço neutro frente ao corpo ou ancorado em alguma parte do corpo (troco, cabeça, membros superiores), que permitem agregar morfemas gramaticais ou morfemas presos
MORFOSSINTAXE	Descrição linguística que se dedica ao estudo simultâneo da morfologia (análise descritiva das formas) e da sintaxe (regras de composição e combinação dos elementos na frase).
MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL	“Construindo” a Morfologia Construcional Booij (2010) mostra que uma abordagem construcional possibilita tratar mais satisfatoriamente a relação entre semântica, sintaxe, morfologia e léxico, observando melhor as semelhanças de formação nos níveis da palavra e da frase. Assim, “a Morfologia Construcional constitui enfoque bem mais integrado para a morfologia”. (GONÇALVES e ALMEIDA, 201; P.174)

Fonte: elaborado pela autora (2024)

2. ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DA LIBRAS

Nesta seção, tratamos brevemente sobre os estudos linguísticos e suas principais teorias linguísticas, tais como: Gerativismo, Estruturalismo e Funcionalismo. Em seguida, discorremos sobre os estudos descritivos, sua ocorrência nas línguas de sinais e, em específico, na Libras. Também tratamos dos aspectos linguísticos da Libras. Em Fonética-Fonologia, apresentamos os parâmetros que compõem um sinal. Em Morfologia tratamos de Derivação e Nominalização; Composição; Incorporação e Construções Classificadoras e Datilologia e Soletração Rítmica. Discorremos, ainda, sobre Morfossintaxe e Morfologia Construcional-Silex (Corbin 1987) vieses para análise dos dados desta pesquisa. De forma sucinta discorremos sobre os aspectos sintáticos e semântico-pragmático, pois entendemos que os aspectos linguísticos de uma dada língua são interdependentes embora possamos estudá-los de forma isolada.

2.1 Os Estudos Linguísticos e suas principais teorias

Antes de adentrarmos nos estudos linguísticos da Libras perpassamos sobre as principais teorias linguísticas a fim de explanar sobre os caminhos que os estudos linguísticos têm tomado. A Linguística é entendida como a ciência que estuda os fatos da linguagem, todavia esse reconhecimento só se consolidou a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure, os quais trataremos logo mais, de forma breve. A revisão da literatura apresenta, basicamente, três principais Teorias Linguísticas, também chamadas por alguns teóricos de correntes linguísticas, sendo elas: Teoria Gerativista, Teoria Estruturalista e Teoria Funcionalista. Dependendo da teoria selecionada, a Linguística estudará as línguas naturais como sistemas autônomos, sociais, cognitivos, biológicos ou sociocognitivos.

A Teoria Gerativista teve seu início por volta de 1950 nos Estados Unidos por meio dos estudos de Noam Chomsky. O estudioso defendia que a linguagem era algo inato a todos os falantes de uma mesma espécie. Nesse sentido todas as línguas humanas teriam características comuns, surge aí o princípio da Gramática Universal-GU, que impõe limites inclusive à variação da língua. Passos e Passos (1990) afirmam que a teoria gerativa “preocupa-se em descrever e explicar a língua como processo mental, parte do sistema cognitivo do homem”. Todavia, as pesquisas nos mostram que os estudos da GU são que regem o conceito de gramática gerativa. Para o caso da nossa pesquisa esta teoria não será

considerada como exclusiva, mas poderá contribuir em alguns pontos para tecermos as ideias e desenvolver nossas análises.

Por sua vez, a Teoria Estruturalista desenvolvida por Ferdinand de Saussure e que reconheceu a Linguística como ciência, teve seu início por volta dos anos de 1907. Esses estudos foram publicados no ano de 1916 em uma obra póstuma intitulada: Curso de Linguística Geral. Nesse sentido, Martelotta (2010) discorre que a gramática Estruturalista é “como uma tendência de descrever a estrutura gramatical das línguas, vendo-as como um sistema autônomo, cujas partes se organizam em uma rede de relações de acordo com leis internas, ou seja, inerentes ao próprio sistema.” (Martelotta, 2010, p. 53). Nesse sentido, dada língua é estudada a partir de sua estrutura considerando os mecanismos gramaticais e lexicais que regem essa língua.

Em se tratando da Teoria Funcionalista podemos discorrer que essa Teoria surgiu a partir de questionamentos de linguistas em relação ao que era posto nas Teorias Gerativista e Estruturalista. Se, por um lado, o Gerativismo se preocupa com o estudo da língua considerando o falante, seu desempenho e competência a partir do que lhe é inato e, por outro lado, o Estruturalismo descreve as regras estruturais da língua considerando uma gramática prescritiva para, posteriormente, descrever os fenômenos da língua, a Teoria Funcionalista se preocupa em estudar a relação estabelecida entre as estruturas gramaticais da língua a depender dos seus contextos de uso.

Para Neves (1997), a língua não pode ser considerada excluindo os fatores externos que incidem sobre ela. Nesse sentido, para o estudo de uma dada língua há de se analisar os fatores sociais, históricos, culturais e situacionais em que ela está inserida. Logo, A Linguística Funcionalista também nomeada de Teoria cognitivo-funcional tem por objetivo desenvolver seus estudos considerando a língua em seu contexto comunicativo e interacional abrangendo o emissor e receptor da mensagem e o contexto em que estes, no processo comunicacional, estão envolvidos. Essa teoria surgiu a partir da Teoria Estruturalista, em especial na análise das dicotomias de Saussure com ênfase na dicotomia *langue* e *parole* em que o linguista distingue língua e fala.

O Funcionalismo ganhou evidência nos Estados Unidos por volta dos anos de 1970 servindo de objeto de estudos linguísticos de teóricos como Paul Hopper, Sandra Thompson e Talmy Givón, que passaram a defender estudos linguísticos baseados na língua em uso. Nesse sentido, a língua passa a ser analisada considerando seu contexto linguístico e sua relação com a situação extralinguística. Logo, Martelotta e Kenedy (2003) discorre que

De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso. Ou seja, a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva (Martelotta; Kenedy, 2003, p.22).

Halliday (1978) desenvolveu seus estudos considerando as línguas de um ponto de vista funcional. Em seu livro *Language as social semiotic – The social interpretation of language and meaning*, escrito em 1978, ele aponta as associações existentes entre o texto e o contexto. Para o autor o ambiente interfere na produção de um texto e há entre eles uma relação de interdependência. Desse modo, há de se considerar que a língua é viva e dinâmica é, e como instrumento de comunicação, está sujeita a mudanças as quais ocorrem por meio das interações comunicativas que auxiliam, inclusive, nas estruturas gramaticais dessa língua.

Votre e Naro (1989) discorrem que a é por meio da comunicação social que a língua toma forma e se apresenta com características que lhe são próprias. Givón (1995) complementa traçando alguns pontos importantes sobre a visão funcionalista da linguagem: a linguagem é uma atividade sociocultural; a estrutura da língua serve às funções cognitiva e comunicativa sendo não arbitrária, motivada e icônica além de maleáveis; mudança e variação estão sempre presentes na língua; o sentido de um item lexical depende do contexto; as gramáticas são emergentes e suas regras permitem exceções.

Perini (2006) defende que o princípio básico da descrição gramatical é a relação descritiva das formas dos significados e das relações de interação entre forma e significado e, a partir disso, as hipóteses são formuladas. O autor destaca que a análise linguística não deve considerar apenas os aspectos gramaticais que julgar relevantes, mas também precisa considerar que a voz, no caso das línguas orais ou o horário em que dada sentença foi realizada não podem ser considerados entraves na análise que se pretende realizar. Ainda considera que para descrição gramatical é importante formular hipóteses, estabelecer critérios e realizar uma descrição gramatical da forma mais explícita possível.

A explanação feita sobre as principais teorias linguísticas não tem a pretensão de filiar essa pesquisa a nenhuma teoria específica, mas discorrer sobre tais teorias e mostrar como elas dialogam entre si e podem nos servir de direcionamento se retirarmos de cada uma delas fundamentos que podem nos beneficiar nesta pesquisa. Inclusive, ao aprofundarmos nossas leituras identificamos que uma teoria perpassa pela outra, ora complementando, ora confrontando. No entanto, o desenvolvimento desta pesquisa levará em consideração as afirmações de Perini (2006) sobre o princípio básico da descrição gramatical e da importância de realizar uma descrição gramatical da forma mais compreensível que se puder registrar.

Uma dada língua pode ser estudada sob perspectivas diferentes a depender da intenção do pesquisador, sejam elas descritivas, sociais, cognitivas, entre outras. Uma língua pode ser estudada como um sistema fechado, ou seja, considerando uma gramática prescritiva como identificamos em descrições gramaticais e dicionários, ou pode ser estudada considerando sua análise em contexto comunicativo o qual será um estudo mais complexo que vai depender de variáveis que não serão apenas linguísticas. Nesse sentido, essa pesquisa abará a descrição e análise dos sinalizantes de Libras, em contextos de fala, a fim de possibilitar o entendimento do fenômeno mediante a categorização, que é o processo no qual se agrupam as entidades semelhantes por parte dos usuários da língua.

2.2 Estudos descritivos das línguas

Nesse tópico nossa pretensão é discorrer sobre os estudos descritivos das línguas a fim de contextualizar com nosso estudo descritivo da Libras. Os filósofos gregos, em busca do entendimento da linguagem, foram os precursores dos estudos descritivos. Na ocasião, eles utilizavam um modelo nomeado de “Elementos e paradigma”, pois queriam ‘fixar paradigma’. Inicialmente, as classificações dos elementos dentro do discurso foram identificadas e nomeadas pelo filósofo Aristóteles como: substantivos; verbos e partículas. Posteriormente, por volta dos anos de 1800, Descartes em seus estudos racionalistas retoma a gramática descritiva a qual é aporte para as pesquisas de Lancelot e Arnaud em sua obra *Grammaire Générale et Raisonnée* escrita em 1660 (Rocha, 2008).

Em 1916, com a publicação póstuma das reflexões do linguista Ferdinand de Saussure no *Cours de Linguistique Générale*, os estudos sobre a linguagem passaram a integrar uma ciência autônoma, denominada Linguística. Considera-se Saussure como o fundador do Estruturalismo, vertente que também teve seus ecos na América. O Estruturalismo americano abrange os trabalhos de vários linguistas entre as décadas de 1920 e 1950.

Apesar de possuírem propósitos muitas vezes diversificados, conforme nos afirma Ilari (2004). Os pesquisadores nessa fase tinham grande interesse em descrever e analisar as línguas que não possuíam uma tradição escrita, como as línguas indígenas americanas. Dessa maneira, havia um grande interesse em descrever o maior número possível de línguas em um curto espaço de tempo.

Nesse momento, as bases do Estruturalismo americano eram comparadas à Psicologia de cunho comportamental, que acreditava ser a língua uma criação de hábitos (estímulos e respostas). Ressalte-se que, nessa época, houve um grande avanço do estudo da Morfologia,

uma vez que essa disciplina ocupava um papel central nos estudos estruturalistas, pois o objetivo era “fazer a segmentação dos morfemas” e proceder à sua classificação, a fim de realizar uma exaustiva descrição das línguas (Rocha, 2008, p. 28).

O estudo descritivo da linguagem é dividido em vários níveis sendo os principais: o nível fonético-fonológico, o nível morfológico, o nível sintático. Esses níveis constituem a gramática de uma língua. A esses níveis deve-se acrescentar o léxico respeitando as regras da gramática. Já o estudo dos significados das palavras, das frases e dos enunciados é objeto da semântica e da pragmática, que também são níveis linguísticos, mas que só serão considerados em uma análise dependendo se o foco está no estudo do significado puramente linguístico ou da língua inserida em seu uso concreto. Para essa pesquisa daremos ênfase aos níveis morfológico e sintático, portanto, morfossintático, sem descartar a relação de interdependência entre esses níveis e os níveis fonológicos e semânticos.

No que tange os estudos descritivos das línguas de sinais destacam-se as pesquisas de Stokoe (1960), Allan (1977), Klima e Bellugi (1979) e Supalla (1986); ambos os pesquisadores da *American Sign Language*, sendo este derradeiro o primeiro linguista surdo que se tem registro; Johnston e Schembri (2007) pesquisadores da *Australian Sign Language-Auslan* dentre outros. Em relação aos estudos descritivos da Libras destacam-se os estudos de Ferreira-Brito (2010 [1995]); Felipe (2002); Quadros e Karnopp (2004) e Faria-Nascimento (2009).

2.3 A Estrutura Linguística da Libras

Tratar dos estudos sobre a estrutura linguística das línguas de sinais é complexo. Isso acontece porque estudos nessa área são recentes e teorias linguísticas são desenvolvidas baseadas nas línguas orais. Os modelos teóricos e metodológicos da Linguística, se considerarmos as línguas de sinais, são limitados devido ao caráter visual-espacial dessas línguas. (Kendon, 2014, citado por Monteiro, 2015). A menor unidade da língua é o fonema, a junção de fonemas dá forma ao item lexical e atribui significado resultando em um morfema. Nesse sentido, percebemos a interdependência desses níveis ou aspectos e compreendemos como isso se estabelece e contribui para análises descritivas, inclusive, considerando contextos comunicativos.

Assim como acontece com a maioria das línguas, a Libras foi fundamentada e desenvolvida utilizando outras línguas de sinais já existentes que contribuíram, ao longo da história, para sua criação, disseminação, institucionalização e manutenção. Ferreira-Brito

(2010 [1995]), autora brasileira, discorre que a Libras é uma língua natural com toda a complexidade que os sistemas linguísticos que servem à comunicação e suporte de pensamento às pessoas dotadas da faculdade da linguagem possuem. Os estudos linguísticos da Libras tiveram seu início registrado em meados da década de 80 com as pesquisas da linguista Lucinda Ferreira Brito, referenciada como Ferreira-Brito (2010[1995]) e se mantiveram tímidos até final da década de 90.

Tratando da linguística da Libras sabemos que é uma língua que se articula de forma gestual e visual e que é realizada utilizando o corpo do sinalizante de Libras. A concatenação das mãos, da face e do corpo por meio da Configuração de Mão, Expressão Facial e Movimento, respectivamente, formam o sinal que se realiza no espaço. O fato de os sinais acontecerem por meio do corpo impacta na formação dos sinais e se relaciona com o caráter icônico que a maioria dos sinais possui. Desse modo, os morfemas nessa língua são sobrepostos uns aos outros. Faria-Nascimento (2009), aponta que o léxico da Libras é composto basicamente pelas combinações dos parâmetros que formam os sinais, além do uso de Classificadores e

(c) os morfemas-bases; (d) as unidades lexicais emprestadas de outras línguas de sinais; (e) os elementos prototípicos, especialmente aqueles em posições mais centrais de categoria; (f) as metonímias e os conceitos metafóricos que envolvem metáforas estruturais, ontológicas e orientacionais; (g) os ícones linguísticos e (h) os empréstimos de letras da LP ‘transliteradas’ para CMs específicas da LSB, que podem acontecer com todas as letras da palavra, por uma parte dela ou pela inicial. (Faria-Nascimento, 2009; p.25/resumo).

Nesse contexto, temos que o léxico da Libras acontece por meio de vários mecanismos ou fenômenos. No caso dos sinais formados por empréstimos linguísticos das letras do alfabeto da Língua portuguesa-LP, podemos identificar esses sinais como os sinais que ocorrem por meio da datilologia das letras do alfabeto que compõem o item lexical produzido. Quando a realização da datilologia ganha um ritmo passa a ser reconhecida como soletração rítmica. Ainda há casos em que, para reforçar o sinal que será realizado, o falante apresenta a datilologia referente a palavra que o sinal está representando antes da realização do sinal. Conforme discorreu Faria-Nascimento (2009) essa datilologia pode ser da palavra toda ou parte dela, como letras iniciais, abreviaturas, siglas.

A Libras é uma “língua natural surgida entre os surdos brasileiros da mesma forma que o Português, o Inglês, o Francês, etc. surgiram ou se derivam de outras línguas para servir aos propósitos linguísticos daqueles que as usam” (Ferreira-Brito, 2010[1995], p.11). A autora defende que o surdo, mesmo privado de suas faculdades auditivas, pode desenvolver seu potencial linguístico por meio de outro canal de comunicação, o canal visual-espacial, o qual

surge para revelar a força e a importância da manifestação da faculdade da linguagem nas pessoas.

Por ser uma língua gestual visual o registro da Libras em contexto comunicativo é feito, basicamente, por meio de vídeos e estima-se que a análise descritiva dessa língua deve ocorrer com base na análise dos dados desses vídeos. O estudo descritivo de uma língua é feito considerando seus níveis linguísticos, sendo eles: fonético-fonológico; morfológico; sintático e semântico e são esses níveis que constituem a gramática de uma língua. Libras é uma língua e, como tal, compreendemos que pode ser estudada, analisada e descrita a partir dos níveis linguísticos destacados anteriormente respeitando a especificidade dessa língua.

Quadros e Karnopp (2004), baseadas na definição de língua apresentada por Chomsky (1957) definem que a língua é “um conjunto de sentenças finitas ou infinitas construídas a partir de um conjunto finito de elementos”, entendem que esses elementos são as palavras, sejam faladas ou sinalizadas, sendo as frases uma sequência dessas unidades. Sendo assim, Libras é uma língua (Quadros e Karnopp, 2004, p. 30). Nesse sentido, a Libras possui sinais ou elementos que são classificados como fazendo parte de um tipo, classe ou paradigma em relação a seus níveis linguísticos. Esses níveis se articulam e se combinam para formar sinais, frases/períodos e produzir sentido/significado nos processos de comunicação.

Trouxemos, de forma mais detalhada, nos próximos subitens, os aspectos fonológico e morfológico, os quais são fundamentais para a realização de um sinal e fizemos um compilado com as informações básicas sobre os aspectos sintático e semântico. Acreditamos que os aspectos, também nomeados como níveis, são interdependentes e, portanto, se relacionam. Discorrer sobre os aspectos sintáticos e semânticos auxilia em nossas análises.

2.3.1 Aspecto Fonético-Fonológico

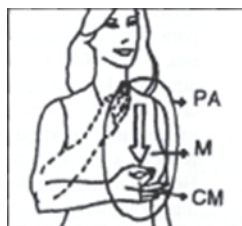
O aspecto fonético-fonológico se refere aos estudos da classificação dos elementos mínimos da linguagem em sua realização completa, os fonemas e sua função. É a menor unidade sem significado. Na combinação de elementos mínimos, as línguas de sinais se estruturam a partir de unidades mínimas espaciais, essas unidades mínimas ou fonemas são distintivos, porque, quando substituídas uma por outra, geram um novo item lexical, ou seja, uma nova forma linguística com um significado distinto. Dessa forma, o léxico da Libras é infinito no sentido de que sempre comporta a geração de novos sinais. O nível fonético-fonológico nas línguas de sinais é descrito por Quadros e Karnopp (2004) como

ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios. A primeira tarefa da fonologia para língua de sinais é determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. A segunda tarefa é estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico.

(Quadros e Karnopp, 2004, p.47).

As unidades mínimas a que as autoras se referem são: Configuração de Mão-CM, Ponto de Articulação (PA), Movimento (MO), Orientação/Direção (OD) e Expressão Facial (EF), sendo esta última também nomeada de Expressões Não-Manuais (ENMs). A combinação desses parâmetros forma o sinal e a partir das combinações desses sinais se constroem frases que têm um significado/sentido a depender do contexto em que estão inseridas. Ferreira-Brito (2010[1995]) apresenta como parâmetros fonológicos básicos das línguas de sinais a CM: P.A, também nomeado de localização e o MO, respectivamente. Veja na figura a seguir os parâmetros básicos da Libras apresentados por Ferreira-Brito (2010, [1995])

Figura 8: Parâmetros básicos da Libras



Fonte: Ferreira-Brito (2010 [1995], p.24)

Estudos na área de Libras, como os de Ferreira-Brito (2010 [1995]), Felipe (1998, 2002, 2006) e, posteriormente, Quadros e Karnopp (2004), confirmam os pressupostos de Chomsky (1975), e concordam que cada língua possui parâmetros específicos para a formação de itens lexicais e a partir da combinação desses itens se constroem frases as quais terão significado/sentido a depender do contexto em que estão inseridas.

Considerando o nível fonológico, o significado de um sinal pode variar de acordo com o contexto comunicacional ou, ainda, se houver mudança em um dos parâmetros. Nesse último caso reconhecemos que esse sinal é um par mínimo. Tomemos como exemplo as palavras BATA e PATA classificadas como verbo e substantivo, respectivamente. Analisadas em Língua Portuguesa ambas mudam de categoria se houver a troca de um único fonema, ou seja, se trocamos B por P teremos no primeiro caso um substantivo e no segundo caso um verbo.

O mesmo ocorre em Libras para os sinais de SÁBADO e APRENDER, substantivo e verbo, respectivamente. Ambos possuem os mesmos parâmetros: Mão em S vertical com a palma para a esquerda, abrindo e fechando ligeiramente a mão, duas vezes, exceto o P.A. No caso do verbo APRENDER o P.A. é a testa e no caso do substantivo sábado o P.A. é a boca, conforme apresentado na figura a seguir. Logo, BATA e PATA; SÁBADO e APRENDER são considerados pares mínimos nas línguas orais e nas línguas sinalizadas, nessa ordem. Mais adiante, na seção sobre a Morfologia da Libras, temos que os pares mínimos são inseridos no processo de formação de sinais por Derivação.

Figura 9: Sinal para APRENDER e para SÁBADO



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.276 e 1963)

2.3.1.1 Configuração de Mão-CM

O primeiro parâmetro mencionado aqui é a CM, ou seja, a forma que a mão ocupa para realizar o sinal. Um sinal pode ser realizado com apenas uma das mãos ou com as duas, depende do sinal. Em caso de sinais realizados com apenas uma das mãos, essa mão pode ser a mão direita ou a mão esquerda, isso não interferirá no significado do sinal. (Quadros e Karnopp, 2004, p.53). A CM refere-se à posição da mão ou das mãos combinada com os dedos, a palma e o dorso da mão.

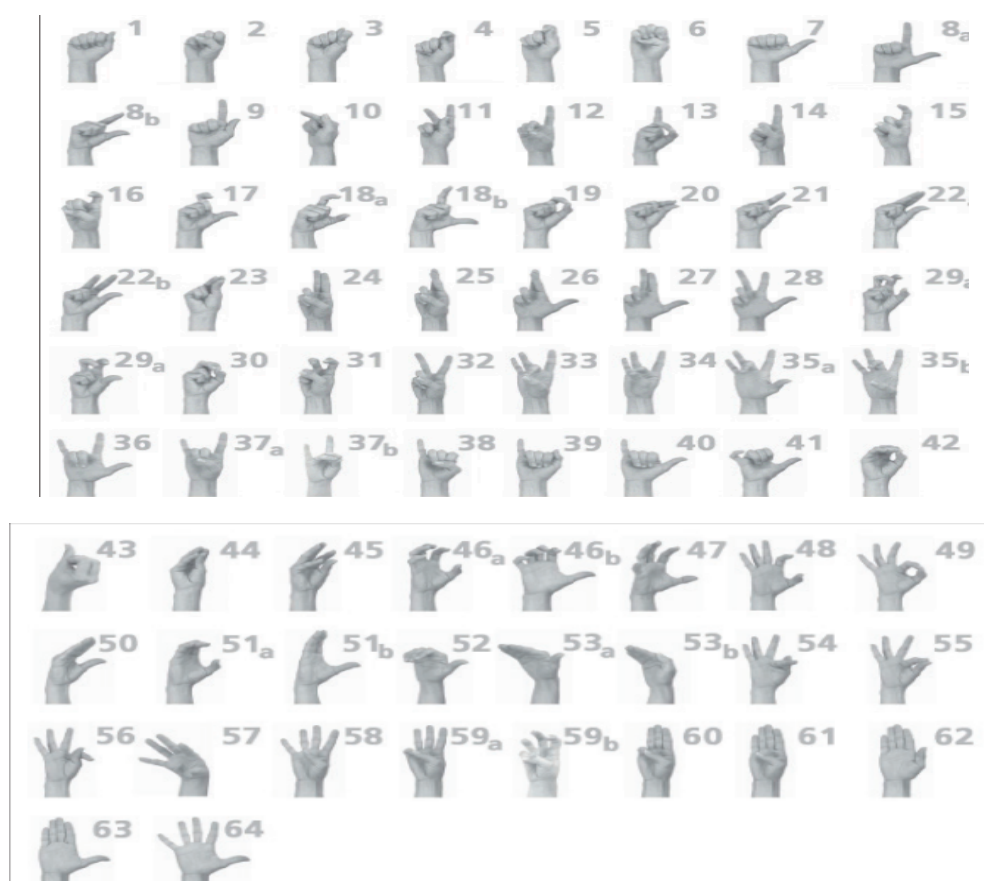
Ferreira-Brito (2010[1995]) até a data da publicação de seu referido material apontou 46 Configurações de Mão. Já os estudos feitos por Felipe e Monteiro (2007) apontaram 64 configurações de mão. As figuras a seguir apresentam as configurações de mão apontadas por Ferreira-Brito (2010, [1995]) e Felipe e Monteiro (2007), respectivamente:

Figura 10: Configurações de mão conforme Ferreira-Brito (2010, [1995])



Fonte: Ferreira-Brito (2010 [1995], p. 220)

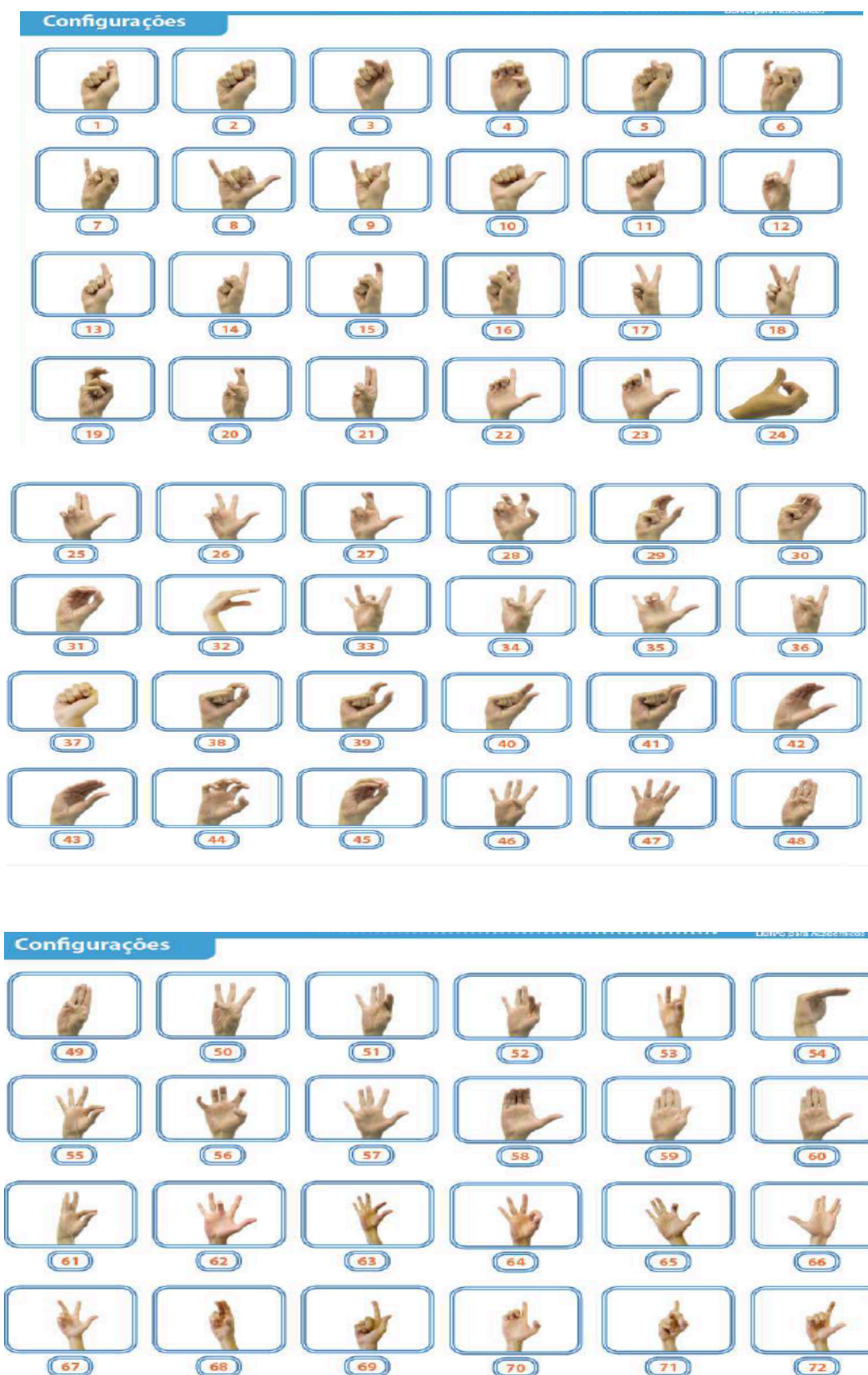
Figura 11: Configurações de mão conforme Felipe e Monteiro (2007)



Fonte: Felipe e Monteiro (2007, p.28)

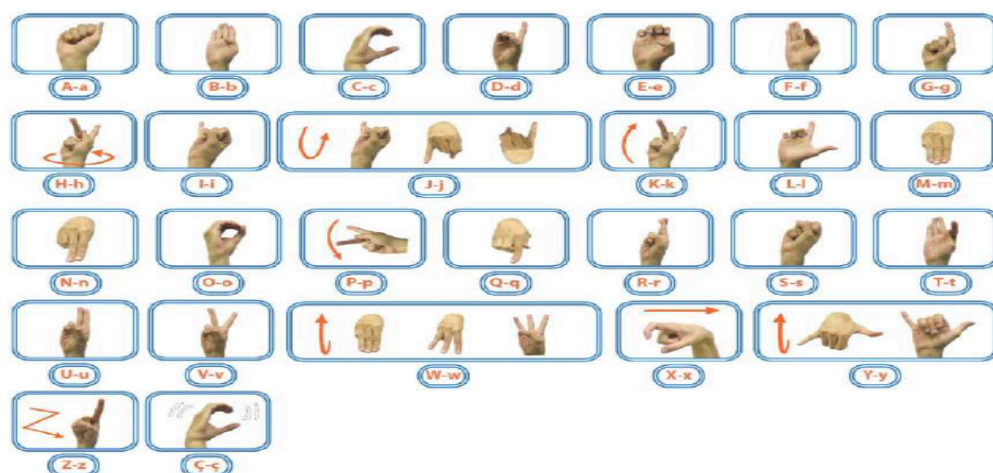
Duarte (2011) em sua pesquisa sobre ensino de Libras para ouvinte apontou 72 CM, além das configurações que representam o alfabeto manual, de acordo com as figuras a seguir:

Figura 12: 72 Configurações de mão conforme Duarte (2011)



Fonte: Duarte (2011, p.19)

Figura 13: Alfabeto manual da Libras



Fonte: Duarte (2011, p.21)

Posteriormente, Barreto e Barreto (2012) apontaram 111 configurações de mão apresentadas na figura seguir:

Figura 14: configurações de mão conforme Barretos e Barretos (2012)





Fonte: Barreto e Barreto (2012, p. 306)

Observamos que, à medida que uma quantidade Configuração de Mão foi apontada por um(a) autor(a), ela se apresenta em quantidade maior que a anterior, isso pode ocorrer pelo fato de as pesquisas serem subsequentes, e, provavelmente, complementares. Veja que em Ferreira-Brito (2010[1995]) aponta 46 CM, Felipe e Monteiro (2007) apontaram 64 configurações de mão, já Duarte (2011) apontou 72 CM, e Barreto e Barreto (2012) apontaram 111 configurações.

2.3.1.2 Ponto de Articulação-PA

O P.A trata-se do lugar, no corpo, que o sinal será realizado. Battison, (1978) aponta a cabeça, mão, tronco e braço como os quatro P.A básicos na Libras. O P.A é delimitado pela extensão máxima dos braços, o tamanho do sinal pode ser comparado à intensidade da voz e/ou tamanho do objeto sinalizado. O sinal pode tocar alguma parte do corpo ou estar perto dela, ou estar em frente ao corpo do emissor, no chamado espaço de enunciação, entre o tronco e a cabeça.

Duarte (2011) trata o P.A como Ponto de Contato – PC e discorre que os pontos de contatos mais comuns para a realização de um sinal são o rosto, os membros superiores, o tronco e, às vezes, a parte superior dos membros inferiores como o fêmur; por exemplo. O autor traz dois sinais para exemplificar o P.C. Para esta pesquisa escolhemos o P.A para referirmos ao lugar do corpo em que o sinal é realizado. Mesmo porquê se fizemos uma análise aprofundada podemos considerar que P.A e PC são parâmetros distintos, pois o P.A pode ser um espaço neutro, já o P.C precisa ser uma parte do corpo onde a mão dominante toca para a realização do sinal. Veja o sinal para BANHEIRO, por exemplo; apresentado por Duarte (2011). Esse sinal ocorre com a mão passiva fechada e a palma para baixo, enquanto a mão dominante está fechada com a palma para baixo e os dedos indicador e mínimo estão distendidos tocando as pontas no braço esquerdo, próximo ao pulso. Conforme figura a seguir:

Figura 15: Sinal para BANHEIRO



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.371)

Observe que para a realização do sinal BANHEIRO a mão direita toca o braço esquerdo, necessariamente. O mesmo ocorre com o segundo sinal apresentado por Duarte (2011): MEMORIZAR. O sinal é realizado com a mão dominante vertical aberta com a palma para trás e o dedo médio flexionado. Em seguida, o sinalizante de Libras toca a testa com a ponta do dedo médio. Há contato da mão dominante na testa. A realização do sinal é apresentada a seguir:

Figura 16: Sinal para MEMORIZAR



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.1485)

Ainda sobre o P.A, Quadros e Karnopp (2007, p.57) discorre que “o espaço de enunciação é uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados”. É no espaço delimitado em frente ao corpo do sinalizante que os sinais são realizados e esse P.A deve ser considerado no momento da sinalização. Essa delimitação possibilita que os sinais sejam realizados de maneira fluida evitando ambiguidade. O espaço de enunciação contribui para construção do significado da mensagem.

Nesse sentido, é importante delimitar o espaço para realização do sinal a fim de que haja gramaticidade nos sinais realizados. Vale destacar que, considerando o espaço de enunciação ainda há de se considerar o P.A onde o sinal será realizado, pois uma vez delimitado o espaço em que sinalizante realizará o sinal, esse sinal tem um ponto no corpo, ou espaço neutro, em que será realizado.

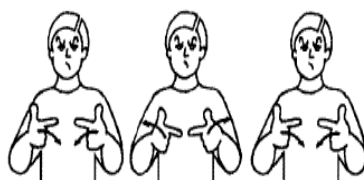
2.3.1.3 Movimento-MO

O parâmetro MO refere-se a como a(s) mão(s) e outras partes do corpo do sinalizante se movimentam no espaço para a realização do sinal indicando direção, velocidade e repetição do sinal. De acordo com Ferreira-Brito (2010 [1995]) o movimento pode ser unidirecional, bidirecional ou multidirecional. O movimento unidirecional é aquele em que o sinal é

realizado em uma única direção que pode ser para cima, para baixo, para a esquerda ou para a direita. O movimento bidirecional é aquele em que o sinal é realizado em duas direções sendo elas para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita. Já o movimento multidirecional é aquele em que o sinal é realizado em mais de duas direções.

Duarte (2011) define a CM como a posição, direção e sentido em que o sinal é realizado e que contribuirá com a emissão da mensagem entre o interlocutor e o receptor. O movimento aponta a direção em que o sinal acontece, a velocidade e se esse sinal tem ou não repetição. A autora aponta dois exemplos: CHATO e AFASTAR. O sinal para CHATO acontece com as mãos em L e as palmas para trás balançando para baixo e para cima com a expressão de uma pessoa brava. A figura a seguir apresenta o sinal para CHATO:

Figura 17: Sinal para CHATO



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.567)

O sinal para AFASTAR é realizado com a mão esquerda vertical aberta e a palma para frente, enquanto a mão direita vertical está aberta com a palma da mão para trás e o dorso da mão direita tocando o dorso da mão esquerda movendo a mão esquerda para frente e a mão direita para trás, conforme figura a seguir:

Figura 18: Sinal para AFASTAR



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.184)

2.3.1.4 Orientação/Direção-OD

A OD refere-se ao sentido em que a(s) mão(s) se direciona(m). As orientações básicas são: para cima, para baixo, para frente, para esquerda, para direita utilizando o corpo como ponto de referência. Esse parâmetro é interdependente do parâmetro Movimento. Duarte

(2011) discorre que “os movimentos ocorrem em ordenação à rotação do punho em consonância com a mão, horário ou anti-horário, para cima ou para baixo, orientação perpendicular ou ainda orientações repetitivas (tremor)” (Duarte, 2011). Ferreira-Brito (2010 [1995]), aponta que na Libras há seis tipos de orientações da palma das mãos sendo elas: para baixo, para cima, para o corpo, para frente, para a esquerda e para a direita.

2.3.1.5 Expressões Não-Manuais (ENMs)

AS ENMs são partes importantes de um sinal, por meio delas o sinalizador poderá expressar emoção e prosódia, por exemplo, auxiliando na construção de sentido, sobretudo dentro de um contexto. As expressões faciais, a linguagem corporal, o movimento da cabeça e os olhares são considerados Expressões Não-Manuais. As ENMs têm funções gramaticais, pois são por meio delas que o interlocutor marca se as sentenças são interrogativas, exclamativas e negativas. Além de marcarem, nas sentenças, o aspecto e o advérbio. Sendo o aspecto a forma como a ação se desenvolve e o advérbio um marcador de tempo, lugar, modo, intensidade.

Sobre aspecto Quadros e Karnopp (2004) afirmam que, para expressar o aspecto ocorre flexões tanto nas formas quanto na duração dos movimentos dos sinais ao serem realizados. Ferreira-Brito (2010[1995]) complementa afirmando que a mudança na repetição ou velocidade dos movimentos diferenciam os aspectos caracterizando-os como durativo, distributivo ou contínuo. Em relação ao advérbio Quadros e Karnopp (2004) apontam que os advérbios temporais podem ser colocados antes ou após a oração e os advérbios de frequência, compreendido por nós como intensidade, podem ser colocados antes ou após o complemento verbal.

Além desses marcadores, as ENM ainda funcionam como marcadores de orações relativas, topicalizações, foco e concordância, referências pronominais e partículas negativas (Ferreira e Langevin, (2010[1995])). As autoras explicitam que as ENM ocorrem na parte superior e/ou inferior do rosto, no balancear e/ou inclinar da cabeça, nas projeções do rosto e cabeça e nas projeções e/ou balancear do tronco (Langevin não foi colocada na referência do material de Ferreira-Brito (2010[1995])), acreditamos que se deve ao fato de uma única e breve aparição). Nesse sentido, entendemos que as ENMs auxiliam a concordância dos morfemas com os significados previamente estabelecidos ou, ainda, podem inferir novos significados a partir de suas combinações com o enunciado.

Ferreira-Brito (2010[1995]) considera as expressões faciais como parte das ENMs e afirma que as expressões faciais podem ter função entonativa nas sentenças, ou seja, tem função prosódica. Por meio das expressões faciais podemos identificar os sentimentos e emoções do sinalizantes

As expressões faciais são uma maneira específica, nesta língua de sinais de preencher função de entonação dos pedidos da língua portuguesa. Funcionam como transformadores de imperativas em pedidos, como atenuadores de força ilocucionária dos atos diretivos, quando o enunciador quer preservar a ‘face’ do interlocutor; ou quando o enunciador quer preservar a própria ‘face’ (Ferreira-Brito, 2010[1995], p.28).

Nesse sentido, podemos inferir que as expressões faciais, são hipônimas das ENMs. O movimento do corpo e da cabeça, das sobrancelhas, dos olhos, das bochechas, da boca e da língua contribuem para articulação dos itens lexicais das línguas de sinais. Dessa forma, as ENMs, de modo geral, podem ser reconhecidas como marcadoras das construções sintáticas. Por meio da ENM o interlocutor marca qual parte da sentença ele pretende enfatizar, demonstrar suas emoções e sensações.

2.3.2 Aspecto Morfológico

Em relação ao aspecto morfológico Quadros e Karnopp (2004) discorrem que se trata do estudo da formação de sinais, ou seja, as menores unidades com significado e como essas unidades se juntam para compor unidades maiores. Dubois (2014) complementa dizendo que a Morfologia é responsável pela descrição das regras de estruturas internas das palavras, ou seja, das regras que regem a combinação entre os morfemas-raízes para formação de uma nova palavra.

Nossa pesquisa reconhece que as explicações sobre o termo “palavra” se aplicam ao termo “sinal”, ou seja, nas línguas orais o morfema é nomeado palavra e nas línguas de sinais o morfema é nomeado sinal e, por isso, trouxemos aqui o autor acima e sua definição sobre Morfologia numa perspectiva de línguas orais, a qual a menor unidade com significado é o morfema nomeado palavra.

Em Linguística, Morfologia é o estudo da estrutura, da formação e da classificação das palavras. O nível morfológico pode ser pensado do ponto de vista morfossintático, isto porque a função da palavra está ligada à sua formação incorporada em outras classes. De acordo com Valli e Lucas (2001)

morfologia é o estudo das menores unidades significativas na linguagem e de como essas unidades significativas são usadas para construir novas palavras ou sinais. Em outras palavras, morfologia é o estudo da formação de palavras, de como uma linguagem usa unidades menores para construir unidades maiores. A menor unidade

significativa em um idioma é um morfema. Alguns morfemas podem ocorrer por si mesmos, como unidades independentes. Estes são chamados de morfemas livres (Valli; Lucas, 2001, p. 52, tradução nossa).⁵

Valli e Lucas (2001), versando sobre questões da Linguística das línguas de sinais, em especial a *American Sign Language*- Língua Americana de Sinais- ASL, ilustram que a Morfologia é o estudo das menores unidades significativas em um idioma e de como essas unidades significativas são usadas para construir novas palavras ou sinais. Os autores defendem que é por meio de processos derivacionais e flexionais que as línguas de sinais e orais ampliam e enriquecem o seu léxico. Esses linguistas asseguram ainda que

Morfologia é o estudo da formação de palavras, de como uma língua usa unidades menores para construir unidades maiores. Quando uma língua usa unidades menores para criar unidades maiores, dois processos diferentes estão em ação. Algumas das unidades maiores construídas a partir de unidades menores é o resultado de um processo derivacional e outras é o resultado de um processo flexional (Valli; Lucas, 2001, p.112, tradução nossa)⁶

Nesse sentido, os autores apontam que a criação de sinais por meio da derivação é o processo de criar unidades para o idioma a partir de unidades já existentes, ou seja, derivar novas unidades, incluindo deverbais: verbos que derivam em substantivos, por exemplo, SENTAR e CADEIRA. Em relação à flexão os autores explicam que se difere da do processo de derivação no sentido de que, enquanto a derivação é sobre a criação de novas unidades, a flexão é o processo de adicionar informações gramaticais às unidades que já existem, como quando o “s” é adicionado aos substantivos resultando em plural, por exemplo. As flexões adicionam informações gramaticais a uma unidade, no entanto, eles não resultam na criação de uma nova unidade.

Felipe (2006) discorre que as regras de formação de itens lexicais de uma língua apresentam uma variedade nas classes e relações estruturais sintático-semântica as quais devem ser mostradas seja qual for a sua modalidade. A autora defende que ao se considerar o processo de formação de palavras os *inputs* precisam ser considerados uma vez que são as diferenças básicas nas regras de modificação de raiz e regras de composição. Em relação aos processos de formação de sinais, a autora pontua que eles podem acontecer através da modificação da raiz, da derivação zero, de processos miméticos e de regras de composição.

⁵ Morphology is the study of the smallest meaningful units in language and of how those meaningful units are used to build new words or signs. Put another way, morphology is the study of word formation, of how a language uses smaller units to build larger units. The smallest meaningful unit in a language is a morpheme. Some morphemes can occur by themselves, as independent units. These are called free morphemes

⁶ Morphology is the study of word formation, of how a language uses smaller units to build larger units. As a language uses smaller units to build larger ones, two different processes are at work. Some of the larger units built from smaller units are the result of a derivational process, and some are the result of an inflectional process.

Quadros e Karnopp (2004, p.86) definem Morfologia como um ramo da linguística que estuda a “estrutura interna, a formação e classificação das palavras ou sinais e as regras que determinam a formação das palavras”. As autoras entendem os morfemas como unidades mínimas de significado. Sendo assim, podemos afirmar que as formações dos sinais se originam da combinação dos parâmetros, os quais são as unidades mínimas sem significado.

De acordo com as autoras nas línguas de sinais há descrições que se referem tanto aos processos derivacionais quanto aos processos flexionais. O processo derivacional abrange a formação de novos sinais a partir de uma base lexical (sinal) já existente e são divididos em processo de nominalização, processo de formação de compostos e processo de incorporação. Já os processos flexionais estão relacionados a modificação do sinal por meio da flexão de número, flexão verbal e flexão de aspecto.

Autores como Finau e Mazzuchetti (2015); Ferreira-Brito (2010 [1995]) e Quadros e Karnopp (2004) constataram que a Libras apresenta um considerável número de processos que formam sinais, dentre os quais estão a Derivação, a Composição, vários tipos de incorporação de informações gramaticais em itens lexicais e as Construções Classificadoras, sendo este último fenômeno entendido como morfemas que se ligam a outros morfemas em certos contextos gramaticais para lhes atribuir uma categoria ou para expressar uma noção de quantidade, isso considerando uma análise nas línguas de sinais.

Para Felipe (2006) no processo de formação de palavras essas combinações acontecem entre os morfemas lexicais e os morfemas gramaticais. A autora defende que

Nos estudos sobre os processos de formação de palavras [composição, aglutinação, justaposição e derivação], as línguas são sempre apresentadas em relação aos seus morfemas lexicais (raízes/radicais) que se prendem a morfemas gramaticais formantes (desinências e vogais temáticas) e/ou a derivacionais (afixos e clíticos). (Felipe, 2006, p. 201).

Estudos como de Valli e Lucas (2001), Finau e Mazzuchetti (2015); Ferreira-Brito (2010 [1995]); Quadros e Karnopp, (2004) apontam que na Libras existem, pelo menos, três fenômenos de formação de sinais: Derivação, Composição e Incorporação. No entanto, podemos mencionar os processos de formação de sinais por meio das Construções por Classificadores e o processo de formação de sinais básico que se dá pela junção dos parâmetros, inclusive, esse último fenômeno não é citado, de forma específica, na revisão da literatura. Além desses fenômenos, os sinais realizados a partir da soletração rítmica se tornam o próprio sinal e é considerado um fenômeno de formação de sinais.

2.3.2.1 Derivação e Nominalização

O fenômeno de Derivação refere-se ao processo pelo qual um sinal origina outro, na maioria das vezes pela alteração do parâmetro Movimento, como é o caso dos verbos PESQUISAR e PERGUNTAR. Embora os dois sinais sejam realizados com mão esquerda aberta na horizontal, palma para direita, mão direita em U, palma para baixo, indicador apontado para frente, tocando a base do pulso esquerdo, o movimento do sinal PERGUNTAR é feito com a mão direita movendo uma única vez para frente, já para o sinal de PESQUISAR embora ao movimento da mão direita seja para frente, acontece repetições curtas nesse movimento, conforme ilustra as figuras 19 e 20, a seguir que mostram os sinais para PERGUNTA e PESQUISAR, respectivamente:

Figura 19: sinal para PERGUNTAR



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.1727)

Figura 20: sinal para PESQUISAR



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.173)

Existem alguns casos em que o parâmetro Movimento pode alterar a classe gramatical como no exemplo dos sinais referentes a SENTAR e CADEIRA, onde o movimento repetitivo altera a categoria de verbo para substantivo. A descrição dos sinais é basicamente a mesma: Mão esquerda em U com a palma da mão para baixo, mão direita também em U com a palma da mão para baixo e os dedos curvados. Em ambos os sinais a palma dos dedos da mão direita tocam no dorso dos dedos da mão esquerda o que diferencia um sinal do outro é o movimento.

No caso do substantivo CADEIRA o toque acontece duas vezes e no caso do verbo SENTAR o toque acontece apenas uma vez. A seguir as figuras 21 e 22 apresentam a realização dos sinais para CADEIRA e SENTAR, respectivamente:

Figura 21: sinal para CADEIRA



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.468)

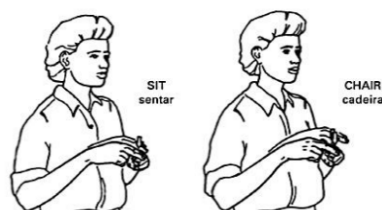
Figura 22: sinal para SENTAR



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.2008)

Nos casos descritos acima, em que a alteração do movimento muda a categoria do sinal, temos um fenômeno de nominalização entendido como um processo em que afixos são inseridos em uma palavra base para criar nomes (Quadros e Karnopp, 2004). Na obra intitulada *Língua de Sinais Brasileira*, de 2004, Quadros e Karnopp utilizam sinais em ASL para tratar da formação de sinais por meio do processo de Derivação. As autoras utilizam os sinais de CADEIRA E SENTAR (CHAIR E SIT) e os sinais para ABRIR O LIVRO e LIVRO (OPEN BOOK e BOOK) para explicar a contribuição do parâmetro Movimento na mudança de categoria de um sinal, sendo nesse caso as categorias nome e verbo (Quadros e Karnopp, 2004). A figura a seguir apresenta os sinais para CADEIRA e SENTAR realizados em ASL:

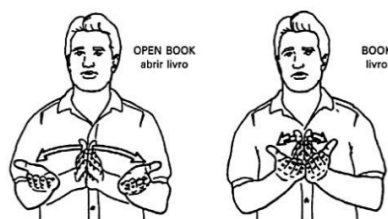
Figura 23: Sinal para SENTAR e CADEIRA



Fonte: Quadros; Karnopp (2004, p.100)

A seguir, a figura 24 apresenta o sinal para ABRIR O LIVRO e LIVRO, realizados em ASL:

Figura 24: Sinal para ABRIR O LIVRO e LIVRO



Fonte: Quadros; Karnopp (2004, p.101)

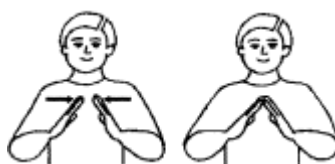
O fenômeno de formação de sinais por meio da Derivação é compreendido sendo o sinal que muda o campo semântico ao sofrer alteração em um dos parâmetros responsáveis pela formação do sinal. O substantivo SÁBADO, por exemplo; realizado a partir da seguinte combinação: mão em 8, vertical, palma para esquerda na frente da boca, abrindo e fechando a mão rapidamente no espaço neutro, torna-se o verbo APRENDER trocando apenas o Ponto de Articulação que, no primeiro caso é realizado na região da boca e, no segundo caso é realizado na região da testa.

Rodrigues e Valente (2012) discorrem que o processo de formação de sinais por meio da Derivação trata-se de criar um sinal que utiliza o significado de um sinal já existente, todavia o sinal criado pertencerá à classe gramatical distinta do sinal de base. Haverá, portanto, a concatenação. A derivação de nomes e verbos pode ser um exemplo desse processo e ocorre pela mudança no movimento.

2.3.2.2 Composição

Felipe (2006) elencou pelo menos três tipos de sinais compostos: Composição por Justaposição de dois itens lexicais, Composição por Justaposição de um Classificador com um item lexical e Composição por Justaposição da Datilologia. Para exemplificar a Composição por Justaposição de dois itens lexicais temos o sinal para ESCOLA realizado a partir da junção de dois sinais distintos: CASA + ESTUDAR. Veja a seguir a realização do sinal para CASA:

Figura 25: sinal para CASA



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.532)

O sinal para o substantivo CASA é realizado a partir das mãos na vertical, palma a palma, os dedos inclinados uns para os outros tocando as pontas dos dedos. Já o sinal para o verbo ESTUDAR é realizado com as mãos abertas e palmas para cima batendo duas vezes o dorso dos dedos da mão direita sobre a palma dos dedos da mão esquerda, conforme apresentado na figura 26, a seguir:

Figura 26: sinal para ESTUDAR



Fonte Capovilla; Raphael (2001, p.1010)

A junção dois sinais do substantivo CASA e o verbo ESTUDAR forma um terceiro sinal, sendo este o sinal para o substantivo ESCOLA, conforme mencionado anteriormente e mostrado na figura a seguir:

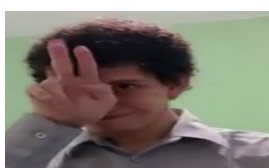
Figura 27: sinal de ESCOLA



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.936)

Em relação a Composição por Justaposição de um Classificador com um item lexical podemos citar o exemplo do sinal para o substantivo FORMIGA em que acontece a justaposição do sinal do substantivo INSETO com o Classificador para coisa pequena. Desse modo ocorre a justaposição de um Classificador com um item lexical. Logo teremos: mão direita na vertical em dois, palma para frente, ancorada na testa com movimentos alternados dos dedos seguido da Configuração de Mão 17, conforme é apresentado a seguir pelas figuras 28 e 29:

Figura 28: sinal para INSETO



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=A8brb2En-kU>

Figura 29: Configuração de Mão 17



Fonte: http://www.lsbvideo.com.br/product_info.php?products_id=296

E, por último, temos a Composição por Justaposição da Datilologia em que a palavra em português é representada junto ao sinal referente a ação, como por exemplo, o sinal para a sentença: COSTURAR À MÃO realizado a partir da datilologia do substantivo AGULHA seguido do sinal classificador para o verbo COSTURAR quando estiver se referindo a uma costura feita à mão.

Sendo assim, temos: datilologia do substantivo AGULHA (A-G-U-L-H-A) seguido do classificador da ação realizado com a mão esquerda horizontal, palma para trás e as pontas dos dedos unidas, mão direita fechada com a palma para baixo, polegar e indicador unidos pelas pontas e posicionados acima da mão esquerda movendo a mão direita em pequenos círculos verticais para direita, em sentido horário, aproximando-a da mão esquerda durante o movimento. Na sequência elevar a mão direita e movê-la ligeiramente para frente. O tronco fica levemente direcionado para frente com olhar voltado para a ação.

Se considerarmos uma análise em contexto comunicativo identificamos que há possibilidade de incorporação do substantivo AGULHA no verbo COSTURAR excluindo a datilologia do substantivo. Desse modo, haverá apenas a sinalização para COSTURAR À MÃO, realizado conforme descrito anteriormente e apresentada, a seguir, na figura 30:

Figura 30: sinal para COSTURAR À MÃO

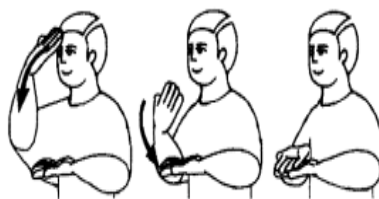


Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.704)

Quadros e Karnopp (2004), apontam como possibilidade de composição de sinais a Composição por Aglutinação afirmando que esse tipo de composição ocorre quando dois ou mais sinais se juntam e um ou mais elementos fonéticos é suprimido. As autoras discorrem que a Composição por Aglutinação pode acontecer por meio da regra do contato; regra da

sequência única ou regra da antecipação de mão. Na Composição por Aglutinação Regra de Contato os sinais compostos possuem contato, mas ao serem aglutinados um desses sinais tem o contato suprimido. A figura 31 exemplifica esse tipo de composição. Para realização do sinal referente a ACREDITAR temos a junção de SABER + ESTUDAR e nessa junção o movimento repetitivo para ESTUDAR não é realizado. A figura a seguir apresenta a realização do sinal para ACREDITAR.

Figura 31: Sinal para ACREDITAR



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.166)

Na Composição por Aglutinação Regra da Sequência Única os movimentos dos sinais ou as repetições do movimento são eliminados. Quadros e Karnopp (2004) trazem como exemplo o sinal para PAIS. Para a realização desse sinal o movimento que ocorre ao sinalizar PAI ou sinalizando MÃE separadamente é eliminado. Na figura 32 é possível identificar a ausência do movimento que seria realizado duas vezes no Ponto de Articulação onde o sinal é ancorado. No caso do sinal para MÃE o Ponto de Articulação é o nariz e para PAI o Ponto de Articulação o espaço entre o lábio superior e o nariz. A seguir temos a figura 32 que apresenta como é realizado o sinal para PAI e MÃE e como é realizado o sinal composto para PAIS:

Figura 32: Sinal para PAI, MÃE e Composto por Aglutinação regra da sequência única PAIS

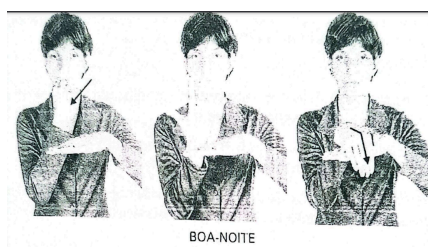


Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p.104)

Ao apresentar a composição de sinais por aglutinação regra de antecipação da mão Quadros e Karnopp (2004) reforça que a mão que se antecipa é a mão não dominante na

realização do sinal. As autoras explicam que “quando dois sinais são combinados para formar um composto, frequentemente acontece que a mão passiva do sinalizador antecipa o segundo sinal no processo de composição” (Quadros e Karnopp, 2004, p.104). Os exemplos trazidos pelas autoras são os sinais para BOA NOITE; ACREDITAR e ACIDENTE. A seguir apresentamos como se compõe o sinal para BOA NOITE e como ocorre a antecipação da mão passiva ou não dominante.

Figura 33: Sinal Composto por Aglutinação Regra da Antecipação da Mão para BOA NOITE



Fonte: Quadros e karnopp (2004, p.104)

2.3.2.3 Incorporação e Construções Classificadoras

O fenômeno da incorporação é compreendido como um terceiro sinal formado a partir da incorporação de um sinal já existente em outro sinal. Os tipos básicos de incorporação são: Incorporação de Numeral e Incorporação de Negação, Incorporação de Instrumento e Incorporação de Intensificador, Incorporação Nominal em verbos de deslocamento e Incorporação de modo em verbos de deslocamento e de tempo em advérbios, e Incorporação de Construções Classificadoras. Rabelo (2020), aponta que surdos, usuários de Libras, tendem a produzir sentenças com a regularidade de uso de incorporação. A autora afirma que “o fenômeno de incorporação é sim uma possibilidade de formação de sinais na Libras dentro do nível morfológico, inclusive com bastante ocorrência em contexto comunicativo” (Rabelo, 2020, p.130).

Segundo Quadros e Kanopp (2004), na formação de sinais por meio do fenômeno de Incorporação, morfemas presos podem combinar entre si ou com morfemas para criar sinais em Libras. As autoras mencionam como parte desse fenômeno o processo de formação de sinais por meio da Incorporação de Numeral. Nesse caso, a Configuração de Mão que representa o numeral é incorporada ao sinal seguinte mantendo o Ponto de Articulação e movimento desse sinal. Para exemplificar esse fenômeno, as autoras mencionam o caso dos

sinais para 1 MÊS, 2 MESES e 3 MESES, onde o sinal para MÊS permanece o mesmo e a configuração que representa a quantidade de mês é incorporada a esse sinal.

Em relação aos sinais formados por Classificadores e suas Construções Classificadoras, ocorrem a partir do uso de Classificadores para representar o objeto e/ ou pessoa do discurso, tornando-se tornando, na maioria das vezes, o próprio sinal do ser representado. Em relação a esse fenômeno Rabelo (2020) discorre que “o surdo, ao se comunicar em Libras, utiliza processos de incorporação de diversas informações gramaticais, lexicais e de Construções Classificadoras da Libras em sinais-base ou raiz” (Rabelo, 2020, p. 129), ou seja, o surdo lança mão não apenas do fenômeno de incorporação, mas dos Classificadores e de suas possibilidades de construções para elaborar sentenças durante a comunicação.

Quadros e Karnopp (2004) explicam que, sendo o sistema de Classificadores reconhecido como parte do léxico da Libras, logo, também fazem parte do processo morfológico, e possuem papel fundamental na formação dos sinais, pois com o passar do tempo, e no movimento de expansão da língua, diversos Classificadores passam pelo processo de lexicalização, tornando-se sinais da Libras.

As autoras afirmam que os Classificadores fazem parte do núcleo lexical dentro da Morfologia das línguas de sinais e a formação da maioria dos sinais e até mesmo a criação de novos sinais ocorre a partir do uso de Classificadores. Classificador Descritivo; Classificador Especificador; Classificador de Plural; Classificador de Instrumento; Classificador de Corpo, Classificador de Marca e Classificador Semântico são algumas possibilidades de Classificadores. Haverá uma seção para discorrer sobre esse fenômeno de forma mais aprofundada.

2.3.2.4 Datilologia e Soletração Rítmica

A datilologia é a representação visual das letras do alfabeto da Língua Portuguesa. Também reconhecida como alfabeto manual é um recurso utilizado em Libras para se referir a itens lexicais que não possuem sinal; para antever um sinal como forma de demonstrar a que palavra o sinal que será realizado se refere e, ainda, pode se tornar o próprio sinal ao ganhar um ritmo em sua realização.. Essa realização das configurações de mãos que representam as letras acontece no espaço neutro. Faria-Nascimento (2009) confirma o exposto anteriormente ao discorrer que a datilologia pode ser utilizada para indicar nomes próprios, a terminologia de palavras que não possuem sinais referentes e, ainda, para representar termos desconhecidos

ou antever sinais criados em um tempo recente que ainda não são conhecidos pelos falantes da Libras.

Há o caso de referentes que, inicialmente não possuem sinal, mas com o passar do tempo, ganha um ritmo na realização e se torna um sinal realizado por meio de soletração rítmica como é o caso do sinal para BAR. A seguir a figura 34 apresenta como é realizado o sinal para BAR feito a partir da soletração rítmica.

Figura 34: Sinal para BAR



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.372)

A soletração rítmica é um recurso utilizado como instrumento facilitador no processo de comunicação e interação dos falantes de Libras. Acontece por meio da soletração das letras do alfabeto manual que forma o item lexical e é realizada no espaço neutro com um ritmo sequencial. Geralmente é utilizada para se referir a nomes e sobrenomes pessoais, de ruas, avenidas, bairros e cidades. Possui também um sistema de expressão gestual/mímica.

Kojima e Segala (2008) discorrem que esse sistema é um conjunto de elementos visuais, entre os quais se podem encontrar ou definir relações para a visualização da imagem do pensamento. Esses sistemas, com movimento e fluências, articulados em ícones, apresentam relações análogas, formando uma composição de mosaicos. Nesse sentido, entendemos que a estrutura do sinal exige alguns elementos fundamentais para que ocorra a comunicação entre os pares. O alfabeto manual é primordial na realização dos itens lexicais utilizando soletração rítmica.

Em suma, podemos dizer que os morfemas na Libras são formados a partir dos fenômenos de Derivação, Composição, Incorporação, Classificadores e suas construções nas sentenças, Soletração Rítmica. Nossas leituras e estudos contínuos permitem que citeamos ainda como formação de sinais o que nos é básico: a junção dos cinco parâmetros da Libras. Ao juntar os cinco parâmetros da Libras temos um item lexical que dá forma ao morfema. Inclusive, em nossas leituras, não identificamos pesquisadores que mencionassem e explicassem esse fenômeno de forma detalhada. A maioria dos materiais que tratam do

aspecto morfológico já se inicia apresentando como possibilidades de formação de sinais os mencionados anteriormente.

Antes de prosseguirmos com a explanação dos aspectos sintáticos e semânticos fizemos um adendo para discorrer sobre a Morfossintaxe e a Morfologia Construcional as quais serviram de apoio para a coleta, descrição e análise dos dados. Não tivemos a pretensão de filiar essa pesquisa à Morfologia Construcional, mas trazê-la como fundamento para a escolha que fizemos: descrever e analisar dados considerando a interdependência dos níveis linguísticos, sobretudo morfológico e sintático, interpretativo e do léxico.

2.3.3 Morfossintaxe na Libras

Pensar uma análise descritiva pelo viés morfossintático é considerar que há uma união entre o eixo paradigmático, o qual se refere aos estudos morfológicos, ou seja, o estudo das formas, estruturas e classes às quais pertencem dadas palavras, e o eixo sintagmático, referente aos estudos das funções e relações que essas palavras desempenham nas orações. Considerando, ainda, que essa união ocorre na comunicação. Dessa forma, entendemos que as perspectivas morfológica e sintática constituem o processo comunicativo. A combinação dos níveis morfológicos com os níveis sintáticos durante o processo comunicativo ocorre de maneira rápida e, às vezes, pode ser que essa ocorrência aconteça de forma inconsciente.

Carone (1995) discorre que “sendo [a concordância] uma alteração mórfica, que se passa no corpo das palavras, é também de natureza sintática, visto que só concordam entre si termos entre os quais se estabelece uma conexão: verbo e sujeito, substantivos e seus adjuntos (artigo, numeral, pronome adjetivo, adjetivo).” (Carone, 1995, p.58).

Sendo assim, os estudos morfossintáticos passam a ser desenvolvidos considerando as situações comunicativas sem deixar de lado a relevância das estruturas linguísticas. “Existe um sistema que domina a língua como veículo de comunicação já que todo falante segue regras ao comunicar- -se [...]. Estudar esse sistema não é ignorar o lado mais importante da língua: o evento comunicativo” (Landim, 2011, p. 22).

Divino e Pires (2016) discorrem que as aplicações de estudos morfossintáticos podem não resultar, necessariamente, em nomear a função das palavras atribuindo a elas, por exemplo: a função de objeto direto ou de complemento nominal. Os autores afirmam que estabelecer as relações lógicas que determinam as funções das palavras em um determinado contexto é uma possibilidade de enfoque em análises morfossintáticas.

Quando tratamos dos níveis ou aspectos linguísticos de uma dada língua identificamos que eles estão inter-relacionados e que o estudo de um nível requer do pesquisador um conhecimento prévio do nível que antecede ou que sucede, isso considerando uma linearidade no processo de concepção de um morfema. Neste caso, trouxemos aqui como se estabelece a relação de morfemas e suas construções sintagmáticas.

Os estudos morfosintáticos da Libras acontecem considerando os morfemas e função que exercem dentro da sentença. Nossas leituras nos levam a refletir que, diferente das línguas orais, como no caso do português que geralmente apresenta as funções no eixo sintagmático e as formas no eixo paradigmático. Na Libras esses eixos são analisados simultaneamente. Ao estudar o aspecto sintático da Libras identificamos em Quadros e Karnopp (2004) que a ordem básica dos constituintes da sentença nessa língua é organizada em substantivo, verbo objeto-SVO.

Nesse sentido, podemos observar que há a junção de forma e função dentro de uma mesma análise, pois, substantivo e verbo se referem a forma, enquanto objeto se refere a função. Essa observação vai ao encontro do que foi apontado por Corbin (1987) quando defende em seu modelo Silex que para as regras de formação de palavra há uma previsibilidade de ocorrência e que possui relação entre a estrutura e o aspecto semântico da sentença.

2.3.4 Morfologia Construcional-Silex :um modelo para descrição dos dados

A Morfologia Construcional: Sintaxe, Interpretação e Léxico-Silex foi criada por Corbin (1987). O modelo iniciou-se na Teoria Gerativa, todavia distanciou-se dessa Teoria por entender que os fenômenos morfológicos se associam diferente da Teoria Gerativa que dissocia esses fenômenos. O modelo Silex considera que o significado de uma palavra ocorre ao mesmo tempo em que sua estrutura morfológica é construída. Nesse sentido, o modelo defende que há uma previsibilidade de regras para formação das palavras, pois o léxico possui regularidades e pode, inclusive, ser descrito pelos linguistas e que, no componente morfológico há uma relação entre a estrutura da sentença e seu aspecto semântico.

Corbin (1987), por meio de suas pesquisas, corroborou para que os estudos dos aspectos morfológicos da língua francesa fossem retomados. Sua tese foi a primeira pesquisa relacionada a morfologia dessa língua que obteve aceite dentro das Teorias gerativistas. O objetivo de sua pesquisa era mostrar que há regularidades no léxico e que essas regularidades devem ser descritas por meio de regras específicas. Correia (2004) afirma que o modelo Silex

já foi utilizado em análises descritivas do léxico de outras línguas, inclusive, a língua portuguesa. Graça Maria do Rio-Torto, da Universidade de Coimbra, foi a precursora no desenvolvimento de análises descritivas dessa língua utilizando o modelo Silex. Na ocasião, a pesquisadora pretendia descrever e analisar a formação de avaliativos.

Em sua versão inicial, o modelo Silex era considerado pertencente à Morfologia Derivacional e possuía dois princípios básicos para as regras de construção das palavras que se tratavam das obrigatoriedades da unicidade categorial e semântica. Desse modo, não seria possível estudar a polissemia da unidade (Correia, 2004). O conceito de uma palavra seria dado a partir do significado considerado composicional em relação à sua estrutura interna resultando da aplicação de uma categoria lexical a uma categoria lexical maior, ou base de uma operação categorial derivacional. Para isso, três operações eram associadas: operação categorial; operação semântica e operação morfológica.

Corbin (1987) discorre que uma palavra construída ocorre por meio da junção da base e seu afixo, sendo a base o substantivo. Na língua portuguesa e na Libras reconhecemos essa palavra construída como processo de derivação ou composição. Nesse período, Corbin (1987) já mostrava indícios de rompimento com a concepção de Morfologia Derivacional. Para que ocorra a palavra construída, alguns princípios da delimitação da palavra base são apontados: a palavra deve estar em conformidade com o padrão silábico da língua; ser categorizável em uma categoria maior; ser passível de interpretação; deve ter propriedades sintáticas; ser possível utilizá-la para construir outras palavras; se for construída com base de mesmos afixos deve possuir a mesma relação semântica e sintática reproduzidas em outros pares que representam a mesma relação formal.

Sobre o que vem a ser uma palavra construída, Corbin (1991, citado por Ferreira, 2013) define como sendo uma construção complexa na qual vários fatores podem interferir, sejam eles linguísticos ou referenciais. Espera-se que o significado dessa palavra seja previsível. Segundo a autora o significado previsível é “o resultado da ação semântica em conjunto com as regras de construção de palavras utilizadas, do processo escolhido e da base” Corbin (1991, p.11, citado por Ferreira, 2013, p.38). Para que esse significado previsível ocorra a autora aponta alguns fatores observáveis na língua francesa

- as regras puramente semânticas podem ser aplicadas a diversas etapas de derivação de uma palavra construída, tornando o seu significado previsível menos aparente. Dessa maneira, as diversas categorias referenciais que *lunette* pode designar são todos os objetos relativamente pequenos com uma forma redonda, remetendo, portanto, à forma da lua, ou a qualquer objeto de forma redonda;

– por outro lado, a referência extralinguística de uma palavra, construída ou não, faz com que um mesmo significado previsível seja potencialmente suscetível de servir para a denominação de diversas categorias referenciais, criando, portanto, um efeito de heterogeneidade superficial. Apesar disso, não podemos afirmar que não haveria regularidades, mas sim adaptações pragmáticas (ou referenciais) desses significados linguisticamente previsíveis. (Corbin, 1991, citado por Ferreira, 2013, p.39).

Arraes (2006) apresenta como exemplo de palavra construída em português a palavra GRAFITEIRO onde a base é GRAFITE e pertence a categoria do substantivo. Já o sufixo é EIRO, GRAFITEIRO possui característica de agentivo, ou seja, se refere a quem pratica a ação, e mantém a categoria lexical da base que é substantivo. Logo, GRAFITEIRO é um artista que pinta superfícies por meio da técnica do GRAFITE. Esse agentivo se relaciona semântica e sintaticamente a alguns pares tais como: leiteiro (leite), verdureiro (verdura).

Na primeira fase do modelo Silex Corbin (1987, p. 18) discorre sobre a noção do “real lexical”. A pretensão da autora é reforçar a importância de considerar três níveis linguísticos para o estudo dessa noção. Nesse sentido, ela apresenta o real atestado que se refere ao que é tangível, o que pode ser observado e que se manifesta nos estudos lexicográficos das palavras de uma determinada língua; posteriormente menciona o nível real psicológico que trata da competência lexical do falante, das questões de metalinguística que auxiliam os falantes nos julgamentos a respeito das palavras, e, por fim, apresenta o real da língua que se refere às propriedades de cada língua e suas restrições.

Em meados de 1991, já em uma fase intermediária, o modelo Silex, considerado derivacional, assume seu caráter associativo. Dessa forma, o modelo passa a se basear na concepção de que “o significado de uma palavra construída é construído ao mesmo tempo em que a estrutura morfológica e composicionalmente a partir dessa estrutura, e a representação gramatical deve refletir essa construção simultânea da estrutura e do significado” (Corbin, 1991, p. 9, citado por Ferreira 2013, p.37). Para realizar uma análise descritiva a partir dessa perspectiva a autora salienta que é válido se livrar das falsas evidências observáveis, ou melhor, aceitar que a imagem do léxico refletida pela gramática não é o reflexo imediato do observável Corbin, (1991, citado por Ferreira, 2013, p.38).

Nessa fase Corbin (1987) estuda a forma acarretada pela palavra construída. A forma, segundo a autora, refere-se ao resultado da combinação de diversas operações complexas, onde dispositivos pós-derivacionais podem transformar a estrutura morfológica da forma modelada. A autora apresenta alguns desses dispositivos, sendo eles: a alomorfia, a truncação e a integração paradigmática. Não entraremos nesta questão, pois não temos a intenção de

explorar a Morfologia Construcional e seu modelo Silex, apenas discorrer, de forma sucinta, para servir de aporte básico para nossa escolha de análise pelo viés morfossintático.

Posteriormente, no período entre 1997 a 1999 Corbin apresentou o modelo ao qual nos filiamos para a descrição dos dados desta pesquisa, sendo este a Morfologia Construcional.com base no modelo Silex. O modelo foi assim denominado, pois engloba outros processos de construção de palavras para além dos processos derivacionais os quais temos conhecimentos sendo estes a composição, a reversão e a lexicalização de sintagmas.

Correia (2004) afirma que nesse período Corbin (1987) rompeu com os modelos de Morfologia Gerativista por defender que o estudo do significado das palavras construídas era mais importante que apenas o estudo das formas. Inicialmente, o modelo Silex propôs uma abordagem síncrona. Sendo assim, podemos dizer que “O léxico actual de uma língua é constituído por unidades lexicais construídas em épocas diferentes, ou que não apresentam hoje a mesma referência de que quando foram construídas” (Correia, 1999^a, p. 28 citado por Ferreira, 2013; p. 45).

O modelo Silex, aponta que as unidades lexicais possuem “sequência linguística associada ou associável de modo estável, fora de contexto, a um significado (referencial ou instrucional) e possui uma categoria tal que lhe permita ocupar, nos enunciados, uma posição de núcleo sintagmático” (Correia, 1999^a; p. 56 citado por Ferreira, 2013, p. 47). Essas unidades lexicais podem ser unidades simples, unidades complexas não construídas e unidades construídas.

Em se tratando das unidades simples podemos dizer que são aquelas que não possuem estrutura interna analisável. Podem servir de base para a construção de palavras complexas como, por exemplo; MATA, LUA, RUA, PRAIA, BAR. As unidades complexas não construídas se referem às palavras que, embora possuam estrutura interna formal e semântica, não remetem a nenhum paradigma e não possuem os requisitos necessários para delimitar qual será a base. (Ferreira, 2013 p.47).

Corbin (1987) apresenta como exemplo a unidade CARPETTE e demonstra que é possível separar a forma CARP e ETTE, todavia CARP não é utilizado para construir outras unidades lexicais. Não sendo, portanto, considerado uma base lexical. Logo, CARPETTE é considerado uma palavra complexa não construída. Em relação às unidades construídas podemos dizer que são aquelas que possuem estrutura interna e tem o significado previsível, como por exemplo os termos: DERMATITE; TROMBOSE; MIELINA.

O modelo Silex aponta que os processos morfológicos das unidades construídas acontecem por meio das seguintes operações morfológicas: afixação; conversão; composição;

processos deformacionais. Booij (2010, citado por Gonçalves e Almeida, 2014) defende que uma abordagem por meio da Morfologia Construcional possibilita tratar a relação entre os aspectos semânticos, sintáticos, morfológicos e lexicais, observando melhor as semelhanças de formação nos níveis da palavra e da frase.

Nesse sentido, a Morfologia Construcional consegue atender a proposta dos estudos morfológicos. O autor discorre que os esquemas morfológicos podem ser entendidos como padrões sintáticos gramaticais ou como expressões idiomáticas no nível da palavra. Em relação a aquisição da linguagem o autor defende que

- a) generalizações morfológicas não podem ser reduzidas ou compreendidas apenas por meio da sintaxe ou da fonologia, ou seja, existe uma gramática morfológica relativamente autônoma, apesar de integrada aos demais níveis linguísticos, num continuum léxico-sintaxe;
- (b) novos itens criados com base em esquemas abstratos são acrescentados ao léxico e podem apresentar propriedades idiossincráticas e/ou convencionalizar-se. (Booij, 2010, citado por Gonçalves e Almeida, 2014, p.178).

Dessa forma, precisamos entender que o significado não se refere apenas a função composicional das partes dos constituintes, mas é o resultado da relação entre palavras de mesma complexidade. As relações do eixo paradigmático entre as unidades construcionais demonstram que é necessário que o falante de uma dada língua se expresse de maneira flexível em relação à interpretação de unidades complexas. O processo de formação e de significado de uma unidade lexical se constrói de forma bidirecional e não, exclusivamente, por regras. (Gonçalves; Almeida, 2014).

2.3.5 Aspecto Sintático

Retomando os aspectos linguísticos da Libras apresentamos aqui o aspecto sintático que se refere ao estudo da ordem dos constituintes dentro da sentença e suas combinações sintáticas. Na Libras, considerando o contexto comunicativo, essa organização dos constituintes acontece de forma espacial. Para ocorrer a combinação dos elementos que compõem um sinal deve haver uma forma-base que se associa a processos derivacionais como os de nominalização, formação de compostos e incorporação cuja raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização.

Sobre o uso do espaço Quadros e Karnopp (2004), afirmam que é no espaço que os sinais são realizados, ainda pontuam que no processo comunicativo é fundamental a marcação desse espaço à frente do sinalizador para o estabelecimento de referências dentro do discurso.

Quando o referente não for real é necessário estabelecer o espaço marcando um referente abstrato. As autoras afirmam que a locação do sinal pode ser referido a partir de alguns mecanismos tais como: realizar o sinal em um espaço particular; direcionar a cabeça e os olhos para um ponto específico; utilizar apontação antes da realização do sinal; utilizar um pronome em um determinado espaço; utilizar classificador em um determinado espaço e utilizar um verbo direcional (Quadros e Karnopp, 2004). Esses mecanismos auxiliam na compreensão da sentença.

Fischer (1975) e Liddel (1980) foram pioneiras das pesquisas relacionadas ao aspecto sintático das línguas de sinais. As autoras defendem que a ordem dos constituintes em *American Sign Language*- ASL é Sujeito-Verbo-Objeto-SVO. Fischer (1975) discorre sobre alteração prosódica marcada por pausas ou marcas não manuais, também chamadas de Expressões Não-Manuais, e aponta que uma possível mudança na ordem básica dos constituintes será decorrente dessa alteração prosódica.

Liddel (1980) concorda que a marca de tópico causa alteração na ordem subjacente. Embasadas nas pesquisas linguísticas em ASL, estudiosos da Libras foram desenvolvendo suas pesquisas em relação à Sintaxe dessa língua. Um dos primeiros trabalhos sobre a Sintaxe da Libras que se tem registro é a Dissertação de Maria Inês Cossermelli Namura, orientada por Ferreira-Brito (2010[1995]) e intitulada: “A Ordem Sintática e a Repetição na Língua de Sinais.” Naruma (1982) investigou a estrutura das línguas de sinais, tais como: a formação das frases e influência da repetição dos sinais na modificação ou para enfatizar a mensagem.

A ordem padrão dos constituintes nas construções em Libras é, assim como em algumas línguas orais, no caso o português, Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), porém, outras possibilidades de ordens também acontecem como, por exemplo; Objeto-Sujeito-Verbo (OSV); Verbo-Objeto-sujeito (VOS) e Sujeito-Objeto-Verbo (SOV). Quadros e Karnopp (2004) também afirmam que, ao analisarem a estrutura frasal em Libras, observaram que a ordem dos constituintes dentro da sentença é Sujeito-Verbo-Objeto – SVO, mas identificamos que outras estruturas são mais comuns, como a topicalização, ou seja, o objeto colocado como tópico, como por exemplo: PAULO, MARIA GOSTA, onde o sujeito é MARIA, o verbo é GOSTA e o objeto é PAULO. Nesse caso, PAULO é inserido, topicalizado, no início da sentença.

A partir de uma pesquisa envolvendo a formação frasal da Libras, Quadros e Karnopp (2004) concluíram que os dados apresentados indicam que a ordem básica da Libras é SVO e que OSV, SOV e VOS são ordenações derivadas de SVO. Assim, as mudanças de ordens resultam de operações sintáticas específicas associadas a algum tipo de marca, como por

exemplo, a concordância e as marcas não-manuais. Para que ocorra a gramaticalidade da sentença o uso de expressões faciais é necessário e essas expressões são reconhecidas como marcadores não-manuais. Os marcadores não manuais têm a função de complementar a construção de algumas sentenças como as negativas, interrogativas, afirmativas, condicionais, relativas, topicalizadas e com foco (Quadros; Karnopp, 2004).

De forma sucinta, discorreremos sobre o aspecto sintático sem pretensão de esgotar a explanação uma vez que nosso objetivo de pesquisa é o aspecto morfológico do fenômeno Classificador e suas construções. Todavia o aspecto sintático contribuiu para identificação dos Classificadores e suas construções, pois a análise da disposição dos Classificadores nas sentenças possibilitou identificar qual tipo ou Construção Classificadora ocorreu e qual formação para realização do classificador: composto aglutinado, justaposto ou derivacional concatenado.

2.3.6 Aspecto Semântico e Pragmático

Em relação ao aspecto Semântico-Pragmático é preciso entender que, por se tratar de língua distinta, com estrutura própria e canais de comunicação muito diferentes das línguas orais, nem toda palavra dita ou escrita em português terá o mesmo correspondente em Libras, por, pelo menos, dois motivos: o primeiro é que o sentido/significado empregado na língua oral não corresponde, necessariamente, ao mesmo sentido/significado do sinal referente a essa palavra dentro do contexto que ela foi empregada. Já o segundo motivo é que nem toda palavra de uma língua tem referente em outra.

Nesse sentido, o significado linguístico do enunciado em Libras é influenciado pelos aspectos sintáticos. De acordo com Silva (2006), a classe dos verbos, por exemplo, é bastante influenciadora das relações semânticas da língua. Tal fato dá-se diante da importância do conhecimento do sentido do verbo para entender o seu comportamento, e, conseqüentemente, prever as suas propriedades sintáticas. A autora relata que as propriedades sintáticas e semânticas de um verbo, em Libras, determinam o comportamento deste, sendo a diferença de comportamento percebida de acordo com os elementos dêiticos.

O aspecto Semântico-Pragmático está relacionado ao significado e sentido do sinal. Para que se estabeleça essa relação significado/sentido é preciso que essa análise seja feita considerando o contexto. Um mesmo sinal pode ter significado diferente e isso dependerá da construção feita pelo sinalizante. O sinal dos substantivos SÁBADO e LARANJA é um desses casos, ambos os sinais são realizados a partir dos mesmos parâmetros; mão em 8

vertical, palma para esquerda na frente da boca, abrindo e fechando a mão rapidamente, todavia o que vai evidenciar se o sinalizante está se referindo ao dia da semana ou a fruta serão os termos que antecedem ou sucedem esses sinais. A seguir, na figura 35, temos a realização do sinal para LARANJA e SÁBADO:

Figura 35: sinal para LARANJA e SÁBADO



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.1354 e 1963)

Fiorin (2010) defende que a verdade de uma sentença está relacionada com a circunstância em que ela é apresentada. Sendo assim, percebemos que para uma análise Semântica- Pragmática ser realizada se faz necessário entender e relacionar esse nível aos demais níveis linguísticos, tais como: o fonético-fonológico, o morfológico e o sintático, e isso se deve a relação de interdependência entre esses níveis em uma dada língua. Em Libras essa interdependência também se estabelece. Inclusive trouxemos essa percepção durante nossa pesquisa.

Segundo Silva (2006), os níveis sintáticos e morfológicos estão diretamente ligados ao nível semântico. A autora cita a classe dos verbos para exemplificar essa relação em Libras, pois nessa classe há uma influência dos níveis sintáticos e morfológicos nas construções semânticas da língua, isso acontece porque é preciso entender o sentido e o comportamento do verbo para consequentemente predizer as suas propriedades sintáticas. Dessa forma, a Libras pode ser estudada a partir de seus elementos mínimos, seus processos de organização e sua complexa estrutura interna, podendo ainda ser analisada por meio de seus níveis linguísticos e suas inter-relações.

Uma vez percorrido sobre a estrutura das línguas de sinais, em especial a Libras, perpassarmos pelos níveis linguísticos dessa língua e concordar com as inter-relações entre eles, explanarmos, na próxima seção, sobre os Classificadores. Considerado o aspecto morfológico da Libras discorreremos sobre os Classificadores e suas construções como fenômeno de formação de sinais.

3-CLASSIFICADORES COMO FENÔMENO DE FORMAÇÃO DE SINAIS

Nesta seção tratamos sobre os Classificadores na Libras fazendo um adendo sobre a existência desse fenômeno também nas línguas orais, todavia sem a pretensão de comparar. Trouxemos a definição de classe e de classificação para melhor compreendermos o que vem a ser um classificador. Apresentamos as definições de Classificador elaboradas por alguns autores tais como: Allan (1977); Faria-Nascimento (2009); Ferreira-Brito (2010 [1995]); McDonald (1982); Passos (2014); Pimenta e Quadros (2009); Quadros e Karnopp (2004); Strobel e Fernandes (1998) e Supalla (1986). Ainda nesta tratamos sobre a característica icônica dos Classificadores apresentando alguns exemplos. Na sequência explanamos sobre os quinze tipos de Classificadores identificados em nossas leituras. Ainda nessa seção apresentamos as dezoito Construções Classificadoras observadas a partir das funções desempenhadas pelos Classificadores dentro das sentenças.

3.1 Classificadores na Libras

Antes de adentrar no estudo sobre os Classificadores em Libras gostaríamos de registrar que estes não são uma exclusividade das línguas de sinais, Pinheiro (2022) afirma que

sua presença é marcante tanto nas línguas da Ásia Oriental (coreana, chinesa, vietnamita, malaia, birmanesa e tailandesa), incluindo-se aqui as línguas aborígenes australianas (Yidiny e Murrinh Patha), quanto nas línguas indígenas das Américas, Noroeste do Pacífico e da bacia Amazônica (Yagua), (Pinheiro, 2022, p.15).

A autora afirma que Lyons (1977) foi pioneiro nos estudos sobre Classificadores nas línguas orais, sobretudo, os Classificadores numéricos presentes nas línguas vietnamitas e malaia. Pinheiro (2022) menciona ainda Allan (1977) que se debruçou nos estudos linguísticos dos Classificadores e conclui que “dependendo da gramática de cada língua, podem se manifestar tanto em termos de morfemas presos (afixos) quanto livres (palavras), abrindo portas para pesquisas ainda mais detalhadas e esclarecedoras” (Pinheiro, 2022, p.16).

Allan (1977) também é citado por Ferreira-Brito (2010[1995]) como um autor que defende que os Classificadores podem representar nome, adjetivo, advérbio de modo ou locativo, mas ressalta que é no verbo ou no adjetivo que eles se incorporam sendo identificados no sintagma verbal ou no predicado. “...um classificador é concatenado com um quantificador, demonstrativo ou predicado para formar um elo que não pode ser interrompido por um nome que ele classifica”. (Allan, 1977, p. 288 citado por Pinheiro, 2022, p.52).

Para Allan (1977), o Classificador tem significado, uma vez que representa características percebidas ou atribuídas da entidade à qual o nome associado se refere.

Sobre o termo CLASSIFICADOR-CL identificamos, em nossas leituras, que

Os primeiros registros relacionados ao termo CL são encontrados nas gramáticas ocidentais das línguas mesoamericanas e do leste asiático dos séculos XVI e XVII. No entanto, por muito tempo, tinham interesse periférico na teoria linguística convencional até o final do século XX. Alguns estudos do século XX dizem que os CLs são importantes para o entendimento de noções-chave em linguística, tais como, as funções de categorias gramaticais em que ocorrem a distinção entre gramática e léxico (Pinheiro, 2022, p.25).

Grinevald (2003, citado por Pinheiro, 2022, p.31), em seu estudo, ressalta que o termo CL é utilizado para agrupar seres ou itens lexicais com a mesma familiaridade. Nesse sentido, é compreendido como um morfema lexical, assumindo, dessa forma, uma função morfossintática. Para uma melhor compreensão do termo CLASSIFICADOR definiremos os termos CLASSE e CLASSIFICAÇÃO na perspectiva de Abbagnano (2003): “Pode-se definir uma classe enumerando os membros que a compõem (definição extensiva) ou indicando a propriedade comum de todos os seus membros (definição intensiva), como quando se fala do "gênero humano" ou dos "habitantes de Londres” (Abbagnano, 2003, p. 146).

Nesse caso estamos tratando das classes gramaticais que, em português, são organizadas basicamente nas seguintes classes gramaticais: substantivo, verbo, adjetivo, pronome, artigo, numeral, preposição, conjunção, interjeição, advérbio. Em relação a classificação Abbagnano (2003) define como

Operação de repartir um conjunto de objetos (quaisquer que sejam) em classes coordenadas ou subordinadas, utilizando critérios oportunamente escolhidos. Como o conceito de classe é generalíssimo e compreende todo e qualquer conceito sob o aspecto da extensão é igualmente generalíssima e pode compreender qualquer procedimento de divisão, distinção, ordenação, coordenação, hierarquização, etc (Abbagnano, 2003, p. 176).

A partir dessas definições apresentadas por Abbagnano (2003) e Pinheiro (2022) é possível denominar essa categoria que representa, com detalhes específicos, descrevendo pessoas, animais, situações e objetos, bem como sua movimentação ou localização, ou é utilizada no lugar do nome, quando o objeto não tem sinal específico, como Classificador e definí-la como uma unidade morfêmica-lexical simples com uma unidade semântico- sintática complexa. Trata-se de um grupo de sinais utilizados para representar seres, coisas, situações e lugares que na maioria das vezes não possuem sinal específico, mas também se apresentam como parte do discurso, sendo geralmente icônicos.

O Classificador é uma unidade mínima dotada de significado que compõe um sinal ou um item lexical; (Faria-Nascimento, 2009; p. 116). Ainda de acordo com Faria-Nascimento (2009) o Classificador é então

[...] um tipo de morfema livre com grande informação semântica e que, por isso, representa ora um sintagma nominal, ora sintagma verbal com alto poder ajuste pragmático. Apesar das controvérsias, não se tem dúvida de que os CLs são constituintes com função gramatical. (Faria-Nascimento, 2009, p. 116).

O Classificador pode ser utilizado para atribuir qualidade a alguma coisa, como por exemplo: dizer que um objeto é arredondado, quadrado, com listras entre outras características. Nesse caso a linguística entende que o fenômeno é de adjetivação descritiva, mas concebendo o que seja um Classificador conseguimos vislumbrá-lo no exemplo acima. Para estudiosos um Classificador é uma forma que existe em número restrito em uma língua e estabelece um tipo de concordância. Salientamos que a ocorrência de um Classificador acontece, assim como na formação de um sinal, por meio da junção dos parâmetros.

Strobel e Fernandes (1998) definem Classificador como

uma forma que estabelece um tipo de concordância em uma língua. Na LIBRAS, os classificadores são formas representadas por configurações de mão que, substituindo o nome que as procedem, podem vir junto de verbos de movimento e de localização para classificar o sujeito ou objeto que está ligado à ação do verbo (Strobel; Fernandes, 1998, p. 27).

Ferreira-Brito (2010[1995]), p.101) afirma que nas línguas de sinais o uso de Classificadores é frequente, explorando morfologicamente o espaço multidimensional em que se realizam os sinais e isso acontece devido sua característica visu-espacial.

Os CLs são morfemas que existem em línguas orais e línguas de sinais. Entre as primeiras, as línguas orientais são as que mais apresentam CLs. As línguas de sinais, talvez por serem línguas visuais fazem uso frequente de vários tipos de CLs, explorando também morfologicamente o espaço multidimensional em que se realizam os sinais”. (Ferreira-Brito, 2010 [1995], p.102).

Ferreira-Brito (2010 [1995]) defende que o Classificador “é, pois, um morfema afixado a um tem lexical, atribuindo-lhe, assim, a propriedade de pertencer à determinada classe” (Ferreira-Brito, 2010 [1995], p.101). A autora ainda registra que um mesmo referente pode ser representado por mais de um Classificador. Sendo assim, entendemos que os Classificadores são reconhecidos como elementos que descrevem, reproduzem a forma, o movimento e a relação espacial do elemento representado, contribuindo para significação no processo comunicacional. Os Classificadores “[...] têm distintas propriedades morfológicas, são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação da mão podem especificar as qualidades de um referente.” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 93).

Os Classificadores têm função de marcadores de concordância que podem aparecer substituindo o nome que os precede, pode vir junto ao verbo para classificar os sujeitos ou o objeto que está ligado à ação do verbo. Os Classificadores são afixos incorporados ao radical verbal ou nominal. Ainda podem ser considerados marcadores de pessoa, animal e coisa. Os Classificadores para pessoa e animal podem ter plural, que é marcado ao se representar 2 pessoas ou animais simultaneamente com as duas mãos fazendo um movimento repetido em relação ao número.

De acordo com Passos (2014)

O classificador é uma palavra ou morfema utilizado em algumas línguas de sinais para classificar o referente de um substantivo de acordo com seu significado. Os classificadores indicam alguma característica perceptível da entidade à qual se referem, como por exemplo, aspecto físico, tamanho, forma, animação, função, papéis sociais e a forma de interação. (Passos 2014, p. 26).

Mc Donald (1982) tratando de Classificadores em ASL discorre que são morfemas que se ligam aos verbos de movimento e de localização representando o movimento ou localização do objeto. Na Libras, o Classificador também é entendido como uma representação dessa língua de sinais utilizado na formação dos sinais que mostra claramente detalhes específicos permitindo a descrição, bem como a movimentação ou localização de pessoas, animais, situações e objetos a serem representados.

Supalla (1986) complementa a explanação de Mc Donald (1982) afirmando que o uso de Classificadores nas línguas de sinais além de relacionar-se a Verbos de Movimento e de localização, tem, na forma da mão, a informação de qual classe o objeto que está envolvido no evento pertence. A forma da mão utilizada para expressar qualquer uma destas construções é o que funciona como classificador, ou seja, mãos e corpo são utilizados como articuladores para indicar o referente ou o agente da ação.

Além disso, o autor discorre que a escolha de Classificadores é influenciada pelas características visuais do referente e as construções desses Classificadores são utilizadas para expressar posição, descrever tamanho e forma, reproduzir manualmente os objetos, dentre outros. Supalla (1986) identifica na ASL cinco grupos de Classificadores, os quais ele compara, categoriza e enumera, a saber: especificadores de tamanho e forma, Classificadores Semânticos, Classificadores Corporais, que chamamos de Classificadores e Corpo, e Classificadores Instrumentais.

Já em Libras, de acordo com Ferreira-Brito (2010 [1995]) os Classificadores mais produtivos são os ‘X-tipo de objeto’ e ‘segurar X-tipo de objeto’, sendo o primeiro caso

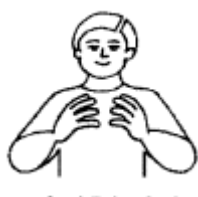
subdivido em quatro tipos: CL-Y: Classificador Configuração de Mão em Y, CL-B: Classificador Configuração de Mão em B, CL-G: Classificador Configuração de Mão em G, CL-F: Classificador Configuração de Mão em F.

Pimenta e Quadros (2009, p.82) define Classificador como uma “configuração de mão geral que pode substituir vários sinais de uma determinada categoria”, ou seja, são recursos linguísticos que servem para descrever pessoas, animais e objetos e para indicar a movimentação ou a localização de pessoas, animais e objetos, podem ser realizados em pontos específicos do espaço, assim como os sinais específicos, ou serem usados incorporando os pontos por meio de movimentos, assim como alguns sinais.

De acordo Pimenta e Quadros (2009, p.66) “existem grandes diferenças e inúmeras possibilidades na forma de sinalizar em Libras, seja com os sinais, com os Classificadores, com mímica ou ainda mesclando-se dois ou mais desses elementos”. Nesse sentido, podemos citar como exemplo a sinalização do referente BOLA. Há um sinal básico para BOLA que pode ser alterado por um sinal classificador para especificar o tipo, a forma e o tamanho da bola a que o sinalizante se refere. A BOLA pode ser de vôlei, futebol, basquete, entre outros tipos de bola, conforme pode ser identificado nas imagens a seguir:

O sinal para BOLA é realizado com mãos em concha, palmas voltadas uma para a outra e dedos curvados, assumindo a forma redonda da bola. Conforme podemos observar na figura a seguir:

Figura 36: sinal para BOLA



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.417)

Já o sinal para BOLA DE VÔLEI é realizado com as mãos na vertical, fechadas e palma a palma, dedos indicadores e polegares distendidos e curvados representando o modo como se pega em uma bola de vôlei de acordo com as regras do jogo. Veja na figura 37 como é realizado o sinal para BOLA DE VÔLEI:

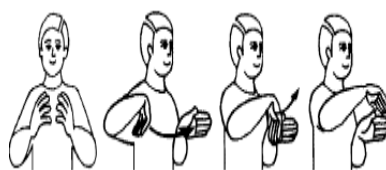
Figura 37: sinal Classificador para BOLA DE VÔLEI



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.417)

Para a realização do sinal BOLA DE FUTEBOL, as mãos são posicionadas na vertical e abertas, palma a palma, os dedos separados e levemente curvados. Na sequência realiza-se o sinal para CHUTAR/CHUTE; mão esquerda horizontal aberta, palma para a direita, enquanto mão direita se mantém aberta e na vertical com os dedos para baixo, palma para a direita, batendo o dorso dos dedos direitos na palma da mão esquerda, Conforme podemos observar na figura a seguir:

Figura 38: sinal Classificador para BOLA DE FUTEBOL



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.417)

E, por fim, temos a descrição da realização do sinal para BOLA DE BASQUETE: mão dominante aberta com a palma para baixo, na altura da cintura, mover a mão para baixo e para cima com movimentos rápidos. Em seguida, mãos abertas com a palma da mão esquerda para trás enquanto a palma da mão direita está para frente na altura do ombro direito, movê-las para frente e para cima. O Dicionário Trilíngue (Capovilla; Raphael,2001) apresenta outra possibilidade de nome para essa descrição: BOLA AO CESTO, conforme a figura a seguir:

Figura 39: sinal Classificador para BOLA DE BASQUETE



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.418)

Ao vislumbrar as possíveis descrições para BOLA contidas no Dicionário Trilíngue pudemos identificar outras possibilidades como: BOLA DE CRISTAL, BOLA DE PINGUE-PONGUE e BOLA DE SORVETE (Capovilla; Raphael, 2001). Essa percepção nos leva a compreender que para o referente BOLA há um sinal base, mas há também sinais Classificadores a depender da função da bola e que esses sinais serão escolhidos de acordo com o contexto de fala do sinalizante de Libras. Essa escolha fará com que o receptor compreenda de qual bola ou até mesmo a qual esporte o emissor está se referindo.

Ferreira-Brito (2010 [1995]) defende que os Classificadores podem ser partes dos verbos em uma sentença, nesse caso, esses verbos são chamados Verbos de Movimento ou verbos de localização. Trata-se de um grupo de sinais utilizados para representar seres, coisas, situações e lugares que na maioria das vezes não possuem sinal específico, mas também se apresentam como parte do discurso, sendo geralmente icônicos. Ferreira-Brito (2010 [1995]) aborda que

em uma narrativa, os Classificadores podem mostrar a relação espacial entre pessoas e coisas. O sinal ACIDENTE pode ilustrar essa relação: O Classificador para objetos longos e finos, incluindo pessoas em pé, é realizado com a mão esquerda em G, extremidade do indicador voltada para cima; o veículo representa-se com a mão direita em B, palma para baixo e extremidade dos dedos para a esquerda, a qual se aproxima da mão esquerda. No momento da colisão o Classificador: B é substituído por (V com três pontos) que toca com retenção forte o dedo indicador da mão esquerda que continua em G. (Ferreira-Brito (2010 [1995], p.106).

Nesse caso, podemos identificar que o acidente se trata de um atropelamento. Veja que a mão em G é um Classificador para PESSOA enquanto a mão em B é um Classificador para CARRO que, ao colidir com a pessoa, se modifica para Configuração de Mão em V.

O Dicionário Trilíngue ainda nos apresenta outra possibilidade de realização para o sinal ACIDENTE, que também é realizado a partir de Classificador, quando relacionado a colisão: Mãos em S horizontal, palma a palma. Mover as mãos alternadamente para cima e para baixo em arcos. Em seguida, realizar o sinal para BATER/BATIDA/COLISÃO: Mão esquerda vertical aberta, palma para a direita; mão direita em S horizontal, palma para trás, lado a lado. Bater a mão direita com força na palma esquerda, (Capovilla; Raphael, 2001). Nesse caso fica evidente tratar de uma colisão entre dois carros ou um carro com algum objeto.

Nos exemplos apresentados é possível identificar que o referente ACIDENTE é um sinal Classificador e o tipo de acidente é compreendido não só apenas pelos Classificadores utilizados, mas pela organização desses Classificadores dentro das sentenças, ou seja, é por

meio das Construções Classificadoras articuladas com os demais sinais dentro da sentença que podemos diferenciar o tipo de acidente. São as Construções Classificadoras que dão conta da gramaticidade da sentença e atribui sentido a ela. A figura a seguir apresenta como é realizado o sinal para ACIDENTE quando se refere a uma colisão entre dois carros, ou entre o carro e algum objeto, conforme Capovilla; Raphael (2001):

Figura 40: Sinal para ACIDENTE 1



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.157)

Temos, ainda, outra descrição para o sinal de ACIDENTE: mão com configuração em Y, palma para trás, em seguida bater a mão no queixo. Esse sinal é utilizado para se referir a acidente de forma geral, como por exemplo; um acontecimento inesperado, que pode ou não envolver dano ou perda. Essa possibilidade de sinalização comprova que o sinal para ACIDENTE possui caráter de Classificador, pois caso o acidente seja específico podemos, ao realizar o sinal, incorporar um item lexical ao outro como foi o caso de ACIDENTE DE CARRO e ATROPELAMENTO, explicitado anteriormente. A seguir apresentamos como é realizado o sinal para ACIDENTE de forma genérica:

Figura 41: Sinal para ACIDENTE 2



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.157)

Baker e Cokely (1980) observam que a orientação da palma da mão é um fator muito importante. A palma da mão em V orientada para o corpo do emissor e com as pontas dos dedos estendidas para baixo representa uma pessoa andando, porém, se a palma da mão estiver orientada para o corpo do destinatário ou para fora ou para a esquerda e com as pontas

dos dedos estendidas para cima representa duas pessoas paradas ou andando uma ao lado da outra.

Segundo Baker e Cokely (1980), os Classificadores podem referir-se a entidades no singular ou no plural. O Classificador CM-G representa o referente no singular, posto que se refere a uma única entidade, enquanto a mão em V representa um dual, ou seja, refere-se a duas entidades. Alguns Classificadores podem ser utilizados no processo de pluralização a partir do uso de ambas as mãos simultânea ou alternadamente; e pela sua repetição atribuindo cada vez uma localização ao Classificador, como por exemplo, os sinais ENCONTRAR-SE e DESENCONTRAR-SE, onde o Classificador CM-G, com as duas mãos representa duas pessoas. O movimento e a direcionalidade marca se é um encontro ou um desencontro.

Em alguns casos os Classificadores se referem ao objeto ou ser como um todo, outras vezes se refere apenas a uma parte ou característica do ser. Os Classificadores são potencializadores da comunicação em Libras, pois “ajudam a construir sua estrutura sintática, com recursos corporais que possibilitam relações gramaticais altamente abstratas” (Honora; Frizanco, 2010, p.29). Pimenta e Quadros (2006) reconhecem os Classificadores como ferramentas de reprodução das formas, os quais contribuem para que a mensagem transmitida se torne mais nítida e compreensível, pois, essa reprodução da forma aliada à sua relação com o movimento espacial é fundamental nas línguas de sinais.

Quadros e Karnopp (2004) definem os Classificadores como um sistema pertencente ao léxico inicial da Libras, e está extensivamente envolvido no processo morfológico de formação lexical. Isso devido ao fato de que os Classificadores têm papel preliminar na formação dos sinais, pois, com o passar do tempo, diversos Classificadores passam pelo processo de lexicalização e se tornam sinal. Dessa forma, os Classificadores podem ser considerados como potencializadores da comunicação em Libras. De acordo com Honora e Frizanco (2009) os Classificadores ajudam a construir sua estrutura sintática, por meio do uso do corpo possibilitando relações gramaticais abstratas. Nesse sentido, podemos pensar essas construções no campo da morfossintaxe.

Ao utilizar os Classificadores como recursos linguísticos o falante de Libras torna sua comunicação mais rápida e ágil, isso se deve ao fato de que o uso de Classificadores contribui na construção sintática do sinal por meio do uso do corpo que permitem relações gramaticais abstratas. A maioria dos Classificadores é icônico devido à semelhança entre a realização desse Classificador e o objeto, pessoas ou coisa que ele representa, seja em sua forma ou tamanho. Um Classificador pode representar um objeto ou parte dele e ainda pode representar características do ser (Ferreira-Brito, 2010 [1995]). Os Classificadores indicam alguma

característica perceptível da entidade à qual se referem, como por exemplo, aspecto físico, tamanho, forma, animação, função, papéis sociais e a forma de interação.

Tratando-se da perspectiva morfológica Faria-Nascimento (2009, p.117) discorre que os Classificadores são realizados pelos mesmos parâmetros de uma unidade lexical que tenha um sinal base, ou seja, são realizados a partir da junção da CM, OP e PA acrescido das ENMs. A diferença está nos papéis que o Classificador ocupa dentro da sentença, podendo ser descritivo e especificador ou sintático-semântico. Já considerando a perspectiva sintática o Classificador pode representar toda uma sentença ou parte dela e pode manifestar-se com Classificador Nominal ou Classificador Verbal, sendo o Classificador Nominal compreendido como Classificador Descritivo.

3.2 A característica icônica dos Classificadores

O Classificador é uma representação da Libras utilizado na formação dos sinais que mostra detalhes específicos, permitindo a descrição, bem como o movimento ou localização de pessoas, animais, situações e objetos a serem representados. Ferreira-Brito (2010[1995]) por sua vez, aponta que os Classificadores geralmente são icônicos em seu significado pela semelhança entre a sua forma ou tamanho do objeto a ser referido. Faulstich (2007), por sua vez, discorre sobre iconicidade:

“[...]a iconicidade é um fenômeno que aparece ligado à forma, visto que o movimento que descreve a configuração das mãos é entendido como um indicativo para a realização do sinal e daí a relação entre forma e ícone. O que queremos postular é que a iconicidade em libras é um fenômeno de cognição, posto que uma *palavra* em Libras [...] é um signo complexo, e a significação é um processo que se dá em cadeia de interpretantes de diferentes tipos” (Faulstich, 2007, p. 155)

Todavia, Quadros e Karnopp (2004) destaca que as línguas de sinais são arbitrárias “as palavras e sinais apresentam uma conexão arbitrária entre forma e significado, o que significa que, dada a forma, não é possível prever o significado, e dado o significado, não é possível prever a forma” (Quadros e Karnopp (2004,p.26). Essa discussão sobre iconicidade e arbitrariedade das línguas de sinais, nesse caso específico a Libras é complexo.

Por outro lado, Friedman (1997, citado por Wilcox, 2000, p. 38) trata da ASL e defende que, não somente nessa língua de sinais, mas em outras, a iconicidade e os mecanismos fonológicos e gramaticais icônicos são demasiadamente padronizados. Considerar a iconicidade dessa modalidade de língua não significa falta de padronização, e

sim o oposto: a modalidade gestual/visual das línguas de sinais aproveitam os estímulos visuais que a língua fornece.

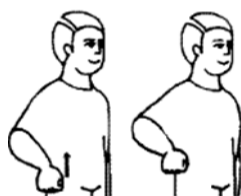
As LS utilizam o espaço e dimensões para transmitir seus mecanismos linguísticos e semânticos, sendo percebidas visualmente devido à sua codificação espacial-visual. Isso faz com que apresentem frequentemente formas icônicas que tentam reproduzir visualmente o referente. (Scapolan, 2023, p. 51)

Para Ferreira-Brito (2010 [1995]), o caráter icônico de um termo é mais evidente nas línguas sinalizadas do que nas línguas orais e isso ocorre devido à concretude e tangibilidade do espaço em que os sinais são realizados. A autora exemplifica essa iconicidade apresentando o uso da Configuração de Mão em S que, de acordo com ela é utilizada comumente para sinais que representam um objeto que é segurado com as mãos como acontece com o sinal para MALA, CARRO ou VASSOURA. Ou seja, para a realização de sinal icônico observa-se que um traço característico da ação ou objeto é escolhido para representar o referente.

Aqui há uma ressalva: ao verificar a descrição dos sinais exemplificados acima identificamos que o sinal classificador para MALA é realizado, de acordo com o dicionário de referência, pela Configuração de Mão em A. Todavia a Configuração de Mão utilizada pela autora para se referir a MALA pode ser um fenômeno de variação linguística o que não afeta a definição de iconicidade. Se observarmos mais atentamente podemos ainda supor que haverá um sinal Classificador para cada tipo de mala, como por exemplo; mala de rodinhas.

No exemplo apresentado pela autora, conforme a descrição do sinal, identificamos um sinal Classificador para MALA DE MÃO: mão em CM-A invertido, palma para a esquerda, ao lado do corpo, mover a mão, ligeiramente, para cima. A seguir temos a figura 42 que nos apresenta a realização do sinal para MALA:

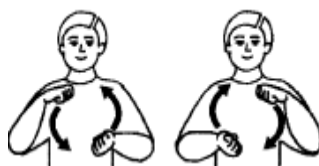
Figura 42: sinal Classificador para MALA



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p.1437)

O sinal para CARRO é realizado com as mãos em S, na horizontal, palma a palma, movendo as mãos alternadamente para cima e para baixo em semicírculos. O sinal para CARRO pode ser conferido na figura a seguir:

Figura 43: Sinal para CARRO



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p. 523)

Para a realização do sinal VASSOURA as mãos tomam forma de S, palma, a palma, mão direita sobre a mão esquerda, do lado direito do corpo, mover as mãos para baixo e para a esquerda, duas vezes em referência a ação de varrer, conforme podemos observar na figura 44, a seguir:

Figura 44: sinal para VASSOURA



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p. 2207)

O dicionário informa que esse sinal é formado por um morfema metafórico molar que representa o comportamento humano em relação às ações referentes à limpeza e preparo de alimentos. Para exemplificar os autores mencionam os seguintes sinais: RODO, FORNO, SACOLA, FÓSFORO, ROLO DE MACARRÃO, REPARTIR, INGERIR, MASTIGAR, MISTURAR, ROER, CHUPAR, FATIAR e FRITAR.

Veja em ANDAR DE BICICLETA que o sinal realizado é icônico, nesse sentido o parâmetro Movimento realizado pelas mãos imita o movimento circular dos pedais. Veja também que, nesse caso, se trata, não apenas de um sinal Classificador, mas de uma Construção Classificadora onde o verbo de movimento é incorporado ao objeto. Nesse sentido, o sinal é realizado por meio do fenômeno de incorporação. Destacamos que a diferença entre categorizar o Classificador como tipo ou como construção é estabelecido pela sentença. Ao realizarmos uma análise morfossintática identificamos que o referente BICICLETA trata-se de um sinal Classificador do tipo instrumental, pois o sinal Classificador representa a forma como se utiliza esse meio de transporte.

Se analisarmos o sinal dentro de uma sentença, como por exemplo; ANDAR DE BICICLETA, temos uma Construção Classificadora onde o verbo ANDAR é incorporado ao

item lexical PEDAL e o movimento sofre alteração realizado de modo contínuo. Na figura a seguir temos a realização do sinal para ANDAR DE BICICLETA ou para BICICLETA:

Figura 45: Sinal para ANDAR DE BICICLETA e para BICICLETA



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p. 2207)

Conforme apresentado por Supalla (1986) afirma que tanto a mão de quem sinaliza quanto um instrumento pode ser utilizado para fazer referência ao tipo de instrumento que atua sobre o objeto. Já ao analisarmos pelo viés morfossintático observamos a intensificação no parâmetro Movimento demonstrando que alguém está “andando de bicicleta”. Nesse caso o verbo ANDAR é incorporado ao instrumento PEDAL.

Pinto (2019), afirma que os sinais icônicos são sinais visualmente parecidos com os “gestos” que estamos acostumados a fazer em nosso dia a dia com qualquer pessoa, sem mesmo saber, os quais são utilizados em Libras. Apesar de serem conhecidos em boa parte do mundo, não são considerados sinais universais, mas transmitem o que estamos habituados.

3.3 Tipos de Classificadores em Libras

Aikhenvald (2003 citado por Pinheiro, 2022) investigou cerca de 500 línguas a fim de identificar se essas línguas eram classificadoras. A autora identificou vários tipos de Classificadores e que um mesmo morfema pode ocorrer em contextos distintos. Para ela a maioria dos Classificadores são semânticos com ênfase em apresentar o uso, as funções e as aquisições, mas pode se apresentar com a função pragmática auxiliando na organização do discurso.

Os estudos tipológico-sistemáticos de classificadores ainda são recentes, visto que tiveram início apenas há cerca de duas décadas. Tais pesquisas dividem-se em duas categorias: uma voltada às tentativas de criar um quadro tipológico geral e outra voltada aos estudos de tipos individuais. (Aikhenvald, 2000 citado por Pinheiro, 2022, p.36).

Identificar as classes gramaticais de uma dada língua e nomeá-las a fim de que o pesquisador possa recorrer a essas classes para realizar estudos de natureza descritiva é relevante. Nesse sentido, consideramos ser oportuno, para descrever os Classificadores identificados nos vídeos analisados, categorizarmos esses Classificadores em tipos ou Construções Classificadoras.

Suppalla (1986) descreve, compara, categoriza e enumera cinco grupos de Classificadores, identificados na ASL, a saber: Especificadores de tamanho e forma, Classificadores Semânticos, Classificadores Corporais e Classificadores Instrumentais, sendo que os Classificadores Especificadores de tamanho e forma são morfemas do Verbo de Movimento ou Localização, que concordam com o substantivo em vários aspectos de seu tamanho e forma. Cada Classificador consiste em um grupo de morfemas simultâneos da parte da mão. Cada dedo, assim como o polegar e o antebraço, é um morfema possível que pode se combinar de maneiras específicas para representar uma forma da mão.

Mc Donald (1982) ao tratar da ASL apresenta duas classes semânticas para essa língua: x-tipo de objeto e segurar x-tipo de objeto. De acordo com a autora, “o conteúdo semântico das Configurações de mãos mostrou existirem duas classes básicas de significado: as formas dos objetos concretos e a maneira de seu envolvimento no evento” (Mc Donald, 1982, p.189). Na Libras, Ferreira-Brito (2010 [1995]) também apresenta x-tipo de objeto e segurar x-tipo de objeto como Classificadores.

Baker e Cokely (1980) destacam que além desses dois tipos de Classificadores apontados por Mc Donald (1982), há também os Classificadores que veiculam informações sobre a maneira em que a ação se dá, funcionando, pois, como advérbios. Ferreira-Brito (2010 [1995]) aponta que os Classificadores mais produtivos em Libras são os ‘X-tipo de objeto’ e ‘segurar X-tipo de objeto’. No primeiro caso a autora apresenta pelo menos quatro configurações de mão que fazem parte desse tipo de Classificadores: Classificador Configuração de Mão em Y: CL-Y; o Classificador Configuração de mão em B: CL-B; o Classificador Configuração de Mão em G: CL-G e o Classificador Configuração de Mão em F: CL-F.

Em relação aos Classificadores ‘segurar X-tipo de Objeto’, Ferreira-Brito (2010 [1995]) discorre que esse tipo de Classificador tem como função representar como esses objetos são segurados. Para tanto, a autora apresenta como possibilidade a Configuração de Mão em A: CL-A. Nessa sequência, estabelecendo uma relação entre esses tipos de Classificadores e Verbos de Movimento e de Localização Supalla (1986) e Ferreira-Brito (2010 [1995]) apresentam a raiz destes verbos como sendo formada por um pequeno número de movimento possível. Nesse caso teremos Construções Classificadoras.

Dessa forma é importante analisar o movimento do sinal, qual a localização; qual o morfema classificador seja ele mão ou parte do corpo e as relações locativas entre o nome central-objeto que move- tema e o secundário, o objeto fundo. As formas da mão nestes verbos indicam a que classe o objeto envolvido no evento pertence. Os morfemas internos

destes verbos seriam morfemas classificadores e os movimentos externos seriam a flexão de número e aspecto.

Faria-Nascimento (2009) divide os Classificadores em dois grupos: os Classificadores Nominais os quais a autora subdivide em Classificadores Nominais Descritivos e Classificadores Nominais Especificadores e os Classificadores Verbais. Nossa leitura e estudo contínuo em relação ao fenômeno de formação de sinais por meio de Classificadores nos direcionam a considerar os Classificadores Verbais como Classificadores constituintes das Construções Classificadoras e, portanto, será elencado em subtópico específico.

Allan (1977) investigou por volta de 50 línguas classificadoras. O autor observou que os Classificadores identificados fazem parte de um grupo completo e universal, logo organizou essas línguas em quatro grupos a saber: Línguas com CLs numerais; Línguas de CL concordante; Língua de CLs predicativos; Línguas classificadoras intralocativas. Allan (1977 citado por Pinheiro 2022) analisa essas línguas da seguinte forma:

- (i) Línguas com CLs numerais: o CL é obrigatório nas mais diversas expressões de quantidade, em expressões anafóricas e dêiticas, a exemplo a língua Thai (Allan, 1977);
- (ii) Línguas de CL concordante: nesses casos, os CLs são afixados (geralmente em prefixos), apresentam nomes e seus modificadores, predicados e proformas⁵². Esses CLs estão presentes em algumas línguas africanas e australianas, por exemplo, a língua Tonga da família Bantu (Collis, 1962; Allan, 1977);
- (iii) Língua de CLs predicativos: algumas línguas têm verbos CLs que variam no seu radical de acordo com as características das entidades das quais participam como argumentos do verbo. Os primeiros estudos a esse respeito foram iniciados por Hoijer nos anos de 1945;
- (iv) Línguas classificadoras intralocativas: são línguas em que os CLs nominais são apresentados em expressões locativas que obrigatoriamente acompanham nomes nos mais diversos contextos. De acordo com Allan (1977), apenas três línguas se encaixam nessa descrição: Esquimó, Dyirbal e Toba. É importante ressaltar que o número de CLs nas línguas pode variar, mas o autor indica sete categorias: material, forma, consistência, tamanho, localização, arranjo e quantidade. (Allan, 1977 citado por Pinheiro, 2022, p.33).

Para esta pesquisa não nos preocuparemos em saber quais são essas línguas, mas quais os tipos de Classificadores identificados a fim de contribuir com nossa análise de dados.

3.3.1 Classificador Nominal Descritivo

Faria-Nascimento (2009) define o Classificador Nominal Descritivo como:

Esses CLASSIFICADORES descrevem (a) entidades ou partes de entidades de toda natureza: indivíduos¹³⁹ animados ou inanimados, a saber, seres bípedes (erectos) – pessoas, robôs, bonecos, extra-terrestres etc.; animais: os quadrúpedes, os que arrastam, os que pulam; aves: as que voam e as que não

voam; insetos: como abelhas, borboletas etc.; plantas; objetos de toda natureza; meios de transporte: veículos de todo tipo; elementos e fenômenos da natureza, como água, qualquer tipo de substância líquida; terra: qualquer tipo de solo; fogo e luz natural ou produzidos pelo 139 O termo indivíduo está concebido nessa pesquisa com a seguinte acepção: “o exemplar de uma espécie qualquer, orgânica ou inorgânica, que constitui uma unidade distinta” (AURÉLIO, 2004,p.119). Homem; elementos gasosos / ar e tudo o que se veicula nele como, por exemplo, a fumaça; (b) superfícies; (c) paisagens: naturais, humanizadas ou abstratas; (d) sentimentos; e (e) lugares; qualquer espaço físico ou abstrato, como o espaço celeste e o espaço cognitivo, entre outros. (Faria-Nascimento,2009, p.118).

De acordo com Faria-Nascimento (2009) a característica principal desse tipo de Classificador é a possibilidade de incorporar atributos ao nome classificado e descrito. Nesse sentido, a autora elenca alguns atributos passíveis de descrição nesse grupo de Classificadores. Os Classificadores, apresentados pela autora, em que os atributos podem ser descritos foram Classificadores relacionados à: forma; tamanho; textura; consistência; espessura; tonalidade; odor e paladar. No quadro a seguir estão listados os Classificadores, os tipos de atributos e suas descrições, de acordo com Faria-Nascimento (2009):

Quadro 5: Classificadores Nominais Descritivos

CLASSIFICADORES NOMINAIS DESCRITIVOS ATRIBUTOS¹⁴¹ PASSÍVEIS DE DESCRIÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> - <i>forma</i>: estrutura (unidimensional, bidimensional e tridimensional), plana, silhueta, perfil, reta, curva, ondulada, “esburacado”, espiralada, helicoidal, ziguezagueada, geométrica (quadrada, redonda, arredondada, triangular, oval) etc. - <i>tamanho</i>: comprimento (comprido e curto), largura (largo e estreito), altura (alto e baixo), todas as dimensões (grande, pequeno, microscópico) etc. - <i>textura</i>: macia, áspera, etc. - <i>consistência</i>: líquida, pastosa, cremosa, compacta (maciça), espumante, flexível (mole), rígida (dura), espessa etc. - <i>espessura</i>: grossa, fina, oca/vazia - <i>tonalidade</i>: clara, escura, desbotada, viva - <i>odor</i>: perfumado, fétido - <i>paladar</i>: doce, salgado, amargo, azedo/ácido - <i>etc.</i>

Fonte: Faria-Nascimento (2009, p.119).

Para exemplificar esse tipo de Classificador Faria-Nascimento (2009) elabora um quadro, dividido em duas colunas. Na coluna da esquerda a autora apresenta o referente e na

coluna da direita apresenta o atributo correspondente. Analisando o referente e seu atributo temos uma sentença construída. A autora explica que

Embora os exemplos estejam transcritos em uma combinação de fragmentos, em colunas para segmentar as informações semânticas que compõem o CL exemplificado, eles são articulados como uma unidade, ou seja, simultaneamente. Faria-Nascimento, 2009, p.120).

O quadro a seguir demonstra os referentes e os atributos selecionados pela autora para exemplificar esse tipo de Classificador:

Quadro 6: Classificadores Nominais Descritivos/ referentes e atributos

REFERENTE	ATRIBUTO
BARRA(S)-DE-FERRO- FIO-DENTAL- LÂMINA(S)- LIVRO(S)- ALIANÇA(S)- MOEDA(S)-	-FIN@ -GROSS@ -NEM-FIN@-NEM GROSS@ -MÉDI@
<i>MESA(S)-</i> TELHADO(S)- PORTA(S)-DO-ARMÁRIO-	-PLAN@ -RET@ -ONDULAD@ -ABAUAD@ -IRREGULAR -REGULAR
PRATELEIRA(S)- <i>ESTANTE(S)-</i>	-PLAN@-COM-ÂNGULO
OBJETO(S)- CANO(S)- CABO(S)-DE-VASSOUR@- <i>LUMINÁRIA(S)-</i> CANECA(S)- REGUA(S)- PORTA-RETRATO(S)- CAIXA-CD(S)- QUADRO(S)- <i>MOCHILA(S)-</i> SAPATO(S)- FAIXA(S)-TESTA- FAIXA(S)-CABELO-	-ARREDONDAD@ -GROSS@ -RETANGULAR -QUADRAD@ -PEQUEN@ -GRANDE -COLORID@ -CHEIROS@ -GROSS@ -MOLE
HUMAN@-	-ALEGRE -TRISTE -ALT@ -BAIX@ -GORD@ -MAGR@
ABACAXI(S)- <i>JACARÉ(S)-</i>	-SABOROS@ -“MORDEDOR”
CABELO(S)-	-GRANDE -PRES@ -SOLT@ -COM-FAIXA
LEÃO(ÕES)-	-BRAV@ -MANS@
GAT@-(S)-	-PÉLO-ARREPIADO

Fonte: Faria-Nascimento (2009, p.120).

3.3.2 Classificador Descritivo: CL-D

O CL-D se difere do CL Nominal descritivo apresentado por Faria-Nascimento (2009) no sentido de que ele é utilizado apenas para descrever o tamanho e forma de um objeto ou corpo de pessoa ou animal, enquanto que do CL Nominal descritivo incorpora atributos ao nome. Geralmente é produzido com ambas as mãos, para formas simétricas ou assimétricas.

Exemplos: a forma e desenho de um vaso; o desenho de um papel de parede; a altura e a largura de uma caixa; a descrição da roupa ou dos itens que estão no corpo. Esse tipo de Classificador é realizado associado às expressões faciais, as quais complementam a configurações de mãos e o movimento contribuindo com a descrição das características como tamanho, peso, velocidade, daquilo que é representado.

Esse tipo de Classificador é apontado por Supalla (1986) como um tipo de morfema utilizados pelos falantes nativos da ASL para classificar os substantivos dessa língua. O uso da Configuração de Mão na realização de Classificadores Descritivos com CL-D dependerá, basicamente, da forma do referente a ser representado. Se a representação for de um objeto plano, um quadrado, por exemplo, a Configuração de Mão deve ser: as mãos fechadas com o dedo indicador “desenhando” no espaço a forma quadrada. Por outro lado, se a representação for a de um cubo, por exemplo, a Configuração de Mão deve ser: as mãos espalmadas, com os dedos esticados e juntos.

3.3.3 Classificador Nominal Especificador

Esse tipo de Classificador foi apresentado por Faria-Nascimento (2009, p.121). A autora discorre que o Classificador Nominal Especificador tem o papel de especificar a localização e o modo como os referentes se apresentam. Inclusive, para esse tipo de Classificador, a autora também elabora um quadro demonstrativo, apresentado a seguir:

Quadro 7: Classificadores Nominais Especificadores

ESPECIFICADORES DE LOCALIZAÇÃO
NÚMERO- -EM-CAMISA-DE-FUTEBOL -EM-RESIDÊNCIA -EM-TELEFONE -DE-CANAL-DE-TV -DE-CELULAR
NOME-EM-CAMISA
TÍTULO-EM-LIVRO
INSÍGNIA-EM-BONÉ
SIGLA-ESCRITA-EM-PORTA
ESPECIFICADORES DE MODO
FUMAÇA- -DE-CIGARRO-ESPALHANDO -DE-CHURRASCO-SUBINDO -DE-CHAMINÉ-ESPALHANDO
LIVROS- -EMPILHAD@ -ENFILEIRAD@ -ESPALHAD@
CADEIRAS- -EM-CÍRCULO -ENFILEIRAD@
POTE(S)-LADO-A-LADO
QUADRO(S)- -ESPALHAD@ (EM ORDEM) -ESPALHAD@ (SEM ORDEM)
PRATO(S)-ENCAIXAD@-NO-ESCORREDOR
TALHERE(S)-POSTOS-NA-MESA

Fonte: Faria-Nascimento (2009, p.121)

Em relação ao quadro anterior, Faria-Nascimento esclarece que os Classificadores Nominais Especificadores formam um subgrupo que não descreve características de um referente e, por isso, não são considerados Classificadores Descritivos. Em vez disso, servem para indicar a posição de determinados elementos dentro ou sobre um referente. Esses elementos podem incluir números, símbolos e até mesmo padrões de arranjo no espaço.

O quadro também demonstra que os referentes podem ser organizados de diferentes formas em um contexto específico, como enrolados, circulares, empilhados, enfileirados ou dispersos. Além disso, a autora discorre sobre como os elementos gasosos também podem ser especificados de acordo com sua forma no espaço.

3.3.4 Classificador Especificador: CL-ESP

Em Fatec (s/d) temos que o CL-ESP serve para especificar a textura de um objeto ou corpo de pessoa ou animal, e o seu eventual estado em movimento. A sua função é similar ao CL-D, porém, complementar, pois comumente é utilizado após o CL-D, ou seja, primeiro o falante descreve a forma ou tamanho do referente e, em seguida, especifica ainda mais fornecendo detalhes de textura, brilho, movimento etc. Vejam os exemplos: superfície corrugada de uma parede, as folhas de uma árvore sob o vento, a superfície lisa e brilhosa de

um cubo, a superfície porosa de uma tigela, as orelhas enrugadas e oscilantes de um elefante, a superfície áspera de um papel de parede, o cabelo brilhoso e maleável de uma pessoa etc. O CL-ESP vem sempre associado a expressões faciais que complementam o que as mãos produzem com as configurações de mãos e movimentos, trazendo informações sobre tamanho, peso, velocidade etc.

3.3.5 Classificador Instrumental: CL-I

Classificador Instrumental se constitui como uma representação mimética ou visual-geométrica do instrumento e é subdividido por Felipe (2002) em: Classificador- mão como instrumento e Classificador Ferramentas. Em relação ao Classificador mão como instrumento a autora define esse tipo de Classificador como aquele que é utilizado para conferir as maneiras que a mão interage com objetos sólidos de tamanhos e formatos distintos. Em Relação ao Classificador Ferramentas Felipe (2002) define esse tipo de Classificador como aquele que é utilizado para representar o uso de ferramentas manuais.

Desta forma, são criadas produções menos lexicais e mais visuais, contribuindo para um entendimento melhor da narrativa. “A mão do sinalizador ou um instrumento é utilizada para se referir ao tipo de instrumento que age sobre o objeto”. (Supalla, 1986 citado por Veloso, 2008, p.26). O CL-I serve para demonstrar ações de segurar, apertar, erguer, carregar e manusear objetos ou pessoas e animais; por isto, também está relacionado com a forma do referente manuseado, embora não sirva prioritariamente para descrever ou especificar esta forma, mas de que maneira alguém a manuseia. Exemplos: carregar um balde pela alça, puxar uma gaveta, tocar a campainha da porta, virar a página de um livro, limpar uma superfície com um pano etc. O CL-I também vem sempre associado a expressões faciais que complementam o que as mãos produzem com as configurações de mãos e movimentos, trazendo informações sobre tamanho, peso, velocidade etc.

3.3.6 Classificador Plural: CL-P

O Classificador plural CL-P, segundo Fatec (s/d) serve para demonstrar o movimento ou a posição de um número de objetos, pessoas ou animais. Este número pode ser determinado ou indeterminado. Exemplo: três pessoas andando juntas (número determinado); pessoas sentadas na plateia (número não determinado); uma fila comprida de pessoas avançando lentamente; muitos carros estacionados na rua; dois gatos em cima de um muro

etc. O CL-P também vem sempre associado a expressões faciais que complementam o que as mãos produzem com as configurações de mãos e movimentos, dando informações sobre a quantidade do referente da narrativa.

3.3.7 Classificador de Numeral: CL-N

O Classificador de Numeral foi identificado por Allan (1977). Similar ao CL de plural este CL é obrigatório nas mais diversas expressões de quantidade, em expressões anafóricas e dêiticas. Os cClassificadores de numeral são os mais comuns entre as línguas que utilizam esses morfemas. Pinheiro (2022), discorre que os Classificadores de números são identificados como o de maior ocorrência e discorre sobre a realização desse tipo de Classificador afirmando que

- (i) ocorrem dentro das construções com um substantivo e um numeral (um quantificador); (ii) são formas léxico-sintáticas diferentes dos sistemas gramaticais fechados; (iii) são frequentes e obrigatórios em expressões de quantidade; (iv) são operadores de quantidade, visto que têm uma semântica física com forma, textura e tamanho; (v) na maioria das vezes, são afixados. independentes, afixos de números ou termos de quantificação, formando um constituinte com um substantivo. (Pinheiro, 2022, p.8).

3.3.8 Classificador de Corpo: CL-C

O Classificador de Corpo CL—C retrata uma parte específica do corpo em uma posição determinada ou fazendo uma ação e se subdivide em: Classificador da Parte do Corpo. A Configuração da Mão retrata a forma de uma parte do corpo, por exemplo: a ação da boca de um hipopótamo; as orelhas de um cavalo em movimento; os olhos de alguém em movimento; a cabeça de alguém repousando no seu ombro; a ação de pés andando na lama; a posição das pernas de alguém sentado uma cadeira. Normalmente é produzido com movimento.

Em relação ao Classificador da Parte do Corpo, podemos dizer que esse tipo de Classificador possui dois componentes articulatórios, cada um especializado em representação semântica: o componente do articulador da mão marca a forma da parte do corpo, enquanto o componente da localização do corpo marca a orientação espacial da parte do corpo.

3.3.9 Classificadores ‘X-Tipo de Objeto’

Ferreira-Brito (2010[1995]) discorre que o Classificador ‘X-tipo de objeto’ se refere a forma e tamanho de seres e objetos. A autora apresenta como Classificadores hipônimos do Classificador ‘X-tipo de objeto’ os seguintes Classificadores: Configuração de Mão em Y – CL: Y; Configuração de Mão em B – CL: B; Configuração de Mão em G – CL: G; Configuração de Mão em F – CL: F.

3.3.9.1 Classificador Configuração de Mão em Y: CL-Y

Este Classificador pode ser utilizado para representar pessoas obesas; objetos altos e largos de formas irregulares tais como: bomba de gasolina, lata de óleo, gancho de telefone, bule de café ou chá, sapato de salto alto, jarra, veículo aéreo, submarino, ferro de passar roupa, chifre de touro ou vaca, roupas, comidas e outros objetos variados.

Disposto dentro de uma sentença pode ser categorizado como uma Construção Classificadora, pois incorpora-se ao verbo descrevendo e substituindo o nome e localiza os referentes. Ferreira- Brito (2010[1995], p.109) afirma que, por substituir o nome descrevendo-o em uma narrativa, o CL descreve também a maneira em que a ação ocorre. O CL: Y assume a Configuração de Mão em Y conforme nos mostra a figura a seguir:

Figura 46: Classificador Configuração de Mão em Y



Fonte: Ferreira-Brito, (2010 [1995], p.109)

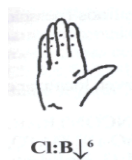
3.3.9.2 Classificador Configuração de Mão em B: CL-B

Os Classificadores a partir da Configuração de Mão em B podem ser utilizados frequentemente para substituir nomes, porém, são utilizados também para representar superfícies planas, lisas ou onduladas, tais como: porta, parede, borda de estrada, rua, mesa, ponto de referência ou qualquer superfície em relação à qual se pode localizar um objeto, seja em cima, embaixo, à direita ou à esquerda.

Ainda podem representar objetos não tão altos e nem finos como, por exemplo; veículos, teto de uma casa, pé dentro do sapato, bandeja e prato e objetos planos como livro, espelho, processo, papel, casa, rodas de trem. Quando representam os sinais de casa, vizinho, trem, escorredor-de-pratos, bandeja, papel, espelho, livro, os Classificadores a partir da

Configuração da Mão em B é nomeado de transparente. (Ferreira-Brito, 2010[1995], p.110).
O CL: B assume a Configuração de Mão em B conforme a figura a seguir:

Figura 47: Classificador Configuração de Mão em B



Fonte: Ferreira-Brito, (2010 [1995], p.109)

Ressaltamos que em contexto comunicativo identificamos a ocorrência da Configuração de Mão em B conforme descrito em Capovilla e Raphael (2001, 345): mão vertical aberta, palma para frente, dedos unidos, polegar dobrado contra a palma. Todavia, compartilhamos nesta pesquisa, a figura 47, respeitando o que Ferreira-Brito (2010 [1995]) apresenta em sua obra.

3.3.9.3 Classificador Configuração de Mão em G: CL-G

A Configuração da Mão em G é utilizada como Classificador para descrever seja com a extremidade do indicador ou com as duas mãos, objetos ou locais sejam eles quadrados, redondos, retangulares, fios ou tiras, como por exemplo; a descrição da alça de bolsa; para localizar com a ponta do dedo indicador cidades, locais e outros referentes como um buraco pequeno e para representar, por meio do dedo indicador, objetos longos e finos como poste, espeto, prego, rabo de animais. (Ferreira-Brito, 2010[1995], p.110).

As funções do CL: G, são principalmente as de descrever, localizar e representar objetos quanto à sua forma e tamanho. Aparece em itens lexicais icônicos tais como: ENCONTRAR, IRMÃO, CHURRASCO, LUZ-DE-RUA (poste), RABO-DE-GATO, RABO-DE-CACHORRO, REVÓLVER. Às vezes o CL: G, representa o objeto em sua totalidade como uma pessoa ou uma arma de fogo. Outras vezes apenas parte do referente. (Ferreira-Brito, 2010[1995], p.110).

O CL: G assume a Configuração de Mão em G conforme nos mostra a figura a seguir:

Figura 48: Classificador Configuração de Mão em G



Fonte: Ferreira-Brito, (2010 [1995], p.110).

Ferreira-Brito (2010 [1995]) aponta ainda que o CL: G pode ser alterado para Configuração de Mão em L a depender do objeto descrito. A autora cita como exemplo a descrição de um quadro retangular ou quadrado que inicialmente é realizado com a Configuração de Mão em G duplicado, ou seja, realizado com as duas mãos e que ao ser localizado na parede muda a configuração das mãos para L.

A figura a seguir apresenta como é realizado o sinal Classificador para RETÂNGULO mencionado pela autora para descrever um quadro retangular:

Figura 49: Sinal Classificador para RETÂNGULO



Fonte: <https://youtu.be/Gn6J5CwPRw?si=a153piUEo8xz4DIG>.

3.3.9.4 Classificador-Configuração de Mão em F – CL: F

Em relação ao Classificador a partir da Configuração de Mão em F Ferreira-Brito (2010[1995]) discorre que para representar objetos cilíndricos, planos e pequenos (botões, moeda, medalha, buraco de fechadura, pingo ou gota de água); maneira de segurar objetos pequenos e finos (botões, moeda, palitos de fósforo, asa da xícara de café, folha de papel) o sinal Classificador é realizado com apenas uma das mãos. Já para representar objetos cilíndricos longos (cano fino, suporte de estante e cadeira de ferro ou metal) ocorre a duplicação do sinal, portanto, utiliza-se as duas mãos. A autora enfatiza que o CL: F pode ser utilizado tanto para descrever a forma e o tamanho quanto para descrever a maneira de segurar os objetos. O CF: F assume a Configuração de Mão em F conforme nos mostra a figura a seguir:

Figura 50: Classificador- Configuração de Mão em F



Fonte: Ferreira-Brito, (2010 [1995], p.111)

3.3.10 Classificador ‘Segurar X-Tipo de Objeto’

De acordo com Ferreira-Brito (2010[1995]) o Classificador ‘segurar X-tipo de objeto’ é utilizado para representar o modo como alguns objetos são segurados. A autora cita como exemplos desse tipo de Classificador: o CL-F; CL-5; CL-C e o CL-A, mas discorre apenas sobre o CL-A. Em relação ao CL-F ele é citado pela autora como sendo um tipo e uma Construção Classificadora: “O CL-F é descrito tanto quanto à forma e ao tamanho dos objetos, quanto à maneira de os segurar.” (Ferreira-Brito, 2010[1995], p.110).

3.3.10.1 Configuração de Mão em A: CL-A

O Classificador Configuração de Mão em A é utilizado para representar o modo como segurar objetos tais como: buquê de flores, faca, carimbo, sacola, mala, guarda-chuva, cano cilíndrico longo e fino, caneca de *chopp*, pedaço de pau, etc. Esse tipo de Classificador funciona como parte do verbo e representa o objeto que se move ou é localizado. A figura a seguir apresenta Configuração de Mão em A:

Figura 51: Configuração de Mão em A



Fonte: Ferreira-Brito, (2010 [1995], p. 111)

No caso da Configuração de Mão em A, assim como ocorreu na Configuração de Mão em B, identificamos que no contexto comunicativo essa configuração ocorre conforme Capovilla e Raphael (2001, 345): mão vertical fechada, palma para frente, polegar tocando a lateral do indicado. Todavia, manteremos a figura 51 em respeito ao apresentado por Ferreira-Brito (2010 [1995]).

3.4 Construções Classificadoras na Libras

Em nossas leituras geralmente encontramos menções às Construções Classificadoras como se fossem tipos de Classificadores. Todavia, ao nos debruçarmos durante esses quatro anos pesquisando sobre os Classificadores e analisando quais as funções eles desempenham em contexto comunicativo, identificamos uma distinção entre Classificador e Construções Classificadoras. Concordamos que o Classificador é uma representação icônica e se divide em tipos. Já as Construções Classificadoras são os arranjos dos Classificadores dentro das sentenças para torná-las gramaticais, ou seja, a função que o Classificador assume no contexto comunicativo.

Sendo assim, não compreendemos Verbos Classificadores e Classificadores Semânticos como tipos de Classificadores e sim como Construções Classificadoras, elaboradas pelo sinalizante para atribuírem sentido, de acordo com suas funções na sentença. Para além desses Classificadores identificamos outros Classificadores com característica de Construções Classificadoras: Classificador Homônimo, Classificador Possessivo e Classificador Locativo. Diante dessa percepção discorreremos a seguir sobre as Construções Classificadoras que identificamos nos referenciais teóricos que utilizamos para desenvolver esta pesquisa.

3.4.1 Verbos Classificadores

Um verbo classificador pode ser realizado sozinho ou junto dos Classificadores Nominais. Os Classificadores Verbais constituem predicados completos e quando são realizados acompanhado dos Classificadores Nominais são reconhecidos como sintagmas nominais que incorporam sintagmas verbais ou como sintagma verbal que incorporam sintagmas nominais se caracterizando como um sintagma verbal acompanhado de um argumento externo.

Os Classificadores Verbais têm como núcleo o verbo. A partir dos Classificadores Verbais podem surgir outros subgrupos que, de acordo com Faria-Nascimento (2009, p.122) resultam da combinação do verbo com outros constituintes. A autora discorre que

Agregam ao verbo: sintagmas nominais adjetivados, na posição de SUJEITO ou de OBJETO, de INSTRUMENTO, de LOCATIVO; Adjuntos adverbiais de MODO; adjuntos adverbiais consecutivos e a marcação de ASPECTO. Qualquer um desses constituintes incorpora-se ao núcleo, o CLASSIFICADOR VERBAL. Eles podem ocorrer combinados ou isolados, na realização do CLASSIFICADOR. Por isso, as combinações possíveis são as mais variadas. É possível, também, a incorporação

completa de todos esses elementos, na realização do CLASSIFICADOR VERBAL.
(Faria-Nascimento 2009, p.122)

O verbo ANDAR é um exemplo de Construção Classificadora em Verbo de Movimento representando, por exemplo, um Classificador de PESSOA ANDANDO. Nesse caso, um classificador para pessoa é incorporado ao verbo com a seguinte descrição: mão em V invertido, orientação da palma da mão voltada para trás, movimento oscilando lentamente os dedos. Podemos perceber ainda que, quando o valor semântico do Classificador se altera para “duas pessoas caminhando lado a lado”, ocorre quantificação. Nesse caso, a Configuração de Mão se mantém, mas a palma da mão estará voltada para frente, sendo a descrição: mão em V, palma para frente, movendo a mão para frente.

Logo, o sinal Classificador para PESSOA e não o sinal padrão para PESSOA será o sinal-base ou raiz que recebe a incorporação dessa Construção Classificadora. Essa situação nos mostra que Verbos Classificadores e Classificadores Semânticos são Construções Classificadoras. Na figura a seguir podemos identificar como acontece a incorporação do verbo ANDAR na sentença PESSOA ANDANDO.

Figura 52: Classificador para PESSOA ANDANDO



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p. 240)

Para representar duas pessoas andando a Configuração de Mão é alterada, invés de termos mão em V invertido, orientação da palma da mão voltada para trás, movimento oscilando lentamente os dedos, temos: mão em V, palma para frente, movendo a mão para frente, conforme nos mostra a figura a seguir que se refere a sentença: DUAS PESSOAS ANDANDO. Caso as duas pessoas estejam paradas lado a lado não haverá movimento.

Figura 53: Classificador para DUAS PESSOAS ANDANDO / PARADAS LADO A LADO



Fonte: Ferreira-Brito (2010 [1995], p.107)

Faria-Nascimento (2009) discorre que o fato da Libras ser uma língua de modalidade visuo-espacial favorece a incorporação de várias funções ao Classificador, pois a depender da forma e posição que assume na sentença podem preencher estruturas sintáticas com associações tais como: Sujeito-Verbo-S-V; Sujeito-Verbo-Objeto -S-V-O; Sujeito-Verbo-Locativo- Modo- S-V-L-M, por exemplo. A autora apresenta algumas Construções Classificadoras Verbais, as quais serão apresentadas a seguir, conforme elaboradas pela autora.

3.4.1.1 Classificadores Verbais Sujeito +Verbo

A Construção Classificadora verbal Sujeito + Verbo é constituída a partir do nome mais a ação sobre esse nome. Faria-Nascimento (2009) elabora um quadro demonstrativo para apresentar algumas possibilidades de ocorrência dessa construção. Para isso a autora elenca alguns verbos, tais como: ANDAR; SALTAR; PULAR; RASTEJAR; NADAR; MERGULHAR; LOCOMOVER; FREAR; DECOLAR; ATERRISSAR; DESPERTAR; TOCAR; LACRIMEJAR; SABOREAR e os relaciona com os nomes aos quais ocorrerá as ações verbais, conforme podemos observar a seguir:

Quadro 8: Classificadores Verbais Sujeito +Verbo

(A) – SUJEITO¹⁴⁴ + VERBO

SUJEITO	VERBO
ELEFANTE(S)- CACHORRO(S)- GAT@ (S)- MACAC@ (S)- JACARÉ(S)-	-ANDAR
COELHO(S)-	-SALTAR
SAPO(S)-	-PULAR
LESMA(S)- COBRA(S)-	-RASTEJAR
PEIXE(S)- GOLFINHO(S)-	-NADAR -MERGULHAR
CARRO-DE-PASSEIO- ¹⁴⁵ ÔNIBUS- CAMINHÃO-	-LOCOMOVER -FREIAR
AVIÃO- ¹⁴⁶	-LOCOMOVER -DECOLAR -ATERRISSAR
TREM- ¹⁴⁷ METRÔ-	-LOCOMOVER -FREIAR
MOTO- ¹⁴⁸ BICICLETA-	-LOCOMOVER -FREIAR
RELOGIO-	-DESPERTAR
CELULAR-	-TOCAR
OLHO(S)-	-LACRIMEJAR
ALIMENTO(S)-	-SABOREAR (passar língua nos lábios)
CANO(S)- PRATELEIRA(S)- QUADRO(S)-	-AMOLECER
OBJETO-CELESTE- COMETA(S)-	-CAIR -CAIR-NO-AR

Quadro 18 – Classificadores Verbais
(sujeito e verbo)

¹⁴⁴ Incorporação de Sujeito.

¹⁴⁵ Veículos de 4 ou mais rodas.

¹⁴⁶ Veículo aéreo.

¹⁴⁷ Veículos sobre trilho.

¹⁴⁸ Veículos de 2 rodas.

Fonte: (Faria-Nascimento, (2009, p. 123).

Faria-Nascimento (2009) afirma que, em uma Construção Classificadora Verbal Sujeito + Verbo há incorporação do sujeito no verbo, ou seja, o sinal para determinado verbo dependerá do sujeito que o acompanha na sentença. O sinal para ANDAR, por exemplo; dependerá do sujeito que anda. O modo de andar do elefante se difere do modo de andar do cachorro que se difere do gato. O mesmo ocorre com o modo de andar do macaco ou do jacaré, o sinal se difere e o falante utiliza de sinais Classificadores que incorporam o verbo.

3.4.1.2 Classificadores Verbais Verbo + Objeto

Essa Construção Verbal ocorre na relação entre o verbo e o objeto. Faria-Nascimento (2009) exemplifica esse tipo de construção utilizando o verbo LAVAR em relação a alguns objetos tais como: PRATO; ROSTO; CARRO; CABELO; ROUPA em suas formas singular ou plural, conforme é apresentado no quadro a seguir:

Quadro 9: Classificadores Verbais Verbo + Objeto

(B) – (SUJEITO)¹⁴⁹ + VERBO + OBJETO¹⁵⁰

(SUJEITO)	VERBO	OBJETO
(PESSOA-)	-LAVAR-	-PRATO(S) -ROSTO(S) -CARRO(S) -CABELO(S) -ROUPA(S)

Quadro 19 – Classificadores Verbais
(verbo e objeto)

¹⁴⁹ Os parênteses representam a possibilidade de ocupação da lacuna sintática.

¹⁵⁰ Incorporação de Objeto.

Fonte: Faria-Nascimento, (2009, p.123).

A autora destaca que para esse tipo de Construção Classificadora, assim como ocorre na relação entre verbo e sujeito, há incorporação. Nesse caso a incorporação é do objeto no verbo, ou seja, o sinal utilizado para representar o verbo LAVAR não será único, dependerá do que será lavado e nesse caso o sinal utilizado será um sinal classificador.

3.4.1.3 Classificadores Verbais Verbo + Instrumento

Trata-se de Construção Classificadora que relaciona o verbo e o instrumento utilizado para a ação do verbo. No quadro a seguir, Faria-Nascimento (2009) apresenta dois verbos para exemplificar: FURAR e ATIRAR. Nesse tipo de Construção Classificadora o instrumento utilizado interfere na escolha do sinalizante. Para o verbo FURAR, por exemplo; se o furo for feito com uma agulha a escolha lexical será diferente da escolha lexical para um furo utilizando um garfo. O mesmo ocorre com o verbo ATIRAR. Se o instrumento utilizado para atirar for uma metralhadora a escolha lexical será diferente da escolha lexical para ATIRAR COM REVÓLVER.

Quadro 10: Classificadores Verbais Verbo + Instrumento

(C) – (SUJEITO) + VERBO + (OBJETO) + INSTRUMENTO¹⁵¹

(C1) – VERBO + INSTRUMENTO

(SUJEITO)	VERBO	(OBJETO)	INSTRUMENTO
Ø	FURAR-	Ø	-COM-FURADEIRA
Ø	ATIRAR-	Ø	-COM-REVÓLVER

Quadro 20 – Classificadores Verbais
(verbo e instrumento)

¹⁵¹ Incorporação de Instrumento.

Fonte: Faria-Nascimento, (2009, p.124)

Para realização das sentenças em que há instrumentos, os mesmos são incorporados aos verbos. Nos exemplos citados por Faria-Nascimento (2009) a autora seleciona como objeto para o verbo FURAR a FURADEIRA, e para o verbo ATIRAR o REVÓLVER. Entenda que a ação de furar com furadeira difere de furar com agulha, conforme explanado anteriormente. Em relação ao verbo ATIRAR a autora utiliza o instrumento revólver e, nesse caso, a maneira de segurar o instrumento difere da maneira como se segura uma espingarda ou até mesmo uma metralhadora como exemplificado.

3.4.1.4 Classificadores Verbais Verbo + Objeto + Instrumento

Para esse tipo de Construção Classificadora Faria-Nascimento (2009) apresenta que há uma relação entre o verbo, o objeto e o instrumento. O verbo ESCOVAR e o verbo COMER são utilizados como exemplos para essa relação, conforme pode ser identificado no quadro a seguir:

Quadro 11: Classificadores Verbais Verbo + Objeto + Instrumento

(C2) – VERBO + OBJETO + INSTRUMENTO

(SUJEITO)	VERBO	OBJETO	INSTRUMENTO
Ø	ESCOVAR-	-CABELO(S)- -DENTES(S)- -ROUPA(S)- -ANIMAL(IS)- -SAPATO(S)-	-COM-PENTE -COM-ESCOVA
Ø	COMER-	-ARROZ- -CHURRASCO- -PIPOCA- -PIZZA- -SUSHI- -MILHO- -SANDUICHE-	-COM GARFO -COM A MÃO -COM PALITO

Quadro 21 – Classificadores Verbais
(verbo, objeto e instrumento)

Fonte: Faria-Nascimento, (2009, p.124)

Nesse caso a autora apresenta o verbo, em seguida o objeto e, por fim, o instrumento que será utilizado na ação. Observe no quadro anterior alguns exemplos. Os objetos a serem escovados são variados e os instrumentos também. Para ESCOVAR o cabelo o instrumento pode ser o PENTE ou a ESCOVA e a forma de ESCOVAR será distinta. Mesmo porquê, nesse caso, para o instrumento pente poderíamos utilizar o verbo PENTEAR. Já para ESCOVAR o dente o instrumento utilizado será a escova e o manuseio será diferente do manuseio para escovar o sapato, por exemplo; assim, como o instrumento será diferente, pois a escova de dente não é a mesma escova de escovar sapato. Desse modo, o uso de Classificador é fundamental para atribuir o devido significado para a sentença.

3.4.1.5 Classificadores Verbais Verbo +Locativo

O Classificador Verbal Verbo + Locativo, segundo Faria-Nascimento (2009), é aquele em que há uma relação entre o verbo e o locativo. Para exemplificar esse tipo de construção a autora apresenta os verbos ESCREVER e SURFAR, conforme quadro abaixo:

Quadro 12: Classificadores Verbais Verbo +Locativo

(D) - (SUJEITO) + VERBO + (OBJETO) + (INSTRUMENTO) + LOCATIVO¹⁵²

(D1) – VERBO + LOCATIVO

(SUJEITO)	VERBO	(OBJETO)	(INSTRUMENTO)	LOCATIVO
○	ESCREVER-	○	○	-NO-PAPEL -NO-TECLADO -NA-AREIA -NO-CELULAR -NO-QUADRO-BRANCO
○	SURFAR-	○	○	-NAS-ONDAS-DO-MAR

Quadro 22 – Classificadores Verbais
(verbo e locativo)

¹⁵² Incorporação de Locativo.

Fonte: Faria-Nascimento, (2009, p.124)

A autora afirma que, nesse caso, há incorporação de locativo no verbo. Como exemplo de locativo ela apresenta PAPEL; TECLADO; AREIA; CELULAR e QUADRO BRANCO. Considerando esses exemplos entendemos que a maneira como se escreve em cada um desses locativo se difere e, por isso há incorporação do locativo no verbo, ou seja, para representar uma pessoa escrevendo em um papel o Classificador não será o mesmo utilizado para representar uma pessoa escrevendo no teclado do computador. Inclusive, no caso da sentença ESCREVER NO TECLADO, podemos substituir o verbo ESCREVER pelo verbo DIGITAR, pois escrever no teclado do computador, celular ou tablet, por exemplo; é diferente de escrever no papel.

3.4.1.6 Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Locativo

Faria-Nascimento (2009), apresenta a Construção Classificadora Verbal Sujeito + Verbo + Locativo como aquela em que há relação entre esses três constituintes. Nesse tipo de Construção Classificadora o uso do Classificador será distinto a depender do sujeito. No quadro a seguir a autora elenca alguns verbos e os relaciona com determinados sujeitos e locativos.

Quadro 13: Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Locativo

(D2) – SUJEITO + VERBO + LOCATIVO

SUJEITO	VERBO	LOCATIVO
CARRO(S)-	-BATER-	-NO-POSTE
MOTO(S)-	-VOAR-	-NA-PISTA
AVE(S)- PASSARO(S)- PAPAGAIO(S)-	-ANDAR- -VOAR- -POUSAR-	-NO-GALHO
BORBOLETA(S)- ABELHA(S)-	-VOAR- -POUSAR-	-NA-FLOR

Quadro 23 – Classificadores Verbais
(sujeito, verbo e locativo)

Fonte: Faria-Nascimento, (2009, p.125)

A autora elenca alguns verbos tais como: BATER; VOAR; ANDAR; POUSAR.; PULAR e apresenta mais de uma possibilidade de ocorrência para o mesmo verbo. No caso do verbo VOAR ela organiza as seguintes sentenças:

A- MOTO(S) VOAR PISTA

B- BORBOLETAS VOAR NA FLOR.

Podemos observar que o sentido de VOAR em A se difere do sentido de VOAR em B. Em A o significado de VOAR está relacionado a alta velocidade na PISTA. Já em B o significado é mover no ar, por meio de asas NA FLOR. Observe que o sujeito e o locativo de A são distintos de B, portanto, haverá distinção nos Classificadores a serem utilizados dentro dessas construções sintáticas. Uma MOTO voar na pista não é o mesmo que uma BORBOLETA voar, no ar, até uma flor. O Classificador utilizado também não seria o mesmo nem se o locativo fosse o mesmo, no caso a PISTA, pois VOAR para MOTOS é diferente de VOAR para BORBOLETAS.

3.4.1.7 Classificadores Verbais Verbo + Instrumento + Locativo

Faria-Nascimento (2009) apresenta outra possibilidade de Classificador Verbal envolvendo o locativo. Nesse caso, o locativo está relacionado ao instrumento e ao verbo conforme quadro a seguir:

Quadro 14: Classificadores Verbais Verbo + Instrumento + Locativo

(D3) – VERBO + INSTRUMENTO + LOCATIVO

VERBO	INSTRUMENTO	LOCATIVO
PINTAR-	-COM-PINCEL-	-NA-PAREDE -NO-PAPEL -NO-QUADRO
	-COM-ROLO-	
	-COM-LÁPIS-	
	-COM-CANETA-	
	-COM-GIZ-	

Quadro 24 – Classificadores Verbais
(verbo, instrumento e locativo)

Fonte: Faria-Nascimento, (2009, p.125)

A autora seleciona o verbo PINTAR para exemplificar. O instrumento utilizado para essa ação é que influenciará na escolha do Classificador a ser utilizado e a maneira com que será realizada a Construção Classificadora dentro da sentença. Em PINTAR COM PINCEL NA PAREDE ou em PINTAR COM PINCEL NO PAPEL, o Classificador será o mesmo, pois o instrumento, no caso o PINCEL, se mantém, pois a forma de manuseá-lo será a mesma, independente do locativo.

3.4.1.8 Classificadores Verbais Verbo + Objeto + Locativo

Faria-Nascimento (2006) ainda apresenta como Classificador Verbal envolvendo o locativo a Construção Classificadora Verbal Verbo + Objeto + Locativo. A autora seleciona os seguintes verbos para exemplificar esse tipo de Construção Classificadora: CORTAR e COLOCAR, conforme quadro a seguir:

Quadro 15: Classificadores Verbais Verbo + Objeto + Locativo

(D4) VERBO + OBJETO + LOCATIVO

VERBO	OBJETO	LOCATIVO
CORTAR-	-ARVORE-	-NA-FLORESTA
COLOCAR-	-COPO-	-SOBRE-A-MESA -NO-ARMÁRIO -NO-CHÃO
COLOCAR-	-BOLO-	-NO-FORNO

Quadro 25 – Classificadores Verbais
(verbo, objeto e locativo)

Fonte: Faria-Nascimento, (2009, p.125)

Podemos identificar no quadro anterior que a autora apresenta sentenças distintas para o verbo COLOCAR:

A-COLOCAR COPO SOBRE A MESA/ NO ARMÁRIO/ NO CHÃO

B-COLOCAR BOLO NO FORNO

COLOCAR o COPO sobre a mesa é diferente de COLOCAR O BOLO NO FORNO. Embora estejamos tratando do mesmo verbo: COLOCAR, o objeto se difere, logo a maneira de COLOCAR também será distinta. Sendo assim, a escolha do Classificador e sua construção dentro da sentença dependerá do objeto.

3.4.1.9 Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Modo

A Construção Verbal Sujeito + Verbo + Modo é aquela em que a organização dos constituintes na sentença incorpora o modo no verbo. Faria-Nascimento (2009) apresenta o verbo BATER e os modos BRUSCAMENTE, LEVEMENTE, VAGAROSAMENTE e FORTEMENTE, para exemplificar esse tipo de construção, conforme podemos observar no quadro a seguir:

Quadro 16: Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Modo

(E) - SUJEITO + VERBO + (OBJETO) + MODO¹⁵³ + (LOCATIVO)

(E1) - SUJEITO + VERBO + MODO

SUJEITO	VERBO	(OBJETO)	MODO	(LOCATIVO)
CARRO(S)-	-BATER-	Ø	-BRUSCAMENTE -LEVEMENTE -VAGAROSAMENTE -FORTEMENTE	Ø

Quadro 26 – Classificadores Verbais
(sujeito, verbo e modo)

¹⁵³ Incorporação de Modo. Por exemplo, disposição das entidades no espaço, arranjo.

Fonte: Faria-Nascimento, (2009, p.125)

Nesse caso, o modo como ocorrerá a ação do verbo influenciará na escolha do sinalizante. Um carro BATER BRUSCAMENTE não é igual a um carro BATER VAGAROSAMENTE. Sendo assim, o movimento e a expressão facial, por exemplo, serão distintas entre as duas sentenças. No primeiro caso o movimento será realizado de forma mais acelerada e contínua, já no segundo caso o movimento será mais lento e alternado.

3.4.1.10 Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Modo + Locativo

Nesse tipo de construção novamente há o locativo como elemento constituinte da sentença. Faria-Nascimento (2009) elabora um quadro, apresentado a seguir, e nele a autora explana a relação do sujeito com o verbo, o modo e o locativo:

Quadro 17: Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Modo + Locativo

(E2) – SUJEITO + VERBO + MODO + LOCATIVO

SUJEITO	VERBO	(OBJETO)	MODO	LOCATIVO
FOLHA(S) DE PAPEL- FOLHA(S) DE ÁRVORE- MUIT@-ÁRVORES- (FLORESTA-) MAÇA(S)- JABUTICABA(S)- CARRO(S)-	-CAIR-	o	-LEVEMENTE- -RAPIDAMENTE- -EM-LINHA-RETA- -EM-ONDAS-	-NO-CHÃO
	-ESTACIONAR-		-UM-AO-LADO DO-OUTRO-	-NO-PÁTIO

Quadro 27 – Classificadores Verbais
(sujeito, verbo, modo e locativo)

Fonte: Faria-Nascimento, (2009, p.126)

Os verbos selecionados pela autora são: CAIR e ESTACIONAR e os locativos são NO CHÃO e NO PÁTIO. Na sentença FOLHA(S) DE PAPEL CAIR LEVEMENTE NO CHÃO, o modo como a FOLHA cai e onde cai interfere na escolha do Classificador e na Construção Classificadora. Nesse caso, a autora já apontou que o modo é incorporado ao verbo e cada sujeito cairá de forma distinta a depender de sua forma. Temos que FOLHA(S) DE PAPEL CAIR LEVEMENTE NO CHÃO é diferente de MUIT@ ÁRVORES CAIR LEVEMENTE NO CHÃO. O movimento das FOLHAS DE PAPEL caindo NO CHÃO será alternado considerando o peso, o tamanho e a altura que caem, já as ÁRVORES caindo NO CHÃO terá outro movimento mesmo que o modo seja LEVEMENTE para os dois casos.

3.4.1.11 Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Objeto + Modo + Locativo

Para esse tipo de Construção Classificadora são considerados elementos constituintes importantes para a sentença o sujeito, o verbo, o objeto, o modo e o locativo. Faria-Nascimento (2009) demonstra, no quadro a seguir, alguns exemplos de Construções Classificadoras deste tipo:

Quadro 18: Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Objeto + Modo + Locativo

(E3) – SUJEITO + VERBO + OBJETO + MODO + LOCATIVO

SUJEITO	VERBO	OBJETO	MODO	LOCATIVO
2 PESSOAS- MUIT@- CRIANÇA@-	-NADAR- -ULTRAPASSAR-	-NADO-BORBOLETA-	-LENTAMENTE- -RAPIDAMENTE- -NORMALMENTE-	EM-MINHA-FRENTE

Quadro 28 – Classificadores Verbais
(sujeito, verbo, objeto, modo, locativo)

Fonte: Faria-Nascimento, (2009, p.126)

A autora seleciona os verbos NADAR e ULTRAPASSAR, os sujeitos 2 PESSOAS; MUJIT@ e CRIANÇ@, o objeto selecionado é NADO BORBOLETA. Os modos são: LENTAMENTE; RAPIDAMENTE; NORMALMENTE, e o locativo EM MINHA FRENTE. Nessa relação entre os constituintes cada elemento é relevante para a escolha do Classificador. Por exemplo; para a sentença 2 PESSOAS NADAR NADO BORBOLETA LENTAMENTE EM MINHA FRENTE a Construção Classificadora será distinta da construção escolhida para MUIT@ PESSOAS NADAR NADO BORBOLETA LENTAMENTE EM MINHA FRENTE. A quantidade de pessoas interferirá na escolha do Classificador e, por conseguinte, da Construção Classificadora.

3.4.1.12 Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Modo + Aspecto

Faria-Nascimento (2009) apresenta como possibilidade de Construção Verbal a formada por sujeito, verbo, modo e aspecto. Observe que nesse caso não há o objeto como constituinte relevante para esse tipo de construção. No quadro a seguir a autora demonstra algumas possibilidades para essa construção:

Quadro 19: Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Modo + Aspecto

(F) - SUJEITO + VERBO + MODO + ASPECTO¹⁵⁴ + (LOCATIVO)

(F1) – SUJEITO + VERBO + MODO + ASPECTO

SUJEITO	VERBO	MODO	ASPECTO	(LOCATIVO)
HOMEM-	-OLHAR- ¹⁵⁵	-PARA-FRENTE- -PARA-TRÁS- -CIUMENTO e BRAVO- -QUE-ACOMPANHA-ALGO- -ENTREOLHAD@-	-FIXAMENTE -ALTERNADAMENTE	Ø

Quadro 29 – Classificadores Verbais
(sujeito, verbo, modo, aspecto)

¹⁵⁴ Incorporação de Aspecto. Por exemplo, duração da ação da entidade, descrita pelo Classificador.

¹⁵⁵ O OLHAR tem função e significado gramatical na língua de sinais, além da função e significado lexical.

Fonte: Faria-Nascimento, (2009, p.126)

Para exemplificar o Classificador Verbal Sujeito + Verbo + Modo + Aspecto a autora seleciona apenas um sujeito: HOMEM e um verbo: OLHAR. Já para modo a autora apresenta cinco modos: PARA FRENTE; PARA TRÁS; CIUMENTO e BRAVO; QUE ACOMPANHA

ALGO; ENTREOLHADO@. Em relação ao aspecto a autora apresenta duas possibilidades: FIXAMENTE; ALTERNADAMENTE. Nesse caso há incorporação do aspecto no verbo, ou seja, o movimento ou não do verbo OLHAR apontará se o HOMEM está olhando FIXAMENTE ou ALTERNADAMENTE. Faria-Nascimento (2009) afirma que o verbo OLHAR tem função e significado tanto lexical quanto gramatical na língua de sinais.

3.4.1.13 Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Modo + Aspecto + Locativos

Para esse caso Faria-Nascimento (2009) apresenta como constituintes relevantes na sentença o sujeito, o verbo, o modo, o aspecto e o locativo. No quadro a seguir a autora apresenta algumas Construções Classificadoras:

Quadro 20: Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Modo + Aspecto + Locativo

(F2) – SUJEITO + VERBO + MODO + ASPECTO + LOCATIVO

SUJEITO	VERBO	MODO	ASPECTO	LOCATIVO
1-PESSOA- (+animado) 1-ROBÔ- ¹⁵⁶ (- animado) 1-ET ¹⁵⁷ (- animado)	-PASSAR-	-PELA-PESSOA-		
2-PESSOAS-	-ANDAR-	-DEVAGAR-	-UMA-VEZ-	
2-ROBÔS-	-CAIR-	-DEPRESSA-	-MUITAS-VEZES-	
2-ET:-	-NADAR-	-DISTRÁIDAMENTE-	-ALGUMAS-VEZES-	
3-PESSOAS-	-PULAR-	-COM-ATENÇÃO-	-SEMPRE-	-EM-AUDITÓRIO
3-ROBÔS-	-DEITAR-	-REBOLANDO-	-FREQUENTEMENTE-	-NA-RUA
3-ET:-	-PARAR-	-SALTITANDO-	-CONTINUAMENTE-	
4-PESSOAS-	-SUBIR-	-“SENTADAS”-	-TODO-DIA-	
4-ROBÔS-	-DESCER-	-APROXIMA-SE-DE-		
4-ET:-	-MERGULHAR-	-ALGUÉM-		
5-OU-MAIS-PESSOAS-				
MUIT@5-PESSOAS-				
MULTIDÃO-				

Quadro 30 – Classificadores Verbais
(sujeito, verbo, modo, aspecto e locativo)

¹⁵⁶ Considera-se um robô com perfil de ser humano.

¹⁵⁷ Considera-se um ET com perfil de ser humano.

Fonte: Faria-Nascimento, (2009, p.127)

Portanto, nas Construções Classificadoras Verbais Sujeito + Verbo + Modo + Aspecto + Locativos importa quem é o sujeito, quem é o verbo de ação, o modo com a ação acontece, em que aspecto e em qual lugar. Os constituintes são organizados dentro da sentença e representados por meio de Classificadores que se incorporam ao verbo. Nesse caso, para a sentença: PESSOA ANDAR DEVAGAR SEMPRE NA RUA temos um Classificador para pessoa incorporado no verbo ANDAR. O modo como essa pessoa anda é DEVAGAR, que também está incorporado no verbo seguido do aspecto que é SEMPRE e o locativo: NA RUA.

3.4.2 Classificadores Semânticos

Supalla (1986) esclarece que, embora os Classificadores Semânticos possam ter origens discerníveis de representar a forma dos objetos, o uso atual dos Classificadores Semânticos é um único morfema representado por todo o formato da mão. O autor cita o sinal de árvore como exemplo. Segundo ele

uma árvore é referida por um classificador no qual o antebraço vertical é combinado com a mão estendida. Nesse caso, pode-se reconhecer essa forma como um esboço de uma árvore convencional, mas esse classificador pode ser usado para se referir a árvores de diferentes formas (por exemplo, palmeiras ou pinheiros). Portanto, esse classificador se refere abstratamente à categoria semântica das árvores, e não à forma do referente. (Supalla, 1986, p. 190, tradução nossa).⁷

Desse modo, os Classificadores Semânticos podem ser entendidos como configurações de mão que representam os referentes enquanto categorias semânticas, sendo essas categorias os Classificadores de seres com pernas como, por exemplo, pessoa, algum animal, aranha, etc; e os Classificadores de objetos horizontais, verticais, etc.

3.4.3 Classificadores Homônimos

Os Classificadores Homônimos são apontados por Faria-Nascimento, (2009) como a possibilidade de Construções Classificadoras. A autora define esse tipo de Construção Classificadora como aquelas em que um mesmo Classificador, da mesma forma, apresenta significado distinto. Veja no quadro demonstrativo elaborado pela autora.

Quadro 21: Classificadores Homônimos

CLASSIFICADORES HOMÔNIMOS
PESSOA-DEITADA x PESSOA-DORMINDO-MAL x PESSOA-SE-MEXENDO-NA-CAMA PESSOA-FAZENDO-EXERCÍCIO (com as pernas) x PESSOA-DEITADA-PERNAS-PARA-CIMA x PESSOA-OLHANDO-PARA-CIMA MODELO-DESFILANDO x PESSOA-PASSANDO-POR-CIMA-DA-PONTE

Quadro 31 – Classificadores Homônimos

Fonte: Faria-Nascimento, (2009, p.127)

⁷ A tree is referred to by a classifier in which the vertical forearm is combined with the spread hand (see Figure le). One can recognize this shape as an outline of a conventional tree, but this classifier can be used to refer to trees of different shapes (e.g., palm trees or pine trees). Thus, this classifier refers abstractly to the semantic category of trees, and not to the shape of the referent.

Faria-Nascimento (2009) exemplifica uma Construção Classificadora Homônima utilizando o Classificador para Pessoa. Uma pessoa deitada é diferente de uma pessoa dormindo, ou se mexendo na cama. Para cada um dos três exemplos há um Classificador e a sentença apontará como será realizada a Construção Classificadora.

3.4.4 Classificador Possessivo: possuídos; relacionais; possuidores

Aikhenvald (2000 citado por Pinheiro, 2022) defende que o Classificador Possessivo: possuídos; relacionais; possuidores é diferente de qualquer outro Classificador. Sua função é caracterizar o substantivo e a relação de posse entre os substantivos, além de ser um fenômeno de aparição rara. Os CL's de substantivo estão associados ao próprio substantivo e independem de qualquer outro elemento em um Núcleo do Predicado (NP) ou em uma sentença. A autora afirma que a escolha de Classificadores em construções possessivas pode ser determinada pela natureza do referente do substantivo possuído em termos de sua animação, forma e outros aspectos.

3.4.5 Classificadores Locativos

De modo geral, são morfemas realizados em sintagma nominal locativo. A escolha desse tipo de Classificador se dá pelo caráter semântico do substantivo. Aikhenvald (2000 citado por Pinheiro, 2022) esclarece que a seleção de Classificadores Locativos considera aspectos como a forma, a dimensionalidade e os limites do substantivo principal, sem levar em conta a distinção entre seres animados e inanimados.

Em casos específicos como a língua Palikur, língua falada pelos povos indígenas Palikur que habitam a região do rio Oiapoque, no Amapá; certos morfemas funcionam como marcadores locativos devido ao seu próprio significado, sem necessidade de referência cruzada a pessoa, número ou gênero do substantivo. Além disso, os Classificadores Verbais dessa língua mantêm os mesmos critérios de forma e dimensão, embora apresentem variações na delimitação do substantivo associado e na especificidade dos Classificadores utilizados. (Aikhenvald, 2000 citado por Pinheiro, 2022).

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta seção discorreremos sobre o caminho traçado para o desenvolvimento da pesquisa e análise dos dados. Dessa forma, explanamos sobre a qual campo a pesquisa se filia e sua abordagem. Na sequência, apresentamos como se deu a escolha do corpus e a trajetória da pesquisa de pesquisa. Delineamos os procedimentos e mecanismos para coleta dos dados demonstrando o quadro conceitual e o instrumento de análise de dados elaborado para discorrer sobre os Classificadores e/ou Construções Classificadoras identificados. Em seguida apresentamos o perfil dos participantes e a descrição do cenário. Apresentamos, ainda, o conteúdo das narrativas analisadas para identificação do Classificador ou Construção Classificadora.

4.1 Metodologia e procedimentos para escolha do corpus

A metodologia adotada para o desenvolvimento desta pesquisa é de caráter descritivo de cunho explicativo, considerada por Gil (2008) como pesquisas que visam descrever e explicar como certos fenômenos acontecem. No caso desta pesquisa, nossa pretensão foi descrever e explicar a ocorrência de Classificadores e suas Construções Classificadoras em contexto comunicativo, a partir das análises de narrativas realizadas em Libras por surdos fluentes nesta língua. Na sequência categorizamos a composição dos sinais Classificadores como aglutinado, concatenado ou justaposto. Em relação à abordagem, enquadra-se no tipo qualitativo documental, pois visa apresentar os resultados por meio de percepções e análises dos vídeos selecionados descrevendo a complexidade do problema e a interação entre variáveis.

O corpus utilizado para coleta de dados desta pesquisa foi retirado do banco de dados da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC⁸. O acesso a seu canal é livre, porém, as informações pessoais dos participantes são restritas a pesquisadores cadastrados. Para se cadastrar, o pesquisador precisa ler e aceitar o termo de Cessão de Dados de Pesquisa que se encontra no site do banco de dados. Nesse termo o pesquisador se compromete a citar a fonte e disponibilizar os resultados de sua pesquisa ao setor responsável pelo corpus como forma de contribuir com o acervo.

⁸ <http://corpuslibras.ufsc.br>.

A UFSC conta com um núcleo de pesquisas nomeado Núcleo de Pesquisas em Aquisição de Língua de Sinais -NALS-instituído pelo Decreto presidencial 7387/10 como um instrumento de identificação, reconhecimento, valorização e promoção das línguas faladas no território brasileiro. O NALS é considerado um instrumento do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial -PNPI- responsável por criar banco de dados contendo as especificidades semióticas, socioculturais e políticas das línguas faladas no Brasil, além das referências culturais contempladas por outros instrumentos do PNPI, como por exemplo, o Registro e o Inventário Nacional de Referências Culturais-INRC.

O Corpus de Libras é um conjunto de produções em Libras que resultaram de projetos de pesquisa e é uma das produções do NALS e conta, inicialmente, com 3 projetos de Inventário de Libras desenvolvido no âmbito da Política do Inventário Nacional da Diversidade Linguística -INDL. Em média, 250 línguas compõem o INDL, entre elas as línguas indígenas, de imigração, de sinais, e de comunidades isoladas. A realização do Inventário de Libras possibilitou que esta língua entrasse para o grupo das línguas brasileiras reconhecidas como Referência Cultural Brasileira.

O Inventário Nacional de Libras da UFSC abrangeu componentes linguísticos, socioculturais e políticos da Libras na comunidade de surdos e apresentou como resultado um corpus de Libras envolvendo registros em vídeo de situações espontâneas de uso; um acervo linguístico constituído de dados e metadados da Libras; um levantamento sociolinguístico que apresenta a situação dos usos e atitudes em relação à Libras e a condição bilíngue da comunidade surda. Ainda podemos elencar como contribuição desse Corpus indicadores sociolinguísticos parciais de usuários da Libras; um registro abrangente e consistente com a sistematização dos procedimentos de registro, documentação e recuperação de dados; subsídios para que o movimento político das comunidades surdas apresente novas políticas públicas para ser utilizado em pesquisas e em outras finalidades aplicadas relativas à Libras⁹.

O Inventário Nacional de Libras da UFSC se divide em duas partes: Na parte I do Inventário de Libras compreende o Inventário da Grande Florianópolis constituído o primeiro conjunto de dados do Corpus de Libras de forma sistematizada. Nesse Inventário consta a estrutura e a organização dos metadados, bem como os resultados de várias análises relativas às formas de socializar o material. Nesse mesmo espaço foram disponibilizados o Inventário da Grande Florianópolis Etapa II e o Inventário dos Surdos de Referência.

⁹ <http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes>.

O mapeamento da Libras foi realizado de 2014 a 2018 sendo resultado de um projeto financiado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Imaterial-IPHAN-Ministério da Cultura, executado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com o Instituto de Políticas Linguísticas-IPOL. O mapeamento parte da comunidade surda da Grande Florianópolis e de surdos identificados como Surdos de Referência das comunidades surdas brasileiras, constituindo-se comunidades de referência linguística da Grande Florianópolis e do país, respectivamente.

O Inventário Nacional da Libras reúne os resultados do levantamento de campo realizado em sua vigência e apresenta produções sobre a língua e suas variedades desenvolvidas ao longo de diversos anos de investigação. Busca se, com isso, contribuir no processo de produção e organização de conhecimentos da língua e minimizar lacunas existentes. O objetivo do Inventário foi documentar a Libras em contexto comunicativo. Os vídeos produzidos foram arquivados no repositório da UFSC e no servidor NALS, do Centro de Comunicação, Departamento de Libras, compreendendo 1.152 arquivos de vídeo, totalizando em torno de 190 horas de produção em Libras (em torno de 760 horas de vídeo). A proposta do Inventário foi submetida ao Comitê de Ética da UFSC e, após os ajustes solicitados pelo Comitê, foi aprovada.

A participação da comunidade representada nesta pesquisa foi condicionada ao consentimento e assinatura do Termo de Consentimento para tornar seus vídeos dados de domínio público. Os participantes convidados passaram por uma entrevista para tomar ciência do teor da pesquisa e aqueles que concordaram em participar assinaram o termo. Os participantes concordaram que essa pesquisa seria relevante para a preservação de sua língua, registro e história das comunidades surdas brasileiras.

Ao acessarmos o site da UFSC surgiu, na aba esquerda, as seguintes opções: INÍCIO, SOBRE, EQUIPE, ACERVO, entre outros. Ao selecionarmos a opção ACERVO, surgiu, do lado esquerdo da tela, uma intérprete de Libras fornecendo as informações necessárias para desenvolvimento dessa etapa. Ao lado direito surgiu a representação do mapa do Brasil. Nesse mapa é possível que o pesquisador selecione o Estado no qual deseja fazer sua pesquisa. Ao selecionarmos o Estado de Minas Gerais, Estado no qual a nossa pesquisa foi desenvolvida, não encontramos nenhum material disponível que pudesse atender ao objetivo desta pesquisa. Logo, escolhemos o Estado de Santa Catarina por acreditar que haveria nele materiais disponíveis, uma vez que a Universidade responsável por este corpus se localiza nesse Estado.

Após selecionarmos o Estado de Santa Catarina uma nova página foi aberta apresentando ícones informativos do que se tem disponível no banco de dados dessa região, sendo eles: Libras acadêmico; Exame Prolibras UFSC; Prolibras SC; Antologia de poesias SC; Empréstimos linguísticos; Inventário Libras; Antologia de Poesias SC e Surdos de Referências. Dentre os ícones disponíveis selecionamos o ícone “Surdos de Referências” e tivemos acesso aos vídeos.

Os Surdos de Referência foram indicados pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos- Feneis. Eles representam as comunidades surdas de forma nacional e nas regiões em que vivem. Esses surdos são engajados em questões sociais, políticas, intelectuais e comunitárias. Nesse projeto há vídeos de surdos representantes das comunidades surdas das cinco regiões brasileiras discorrendo sobre vários temas nomeados de categoria. Os vídeos, em Libras, foram catalogados da seguinte maneira: data da coleta da filmagem; o nome do projeto; o nome do responsável do projeto; a categoria do vídeo; a *tag*, que entendemos ser a categoria dos vídeos; o nome dos participantes e a disposição do vídeo em 4 câmeras como pode ser verificado na figura a seguir:

Figura 54: Layout da ficha técnica dos vídeos

Inventário Nacional de Libras - Surdos de Referência

Id Dado: **974**
 Data De Coleta: **2017-10-05**
 Nome do Projeto: **Surdos de Referências**
 Responsavel: **Ronice Müller de Quadros**
 Categoria: **Entrevista**
 Tags: **surdo referência, feminino, Rio de Janeiro**
 Participantes: **Ana Regina e Souza Campello**

Video 1 Video 2 Video 3 Video 4

Fonte: <http://corpuslibras.ufsc.br/2020>.

Os vídeos foram gravados em 2017 e divididos em gêneros. O gênero escolhido para coleta de dados da nossa pesquisa foi o gênero Narrativas. Os participantes tiveram acesso, previamente, a clipes de vídeos que utilizam como forma de comunicação a pantomima e a mímica. Os clipes de vídeos foram: *Charlie Chaplin*; *Tom e Jerry*; História da Pera e, por último, *Mister Bean*. Os clipes envolvem vídeos de, no máximo, 3 minutos. Cada participante assistiu a dois clipes e, posteriormente, escolheu um dos vídeos e reproduziu a narrativa, em Libras. O participante pôde assistir os clipes mais de uma vez, se desejasse. Nos três vídeos o espectador é o mesmo, o que difere são os participantes que reproduzem a narrativa.

4.2 Procedimentos para coleta de dados

Antemão elaboramos um Instrumento Conceitual-IC. Essa ferramenta foi utilizada pela primeira vez na pesquisa de Leite (2019), que inaugurou a utilização do IC no campo científico. Na ocasião, Leite (2019) contou com a orientação da Professora Dra. Eliamar Godoi. Para nossa pesquisa também elaboramos um Instrumento descritivo/analítico para servir de aporte orientador no desencadear das identificações, análises e descrições dos dados coletados. O Instrumento descritivo/analítico, assim como o IC, foi criado com a orientação da professora Dra. Eliamar Godoi. O quadro a seguir, refere-se ao IC e apresenta o conceito do termo CLASSIFICADOR de acordo com os autores pesquisados:

Quadro 22: Instrumento Conceitual do termo “CLASSIFICADOR” nos processos de formação de sinais nas línguas sinalizadas de acordo com o aporte teórico

Allan (1977)	...podem representar nome, adjetivo, advérbio de modo ou locativo, mas ressalta que é no verbo ou no adjetivo que eles se incorporam sendo identificados no sintagma verbal ou no predicado
Faria-Nascimento (2009)	...um tipo de morfema livre com grande informação semântica e que, por isso, representa ora um sintagma nominal, ora sintagma verbal com alto poder de ajuste pragmático. Apesar das controvérsias, não se tem dúvida de que os Cls são constituintes com função gramatical.
Ferreira-Brito (2010[1995])	Classificador“é, pois, um morfema afixado a um item lexical, atribuindo-lhe, assim, a propriedade de pertencer à determinada classe.”
Mc Donald (1982)	Os Classificadores são morfemas que se ligam aos verbos de movimento e de localização representando o movimento ou localização do objeto
Passos (2014)	O Classificador é uma palavra ou morfema utilizado em algumas línguas de sinais para classificar o referente de um substantivo de acordo com seu significado. Os Classificadores indicam alguma característica perceptível da entidade à qual se referem, como por exemplo, aspecto físico, tamanho, forma, animação, função, papéis sociais e a forma de interação
Pimenta e Quadros (2009)	“configuração de mão geral que pode substituir vários sinais de uma determinada categoria”, ou seja, são recursos linguísticos que servem para descrever pessoas, animais e objetos e para indicar a movimentação ou a localização de pessoas, animais e objetos, podem ser realizados em pontos específicos do espaço, assim como os sinais específicos, ou serem usados incorporando os pontos por meio de movimentos, assim como alguns sinais”.
Quadros e Karnopp (2004)	...um sistema pertencente ao léxico inicial da Libras, e está extensivamente envolvido no processo morfológico de formação lexical. Isso devido ao fato de que os Classificadores têm papel preliminar na formação dos sinais, pois, com o passar do tempo, diversos Classificadores passam pelo processo de lexicalização e se tornam sinal.
Strobell e Fernandes (1998)	..uma forma que estabelece um tipo de concordância em uma língua. Na LIBRAS, os Classificadores são formas representadas por configurações de mão que, substituindo o nome que as procedem, podem vir junto de verbos

	de movimento e de localização para classificar o sujeito ou objeto que está ligado à ação do verbo.
Supalla (1986)	O uso de Classificadores nas línguas de sinais relaciona-se a verbos de movimento e de localização, cuja forma da mão refere-se à classe do objeto que está envolvido no evento.

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

O quadro a seguir trata-se do instrumento de análise de dados, ao qual nomeamos como quadro descritivo/analítico elaborado para explicar cada fenômeno de formação de sinais por meio de Classificadores ou de suas Construções identificadas durante as análises dos dados coletados:

Quadro 23: modelo descritivo/analítico

Aspectos	Análise do processo de formação do sinal Classificador ou Construção Classificadora
Sentença	
Morfema raiz ou sinal-base	
Morfema vinculado	
Formação final	
Definição de acordo com o contexto	
Descrição	
Categoria do Classificador ou Construção Classificadora	
Regras de combinação	
Tipo de composição/derivação	

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A fim de seguir um padrão de ação descritiva, sempre que possível, a descrição do sinal que sofreu o processo morfológico por meio do uso de Classificador ou de Construção

Classificadora, encontrado na fala dos surdos, será feita seguindo o padrão/estrutura de descrição apresentados nos volumes 1 e 2 do Dicionário Trilíngue (Capovilla; Raphael, (2001). Uma vez que a descrição dos sinais desse dicionário, de modo didático, contempla traços relacionados à descrição do sinal, à morfologia e a iconicidade, aspectos relevantes para demonstração da nossa análise.

Desse modo, as ações da coleta, análise e descrição dos dados seguiram a seguinte trajetória:

1. Acesso à plataforma Núcleo de Pesquisas em Aquisição de Língua de Sinais-NALS da Universidade Federal de Santa Catarina e seleção dos vídeos do Inventário de Libras;
2. Explicação dos instrumentos da coleta de dados;
3. Elaboração de um Instrumento Conceitual e Instrumento descritivo/analítico para organização e detalhamento dos fenômenos de formação de sinais por meio de Classificadores ou de Construção Classificadora identificados nos vídeos selecionados;
4. Apresentação do perfil dos participantes da pesquisa e análise do cenário de gravação
5. Tradução, contextualização/manuscritos dos vídeos e transcrição pelo ELAN, com a única finalidade de funcionar como representação da fala dos participantes para ilustrar os fenômenos verificados na sinalização do surdo e como forma de registrar esse fenômeno no texto da Tese;
6. Levantamento de todas as aparições de sinais realizados a partir dos Classificadores e de Construções Classificadoras distintos e as respectivas análises;
7. Registro, descrição e categorização de cada sinal distinto à luz do instrumento conceitual definidor de fenômenos Classificadores e de Construção Classificadora;
8. Análise e descrição dos dados

Sendo assim, a análise será apresentada em dois eixos quais sejam: Contextualização e Categorização e análise. Para cada vídeo analisado adotamos como critério para contextualização:

1. Apresentamos o cenário de pesquisa;

2. Fizemos um resumo das narrativas sinalizadas pelos participantes;
3. Nomeamos o fenômeno-sinal identificado;
4. Mostramos, por meio de um recorte de imagem, o contexto de sinalização onde o fenômeno foi identificado;
4. Elaboramos um quadro descritivo/analítico com as seguintes informações para cada tipo de Classificador ou Construção Classificadora distinto, identificando: a sentença onde o fenômeno foi identificado, o morfema raiz ou sinal-base que foi realizado por meio do Classificador ou de Construção Classificadora, o morfema que foi vinculado ao fenômeno, a formação final do fenômeno, a definição de acordo com o contexto, a descrição do fenômeno, a categoria do fenômeno identificado, quais as regras de combinação para a realização do sinal e a que tipo de composição/derivação esse sinal corresponde.

Em relação a categorização e análise dos fenômenos de tipo ou Construção Classificadora, e tipos de composição/derivação apresentamos os fenômenos na seguinte ordem:

- a) Fenômeno/sinal;
- b) Categoria;
- c) Quadro descritivo/analítico aplicado;
- d) Análise

4.2.1 Mecanismos para coleta de dados “Surdos de Referência”

Selecionamos 3 vídeos sobre o tema “Surdos de Referência”, sendo 2 da região Sudeste e 1 da região Sul. Cada vídeo tem, em média, 2 minutos de duração. A categoria desses vídeos é ‘Narrativa’ com base em clipes de vídeos onde não há linguagem verbal na modalidade oral e, tampouco, escrita. Inicialmente, as análises eram feitas diretamente na página do Corpus Libras da UFSC, tempo depois a página, por motivo de manutenção, não pôde mais ser acessada. Na ocasião, enviamos e-mail para a professora Doutora Ronice Muller de Quadros, que, prontamente, encaminhou o material solicitado.

Reconhecendo a iconicidade dos Classificadores e as características performáticas específicas de cada gênero textual, considerando a língua em seu contexto comunicativo, podemos elencar aqui a relevância das Construções Classificadoras na apresentação de gêneros textuais tais como: música, poema, piada, diálogos, os quais pertencem a narrativas. Ao tratar de contação de histórias, por exemplo, o falante de Libras utiliza recursos para transmitir a mensagem proposta, esses recursos se juntam aos parâmetros da Libras, às Expressões Não- Manuais e, sobretudo, às Construções Classificadoras para atribuir sentido à mensagem transmitida.

Os vídeos selecionados foram: “*Charlie Chaplin* e “*Tom e Jerry*. Tratam-se de narrativas de clipes em que são explanados a pantomima e a mímica. Caso esses vídeos não contivessem pelos menos 1 ocorrência de um dos tipos de Classificadores e suas Construções Classificadoras, conforme identificado e explanado no aporte teórico desta pesquisa, outros vídeos seriam selecionados. Os surdos participantes são considerados Surdos de Referência por serem estudiosos da área da Libras e representarem suas comunidades.

4.3 Perfil dos participantes dos vídeos selecionados e análise do cenário para gravação dos vídeos


Os Surdos de Referência selecionados para coleta de dados desta pesquisa foram: Ana Regina e Souza Campello, filha de pais ouvintes. Campello é fundadora e ex-presidente da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos-Feneis. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Campello é coordenadora do Grupo de Pesquisa: Instrução de Libras como Primeira e Segunda Língua no INES e autora de diversos livros e artigos sobre a educação de surdos e sobre a Libras.

O segundo participante selecionado foi Marisa Dias Lima, filha de pais surdos. Lima é Coordenadora-Geral de Atendimento Especializado da Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão-SECADI do Ministério da Educação (MEC) | desde março de 2023. A participante é Doutorada em Educação- linha de pesquisa Estado, Política e Gestão Escolar pela Universidade Federal de Uberlândia, Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília - UnB, Graduação em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.



E, por último, Rimar Ramalho Segala, filho de pais surdos. Segala é professor Assistente II do Departamento de Psicologia no Curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O participante é Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) e Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC-2010).

A seguir, esboçamos, por meio de um quadro, o perfil dos surdos selecionados para essa pesquisa. O quadro, na íntegra, com o perfil dos 35 participantes, pode ser consultado na aba “publicações” do Corpus de Libras¹⁰. A publicação onde se encontra o perfil dos participantes é uma obra intitulada “Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro (Quadros [et al.]. (2018).

Quadro 24: Surdos de Referência desta pesquisa

<p>1. Ana Regina de Souza Campello (RJ) anacampelloines@gmail.com</p>  <p>http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1116#w1-tab0</p>	<p>Liderança Surda. Doutora em Educação. Professora e pesquisadora da área da educação de surdos (INES). Área de concentração: Educação de Surdos. Primeira presidente surda da FENEIS nacional (antiga FENEIDA), em 1987. Ex-presidente da FENEIS nacional em várias gestões. Sempre esteve à frente dos movimentos sociais surdos.</p>	<p>http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos%20de%20Refer%C3%AAncias#w1-tab0</p>
--	--	--

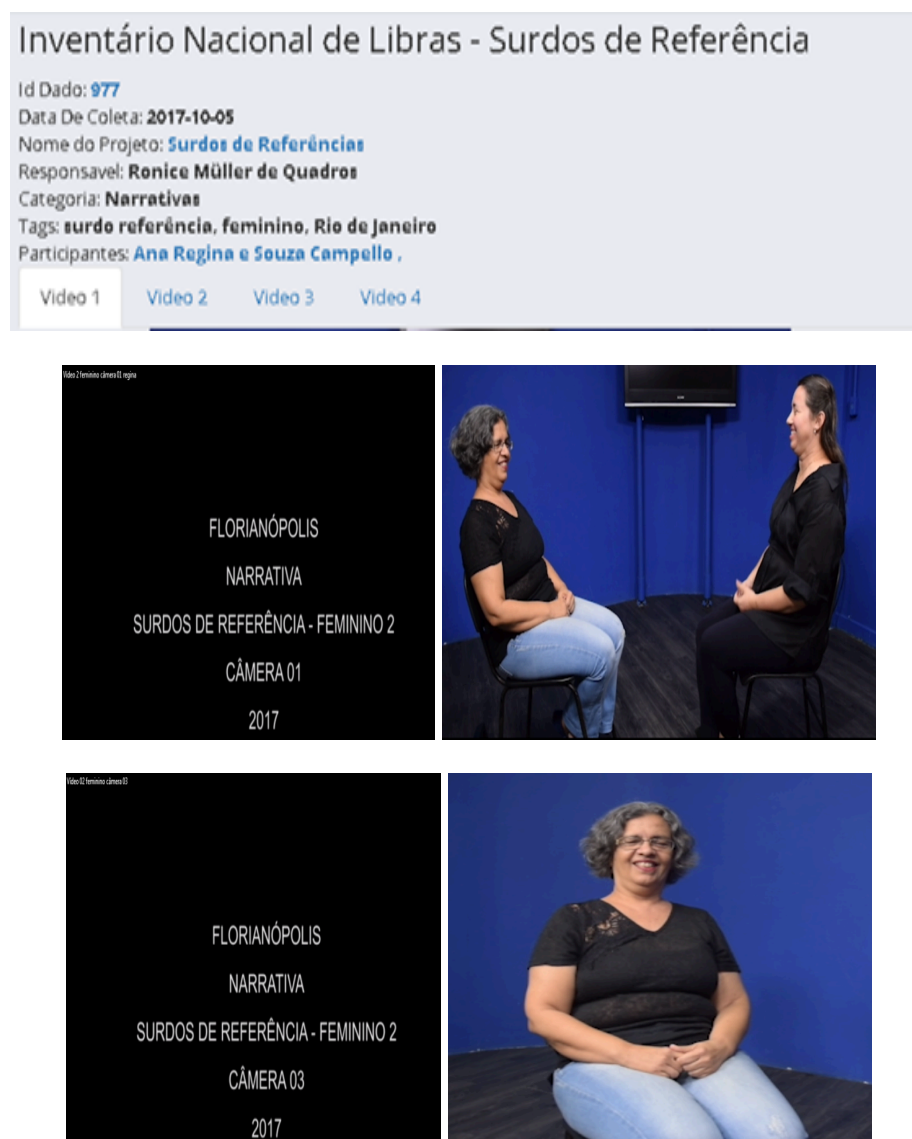
¹⁰ <https://corpuslibras.ufsc.br/2020>.

<p>17. Marisa Dias Lima (MG) marisalima.ufu@gmail.com</p>	<p>Doutoranda em Educação – Linha de Estado, Política e Gestão Escolar (UFU). Mestre em Linguística com o enfoque em Língua Portuguesa por escrito dos surdos (UnB). Pedagoga (2008) e Letras Libras (2010). Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Desde jovem atuou ativamente nos movimentos da comunidade surda no interior de Minas Gerais, participou diversas conquistas da Associação dos Surdos de Patos de Minas. Foi a primeira surda a atuar como professora efetiva da educação básica atuando na sala de aula da rede estadual de Minas Gerais. Atualmente participa dos movimentos sociais da comunidade surda mais especificamente a educação bilíngue dos surdos, implementação do curso superior de pedagogia bilíngue para a formação de professores. Lidera com os grupos de surdos jovens, adultos e idosos com diversos projetos e programas que promova a interação e formação do sujeito no seu exercício de cidadania.</p>	<p>http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%Aancias?page=2#w2-tab0</p>
 <p>http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1131#w1-tab0</p>		
<p>26. Rimar Ramalho Segala (SP) rimar@ufscar.br</p>	<p>Liderança Surda. Mestre em Estudos da Tradução. Professor e pesquisador da UFSCAR. Contador de histórias e poeta. Área de concentração: Tradução intersemiótica, interlinguística e intermodal.</p>	<p>http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1111#w1-tab0</p>
 <p>http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1140#w1-tab0</p>		

Fonte: Quadros [et al.]. (2018)

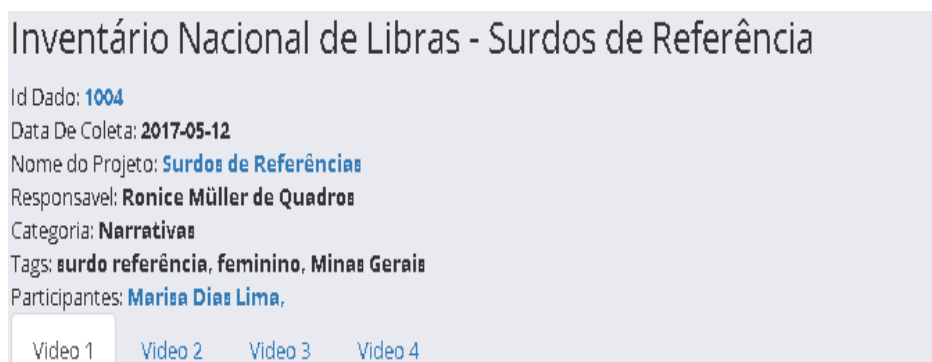
O cenário para a gravação dos vídeos foi um espaço cedido pela UFSC e adaptado para esse fim. Com o intuito de captar os sinais de forma tridimensional 4 (quatro) câmeras foram instaladas. Nas figuras 55, 56 e 57, a seguir, apresentamos o layout da ficha técnica de cada vídeo selecionado, acompanhados da captura de tela dos vídeos pelos ângulos das câmeras 01 e 03. Conforme podemos ver nas figuras o cenário tem um fundo azul e é neutro possuindo apenas as câmeras e a televisão para que os participantes pudessem assistir aos clipes selecionados.

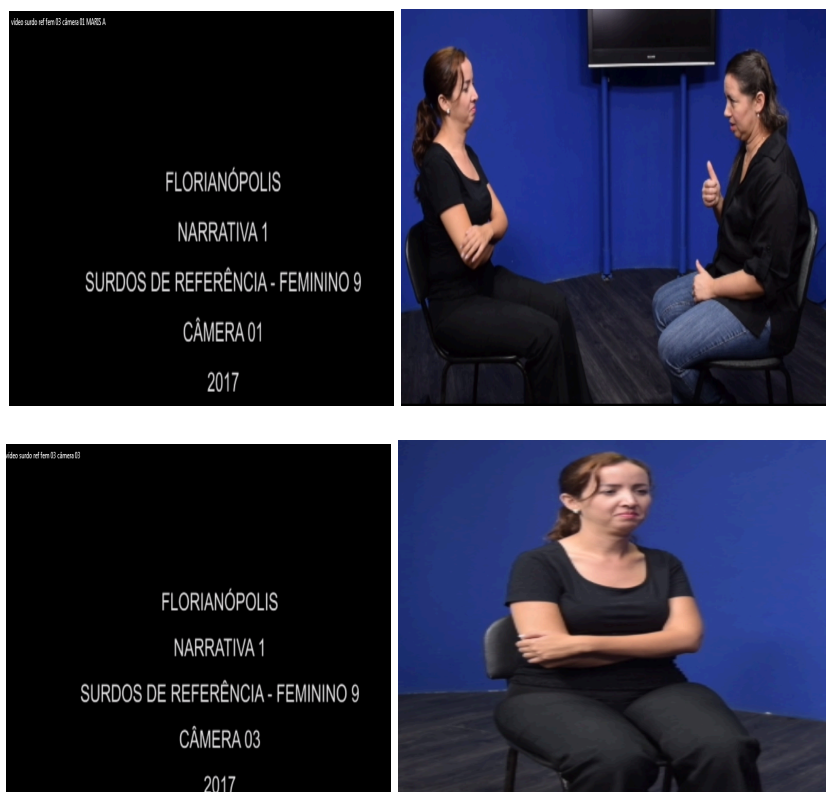
Figura 55: Layout da ficha técnica vídeo 1 e cenário



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

Figura 56: Layout da ficha técnica do vídeo 2 e cenário





Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

Figura 57: Layout da ficha técnica do vídeo 3 e cenário

Inventário Nacional de Libras - Surdos de Referência

Id Dado: **1111**
 Data De Coleta: **2018-12-01**
 Nome do Projeto: **Surdos de Referência**
 Responsável: **Ronice Müller de Quadros**
 Categoria: **Entrevista**
 Tags: **surdo referência, masculino**
 Participantes: **Rimar Ramalho Segala,**

Video 1 Video 2 Video 3 Video 4



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

4.4 Conteúdo das narrativas para identificação de Classificadores e de Construções Classificadoras

Nesse tópico apresentamos as traduções feitas da Libras para o Português, a fim de contextualizar e auxiliar na análise dos dados. Em anexo encontram-se os manuscritos desenvolvidos durante as análises, e que nos auxiliou para identificação dos Classificadores. Também, inserimos, em anexo, as transcrições dos vídeos o qual auxiliou na confirmação da identificação dos fenômenos de Classificadores e suas construções identificados nas narrativas. As transcrições foram realizadas utilizando-se o Sistema de Anotação Eudico – ELAN¹¹. Quadros *et al.* (2018) afirma que o sistema ELAN permite a criação, edição, visualização e anotações de dados de áudio e vídeo, além de permitir a criação de trilhas para registro e análise das línguas, sejam elas visual-espacial ou oral auditivas. As transcrições dos vídeos selecionados para esta pesquisa encontram-se no anexo 03.

4.4.1 Tradução das narrativas realizadas pelos participantes

Queremos pontuar que as traduções foram realizadas por nós, após assistirmos os vídeos quantas vezes foram necessárias e que, colegas surdos, usuários de Libras contribuíram fazendo a revisão. O resultado dessas traduções será apresentado a seguir:

Narrativa do clipe “*Tom e Jerry*” participante 1

O gato estava vestido de *cowboy* enquanto o rato estava escondido na toca. O Gato colocou queijo dentro de uma armadilha e observou o rato se aproximar. Observou ele vindo e viu o dono do bar dormindo em cima da cadeira. O rato correu, subiu na mesa, viu dois pedaços de pães de forma e colocou a mão do dono do bar entre duas fatias, junto com tomate. Em seguida, o rato assobiou. O Gato ouviu e viu

¹¹ <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>

comida, correu para mesa e na hora de comer pão com a mão do dono do bar o dono gritou assustado. Em outra cena o gato está correndo e fugindo, aí o dono do bar com a arma na mão atira. o gato corre e se esconde atrás da árvore, vê uma lagoa para tomar água e, mas a barriga está furada por causa de alguns tiros e a água sai pelos furos. O Gato perseguiu o rato até na roça onde tem uma vaca, o rato pegou o rabo de vaca, colocou em cima de outro pão e deixou no chão. De repente o gato viu, sentiu vontade de comer o pão, mas não viu que o rabo da vaca estava nele. Quando mordeu o pão a vaca gritou e assustou o gato.

Narrativa do clipe “*Charlie Chaplin*” participante 2

Charlie Chaplin combinou com o menino para ir cada um por um caminho e se encontra no final. Então, o menino foi quebrando as janelas, por onde passava, com a pedra. Quebrou uma janela e depois foi quebrando outras. De repente veio o policial, perto do menino, e ele desapareceu. O policial encontrou *Charlie Chaplin* arrumando janela e ficou desconfiado. *Charlie Chaplin* ficou sem graça. Logo, depois o menino aparece perto de Charlie Chaplin e o personagem mandou o menino sair de perto, - sai sai ... de perto. Eles haviam combinado que o menino quebraria os vidros e *Charlie Chaplin* aparecia em seguida para oferecer o serviço de vidraceiro. O policial percebeu a armação e saiu correndo atrás do menino.

Narrativa do clipe “*Charlie Chaplin*” participante 3

Um homem surdo, magro, esguia está junto a uma criança. Chegou a um acordo no qual cada um iria para um lugar diferente e depois se encontrariam no ponto de encontro. A criança partiu, seguindo seu caminho. O homem, por sua vez, ficou para trás aguardando com sua mochila pesada. A criança notou uma janela e, num impulso, lançou algo que acabou por quebrar tudo. Uma jovem, ao presenciar a cena, ficou desesperada ao ver o homem, o surdo. Em seu desespero, ela pediu para que ele consertasse a janela. A polícia notou a pedra e achou estranho. Logo depois, viram um homem magro e surdo consertando a janela quebrada. O homem, enquanto trabalhava, deixou escapar a pedra que tinha em mãos, e esta acabou batendo no rosto do policial, que já estava nervoso. Nesse instante, uma moça apareceu para acalmar a situação. Ela ofereceu pagar pelo dano causado à janela, na tentativa de acalmar o policial. Em meio ao caos, a situação começou a se desenrolar, e o policial decidiu recuar. Com um olhar perspicaz, começou a desconfiar do garoto que havia recentemente chegado na área. O jovem, apesar de suas dificuldades, mostrou-se bastante astuto, conseguindo despistar as autoridades e desaparecer no meio da multidão. Ele foi embora dali, prometendo retornar em um tempo indeterminado. No entanto, a polícia não deu trégua e continuou a sua busca incessante. Eles estavam determinados a esclarecer a situação, seguiram cada pista, cada rastro deixado pelo menino.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos as análises dos dados. Para cada vídeo selecionado, contextualizamos a narrativa, apontando a duração do vídeo, o nome do participante e o layout do cenário capturado pela câmera 03. Em seguida, analisamos o vídeo. Em relação a análise para cada fenômeno identificado apresentamos o fenômeno, seguido da captura de tela do fenômeno identificado, categorizamos esse fenômeno e elaboramos o quadro descritivo/analítico. Nesse quadro discorremos sobre a sentença, o morfema raiz onde o fenômeno foi identificado, o morfema que se vinculou ao morfema raiz, a formação final desse fenômeno. Ainda descrevemos o fenômeno, categorizamos em tipo ou construção, apresentamos as regras de combinação e, por fim, apontamos a qual tipo de composição/derivação o fenômeno pertence.

Pautados nos critérios de análise previamente delimitados e explanados por meio do quadro analítico descritivo e do instrumento conceitual, apresentamos a seguir, o levantamento e análise dos sinais que apresentaram o fenômeno de Classificadores e suas construções coletados nos vídeos. Os fenômenos identificados que se repetiram não foram novamente descritos e analisados, mas apresentamos, em alguns casos, capturas das imagens, as quais mostraram o fenômeno classificador e delineamos as distinções nas escolhas dos participantes. Ressaltamos que, para a representação das Configurações de Mão foi considerado o apresentado por Duarte (2011).

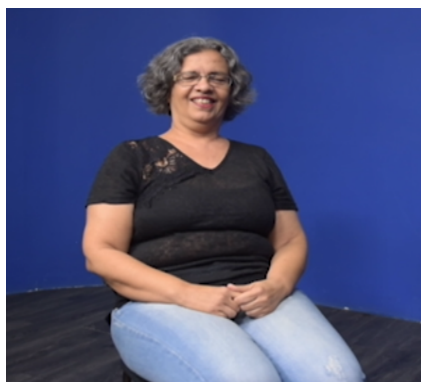
5.1 Fenômeno de formação de sinal por meio de Classificador ou de Construção Classificadora de informações gramaticais em itens lexicais e a regularidade desses fenômenos na formação dos sinais

Após a identificação do fenômeno iniciamos a descrição e análise apontando as informações gramaticais contidas nos itens lexicais e apresentamos a regularidade de ocorrência dos fenômenos. A seguir, para cada vídeo analisado, após contextualizar o vídeo, apontando duração, participante e clipe narrado, apresentamos os fenômenos identificados em cada um dos vídeos analisados seguindo os procedimentos propostos. As configurações de mãos inseridas durante as análises foram retiradas de Duarte (2011).

5.1.1 Contextualização e análise-vídeo 1

O primeiro vídeo analisado tem duração de 2min07s e foi narrado por Ana Regina e Souza Campelo. No vídeo a participante narra para seu receptor o que entendeu do Clipe do vídeo “*Tom e Jerry*”.

Figura 58: Layout do cenário vídeo 1- FLN_GR_F02_NARRATIVA_Cam 03_2017



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

Análise do vídeo 1

Categorização e análise-Fenômeno 1

a) Fenômeno-Sinal: GATO *COWBOY*

Figura 59: realização do sinal *COWBOY*



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

b) Categoria: Classificador Instrumental

c) Quadro descritivo/analítico

Aspectos	Análise do processo de formação do sinal Classificador ou Construção Classificadora
Sentença	GATO CHAPÉU E ARMA CINTURA VER TOCA ENROLAR QUEIJO COLOCAR TOCA
Morfema raiz ou sinal-base	Chapéu-substantivo
Morfema vinculado	Arma- substantivo
Formação final	“ <i>Cowboy</i> ”.
Definição de acordo com o contexto	Gato cowboy
Descrição	<p>Chapéu: Mãos em A, palma a palma, mão esquerda acima da orelha esquerda; mão direita acima do lado direito da testa. Baixar ligeiramente as mãos com movimento alternado com se tivesse ajustando o chapéu à cabeça.</p> <p>+</p> <p>Arma na cintura: Mãos em L na vertical, dedos indicadores apontados para baixo, palmas para trás, movimento vertical para baixo alinhado à cintura.</p>
Categoria do Classificador ou Construção Classificadora	Classificador do tipo Instrumental- mão como instrumento: chapéu na cabeça + arma na cintura
Regras de combinação	Realização do Classificador mão como instrumento CHAPÉU + realização do Classificador mão como instrumento ARMA NA CINTURA duplicado.
Tipo de Composição/Derivação	Composição por Justaposição: CHAPÉU + ARMA NA CINTURA= GATO <i>COWBOY</i> .

d) Análise

O item lexical *COWBOY* foi identificado a partir da composição dos sinais para CHAPÉU e para ARMA. Tanto o item lexical CHAPÉU quanto o item lexical ARMA foram identificados como sinais Classificadores de Instrumentos, pois para a realização desses sinais observamos que a participante representa de forma mimética os instrumentos. Nossa análise vai ao encontro do apontado por Meir (2001 citado por Veloso, p. 2008, p.34). A autora considera que as Construções Classificadoras são o resultado de um processo morfológico de composição que ocorre comumente em Incorporação de Instrumento.

No caso do sinal para CHAPÉU a maneira como a participante segura o instrumento e o coloca na cabeça permitiu identificarmos se tratar de um chapéu e não um boné, por exemplo. A participante segura o chapéu pelas abas com as mãos configuradas em A, mão esquerda acima da orelha e mão direita acima do lado direito da testa, em seguida, abaixa as mãos encaixando o chapéu na cabeça.

Para realizar o sinal referente a ARMA identificamos que o sinal foi duplicado para reforçar que o sujeito da sentença é *cowboy*. A duplicação do sinal para demonstrar que se trata de um cowboy é realizada da seguinte forma: a participante utiliza a Configuração de Mão em L, na vertical e com os dedos para baixo e a palma das mãos para trás com movimento vertical para baixo alinhado à cintura. Na realização desse sinal a participante utiliza as duas mãos fazendo referência ao comportamento de um *cowboy* diante de uma situação desafiadora.

Considerando o discorrido por Felipe (2002) podemos ainda categorizar os sinais para CHAPÉU e ARMA como Classificadores mãos como Instrumentos, pois a participante utiliza as mãos para representar a maneira como se coloca um chapéu na cabeça e a maneira como se coloca as armas na cintura. Vale destacar que, assim como a maneira que a participante realiza o sinal Classificador para CHAPÉU deixa evidente ser esse o instrumento representado, o mesmo ocorre com o sinal para ARMA. A maneira como a participante segura as armas e as coloca na cintura revela que essas armas referem-se a revólveres.

O sinal para *COWBOY* realizado pela participante nos mostra o caráter icônico do Classificador. Ao compor o item lexical CHAPEÚ + ARMA NA CINTURA complementado pelas ENM's-movimento do corpo mais expressão facial - é possível identificar que na narrativa a participante caracteriza o gato como um *cowboy*. Faria-Nascimento (2009, p.117) valida essa percepção. A autora afirma que, considerando o aspecto morfológico, os sinais Classificadores são realizados a partir dos mesmos parâmetros de um sinal que se combinam e se somam as ENM's.

O tipo de composição identificado nessa sinalização é Composição por Justaposição onde acontece a junção dos sinais de CHAPÉU e de ARMA, mas sem a alteração fonética entre eles (Felipe, 2006). Ou seja, os morfemas CHAPÉU e ARMA se compõem para formar um terceiro item lexical *COWBOY*, mas se mantém articulados dentro da sentença no processo de composição. A esses sinais é acrescido o Ponto de Articulação “cintura” para caracterizar que o gato é um cowboy, resultando em: GATO *COWBOY*.

Categorização e análise – Fenômeno 2

a) Fenômeno-Sinal: TOCA DE RATO



Figura 60: realização do sinal TOCA DE RATO



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

b) Categoria: Classificador Descritivo + Classificador X Tipo de Objeto

c) Quadro descritivo/analítico

Aspectos	Análise do processo de formação do sinal Classificador ou Construção Classificadora
Sentença	GATO VER TOCA ENROLAR QUEIJO COLOCAR TOCA
Morfema raiz ou sinal-base	 CM-58: toca - substantivo
Morfema vinculado	 CM -G: descrição da forma da entrada da toca- adjetivo
Formação final	Toca
Definição de acordo com o contexto	Lugar onde rato se esconde
Descrição	<p>CM-58: realizada com a mão esquerda, palma da mão para baixo em um espaço neutro representado uma passagem semicircular que dá acesso a toca;</p> <p>+</p> <p>CM-G: realizada com a mão direita, palma da mão para baixo, movimento da esquerda para direita à frente da CM-58 acompanhando o formato da CM-58.</p>

Categoria do Classificador ou Construção Classificadora	Classificador do tipo Descritivo + Classificador do tipo X Tipo de Objeto
Regras de combinação	Realização do sinal Classificador Descritivo para TOCA a partir da CM- 58 seguido da realização do sinal + Classificador X Tipo de Objeto CM-G.
Tipo de Composição/Derivação	Composição por Justaposição: CM-58 + CM-G= TOCA DE RATO

d) Análise

O item lexical TOCA foi composto pela combinação das configurações de mão CM-58 (Duarte,2011) e CM-G. (Ferreira-Brito, 2010[1995]). A intenção da participante foi representar a toca onde supostamente havia um rato o qual o gato *cowboy* queria como sua presa. Identificamos que para o sinal referente a TOCA a participante lançou mão de dois tipos de Classificadores: Descritivo e x Tipo de Objeto. Entendemos que uma CM não é caracterizada como morfema, mas como fonema. Nesse caso CM-58 foi considerado morfema base ou raiz e CM-G foi considerado morfema vinculado, pois essas CM 's se juntaram a outros parâmetros e se tornaram uma menor parte com significado, ou seja, se tornaram morfemas que se compuseram para formar o sinal de TOCA.

Para a realização do morfema base CM-58a participante utilizou mão esquerda com a palma da mão para baixo. O sinal foi realizado em um espaço neutro e não houve movimento. Identificamos esse morfema como morfema preso, pois para formar o item lexical TOCA foi necessário a junção do morfema CM-G. Caso contrário o morfema CM-58 poderia ser outro item lexical, como por exemplo; Gol- lugar onde se arremessa a bola em um jogo de futebol. Nesse caso também seria necessário a junção de outro morfema para formação desse item lexical..



Já para a realização do morfema vinculado CM-G a participante utilizou a mão direita com a palma para baixo, movimentando o dedo indicador da esquerda para direita, à frente do morfema base, acompanhando o formato do morfema. Logo, concluímos que a CM- 58 trata-se do substantivo TOCA e a CM-G do adjetivo descritivo, realizado de forma semicircular e que juntos formaram a sentença TOCA DE RATO. Ao lançar mão da

CM-G, acompanhado do movimento semicircular, entendemos que a participante pretendia representar o formato da entrada da TOCA.



A CM-58 foi identificada como Classificador Descritivo reconhecida por Supalla (1986) como uma das possibilidades de classificação para substantivos da ASL e que tomamos como referência para nossos estudos sobre a Libras. Essa CM descreveu o tamanho e a forma da entrada da toca que, de acordo com o vídeo, havia um rato na parte interna. Diante das nossas leituras o CL-D comumente é realizado utilizando as duas mãos (Fatec, s/d), mas nesse caso há supressão da mão direita que é utilizada pela participante para a realizar CM-G.

A CM-G realizada pela participante para composição do sinal TOCA DE RATO é categorizada como X tipo de objeto (Ferreira-Brito 2010[1995]) e tem a função de descrever objetos, assim como o CL-D. No caso dessa sentença a CM-G realizada como complemento a CM-58 foi fundamental para transformar o fonema CM-58 em morfema base. Dessa forma, a composição dos fonemas CM-58 e CM-G resultando em TOCA DE RATO nos mostra que nem sempre um sinal composto será realizado a partir de um morfema base, mas poderá ser realizado pela junção de fonemas.

Em relação ao tipo de composição temos aqui a Composição por Justaposição dos fonemas CM-58 e CM-G, houve a junção dos fonemas para TOCA e para DE RATO, mas sem alterar o aspecto fonético. CM-58 e CM-G se compuseram para formar: TOCA DE RATO, mas nenhuma das CM foram eliminadas. No fenômeno da formação de sinais por meio de Classificadores e Construções Classificadoras é comum Configuração de Mão se tornar um sinal. Nesse caso, os fonemas se juntam para formar o sinal.

Categorização e análise – Fenômeno 3

a) Fenômeno-Sinal: RATO ANDANDO

Figura 61: realização do sinal ANDAR



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

b) Categoria: Verbos Classificadores: Sujeito+ Verbo

c) Quadro descritivo/analítico

Aspectos	Análise do processo de formação do Classificador ou Construção Classificadora
Sentença	GATO ESCONDIDO ESPERAR RATO ANDAR DIREÇÃO ARMADILHA
Morfema raiz ou sinal-base	Pessoa/rato -substantivo
Morfema vinculado	Andar-verbo
Formação final	Rato andando
Definição de acordo com o contexto	Deslocamento, movimento
Descrição	Mão em G, dedo indicador para cima, pala para trás, movimento em direção ao corpo da participante.
Categoria do Classificador ou Construção Classificadora	Construção Classificadora Verbos Classificadores: sujeito+ verbo.
Regras de combinação	Verbo andar incorporado ao sujeito + movimento em direção ao corpo da participante.
Tipo de Composição/Derivação	Composição por Aglutinação-Regra da sequência única: sujeito RATO incorporado ao verbo ANDAR= RATO ANDANDO

d) Análise

A participante está narrando a expectativa do gato *cowboy*, após fazer uma armadilha, de que o rato caia nela. Ela sinaliza o gato preparando a armadilha e depois se escondendo para esperar o rato andar em direção a estratégia que o gato armou para pegá-lo. O rato, de fato, anda em direção a armadilha. Nesse trecho da narrativa identificamos que a participante, para representar a Construção Classificadora RATO ANDANDO, não utiliza o Classificador para andar específico para rato.

Sabemos que o verbo ANDAR é um Verbo Classificador que incorpora o sujeito nas Construções Classificadoras para representar quem anda. No caso de RATO ANDANDO o sinal poderia ser realizado da seguinte maneira: mão na vertical fechada com a palma para a esquerda, os dedos indicador e polegar unidos pelas pontas em forma de pinça tocando a bochecha. A esse sinal a participante poderia adicionar o Classificador para ANDAR de rato. Todavia, o que identificamos foi a Construção Classificadora para PESSOA ANDANDO sendo utilizada para se referir ao RATO ANDANDO.

Mesmo diante desta percepção podemos categorizar esse Classificador como Construção Classificadora Verbo Classificador: Sujeito + Verbo, conforme Faria-Nascimento (2009), pois identificamos o sujeito RATO e o verbo ANDAR na sentença, embora a participante não tenha utilizado Classificador para RATO ANDANDO, mas de PESSOA ANDANDO. Supalla (1986) discorre que os Classificadores podem ser utilizados em Verbos de Movimento ou em Verbos de Localização. Nesse caso o verbo ANDAR refere-se a um Verbo de Movimento. Nessa sentença tivemos o sujeito RATO incorporado ao verbo ANDAR.

Em relação ao tipo de composição identificada em RATO ANDANDO concluímos que é do tipo Composição por Aglutinação- Regra da Sequência Única, apresentada por Quadros e Karnopp (2004) como uma possibilidade de sinal composto. Nesse tipo de composição pelo menos dois sinais se juntam para realizar um terceiro sinal e nesse processo um ou mais elementos fonéticos é suprimido. Em RATO ANDANDO a princípio, como mencionado anteriormente, teríamos RATO + CLASSIFICADOR DE RATO ANDANDO. Nesse caso o sinal de RATO foi incorporado ao verbo ANDAR, mas que foi realizado como referência a PESSOA ANDANDO. A realização do sinal ocorreu por uma sequência única onde o sinal Cl para PESSOA ANDANDO foi realizado incorporado ao verbo sem que houvesse outro sinal complementar resultando em: RATO ANDANDO.

Categorização e análise – Fenômeno 4

a) Fenômeno-Sinal: TER UMA IDEIA



Figura 62: realização do sinal TER UMA IDEIA



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

b) Categoria: Classificador Semântico

c) Quadro descritivo/analítico

Aspectos	Análise do processo de formação do sinal Classificador ou Construção Classificadora
Sentença	RATO VER IDEIA
Morfema raiz ou sinal-base	 CM-39: verbo ter
Morfema vinculado	 CM-71: substantivo ideia
Formação final	Ter uma ideia
Definição de acordo com o contexto	Pensar em algo, ter um plano
Descrição	CM-39: palma da mão para trás, na horizontal, pontas dos dedos polegar e indicador tocando as extremidades do queixo + CM-71: palma da mão para trás, no espaço neutro, friccionando os dedos polegar e médio com movimento semicircular da mão.

Categoria do Classificador ou Construção Classificadora	Construção Classificadora-Classificador Semântico
Regras de combinação	Realização da CM-39 + realização da CM-71, conforme descrição, acrescentado ENM- Expressão facial.
Tipo de Composição/Derivação	Composição por Justaposição: CM-39 +CM-71=TER UMA IDEIA

d) Análise

A participante narra que o rato saiu da toca, percebeu a armadilha e teve uma ideia. Nessa parte da sentença identificamos a expressão “teve uma ideia” como uma Construção Classificadora Semântica. Ao sinalizar TER IDEIA a participante utiliza duas configurações de mão: CM-39 e CM-71, (Duarte, 2011). A análise desse fenômeno se assemelha a análise do fenômeno 2 no que se refere a considerar as CM’s 39 e 71 como morfemas base e vinculado, respectivamente.

Para realização do morfema base CM-39 a participante utilizou a mão direita com a palma da mão para trás, na horizontal, pontas dos dedos polegar e indicador tocando as extremidades do queixo. Nesse caso trata-se de um morfema livre, pois realizado sozinho pode se referir a uma pessoa pensativa, reflexiva.



Para a realização do morfema vinculado CM-71 a participante também utiliza a mão direita com a palma da mão para trás, no espaço neutro, friccionando os dedos polegar e médio com movimento circular da mão. Logo, pudemos concluir que a CM-39 refere-se ao verbo TER e a CM-71 refere-se ao substantivo IDEIA.



As ENM's corpo e expressão facial foram relevantes para que pudéssemos compreender o sentido/significado de pensar em algo, ter um plano. Ela coloca a mão

esquerda na cintura, cerra os lábios, franze a testa e deixa os olhos entreabertos movimentando a cabeça para frente e para trás como se dissesse: “Ah, já sei!”.

Desse modo, afirmamos que a expressão “TER UMA IDEIA” é uma Construção Classificadora-Classificador Semântico, pois o significado da expressão foi atribuído ao contexto relacionando a sentença, as ENM’s e seu valor semântico. Essa afirmação vai ao encontro do apontado por Felipe (2006). A autora afirma que a formação de itens lexicais de uma língua atende a regras e que essas regras, independente da modalidade da língua, devem ser apresentadas. Também afirma que há uma variedade dessas regras tanto nas classes quanto nas relações sintático-semântico.

Podemos complementar nossa afirmação com Suppalla (1986). O autor discorre que o Classificador Semântico corresponde a um único morfema representado por todo formato da mão. Nesse caso o item lexical IDEIA seria esse morfema realizado a partir da CM-71. O que poderia ocorrer sem interferir no significado da expressão “TER UMA IDEIA”.

A formação da sentença: “TER UMA IDEIA” ocorreu por meio da Composição por Justaposição (Felipe, 2006). Houve a junção dos morfemas TER e IDEIA representados pelas CM’s 39 e 71, mas essa junção não alterou o aspecto fonético, ou seja, os itens lexicais TER e IDEIA representados pelas CM’s 39 e 71 se mantiveram presentes na sentença.

Fenômeno 5

a) Fenômeno-Sinal: DORMIR SENTADO

Figura 63: realização do sinal DORMIR SENTADO NA CADEIRA

Fonte:



https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

b) Categoria: Verbos Classificadores: Sujeito + Verbo + Modo + Locativo

c) Quadro descritivo/analítico

Aspectos	Análise do processo de formação do sinal Classificador ou Construção Classificadora
Sentença	DONO BAR SENTAR DORMIR
Morfema raiz ou sinal-base	Cadeira-substantivo
Morfema vinculado	Sentar-verbo
Formação final	Sentado
Definição de acordo com o contexto	Em repouso, estático
Descrição	Mão esquerda com configuração em U, palma para baixo; mão direita em U, palma para baixo, dedos curvados, em seguida tocar a palma dos dedos direitos no dorso dos dedos esquerdos.
Categoria do Classificador ou Construção Classificadora	Construção Classificadora Verbos Classificadores: Sujeito + Verbo + Modo + Locativo
Regras de combinação	Realização do sinal para o substantivo CADEIRA com supressão do toque repetitivo dos dedos em U da mão direita no dorso dos dedos em U da mão esquerda.
Tipo de Composição/Derivação	Derivação-concatenação: verbo SENTAR derivando em substantivo CADEIRA = SENTADO

d) Análise

Identificamos na sentença DONO BAR SENTAR DORMIR a ocorrência de uma Construção Classificadora de Verbos Classificadores. O verbo SENTAR é reconhecido como verbo classificador. Faria-Nascimento (2009) afirma que um Verbo Classificador também pode ser realizado junto a Classificadores Nominais. Nesse caso identificamos a ocorrência do verbo SENTAR acompanhado do nome CADEIRA resultando em um processo de incorporação do nome ao verbo. Essa incorporação foi identificada por meio da supressão do parâmetro Movimento que difere o verbo de nome. Ao se referir ao dono do bar dormindo, sentado na cadeira, a participante incorpora o substantivo CADEIRA ao verbo SENTAR.

Desse modo, não houve toque repetitivo dos dedos em U, da mão direita, nos dedos em U da mão esquerda. Esse fenômeno é conhecido como Derivação. Para a realização dos sinais referentes a CADEIRA e SENTAR os parâmetros são, basicamente, os mesmos: mão esquerda em U, palma para baixo, mão direita também em U e com palma para baixo e dedos

curvados, tocar a palma dos dedos da mão direita no dorso dos dedos da mão esquerda. Se o sinal for para representar CADEIRA o toque dos dedos da mão direita nos dedos da mão esquerda se repete uma vez.

De acordo com Faria-Nascimento (2009) os Classificadores Verbais tem como núcleo o verbo. A combinação do verbo com outros constituintes pode agregar ao verbo sintagmas nominais adjetivados tais como: sujeito, objeto, instrumento, locativo, adjuntos adverbiais de modo ou consecutivos e marcação de aspecto. Esses constituintes podem ocorrer de forma isolada ou combinados. Ao analisarmos DONO BAR SENTAR DORMIR pudemos concluir que essa Construção Classificadora se refere a DONO DO BAR DORMINDO SENTADO NA CADEIRA, pois, como já mencionado, houve a incorporação do verbo SENTAR no nome CADEIRA. Logo, temos que esse Classificador Verbal é formado por Sujeito + Verbo + Modo + Locativo considerado por Faria-Nascimento (2009) como um tipo de Classificador Verbal, onde: Sujeito=donos do bar, verbo=dormir, modo=sentado, locativo=cadeira.

A formação do sinal SENTADO dentro da Construção Classificadora é o do tipo Derivação. Ao se referir ao dono do bar dormindo, sentado na cadeira, a participante incorpora o locativo CADEIRA ao verbo SENTAR suprimindo o parâmetro Movimento. Desse modo, o sinal para CADEIRA é concatenado no sinal para SENTAR, conforme já descrito anteriormente, para representar o verbo em sua forma nominal SENTADO resultando em: DORMIR SENTADO NA CADEIRA. A identificação desse fenômeno comprovou o que vem sendo dito e exemplificado por estudiosos da área. Tanto Valli e Lucas (2001) quanto Quadros e Karnopp (2004) utilizam exatamente o exemplo de CADEIRA e SENTAR para discorrer sobre o processo de formação de sinais por meio da Derivação.

Categorização e análise – Fenômeno 6

a) Fenômeno-Sinal: PÃO DE FORMA

Figura 64: realização do sinal PÃO DE FORMA



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

b) Categoria: Classificador Nominal Descritivo

c) Quadro descritivo/analítico

Aspectos	Análise do processo de formação do sinal Classificador ou Construção Classificadora
Sentença	PEGAR PÃO FORMA
Morfema raiz ou sinal-base	Pão-substantivo
Morfema vinculado	Forma-adjetivo
Formação final	Pão de forma
Definição de acordo com o contexto	Alimento específico
Descrição	<p>Pão: mão com CM-A e palma para frente, em seguida o dedo polegar toca o canto direito da boca, girando a palma para trás</p> <p>+</p> <p>De forma: mãos com CM 60, mão direita com palma para baixo e mão esquerda com para cima, tocando palma das mãos.</p>
Categoria do Classificador ou Construção Classificadora	Classificador do tipo Nominal Descritivo
Regras de combinação	Realização do sinal base para pão acrescentado do Classificador para pão de forma
Tipo de Composição/Derivação	Composição por Justaposição: PÃO + FORMA = PÃO DE FORMA.

d) Análise

Para a realização do sinal PÃO DE FORMA a participante adicionou ao item lexical PÃO o Classificador Nominal Descritivo DE FORMA. Faria-Nascimento (2009) discorre que esse tipo de Classificador incorpora atributos ao nome classificado e descrito. Nesse caso entendemos que DE FORMA é o atributo do pão. Sendo assim, podemos identificar que a participante utilizou a mão direita configurada em A com a palma para frente e tocou o canto direito da boca com o dedo polegar girando a palma da mão para trás para realizar o sinal do

item lexical PÃO. A informação de que se tratava de um determinado tipo de pão veio na sequência quando a participante com as duas mãos configuradas em CM- 60, (Duarte, 2011): palma da direita para baixo e palma da esquerda para cima tocou as palmas das mãos representando o Classificador Nominal Descritivo para DE FORMA.

A formação para PÃO DE FORMA ocorreu por meio da Composição por Justaposição. Apontada por Felipe (2006) como a composição em que não há mudança fonética. Nesse caso para compor o sinal PÃO DE FORMA houve a junção de PÃO + FORMA, sem interferir no aspecto fonético, ou seja, tanto o sinal para PÃO como o sinal para DE FORMA, se referindo ao atributo do pão, não sofreram alterações, resultando em: PÃO DE FORMA.

No caso do item lexical DE FORMA, se considerarmos Ferreira-Brito (2010[1995]), um de nossos aportes teóricos, poderíamos afirmar que a CM da participante é CM-B. Em seu livro a autora apresenta a CM-B tal qual a participante realiza para se referir que o PÃO é DE FORMA. Mas, de acordo com o alfabeto manual e o contexto comunicativo, identificamos que a CM apresentada pela participante é a CM- 60, segundo (Duarte, 2011).

Categorização e análise – Fenômeno 7

a) Fenômeno-Sinal: ESPINGARDA ATIRAR

Figura 65: realização do sinal TIROS DE ESPINGARDA



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

b) Categoria: Verbos Classificadores: Verbo + Instrumento

c) Quadro descritivo/analítico

Aspectos	Análise do processo de formação do sinal Classificador ou Construção Classificadora

Sentença	DONO BAR ESPINGARDA ATIRAR
Morfema raiz ou sinal-base	Atirar-verbo
Morfema vinculado	Espingarda-substantivo
Formação final	Atirar com a espingarda
Definição de acordo com o contexto	Arma
Descrição	Braço esquerdo distendido com a mão configurada em C, palma para cima; mão direita configurada em X, palma para a esquerda, ao lado do olho direito aberto e o olho esquerdo fechado. Na sequência dobrar o indicador esquerdo e estalar os lábios, abrindo a boca.
Categoria do Classificador ou Construção Classificadora	Construção Classificadora Verbos Classificadores: Verbo + Instrumento
Regras de combinação	Item lexical ESPINGARDA incorporada ao verbo ATIRAR adicionada a ENM's corpo e Expressão Facial.
Tipo de Composição/Derivação	Composição por Aglutinação-Regra da sequência única: instrumento ESPINGARDA incorporado ao verbo ATIRAR = TIROS DE ESPINGARDA

d) Análise

O sinal ESPINGARDA ATIRAR realizado pela participante trata-se de um Classificador Verbal Verbo + Instrumento, onde ATIRAR é o verbo e ESPINGARDA é o instrumento com o qual se atira. Esse tipo de Construção Classificadora é apontado por Faria-Nascimento (2009) como uma possibilidade de ocorrência. Podemos considerar o verbo ATIRAR como Verbo Classificador, pois o sinal de atirar dependerá de qual instrumento será utilizado para ação. Atirar com espingarda é diferente de atirar com revólver, por exemplo. Logo, temos aqui uma Incorporação de Instrumento.

Durante nossa análise percebemos que se considerarmos que alguém atira e esse alguém é o dono do bar, que inclusive é apontado, pela participante, como o autor dos tiros, teremos a sentença: DONO BAR ESPINGARDA ATIRAR. Nesse caso, de acordo com o explanado por Faria-Nascimento (2009) teríamos uma Construção Classificadora Verbal Sujeito + Verbo + Instrumento, onde: Sujeito é o dono do bar, o Verbo é atirar e o Instrumento é a espingarda.

Todavia, Faria-Nascimento (2009) não apresenta essa Construção Classificadora Verbal como possibilidade. A autora apresenta a possibilidade de Construção Verbal Verbo + Instrumento que está mantida no quadro descritivo/analítico. Em nossas reflexões, embora tenhamos mantido o proposto por Faria-Nascimento (2009) propomos como uma nova possibilidade de Construção Verbal formada por Sujeito + Objeto + Verbo considerando o contexto comunicativo em que a participante sinaliza: ESPINGARDA ATIRAR. Pois, mesmo que mantivéssemos a estrutura V+O há um sujeito que praticou a ação e foi mencionado durante a narrativa.

A formação para ESPINGARDA ATIRAR ocorreu por meio de Composição por Aglutinação-Regra da Sequência Única onde o objeto ESPINGARDA foi incorporado ao verbo ATIRAR por meio da regra da sequência única, sendo assim, não houve realização do sinal para ATIRAR seguido da realização para o sinal ESPINGARDA. Logo, tivemos a formação da frase: TIROS DE ESPINGARDA.

Categorização e análise – Fenômeno 8

a) Fenômeno-Sinal: VÁRIOS TIROS

Figura 66: realização do sinal VÁRIOS TIROS



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

b) Categoria: Classificador de Plural

c) Quadro descritivo/analítico

Aspectos	Análise do processo de formação do sinal Classificador ou Construção Classificadora
Sentença	DONO BAR ATIRAR VÁRIOS TIROS
Morfema raiz ou sinal-base	Atirar-verbo

Morfema vinculado	Tiros- substantivo
Formação final	Vários tiros-advérbio
Definição de acordo com o contexto	Disparo de arma de fogo, nesse caso disparo de espingarda.
Descrição	Mãos com configuração em G e palmas para trás, dedos indicadores apontados para baixo, movimentando as mãos de forma alternada para cima e para baixo.
Categoria do Classificador ou Construção Classificadora	Classificador do tipo Plural
Regras de combinação	Mãos em G como os dedos indicadores para baixo e palmas das mãos para trás, movimento alternado para cima e para baixo adicionada a ENM's corpo se movimentando alternadamente da esquerda para direita, expressão facial olhos semiabertos e boca abrindo e fechando reproduzindo a onomatopeia utilizada para tiros -pow, pow, pow.
Tipo de Composição/Derivação	Derivação-concatenação: verbo ATIRAR derivando em substantivo TIROS = VÁRIOS TIROS

d) Análise

Na sentença DONO BAR ATIRAR VÁRIOS TIROS, identificamos que trata-se de vários tiros pelo fato da alternância das mãos da participante ao representar os tiros. Foram, pelo menos, seis movimentos alternados. Com a mão configurada em G e a palma para trás ela aponta os dedos indicadores para baixo e alterna o movimento das mãos para cima e para baixo. Junto a isso a participante acrescenta ao item lexical TIROS, como reforçador de que foram vários tiros, a onomatopeia POW, POW, POW.

Trata-se, portanto, de um Classificador de Plural. De acordo com Fatec (s/d) esse tipo de Classificador é utilizado para demonstrar o movimento ou a posição de uma quantidade de objetos, pessoas ou animais. Nesse caso, o Classificador de Plural demonstra que foram disparados mais de um tiro. Em nossa análise pudemos identificar pelo menos seis. Fatec (s/d) discorre ainda que o Classificador de Plural tem como complemento as expressões faciais trazendo informações sobre a quantidade do referente dentro de uma narrativa.

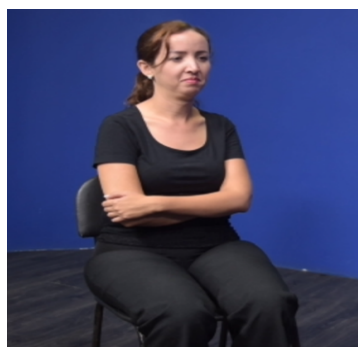
O item lexical TIROS deriva do verbo ATIRAR, portanto a formação desse item lexical ocorre por meio da Derivação-Concatenação. Se observarmos atentamente veremos que no caso de ATIRAR e TIROS não é apenas o movimento que altera a categoria, mas a OD

e a CM. Isso acontece porque o verbo ATIRAR é um verbo classificador incorporado ao instrumento utilizado para disparar os tiros. Já no caso do item lexical TIROS a direção/orientação aponta para o lugar onde os tiros acontecem. Temos aqui a ocorrência do fenômeno de Nominalização, ou seja, o verbo ATIRAR derivando no nome TIROS e resultando na frase: VÁRIOS TIROS.

5.1.2 Contextualização e análise vídeo 2

O segundo vídeo analisado tem duração de 1min13s e foi narrado por Marisa Dias Lima. No vídeo a participante narra para seu receptor o que entendeu do Clipe do vídeo “*Charlie Chaplin*”

Figura 67: Cenário vídeo 2- FLN_GR_F09_NARRATIVA1_cam03_2017

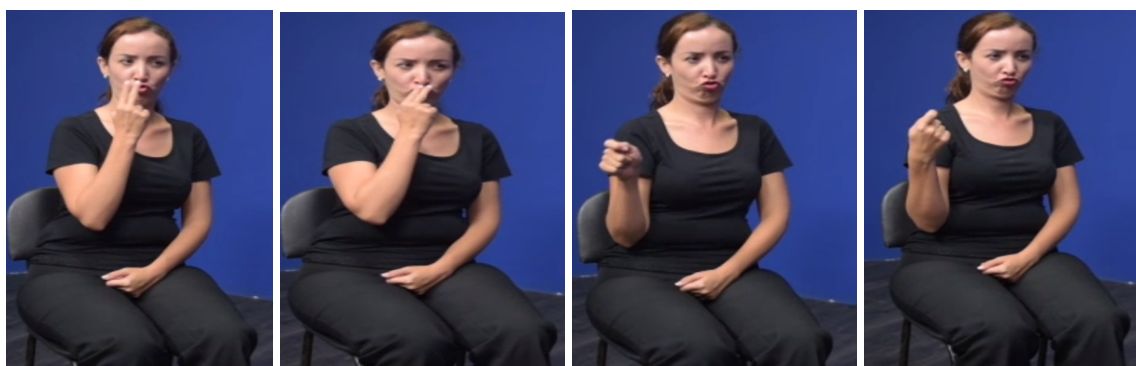


Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

Categorização e análise – Fenômeno 09

a) Fenômeno-Sinal: *CHARLIE CHAPLIN*

Figura 68: realização do sinal *CHARLIE CHAPLIN* 01



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

b) Categoria: Classificador de Corpo + Classificador Segura x Tipo de Objeto

c) Quadro descritivo/analítico

Aspectos	Análise do processo de formação do sinal Classificador ou Construção Classificadora
Sentença	PESSOA BIGODE BENGALA GIRAR
Morfema raiz ou sinal-base	Bigode-substantivo
Morfema vinculado	Bengala-substantivo
Formação final	<i>Charlie Chaplin</i>
Definição de acordo com o contexto	Característica do personagem: usar bigode e bengala.
Descrição	<p>Bigode: mão direita com configuração em U, palma para trás, tocando na parte superior central dos lábios com os dedos levemente inclinados para a esquerda</p> <p>+</p> <p>Bengala: Mão configurada em A, palma para frente, movendo o objeto ligeiramente de forma circular</p>
Categoria do Classificador ou Construção Classificadora	Classificador do tipo Corpo + Classificador do tipo Segura x Tipo de Objeto
Regras de combinação	Sinal icônico do personagem <i>Charlie Chaplin</i> , podendo ser o sinal de batismo escolhido pela comunidade surda, sendo, portanto, os dedos indicador e médio, inclinado para esquerda, tocando na parte superior dos lábios seguido do Classificador para bengala como movimento circular que é um objeto utilizado pelo personagem
Tipo de Composição/Derivação	Composição por Justaposição: BIGODE + BENGALA = sinal de batismo <i>CHARLIE CHAPLIN</i>

d) Análise

A participante realiza dois sinais consecutivos para se referir a *CHARLIE CHAPLIN*. Inicialmente ela realiza o sinal para BIGODE. Observamos que o sinal realizado pela participante se difere do descrito no Dicionário Trilíngue (Capovilla; Raphael, 2001) e isso ocorre porque o personagem representado possui bigode apenas na parte central superior da boca. Sendo assim, a participante com a CM-U e a palma da mão para trás toca os dedos na parte superior dos lábios, levemente inclinados para a esquerda, formando assim o item lexical BIGODE.

Identificamos o item lexical BIGODE como um Classificador de Corpo por retratar uma parte do corpo do personagem confirmando o discorrido por Fatec (s/d). Nesse caso a CM de mão vai retratar a parte do corpo do referente representado, que na ocasião foi o bigode. Em relação a esse Classificador que remete a parte do corpo, Fatec (s/d) afirma que possui dois componentes articulatórios: articulador da mão e localização. O primeiro componente articulatório marca a forma da parte do corpo representada e o segundo marca a orientação dessa parte do corpo.

Diante disso, podemos afirmar que o item lexical BIGODE é um Classificador de Corpo e que os dois componentes articulatórios citados por Fatec (s/d) foram identificados. A CM -U, levemente inclinada para a esquerda, com a palma para trás, mostra a forma do bigode. Quando essa CM-U toca na parte central superior da boca marca a orientação de onde está a parte do corpo representada.

Em seguida, a participante realiza o sinal para o item BENGALA, objeto utilizado constantemente pelo personagem. Para isso, a participante utiliza CM-A, com a palma da mão para frente com movimento circular. Nesse caso identificamos que o item lexical BENGALA trata-se de um Classificador Segurar X Tipo de Objeto em confluência com o apontado por Ferreira-Brito (2010[1995]).

A autora afirma que esse tipo de Classificador tem como principal função representar a forma como os objetos são segurados. Afirma ainda que uma das possibilidades de CM para essa realização é a CM-A. Em nossa análise identificamos que para realização do sinal BENGALA a participante, de fato, utilizou a CM-A acrescida do movimento circular. Logo, podemos categorizar o substantivo próprio *CHARLIE CHAPLIN* como Classificador de Corpo + Segura x Tipo de Objeto.

A formação do morfema lexical *CHARLIE CHAPLIN* ocorreu por meio da Composição por Justaposição. Houve a junção dos itens lexicais BIGODE + BENGALA, todavia não houve alteração fonética (Felipe, 2006). Desse modo, a participante realizou o sinal de batismo, criado pela comunidade surda para o personagem, resultando no substantivo próprio: *CHARLIE CHAPLIN*.

Categorização e análise – Fenômeno 10

a) Fenômeno-Sinal: JANELA PEDRA ARREMESSAR

Figura 69: realização do sinal JANELA PEDRA ARREMESSAR



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

b) Categoria: Verbos Classificadores: Locativo + Objeto + Verbo

c) Quadro descritivo/analítico

Aspectos	Análise do processo de formação do sinal Classificador ou Construção Classificadora
Sentença	JANELA PEDRA ARREMESSAR
Morfema raiz ou sinal-base	Pedra- substantivo
Morfema vinculado	Arremessar-verbo
Formação final	Arremessar pedra na janela
Definição de acordo com o contexto	Arremessar, atirar um objeto sobre um local
Descrição	Mão direita com CM-A, braço distendido para trás, dentes superiores cerrando lábios inferiores, olhar fixo em direção ao alvo. Mão esquerda aberta, com palma para frente. Em seguida, movimenta o braço direito para frente e alterna a CM-A para CM-58 e distende o braço para frente.
Categoria do Classificador ou Construção Classificadora	Construção Classificadora Verbos Classificadores: Locativo + Objeto + Verbo
Regras de combinação	CM-A acrescida para mão direita acrescida dos parâmetros OD, MOV, P.O, ENM'S mantendo mão esquerda aberta com palma para frente e trocar a CM-A da mão direita por CM-58 distendendo o braço direito para frente.

Tipo de Composição/Derivação	Composição por Aglutinação-Regra da Sequência Única: objeto PEDRA incorporado ao verbo ARREMESSAR = ARREMESSAR PEDRA
-------------------------------------	--

d) Análise

Em nossa análise identificamos que na sentença JANELA PEDRA ARREMESSAR temos o verbo ARREMESSAR como verbo classificador ao qual o objeto PEDRA se incorpora na ação de arremessar. Para a realização do sinal, a mão direita da participante está com CM-A e o braço distendido para trás. Em seguida ela arremessa a pedra em direção a janela e para isso troca a CM-A para CM-58. Caso o objeto arremessado fosse uma bola, por exemplo, a CM seria distinta da utilizada para ARREMESSAR PEDRA.

Logo, a sentença JANELA PEDRA ARREMESSAR trata-se de uma Construção Classificadora Verbal, todavia temos aqui uma inquietação. Considerando os estudos de Faria-Nascimento (2009) não há como possibilidade de Construção Classificadora Verbal Locativo + Objeto + Verbo. Se considerarmos a sentença qual está em seu contexto comunicativo esse é o resultado que teremos, pois a participante sinaliza o item lexical JANELA, topicalizando o local onde a pedra foi arremessada, em seguida incorpora item lexical ARREMESSAR no item lexical PEDRA, resultando na sentença PEDRA ARREMESSAR. Embora essa não seja uma possibilidade apresentada por Faria-Nascimento (2009), concluímos que essa construção é possível.

De acordo com o apresentado por Faria-Nascimento (2009) a possibilidade que mais se aproximada da que apresentamos seria Verbo + Objeto + Locativo e para atender essa disposição dos constituintes da sentença teríamos que reescrever a sentença na estrutura da língua portuguesa, logo teríamos: ARREMESSOU PEDRA NA JANELA onde; ARREMESSAR seria o verbo, PEDRA seria o objeto e JANELA seria o locativo. De todo modo, consideramos aqui a Construção Classificadora Verbal Locativo + Objeto + Verbo apontada por nós como possibilidade desse tipo de construção.

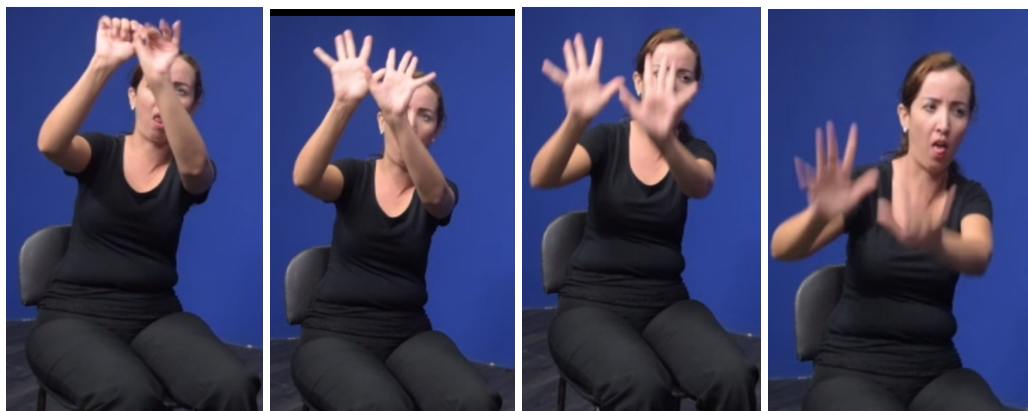
A formação para PEDRA ARREMESSAR é do tipo Composição por Aglutinação-Regra da Sequência Única apontada por Quadros e Karnopp (2004) como possibilidade de composição de sinais. Nesse caso um ou mais elementos fonéticos é suprimido. Em PEDRA ARREMESSAR os elementos fonéticos que formam o item lexical PEDRA foram suprimidos e o objeto PEDRA incorporado ao verbo ARREMESSAR. Existe um sinal base para PEDRA que não foi utilizado para construção dessa sentença.

A participante poderia ter sinalizado PEDRA: Mão esquerda em S, palma para baixo; mão direita em P, acima da mão esquerda. Bater a ponta do médio direito sobre o dorso da mão esquerda duas vezes (Capovilla; Raphael, 2001). Em seguida poderia ter realizado o sinal para ARREMESSAR, mas se tratando de um verbo de ação o objeto foi incorporado ao verbo. Portanto, afirmamos se tratar de uma construção do tipo Composição por Aglutinação-Regra da Sequência Única que resultou em: ARREMESSAR PEDRA

Categorização e análise fenômeno 11

a) Fenômeno-Sinal: QUEBRAR VIDRO

Figura 70: realização do sinal QUEBRAR VIDRO



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

b) Categoria: Verbos Classificadores: Verbo + Objeto

c) Quadro descritivo/analítico

Aspectos	Análise do processo de formação do sinal Classificador ou Construção Classificadora
Sentença	JANELA PEDRA ARREMESSAR QUEBRAR VIDRO
Morfema raiz ou sinal-base	Vidro-substantivo
Morfema vinculado	Quebrar- verbo
Formação final	Vidro quebrando
Definição de acordo com o contexto	Estraçalhar, ficar aos pedaços
Descrição	Mãos com configuração em A e palmas para frente, abrir lentamente os dedos, no espaço neutro e movimentar as mãos para baixo

Categoria do classificador ou Construção Classificadora	Construção Classificadora Verbos Classificadores: Verbo + Objeto
Regras de combinação	As duas mãos configuradas em A com as palmas para frente abrindo os dedos lentamente movimentando para baixo em um espaço neutro + ENM's corpo distendido para trás, olhos semiabertos, boca semiaberta com a língua se movimentado para baixo e para cima, encostando nos lábios para representar a onomatopeia utilizada para se referir a vidro quebrando "BLOLOLOLOLO".
Tipo de Composição/Derivação	Composição por Aglutinação-Regra da Sequência Única: objeto VIDRO incorporado ao verbo QUEBRAR = VIDRO QUEBRANDO/ESTRAÇALHANDO

d) Análise

Nossa análise aqui será feita em relação a QUEBRAR VIDRO. Identificamos que os itens lexicais QUEBRAR e VIDRO tratam-se de uma Construção Classificadora Verbal: Verbo + Objeto, apontado por Faria-Nascimento (2009) como uma possibilidade. Nesse caso houve incorporação do objeto VIDRO ao verbo QUEBRAR. Parar o item lexical VIDRO há um sinal básico: Mão esquerda em A, com a palma para baixo; mão direita em V, também com a palma para baixo, acima da mão esquerda, tocando os dedos direitos no dorso esquerdo, duas vezes (Capovilla; Raphael, 2001; p.2238).

Ao sinalizar QUEBRAR VIDRO percebemos que, mesmo havendo um sinal básico para representar o item lexical VIDRO, esse sinal não foi utilizado pela participante. Ela lançou mão do fenômeno de incorporação do objeto ao verbo, e por isso, a realização do sinal se deu por meio das duas mãos da participante com CM-A, palmas das mãos para frente, abrindo os dedos lentamente movimento-os para baixo, no espaço neutro, demonstrando o vidro se estraçalhando/quebrando.

A importância de uma análise linguística pautada no contexto comunicativo se confirma em sentenças como essa analisada no fenômeno 11. Nesse caso, se a participante realizasse o sinal básico para VIDRO e, em seguida, realizasse o sinal para QUEBRAR, não teríamos uma Construção Classificadora. O que teríamos seria uma construção linear da sentença, que poderia, inclusive, acarretar ambiguidade, pois o verbo QUEBRAR é um Verbo Classificador. Veja que o verbo QUEBRAR também possui um sinal básico: Mãos em S com palmas para baixo, bater as mãos e girá-las palma a palma e movendo as mãos para cima

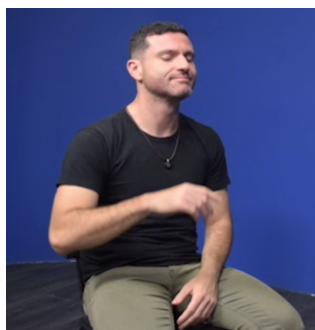
(Capovilla; Raphael, 2001; p. 1860), mas no caso de VIDRO QUEBRAR não se aplica, pois a maneira como vidro da janela é quebrado é distinto da maneira como um lápis é quebrado, por exemplo. Esse caso assemelha a análise feita no fenômeno 10, que o objeto arremessado foi incorporado ao verbo. ARREMESSAR PEDRA é diferente de ARREMESSAR BOLA, por exemplo. Concomitantemente à realização do sinal a participante utiliza dos recursos das ENM's, tais como: corpo distendido para trás representando o impulso que o corpo dá para acumular força e arremessar a pedra acrescido da expressão facial, olhos semiabertos, boca semiaberta com a língua se movimentado de baixo para cima, com repetição de movimento representando a onomatopeia utilizada para demonstrar vidro se estilhaçando, quebrando."BLOLOLOLOLO". Por questões de particularidades da Libras e seu falante como primeira língua temos a reprodução da onomatopeia feita pela participante, conforme descrita anteriormente, mas na língua portuguesa a onomatopeia para representar um vidro estilhaçando/ se quebrando é *CRASH*.

A formação para sentença QUEBRAR VIDRO é do tipo Composição por Aglutinação-Regra da Sequência Única, os fonemas que formam o item lexical VIDRO foram suprimidos e incorporado ao verbo QUEBRAR resultando em: VIDRO QUEBRANDO/ ESTILHAÇANDO, (Quadros e Karnopp, 2004).

5.1.3 Contextualização e análise -vídeo 3

O segundo vídeo analisado tem duração de 2min16s e foi narrado por Rimar Ramalho Segala. No vídeo o participante narra para seu receptor o que entendeu do Clipe do vídeo "*Charlie Chaplin*".

Figura 71: cenário vídeo 3- FLN_GR_M10_narrativa1_cam03



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

Categorização e análise – Fenômeno 12

a) Fenômeno-Sinal: **CHARLIE CHAPLIN**

Figura 72: realização do sinal *CHARLIE CHAPLIN* 02



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

b) Categoria: Classificador de Corpo

c) Quadro descritivo/analítico

Aspectos	Análise do processo de formação do sinal Classificador ou Construção Classificadora
Sentença	<i>CHARLIE CHAPLIN</i> JUNTO FILHO
Morfema raiz ou sinal-base	Nome próprio- substantivo
Morfema vinculado	CM-U
Formação final	<i>Charlie Chaplin</i>
Definição de acordo com o contexto	Característica do personagem: ter bigode
Descrição	mão direita com configuração em U, palma para trás, tocando na parte central superior da boca com os dedos levemente inclinados para a esquerda.
Categoria do Classificador ou Construção Classificadora	Classificador do tipo Corpo
Regras de combinação	Sinal icônico do personagem <i>Charlie Chaplin</i> , podendo ser o sinal de batismo escolhido pela comunidade surda, sendo, portanto, os dedos indicador e médio, inclinado para esquerda, tocando na parte superior dos lábios.

Tipo de Composição/Derivação	Derivação- concatenação: substantivo próprio <i>CHARLIE CHAPLIN</i> concatenado em substantivo simples BIGODE = SINAL DE BATISMO
-------------------------------------	--

d) Análise

Essa análise vai ao encontro da análise do fenômeno identificado de número 9, porém, há algumas diferenças. Para realizar o sinal do substantivo próprio *CHARLIE CHAPLIN* o participante utiliza o sinal Classificador de uma parte do corpo do personagem: o BIGODE. Uma escolha que substitui, por exemplo; a datilologia do nome. Para se referir ao personagem o participante poderia realizar a datilologia o nome *CHARLIE CHAPLIN*, morfema base, e adicionar o morfema vinculado CM-U: Configuração de Mão em U. Todavia essa não foi a escolha do participante. O participante com a mão direita configurada em U e com a palma para trás toca a parte superior central da boca com os dedos levemente inclinados.

Esse Classificador é do tipo Classificador de Corpo compreendido com um Classificador que representa parte do corpo do referente. Nesse caso, o referente é *CHARLIE CHAPLIN*, *personagem* do cinema mudo que tem como principal característica o bigode no centro da parte superior da boca e carrega uma bengala a qual comumente está girando em círculos. Fatec (s/d) orienta que um Classificador Descritivo apresenta dois componentes articulatorios.

Já discorreremos sobre eles na análise do fenômeno 09, mas traremos essa informação aqui como forma de contextualizar. Os dois componentes articulatorios são a forma que a mão ocupa e a localização, ou seja, o Ponto de Articulação em que o sinal é realizado. No caso do sinal Classificador de Corpo BIGODE temos que a forma ocupada pela mão é CM-U e o Ponto de Articulação é a parte central superior da boca do participante.

Diante disso, podemos afirmar que o item lexical BIGODE é um Classificador de Corpo e que os dois componentes articulatorios citados por Fatec (s/d) foram identificados. A CM-U, levemente inclinada para a esquerda, com a palma para trás mostra a forma do bigode. Quando essa CM-U toca na parte central superior da boca marca a orientação de onde está a parte do corpo representada.

Identificamos que o Classificador de Corpo BIGODE para se referir a *CHARLIE CHAPLIN* é do tipo Derivacional-Concatenado, onde temos um nome/substantivo, no caso *CHARLIE CHAPLIN*, concatenado em um adjetivo que caracteriza uma parte do corpo do personagem o BIGODE. Valli e Lucas (2001) confirmam essa identificação. Os autores discorrem que a formação de sinais por meio da Derivação é aquela que permite criar

unidades a partir de unidades já existentes. Acreditamos que o nome *CHARLIE CHAPLIN* foi concatenado em BIGODE que é uma característica bem pontual do personagem. Logo, a CM-U com a palma para trás tocando a parte superior central da boca, com os dedos levemente inclinados, que é uma parte do sinal de batismo para o personagem, assumi o sinal para *CHARLIE CHAPLIN*.

Categorização e análise – Fenômeno 13

a) Fenômeno-Sinal: MASSA PARA VIDRO

Figura 73: realização do sinal MASSA PARA VIDRO



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

b) Categoria: Classificador Especificador

c) Quadro descritivo/analítico

Aspectos	Análise do processo de formação do sinal Classificador ou Construção Classificadora

Sentença	MASSA COLOCAR JANELA
Morfema raiz ou sinal-base	Massa-substantivo
Morfema vinculado	Colocar-verbo
Formação final	MASSA PARA VIDRO
Definição de acordo com o contexto	Produto para fixação de vidro
Descrição	Datilologia da palavra M-A-S-S-A, em seguida mãos com CM-A, dedos polegares para cima, dedos das mãos se tocando com movimentos abre e fecha semicircular. Na sequência mãos em formato de pinça no espaço neutro, na altura da cabeça, dedos das mãos se tocando e afastando lentamente na direção horizontal.
Categoria do Classificador ou Construção Classificadora	Classificador do tipo Especificador
Regras de combinação	Realização da datilologia da palavra MASSA + CM-A seguidos dos parâmetros P.O, Mov, O/D para demonstrar a preparação da massa + mãos em pinça manuseando a massa e colando o vidro.
Tipo de Composição/Derivação	Composição por Justaposição da datilologia: datilologia de MASSA + CL para VIDRO = MASSA PARA VIDRO

d)Análise

Na sentença MASSA COLOCAR JANELA o participante está se referindo a massa para vidro utilizada para fixação de vidros em janelas. Logo, entendemos que essa sentença se trata dos itens lexicais MASSA de VIDRO sendo os itens lexicais das categorias substantivo e adjetivo, respectivamente. Para a realização dessa sentença, o participante lança mão da datilologia, um recurso utilizado para fazer com que o receptor entenda o sinal que será realizado após a datilologia.

Na sequência, ele realiza o sinal classificador para MASSA, inicialmente configurando as mãos em A e depois tocando os dedos das mãos, com movimento abre e fecha semicircular como uma forma de demonstrar a massa sendo preparada, ou seja, amassada até ficar homogênea. Por fim, o participante utiliza um sinal Classificador para colar vidro na janela. O item lexical VIDRO foi identificado por nós a partir do momento em que o participante

começa narrar em primeira pessoa e, portanto, realizando a ação de preparar a massa e colar o vidro, uma ação que cabe ao profissional vidraceiro.

Diante dessas percepções identificamos em MASSA PARA VIDRO temos um Classificador Especificador onde o participante, por meio de Classificadores, especifica a finalidade da massa. Fatec (s/d) afirma que o Classificador Especificador complementa o Classificador Descritivo. Dessa forma, o falante descreve a forma e o tamanho do referente e em seguida especifica oferecendo mais detalhes. Nesse caso, o falante descreve o item lexical MASSA fazendo a datilologia M-A-S-S-A, manuseando a substância e, em seguida, traz elementos especificadores para essa massa mostrando sua finalidade.

A Formação de MASSA PARA VIDRO ocorre por meio de Composição por Justaposição. O item lexical MASSA é realizado por datilologia e na sequência do sinal Classificador para MASSA que é acrescido da função dessa massa ao ser colocada na janela, representando um Classificador para VIDRO. Observamos que, para compor a sentença MASSA PARA VIDRO, não há supressão de elementos fonéticos (Felipe, 2006).

Considerando os estudos de Felipe (2006) podemos categorizar esse tipo de Composição por Justaposição como Composição por Justaposição da Datilologia apresentada pela autora como uma possibilidade de composição justaposta. A realização da datilologia do item lexical MASSA nos permite essa categorização, pois vai ao encontro do discutido pela autora. Felipe (2006) afirma que em um sinal composto por justaposição da Datilologia a palavra em português é representada junto ao sinal referente a ação. Na frase: MASSA PARA VIDRO, observamos essa ocorrência. A participante realiza a datilologia M-A-S-S-A seguida da ação de colocar a MASSA na janela para fixar o VIDRO resultando em: MASSA PARA VIDRO.

Categorização e análise – Fenômeno 14

a) Fenômeno-Sinal: ARREMESSAR PEDRA

Figura 74: realização do sinal ARREMESSAR PEDRA



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

b) Categoria: Verbos Classificadores: Locativo + Objeto + Verbo

c) Quadro descritivo/analítico

Aspectos	Análise do processo de formação do sinal Classificador ou Construção Classificadora
Sentença	JANELA PEDRA ARREMESSAR
Morfema raiz ou sinal-base	Pedra- substantivo
Morfema vinculado	Arremessar-verbo
Formação final	Arremessar pedra na janela
Definição de acordo com o contexto	Arremessar, atirar um objeto sobre um local
Descrição	Mãos com configuração em A, braço distendido para cima e braço esquerdo distendido para trás, boca fechada comprimindo lábios. Em seguida, movimentar o braço direito para frente e alternar a

	configuração de mão em A para configuração de mão em L, palma da mão para baixo, mantenho o braço esquerdo distendido para trás.
Categoria do Classificador ou Construção Classificadora	Construção Classificadora Verbos Classificadores: Locativo + Objeto + Verbo
Regras de combinação	Realização do item lexical referente a segurar a pedra, ou seja, mão em A + realização do movimento de arremesso + manter o braço esquerdo distendido para trás.
Tipo de Composição/Derivação	Composição por Aglutinação-Regra da Sequência Única: objeto PEDRA incorporado ao verbo ARREMESSAR = ARREMESSAR PEDRA

d) Análise

Em nossa análise identificamos que este fenômeno 14 apresenta a mesma sentença que o fenômeno 10: JANELA PEDRA ARREMESSAR. Todavia, discorreremos aqui sobre as escolhas lexicais deste participante, o qual identificamos o fenômeno 14, pois elas se diferem das escolhas feitas pela participante do fenômeno 10. Em JANELA PEDRA ARREMESSAR o item lexical ARREMESSAR é um Verbo Classificador, pois quem arremessar arremessa alguma coisa e a maneira como essa “coisa” será arremessada dependerá do próprio objeto. Logo, temos aqui uma Construção Classificadora. Aqui o participante realiza o sinal para ARREMESSAR com a mão direita configurada em A mantendo essa configuração até que a pedra seja arremessada e finaliza a ação com a mão em L, palma da mão para baixo, enquanto a mão esquerda permanece com CM-A e distendida para trás.

Na sentença, JANELA PEDRA ARREMESSAR o objeto PEDRA é incorporado ao verbo ARREMESSAR representando a ação de arremessar uma pedra. O sinal básico para PEDRA não ocorre, o que ocorre é a realização de um sinal Classificador que representa PEDRA ARREMESSAR. Podemos vislumbrar a sentença tal como a intencionalidade do falante: JANELA PEDRA ARREMESSAR, sendo a JANELA o locativo, a PEDRA o objeto e ARREMESSAR o verbo. Mas, essa possibilidade de Construção Classificadora não é encontrada. Faria-Nascimento (2009) apresenta algumas possibilidades de Construções Classificadoras, mas não apresenta Locativo + Objeto + Verbo como possibilidade.

A possibilidade que mais se aproxima, segundo Faria-Nascimento (2009) seria Verbo + Objeto + Locativo e para atender essa disposição dos constituintes na sentença teríamos que reescrevê-la na estrutura da língua portuguesa, logo teríamos: ARREMESSOU PEDRA NA

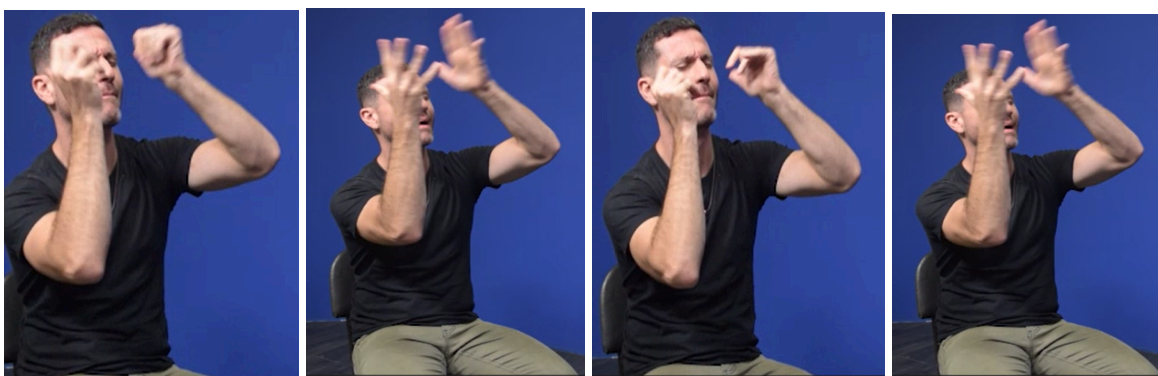
JANELA onde; ARREMESSAR seria o verbo, PEDRA seria o objeto e JANELA seria o locativo. De todo modo, consideramos aqui a Construção Classificadora Verbal Locativo + Objeto+ Verbo apontada por nós como possibilidade desse tipo de construção.

A formação para PEDRA ARREMESSAR é do tipo Composição por Aglutinação-Regra da Sequência Única apontada por Quadros e Karnopp (2004) como possibilidade de composição de sinais. Elementos fonéticos são suprimidos. Em PEDRA ARREMESSAR os elementos fonéticos que formam o item lexical PEDRA foram suprimidos e o objeto PEDRA incorporado ao verbo ARREMESSAR por meio de uma Construção Classificadora resultando em: ARREMESSAR PEDRA.

Categorização e análise – Fenômeno 15

a) Fenômeno-Sinal: QUEBRAR VIDRO

Figura 75: realização do sinal VIDRO QUEBRAR



Fonte: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

b) Categoria: Verbos Classificadores: Verbo + Objeto

c) Quadro descritivo/analítico

Aspectos	Análise do processo de formação do sinal Classificador ou Construção Classificadora
Sentença	JANELA PEDRA ARREMESSAR QUEBRAR VIDRO
Morfema raiz ou sinal-base	Vidro-substantivo
Morfema vinculado	Quebrar-verbo
Formação final	Vidro quebrando

Definição de acordo com o contexto	Estraçalhar, ficar aos pedaços
Descrição	Mãos com configuração em A e palmas para dentro, abrir as mãos mantendo dedos para cima os dedos, repetir 2 vezes
Categoria do Classificador ou Construção Classificadora	Construção Classificadora Verbos Classificadores: Verbo + Objeto
Regras de combinação	As duas mãos configuradas em A com as palmas para dentro abrindo as mãos e mantendo os dedos para cima + ENM's corpo distendido para trás, olhos semiabertos, lábios cerrados, em seguida reproduzir a onomatopeia utilizada para se referir a vidro quebrando/estraçalhado: "PA, PA, PA".
Tipo de Composição/Derivação	Composição por Aglutinação-Regra da Sequência Única: objeto VIDRO incorporado ao verbo QUEBRAR = VIDRO QUEBRANDO/ESTRAÇALHANDO

d) Análise

Assim como ocorreu no fenômeno 11 este fenômeno 15 trata-se de uma Construção Classificadora Verbal Verbo + Objeto, apontado por Faria-Nascimento (2009). Houve incorporação do objeto VIDRO ao verbo QUEBRAR. Ao sinalizar os itens lexicais QUEBRAR e VIDRO percebemos que mesmo havendo um morfema base para representar o item lexical VIDRO esse morfema não foi utilizado pelo participante 3, assim como ocorreu com a participante 2. Nessa sentença a realização do sinal referente a QUEBRAR VIDRO ocorreu de maneira distinta a ocorrência da participante 2. Aqui o participante está com as duas mãos com configuração em A e palmas para dentro, abrir as mãos mantendo dedos para cima os dedos, repetir 2 vezes, acrescentado de ENM's corpo distendido para trás, olhos semiabertos, lábios cerrados, em seguida reproduzir a onomatopeia utilizada para se referir a vidro quebrando/estraçalhando: "PA, PA, PA". A escolha da onomatopeia também foi distinta.

A formação do morfema lexical QUEBRAR VIDRO se manteve com do tipo Composição por Aglutinação-Regra da Sequência Única, pois os fonemas que formam o item lexical VIDRO foram suprimidos e incorporados ao verbo QUEBRAR, que tomou essa forma em consequência do objeto quebrado, resultando em: VIDRO QUEBRANDO/ESTRAÇALHANDO, (Quadros e Karnopp, 2004).

6. RESULTADOS

Nesta seção apresentamos os resultados da pesquisa com base na análise dos dados. Ao finalizarmos as análises pudemos concluir que, em textos narrativos, o uso de Classificadores e Construções Classificadoras são frequentes. Ao todo identificamos 15 fenômenos distintos, sendo os fenômenos 12,14 e 15 da mesma base lexical dos fenômenos 09,10 e 11, porém as escolhas gramaticais variaram a depender do participante. O fenômeno mais identificado foi o Classificador para Pessoa, com pelo menos 5 aparições.

Em relação ao Classificador para Pessoa observamos que há variantes de sinais a depender, pelo menos, da flexão de número e da ação acarretando o uso frequente de Classificador para Pessoa, a fim de contribuir com a fluidez e compreensão da mensagem em contexto comunicativo. Esse tipo de Classificador aparece comumente incorporado à ação do verbo.

O primeiro vídeo analisado foi narrado por Ana Regina e Souza Campello e tem duração de 2min07s. No vídeo a participante narra o que entendeu do Clipe do vídeo “*Tom e Jerry*”. Ela contextualiza que havia um gato, no caso o Tom, vigiando o rato, por sua vez o Jerry. Tanto o gato quanto o rato eram *cowboy's*. O gato prepara uma armadilha para rato colocando dentro de uma caixa um pedaço de queijo enquanto se esconde atrás do objeto para vigiar se o rato vai cair na armadilha e assim a narrativa se desenvolve.

No vídeo 1 identificamos 8 fenômenos distintos de formação de sinais por meio de Classificadores ou Construções Classificadoras, sendo eles: Classificador Instrumental-Mão como Instrumento; Classificador Descritivo + X tipo de Objeto; Classificador Verbal Sujeito + Verbo; Classificador Semântico; Classificador Verbal Sujeito + Verbo + Modo + Locativo; Classificador Nominal Descritivo; Classificador Verbal Verbo + Instrumento e Classificador de Plural. Isso nos confere a variedade de Classificadores e de Construções Classificadoras que pode haver em contexto comunicativo.

Os vídeos 2 e 3 referem-se à mesma narrativa: “*Charlie Chaplin*”, porém identificamos que os participantes lançaram mão de escolhas distintas para discorrer sobre a narrativa. O vídeo discorre sobre a esperteza do personagem em conseguir trabalho. Ele é vidraceiro e combina com uma criança de quebrar o vidro para que ele seja chamado para consertar, a criança aceita a proposta e a história se desenvolve.

O segundo vídeo foi narrado por Marisa Dias Lima e tem duração de 1 m e 13s. Nele pudemos identificar 3 fenômenos de formação de sinas por meio de Classificadores e Construções Classificadoras: Classificador de Corpo + Classificador Segura X tipo de objeto; Classificador Verbal Locativo + Objeto + Verbo e Classificador Verbal Verbo + Objeto. Já no vídeo 3, narrado por Rimar Ramalho Segala, com 2m e 16s de duração, identificamos 4 fenômenos de formação de sinais por meio de Classificadores e Construções Classificadoras: Classificador de Corpo; Classificador Especificador; além do Classificador verbal Locativo + Objeto + Verbo e Classificador verbal Verbo + Objeto que são fenômenos em comum com o vídeo 2, porém com escolhas lexicais distintas.

A identificação, descrição e análise desses fenômenos corroboraram para que pudéssemos identificar outras possibilidades de formação de sinais por meio de Classificadores e suas construções que não as básicas tais como: Classificador de Numeral e Classificador Descrito, inclusive em nossas análises não identificamos o uso do Classificador de Numeral. Outro ponto relevante durante as análises foi identificar a atribuição de caráter morfológico a componentes fonéticos como ocorreu com as configurações de mão 58 e G e as configurações de mão 38 e 71, no segundo e no quarto fenômeno, identificados no vídeo 1, respectivamente.

As CM's que a princípio são a menor unidade sem sentido e estão no campo da fonética, ao se juntar com os demais parâmetros ganharam significado e se tornaram morfemas. A CM- 58 foi utilizada para representar o item lexical TOCA e a CM-G foi utilizada como complemento para esse item representando o formato da entrada da TOCA. Em CM 39 e 71 temos a CM 39, palmas da mão para dentro, dedos indicador e polegar levemente inclinado para esquerda tocando no queixo representa o verbo TER, já a CM 39 uma junção que resulta em TER IDEIA e isso ocorre porque as CM's são articuladas com os demais parâmetros.

Observamos que, nas sentenças, os verbos foram incorporados aos nomes e essa ocorrência acontece pelo fato de que os verbos são elementos Classificadores. Identificamos que em todos os fenômenos em que houve verbos esses fenômenos foram categorizados como Construções Classificadoras Verbais e isso ocorreu pelo fato de um verbo ser um Classificador que incorpora quem ou o que será utilizado na ação e, portanto, é na Construção Classificadora que ele desempenha sua função.

Durante nossas análises identificamos pelo menos 5 tipos distintos de Construções Classificadoras Verbais: Sujeito + Verbo; Sujeito + Verbo + Modo + Locativo; Verbo + Instrumento; Locativo + Verbo + Instrumento e Verbo + Objeto. Isso comprova a variedade de Construções Classificadoras Verbais existentes. Em Fatec (s/d) identificamos que o material apresenta tipos de Classificadores, mas há uma lacuna na apresentação de Construções Classificadoras. A revisão da literatura apresenta tipos de Classificadores e Construções Classificadoras sem diferenciá-los. Apenas em Faria-Nascimento (2009) temos essa distinção evidente. A autora apresenta, de forma detalhada, os resultados obtidos em sua pesquisa no que tange às Construções Classificadoras evidenciando, portanto, a diferenciação entre tipos e Construções Classificadoras.

Outro ponto relevante durante nossas análises é que, identificamos ser possível, em uma mesma sentença, a ocorrência de mais de um tipo de Classificador como ocorreu no fenômeno 2 em que identificamos dois tipos de Classificadores: Classificador Descritivo e Classificador X Tipo de Objeto e no fenômeno 9º, onde houve ocorrência de Classificador de Corpo e Classificador Segura X Tipo de Objeto, na mesma sentença. Ambos os fenômenos foram identificados no vídeo 1.

Considerando os estudos de Faria-Nascimento (2009) lançamos como nova possibilidade de Construções Classificadoras Verbais a construção Locativo + Objeto + Verbo, identificada no fenômeno 10, vídeo 2, e que se repetiu no fenômeno 14, vídeo 3. Faria-Nascimento (2009) nos apresenta Verbo + Objeto + Locativo. Para atender o proposto por Faria-Nascimento (2009) teríamos que reestruturar a sentença em Língua Portuguesa. Sendo assim, mantivemos a estrutura da Libras, analisamos a sentença JANELA PEDRA ARREMESSAR e apresentamos a possibilidade de Construção Verbal Locativo + Objeto + Verbo, onde: o locativo é JANELA, o objeto é PEDRA e o verbo é ARREMESSAR.

Como já mencionado, os participantes 2 e 3 narraram o mesmo vídeo: “*Charlie Chaplin*”. Considerado principal ator da era do cinema mudo esse personagem tinha como características marcantes o bigode bem delimitado na parte superior central da boca e na maioria das vezes carregava uma bengala. O personagem utiliza como recursos de linguagem a mímica e a pantomima. Na cultura surda uma pessoa recebe um sinal de batismo, ou seja, um sinal que representa alguma característica física da pessoa.

Em uma pesquisa básica pelo youtube,¹² identificamos que o sinal de batismo para *Charlie Chaplin* é realizado conforme a participante 2 apresentou: mão direita com configuração em U, palma para trás, tocando na parte superior central da boca com os dedos levemente inclinados para a esquerda, representando o bigode, acrescentado de mão configurada em A, palma para frente, movendo o objeto ligeiramente de forma circular, representando a bengala em movimento.

Ao analisarmos o vídeo 3 identificamos que o participante não sinalizou BENGALA para se referir a *CHARLIE CHAPLIN* e isso nos levou a refletir sobre a possibilidade de economia linguística ou até mesmo desconhecimento do participante em relação ao sinal de batismo do personagem. Desse modo, compreendemos que as escolhas lexicais em contexto comunicativo podem variar. Nesse caso, por ser em contexto comunicativo, o participante não recebe o material previamente para estudar e por isso, certamente, ao contrário de nós, não pode pesquisar o sinal para *CHARLIE CHAPLIN*, aí está a relevância de uma pesquisa descritiva considerando o contexto comunicativo. Sendo assim, o participante sinalizou de acordo com seu conhecimento prévio, seu arcabouço lexical e escolhendo arranjos que garantem a fluidez na comunicação.

Embora não tenha sido analisado como um fenômeno o item lexical JANELA foi sinalizado pelos participantes 2 e 3 e pode ser utilizado como mais um exemplo para demonstrar como as escolhas lexicais são variáveis de falante para falante e que não há um único sinal Classificador para um mesmo referente. Na sentença JANELA PEDRA ARREMESSAR temos duas possibilidades de formação de sinais por meio de Classificadores.

A seguir apresentamos os sinais realizados para representar JANELA. Lado esquerda temos a participante 2 realizando com a Configuração de Mão em G e do lado direito temos o participante 3 realizando o sinal para o item lexical JANELA com as mão em CM-A, palmas para baixo, braço direito sobe braço esquerdo, ambos na horizontal, na sequência braço direito levante e toca novamente no braço esquerdo, fazendo referência a uma janela se abrindo.

¹² <https://www.youtube.com/watch?v=f8u1DowdQkc>

Figura 76: Sinais para JANELA



Fonte:

https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/download/977/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123?custom=1

Conforme Ferreira-Brito, (2010 [1995]), a Configuração da Mão em G é utilizada como Classificador para descrever seja com a extremidade do indicador ou com as duas mãos, objetos ou locais sejam eles quadrados, redondos, retangulares, entre outros e faz parte do subgrupo correspondente a Classificador X Tipo de Objeto. Isso ocorre na escolha da participante 2.

Ainda sobre nossa análise comparativa entre os participantes 2 e 3 identificamos que os fenômenos 11 e 15 se diferem quanto a escolha da onomatopeia utilizada para representar o vidro se estilhaçando/quebrando. Em 11 a participante utiliza “Blololololo”, movimentando a língua para cima e para baixo entre os lábios. Em 15 o participante utiliza “PA-PA-PA” pronunciando essas sílabas de forma sequencial. Essas escolhas evidenciam que, em contexto comunicativo, os falantes tendem a fazer escolhas distintas no processo comunicacional.

As análises das narrativas nos mostraram que a ocorrência de Classificadores e Construções Classificadoras nesse gênero ocorreram comumente. O fato de tratarem de narrativas realizadas apenas por pantomimas e mímicas pode ter influenciado a quantidade de uso desse fenômeno morfológico. Apesar de registramos apenas 15 fenômenos de formação de sinal por meio de Classificadores ou suas construções nas sentenças, o corpus apresentou pelo menos 25 fenômenos os quais suas categorias se repetem.

O Classificador de Pessoa, por exemplo, teve uma ocorrência significativa. Em relação ao tipo ou Construção Classificadora a ocorrência de Construção Classificadora foi maior que a ocorrência de tipos totalizando 9 aparições. Atribuímos essa percepção ao fato de termos

analisado os fenômenos em contexto e não isolado e isso interfere nos resultados, pois tivemos acesso a toda narrativa e não apenas aos sinais.

De acordo com nossas análises identificamos que a maioria das Construções Classificadoras foram verbais e isso pode ser atribuído ao fato de que as sentenças são construídas, basicamente, por Sujeito, Verbo e Objeto-SVO. Mesmo que a ordem dos constituintes se altere, eles compõem as sentenças. Quadros e Karnopp (2004) confirmam que a ordem básica dos constituintes dentro das sentenças é SVO, mas que podem ocorrer outras ordens como, por exemplo; OSV, SOB e VOS e que essas outras ordens são derivadas de SVO.

Em relação ao tipo de formação de sinais ocorridos por meio dos Classificadores ou suas Construções Classificadoras o tipo de formação de sinal ocorrido por meio de Composição por Aglutinação e Composição por Justaposição foram equivalentes com 6 (seis) ocorrências para cada tipo. Já em relação a formação de sinais por meio de Derivação identificamos 2 (duas) ocorrências. Isso se deve ao fato de que as Construções Classificadoras Verbais foram as que mais ocorreram. Sendo o verbo uma categoria que incorpora o nome, logo, é compreensível termos a Composição por Aglutinação com 6 ocorrências em um total de 15 fenômenos.

Para tipos de Composição por Justaposição Felipe (2006) aponta pelo menos 3 tipos, sendo eles: Composição por Justaposição de dois itens lexicais, Composição por Justaposição de um Classificador com um item lexical e Composição por Justaposição da Datilologia. Durante nossas análises identificamos, no fenômeno 13, o tipo de Composição por Justaposição da Datilologia, onde o participante realiza a datilologia para o referente M-A-S-S-A antes de realizar o sinal Classificador. Desse modo, confirmamos uma das possibilidades apresentadas por Felipe (2006).

Desse modo, tivemos como resultado: CL Instrumental-Mão como Objeto para ocorrência CHAPÉU e ARMA; CL Descritivo + X Tipo de Objeto para ocorrência TOCA, Classificador Verbal Sujeito + Verbo para a ocorrência RATO ANDANDO, CL Semântico para a ocorrência TER IDEIA, Classificador Verbal Sujeito + Verbo + Modo + Locativo para a ocorrência DONO BAR SENTAR DORMIR CADEIRA, CL Descritivo para PÃO DE FORMA, Classificador Verbal Verbo + Instrumento para ESPINGARDA ATIRAR, CL Plural para TIROS, CL de Corpo + CL Segura X Tipo de Objeto para a ocorrência *CHARLIE CHAPLIN*, Classificador Verbal Locativo + Objeto + Verbo para a ocorrência PEDRA

ARREMESSAR, Classificador Verbal Verbo + Objeto para a ocorrência QUEBRAR VIDRO, CL Corpo para ocorrência *CHARLIE CHAPLIN*(2), CL Especificador para a ocorrência MASSA PARA VIDRO, Classificador Verbal Locativo + Objeto + Verbo para a ocorrência PEDRA ARREMESSAR(2) e Classificador Verbal Verbo + Objeto para a ocorrência QUEBRAR VIDRO(2).

A seguir apresentamos um quadro onde é possível vislumbrar o resultado das análises de forma sucinta. Neles estão as categorias as quais os Classificadores ou Construções Classificadoras foram identificados, as sentenças onde ocorreram o fenômeno, a formação final e o tipo de Composição ou Derivação:

Quadro 25: Quadro demonstrativo do resultado das análises

	CATEGORIA	SENTENÇA	FORMAÇÃO FINAL	TIPO DE COMPOSIÇÃO/DERIVAÇÃO
1	Classificador Instrumental-Mão como Objeto	GATO CHAPÉU E ARMA CINTURA VER TOCA ENROLAR QUEIJO COLOCAR TOCA	“Cowboy”	Composição por Justaposição: CHAPÉU + ARMA NA CINTURA= <i>COWBOY</i>
2	Classificador do tipo Descritivo + Classificador do tipo X tipo de objeto	GATO VER TOCA ENROLAR QUEIJO COLOCAR TOCA	Toca	Composição por Justaposição: CM-58 + CM-G= TOCA DE RATO
3	Construção Classificadora Verbos Classificadores - Classificador Verbal Sujeito+ Verbo.	GATO ESCONDIDO ESPERAR RATO ANDAR DIREÇÃO ARMADILHA	Rato andando	Composição por Aglutinação: incorporação de pessoa/rato no verbo andar. Regra da sequência única.
4	Construção Classificadora- Classificador Semântico	RATO VER IDEIA	Ter uma ideia	Composição por Justaposição. CM-39 + CM-71= ideia
5	Construção Classificadora Verbos Classificadores – sujeito+verbo+modo+locativo	DONO BAR SENTAR DORMIR	Dormir sentado	Derivação-concaenação: Substantivo cadeira em verbo sentar

6	Classificador Nominal Descritivo	PEGAR PÃO DE FORMA	Pão de forma	Composição por Justaposição: pão + forma= pão de forma
7	Construção Classificadora Verbo Classificador-Verbo + Instrumento	ESPINGARDA ATIRAR	Atirar com a espingarda	Composição por Aglutinação: sequência única
8	Classificador de Plural	DONO BAR ATIRAR TIROS	Dono do bar disparou vários tiros	Derivação-concatenação: verbo atirar no substantivo tiros
9	Classificador de Corpo + Classificador Segura X tipo de Objeto	PESSOA BIGODE BENGALA GIRAR	<i>Charlie Chaplin</i>	Composição por justaposição: bigode + bengala girando
10	Construção Classificadora Verbos Classificadores- Locativo + Objeto + Verbo	JANELA PEDRA ARREMESSAR	Arremessar pedra na janela	Composição por Aglutinação: sequência única
11	Construção Classificadora Verbal- Verbo+ Objeto	VIDRO QUEBRAR	Vidro quebrando	Composição por Aglutinação: sequência única
12	Classificador de Corpo	<i>CHARLIE CHAPLIN</i> JUNTO FILHO	<i>Charlie Chaplin</i>	Composição por Aglutinação: sequência única
13	Classificador Especificador	MASSA COLOCAR JANELA	Massa para vidro	Composição por Justaposição: datilologia M -A- S- S- A + CM-A + M.O+ P.O + OD (para demonstrar a preparação da massa) +mãos em pinça
14	Construção Classificadora Verbal- Locativo + Objeto + Verbo	JANELA PEDRA ARREMESSAR	Arremessar pedra na janela	Composição por Aglutinação: sequência única
15	Construção Classificadora Verbal- Verbo + Objeto	QUEBRAR VIDRO	Vidro quebrando	Composição por Aglutinação: sequência única

Fonte: a autora

Os resultados mostraram que as possibilidades de Construções Classificadoras são inúmeras. Faria-Nascimento (2009) foi um aporte teórico robusto e complexo e nos apresentou pelo mesmo 13 possibilidades de categorização de Construções Classificadoras Verbais. Baseadas em suas análises e diante de nossa pesquisa apresentamos uma nova

possibilidade: verbal Locativo + Objeto + Verbo explicitado durante a análise do fenômeno 10.

O tipo de formação mais frequente foi de Composição por Aglutinação e Composição por Justaposição isso se deve ao fato de que a maioria das Construções Classificadoras identificadas foram as verbais. No caso das Construções Classificadoras do tipo Composta por Aglutinação a ocorrência se deve ao fato de que na sentença, em contexto comunicativo, o verbo se incorpora ao nome sendo aglutinado. Essa ocorrência confirma o apontado por Quadros e Karnopp (2004). As autoras discorrem que no processo de formação de sinais compostos por aglutinação há supressão de elementos fonéticos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos nossa pesquisa consideramos pertinente discorrer sobre o processo histórico da Libras para fazermos um compilado sobre as Políticas Públicas que permeiam essa língua, as influências de outras línguas sobre esta, a fim de situar a nós mesmos e aos leitores para seguirmos com nosso objeto de pesquisa: Classificadores e Construções Classificadoras na Libras. Identificamos que antes da Lei 10436 promulgada em 2002, a qual reconheceu a Libras como língua, registros nos mostraram que, em 2000, foi promulgada a Lei 10098, garantindo o direito à acessibilidade comunicacional dos surdos por meio da Libras.

Durante nossa pesquisa, identificamos a influência da Língua Americana de Sinais-ASL e da Língua Francesa de Sinais-LFS sobre a Libras resultando em sinais iguais ou realizados por empréstimos linguísticos. Nesse percurso identificamos, também, a existência de outro Dicionário, anterior ao Dicionário Trilíngue, em que apresenta os sinais e suas descrições: o dicionário *Iconographia dos Signaes* dos Surdos-Mudos, criado em 1875. Essa descoberta foi pra nós uma surpresa, haja vista que não é comum mencionarem a obra em estudos linguísticos da Libras.

Ao escolhermos os Classificadores e as Construções Classificadoras como processo morfológico tínhamos, *a priori*, um impasse: a crença de que os Classificadores só seriam utilizados nos casos em que o referente não tivesse sinal ou que os Classificadores seriam apenas mímicas. Durante nossa pesquisa os aportes teóricos nos respaldaram sobre o caráter linguístico dos Classificadores em línguas orais e de sinais e suas construções dentro das sentenças. *A posteriori*, durante nossa pesquisa e os resultados de nossas análises, o caráter linguístico dos Classificadores foi confirmado.

Conforme apresentado nos resultados desta pesquisa identificamos, por exemplo; que os participantes utilizaram para PESSOA sinais Classificadores. Embora o referente PESSOA possua um sinal base os participantes lançaram mão dos Classificadores e suas construções nos contextos comunicativos analisados. Ao se referir ao RATO ANDANDO a participante 1 utilizou o sinal para PESSOA ANDANDO. Já a participante 2 e o participante 3 ao sinalizarem HOMEM MENINO SEPARAR ENCONTRAR FINAL também utilizaram Construções Classificadoras incorporando o substantivo HOMEM e o MENINO ao verbo ANDAR.

Os fenômenos 11 e 15 demonstraram que para um mesmo referente pode haver dois Classificadores distintos como aconteceu para o referente JANELA onde as escolhas lexicais foram diferentes entre os participantes 2 e 3. A participante 2 escolheu realizar o sinal com as mãos fechadas, palmas para baixo, dedos indicadores para frente, Configuração de Mão em G, tocando um no outro, separando lentamente, em direções contrárias, em seguida para baixo e posteriormente se encostando novamente, como se desenhasse um retângulo no espaço neutro. Já o participante 3 escolheu o sinal base comumente utilizado para JANELA: as mãos em CM-A, palmas para baixo, braço direito sobre braço esquerdo, ambos na horizontal, na sequência braço direito levante e toca novamente no braço esquerdo, fazendo referência a uma janela se abrindo. Analisar sinais de Libras em contexto comunicativo nos possibilitou identificar essas distinções nas escolhas lexicais dos participantes.

E, por último, se os Classificadores fossem de fato mímicas as narrativas dos participantes, ricas em Classificadores, não teriam caráter linguístico. Nossos resultados mostraram o contrário, pelo menos 15 fenômenos de formação de sinais por meio de Classificadores e suas construções foram identificados. Nosso interesse de pesquisa foi descrever e analisar o fenômeno de formação de sinais por meio de Classificadores ou Construções Classificadoras em contexto comunicativo.

Nossa justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa, entre outras, foi a escassez de pesquisa dessa natureza, a falta de aprofundamento na temática e a dificuldade de acesso às pesquisas linguísticas da Libras pelo viés descritivo. Ao finalizar esta pesquisa confirmamos que nossa justificativa é pertinente, isso pode ser comprovado, inclusive no quadro de pesquisas de Dissertações e Teses.

Essa incipiência foi confirmada ao acessarmos o repositório da Capes e só identificarmos 10 pesquisas com os descritores selecionados: CLASSIFICADORES, DESCRIÇÃO e LIBRAS. Dessas 10 pesquisas, apenas 3 trataram dos Classificadores ou suas construções, conforme discorremos nesta pesquisa. As pesquisas versavam sobre o uso de Classificadores na disciplina de Ciências; a importância dos Classificadores para comunicação e aprendizagem de alunos surdos e o papel dos Classificadores em contextos linguísticos.

Nossa pretensão foi descrever e analisar os Classificadores e suas construções nas sentenças, em contexto comunicativo, categorizar esse fenômeno de acordo com o tipo ou Construção Classificadora, analisar se essas construções seriam formadas por aglutinação, concatenação ou justaposição. Nossa hipótese inicial era de que surdo, ao lançar mão dos Classificadores e das Construções Classificadoras, utilizava diversas informações gramaticais

e lexicais da Libras em sinais-base ou raiz. A hipótese foi confirmada. Identificamos que o surdo, ao se comunicar em Libras, se vale dos Classificadores e das Construções Classificadoras da Libras em que sinais-base ou raiz se incorporam nas sentenças.

A análise dos dados resultou em pelo menos 15 fenômenos distintos. Conforme já mencionado observamos que mesmo o referente possuindo um sinal específico, ao ser exposto em contexto comunicativo, foi substituído por seu sinal classificador e suas variantes como ocorreu na realização do sinal para PESSOA, JANELA, *CHARLIE CHAPLIN*. Desse modo, confirmamos a relevância de uma análise descritiva da Libras, a partir de seu contexto comunicativo. A depender do falante, seu arcabouço teórico e suas escolhas lexicais o sinal pode sofrer variações. Isso é a dinamicidade da língua em seu contexto comunicativo.

Ao adentrarmos no campo linguístico da Libras, embora nosso objeto de pesquisa fosse o nível morfológico com ênfase no Classificador e suas construções, perpassamos pelos demais níveis linguísticos por entendermos que, embora possam ser estudados de forma isolada, os níveis linguísticos são interdependentes. Inclusive, para nossa análise, nos valem das Configurações de Mão-CM, que estão no nível morfológico, para descrição e análise de alguns Classificadores e Construções Classificadoras identificadas no corpus. Ainda sobre os níveis fonológicos reconhecemos que a CM é a menor parte sem significado, mas combinada aos demais parâmetros se torna a menor parte com significado e adentra no nível morfológico.

Desse modo, foi relevante discorrermos sobre os demais níveis, inclusive o fonológico, que é a base para a formação de sinais. As Expressões Não Manuais-ENMs, por exemplo, foram elementos necessários para a significação das sentenças em que os verbos identificados eram verbos de ação, pois as ENMs acompanhadas do movimento do corpo e as expressões faciais tais como; arqueamento de sobrancelhas, lábios cerrados, demonstraram a intensidade em que as ações foram realizadas.

Durante nossa pesquisa entendemos que o léxico da Libras é composto pelos parâmetros básicos, pelos Classificadores e alguns mecanismos gramaticais como os morfemas base, os empréstimos linguísticos; elementos prototípicos; metonímias; metáforas; ícones linguísticos. E compreendemos que a combinação desses elementos resulta na gramaticidade das sentenças.

Pesquisas relacionadas ao campo linguístico da Libras tem avançado, todavia esse estudo comprovou a lacuna no que tange o aspecto morfológico com ênfase nos Classificadores e suas construções. As divisões de categorias, os processos de composição de sinais também se mostraram incipientes e isso foi evidente na análise dos dados em que alguns fenômenos observados não contaram com embasamento teórico que os validassem. O

Classificador de Instrumento, por exemplo, está na literatura, mas não há aporte teórico denso, apenas inferência em um material produzido para aula de Libras.

Nossa pesquisa reconheceu que o termo “palavra” pode ser considerado equivalente ao termo “sinal”, ou seja, um item lexical nomeado de “palavra” nas línguas orais é nomeado de “sinal” nas línguas de sinais. Esse reconhecimento auxiliou na compreensão do uso de regras gramaticais e lexicais aplicadas às palavras nas línguas orais que couberam /cabem nas análises linguísticas de línguas sinalizadas. Isso porque as línguas de sinais, assim como as línguas orais, têm natureza linguística. Compreender essa equivalência contribuiu para que pesquisas linguísticas das línguas orais, no que concerne a Morfossintaxe, fossem aproveitadas em nossa pesquisa considerando a especificidade gestual-visual da Libras.

O aspecto morfológico da Libras, encontrado na revisão da literatura, apresenta como possibilidade de formação de sinais a Composição, Derivação, Incorporação, Soletração Rítmica, Classificadores, mas não aponta como possibilidade a junção dos parâmetros básicos, tais como: Configuração de Mão, Ponto de Articulação, Movimento; Orientação/Direção e Expressões Não-Manuais. Não há um item específico discorrendo sobre a formação de sinais por meio dessa junção, exemplificando o sinal e como esse sinal base ou raiz é formado para que, a partir dele outros sinais, surjam de forma composta, derivada, incorporada ou soletrada ritmicamente.

Até mesmo no caso da escolha de Classificadores e suas construções, não há descrição de como os parâmetros básicos se organizam para a realização do sinal. Nossos estudos nos permitem afirmar que a formação básica de um sinal ocorre pela combinação dos parâmetros básicos, isso é apresentado na revisão da literatura, mas sem inserir essa possibilidade no campo dos estudos morfológicos da Libras.

Outro ponto que destacamos é não haver distinção entre tipos de Classificadores e Construções Classificadoras, pois, entendemos que os Classificadores são morfemas bases e que Construções Classificadoras são os arranjos desses Classificadores para se organizarem na sentença no contexto comunicativo. Nesse sentido, para desenvolvermos nossa pesquisa categorizamos os Classificadores em tipos e em Construções Classificadoras, desse modo, as análises dos dados ocorreram de maneira mais assertiva. A revisão de Literatura apresenta tipos e construções dos Classificadores como sendo apenas tipos.

Durante nossa pesquisa identificamos que há pelo menos 15 tipos de Classificadores: CL Nominal Descritivo; CL Descritivo; CL Nominal Especificador; CL Especificador; CL

Instrumental; CL Plural; CL de Numeral; CL de Corpo; CL ‘X-Tipo de Objeto’ possuindo como subgrupo o CL- Configuração de Mão em Y, CL- Configuração de Mão em B, CL- Configuração de Mão em G e CL Configuração de Mão em F; CL ‘segurar X-Tipo de Objeto’ possuindo como subgrupo a Configuração de Mão em A.

Em relação às Construções Classificadoras identificamos durante nossa pesquisa que há, pelo menos 17 possibilidades: Classificadores Semânticos; Verbos Classificadores com subgrupo: Classificadores Verbais Sujeito +Verbo; Classificadores Verbais Verbo + Objeto; Classificadores Verbais Verbo + Instrumento; Classificadores Verbais Verbo + Objeto + Instrumento; Classificadores Verbais Verbo +Locativo; Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Locativo; Classificadores Verbais Verbo + Instrumento + Locativo; Classificadores Verbais Verbo + Objeto + Locativo; Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Modo; Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Modo + Locativo; Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Objeto + Modo + Locativo; Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Modo + Aspecto; Classificadores Verbais Sujeito + Verbo + Modo + Aspecto + Locativo; Classificadores Semânticos; Classificadores Homônimos; Classificador Possessivo: possuídos; relacionais; possuidores e Classificadores Locativos.

Para a descrição e análise dos fenômenos nos propusemos a fazê-los pelo viés morfossintático, pois os itens lexicais foram analisados no aspecto morfológico e sintático. De fato, para identificar os fenômenos consideramos o sinal e sua função dentro da sentença identificando verbos, substantivos e seus adjuntos. Uma vez que os estudos morfossintáticos acontecem considerando os morfemas e a função que exercem dentro da sentença adotamos essa procedência para identificar os possíveis Classificadores ou Construções Classificadoras.

O resultado nos mostrou que, de fato, em alguns casos como por exemplo; TOCA, RATO ANDANDO e TIROS se tivéssemos considerado apenas o item lexical isolado não saberíamos qual seria o referente do sinal. No caso de TOCA, por exemplo, o morfema base poderia se referir a PORTA ARREDONDADA ou GOL, RATO ANDANDO poderia ser compreendido como PESSOA ANDANDO, isso porque a participante do vídeo 1 utilizou para o verbo ANDAR Incorporação de Pessoa e não do animal rato. Para o item lexical TIROS poderíamos lançar como possibilidade de representação de Classificador para PINGOS DE CHUVA.

Sobre a identificação do tipo de formação de Classificadores se aglutinado, derivado/concatenado ou justaposto observamos como cada um dos sinais era realizado, e a partir da descrição deste sinal foi possível tipificá-lo. Ou seja, se o sinal era realizado a partir

da junção de dois sinais sem supressão foi tipificado como Composto por Justaposição. Se o sinal era composto, mas por supressão de um dos sinais ele foi tipificado como Composto por Aglutinação. Já se de um sinal surgiu outro ele foi tipificado como Derivação/Aglutinação. Também nos valem os modelos Silex e a Morfologia Construcional para auxiliar na análise sintática, interpretativa e do léxico da Libras. O modelo Silex veio ao encontro de nossa pesquisa que pretendeu observar a regularidade no uso dos Classificadores e suas construções dentro das sentenças.

Inclusive, o modelo Silex foi fundamental para a categorização dos Classificadores quanto a tipos ou construções. Realizar as análises considerando a interrelação dos níveis trouxe resultados mais precisos para nossa pesquisa, pois possibilitou que em nossas análises considerássemos não só o item lexical, mas a sentença em que esse item foi identificado e sua função dentro da sentença.

A regularidade mencionada pelo modelo Silex foi identificada nos fenômenos de Construções Classificadores verbais descritos e analisados. As construções verbais têm como base o verbo, logo os nomes articulados nas sentenças foram incorporados pelo verbo mantendo essa regularidade. A maior parte da formação dessas construções ocorreu por meio de Composição por Aglutinação e Composição por Justaposição, ou seja, itens fonéticos foram suprimidos ou justapostos, mostrando a regularidade das ocorrências.

O corpus utilizado para essa pesquisa foi retirado do Inventário de Libras da UFSC, conforme discorrido na Metodologia. Selecionamos 3 vídeos para análise e concluímos que os 3 vídeos são carregados de mecanismos gramaticais e lexicais que permitem o uso de Classificadores e suas construções articulados com sinais formados por outras possibilidades. Ao optarmos por analisar a Libras em contexto comunicativo nossa intenção era tornar a análise mais fidedigna possível, pois enquanto o participante sinaliza, sem interferência ou recortes, lança mão, de forma natural, de seu arcabouço lexical e cria seus arranjos para estabelecer a comunicação e se fazer compreendido.

Embora tenhamos feito uma tradução básica dos vídeos, transcrição no ELAN, contextualizado e esboçado manuscritos não utilizamos esses artifícios para identificar os fenômenos. Esses artifícios foram utilizados apenas para situar o leitor das várias ferramentas das quais podemos lançar mão em análises dessa natureza, considerando esta língua. Todavia, nossa análise foi feita diretamente assistindo os vídeos quantas vezes foram necessárias. As análises dos dados comprovaram que os Classificadores e suas Construções Classificadoras são possibilidades de formação de sinais. A revisão da literatura de fato, se mostrou incipiente, o que dificultou a referência de alguns fenômenos identificados. A maioria dos

Classificadores categorizados como tipos não tem arcabouço teórico, desse modo para referenciar utilizamos o material da Fatec (s/d).

A descrição e análise dos dados ocorreram conforme organizado previamente. Para cada vídeo analisado apresentamos o cenário de pesquisa; fizemos um resumo da narrativa apresentada, mostramos o contexto de sinalização onde o fenômeno foi identificado, elaboramos um quadro descritivo/analítico contendo: a sentença onde o fenômeno foi identificado, o morfema raiz ou sinal-base, o morfema que foi vinculado ao morfema base ou raiz, formação final do fenômeno, a definição de acordo com o contexto, a descrição do fenômeno, a categoria de Classificador ou Construção Classificadora, quais as regras de combinação para a realização do sinal e a que tipo de Composição/Derivação esse sinal corresponde. Por fim, realizamos a análise do fenômeno identificado, sua categoria e tipo de formação.

As análises das narrativas nos mostraram que a ocorrência de Classificadores e Construções Classificadoras nesse gênero são bem comuns. Embora tenhamos registrado apenas 15 fenômenos de formação de sinal por meio de Classificadores ou suas construções nas sentenças, o corpus apresentou pelo menos 25 fenômenos os quais suas categorias se repetem. Em relação ao tipo ou Construção Classificadora a ocorrência de construção foi maior que a ocorrência de tipos com 8 aparições. Atribuímos essa percepção ao fato de termos analisado os fenômenos em contexto e não isolado e isso interfere nos resultados, pois tivemos acesso a toda narrativa e não apenas aos sinais.

Ao desenvolver essa pesquisa descrevendo e analisando as possibilidades morfológicas em Classificadores e nas Construções Classificadoras e o tipo de formação ocorridas na Libras, em contexto comunicativo, pudemos verificar a necessidade de pesquisas dessa natureza. Não foi comum encontrar pesquisas descritivas da Libras que tivesse como corpus de pesquisa vídeos em Libras. Inclusive, em nossa busca no repositório da Capes, do total de 10 pesquisas correlacionadas a nossa, encontramos apenas uma pesquisa que também utilizou o corpus da UFSC. A pesquisa identificada foi defendida em 2019, por Royer M., sob o título ‘Análise da ordem das palavras nas sentenças em Libras no corpus da Grande Florianópolis’.

Em suma, os resultados dessa pesquisa, sem a pretensão de esgotar as possibilidades de investigação, poderá contribuir com pesquisas que versam sobre descrição e análise da Libras, sobretudo, no que tange os processos de formação, as categorias contempladas, os

mecanismos lexicais e gramaticais e os arranjos dos Classificadores dentro das sentenças. Poderá contribuir, ainda, para a elaboração de conteúdos e materiais didáticos de ensino-aprendizagem da Libras. Outrossim, poderá contribuir para a perenização e divulgação da Libras e seus estudos descritivos. Entendendo que essa pesquisa não tem um fim em si mesma, esperamos que possamos contribuir com demais pesquisadores da área. Também pretendemos continuar nossas pesquisas a fim de contribuir com o aprofundamento da temática.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**, 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão de tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 4. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ALLAN, K. *Classifiers*. Language, v. 53, n. 2, p. 285-311, jun. 1977
<https://doi.org/10.1353/lan.1977.0043>
- ARRAES, F. C. C. L. **Empréstimos linguísticos do inglês, com formativos latinos, adotados pelo português do Brasil**. 2006. 383 f., 2 v. Tese (Doutorado em Linguística).
- AZEVEDO, L. S. DE. **A Importância dos Classificadores no Processo de Comunicação e Aprendizagem por Parte de Sujeitos Surdos**: Pesquisa e Criação de Materiais Pedagógicos. / Loise Soares de Azevedo. - Niterói: [s.n.], 2017. 132f.
- BAKER, C.; COKELY, D. (1980). *American Sign Language*: a teacher's resource text on grammar and culture. Silver Spring, MD: T.J. Publishers.
- BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de sinais sem mistérios**. Belo Horizonte: Edição do autor, 2012.
- BATTISON, R. *Lexical borrowing in American Sign Language*. Silver Spring, MD: Linstok, 1978. 240p. BATTISON, R. Lexical borrowing in American Sign Language. Silver Spring, MD: Linstok, 1978. 240p.
- BERNARDINO, E. L. A. **O uso de classificadores na língua de sinais brasileira**. ReVEL, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].
- BIDERMAN, M.T.C. **Teoria Linguística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BRASIL, Secretaria de Educação Especial **A educação dos surdos** / organizado por Giuseppe Rinaldi et al. Brasília: MEC/SEESP. 1997. V. II. - (série Atualidades Pedagógicas; n. 4) I. Deficiência Auditiva I. Rinaldi. Giuseppe. II Título.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000 [online]. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 dez. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm . Acessado em 12/08/2025.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acessado em: 12/08/2025.
- BRASIL. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm. Acessado em: 12/08/2025.
- CAMPELLO, A. R. A constituição histórica da língua de sinais brasileira: século XVIII a XXI. Revista Mundo & Letras. José Bonifácio, SP, v. 2, Julho /2011 p. 8 -25.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

CARDOSO, I. G. **Caderno de Pedagogia**, v.15, n.32, p 243-252, Maio -Ago/2021.

CARDOSO, V. R. **Os dicionários da língua brasileira de sinais e suas contribuições**. Revista Sinalizar, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 51–66, 2017. DOI: 10.5216/rs.v2i1.46235. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/46235>. Acesso em: 26 maio de 2024. <https://doi.org/10.5216/rs.v2i1.46235>

CARNEIRO, B. G. **Corpo e Classificadores nas Línguas de Sinais**. Revista Sinalizar, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 118–129, 2016. DOI: 10.5216/rs.v1i2.36863. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/36863> . Acesso em: 26 de maio. 2024. <https://doi.org/10.5216/rs.v1i2.36863>

CARONE, F. B. **Morfossintaxe**. São Paulo: Ática, 1995. <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.1996.38005>

CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armênia Amado, 1975.

Classificador de entidade duas pessoas andando. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dSiw-nWCBHs> Acessado em :11/02/2022

CORBIN, D. *Morphologie dérivationnelle et structuration du Lexique* Tubinga: Max Niemeyer Verlag, 1987. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/igram_0222-9838_1987_num_34_1_2091 Acesso em 01 abr. 2025. <https://doi.org/10.3406/igram.1987.2091>

CORREIA, M. **Denominação e Construção de Palavras**: o caso dos nomes das qualidades em português. Lisboa: Colibri, 2004.

CRISTIAN, C. **Sinal de insetos**. Disponível em : : <https://www.youtube.com/watch?v=A8brb2En-kU>. Acessado em 10/02/2022.

DINIZ, H. G. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais [dissertação]. Florianópolis, SC, 2010. 144 p.

DIVINO, R.G.F; PIRES, J.A.O. **Noções de morfossintaxe nos processos de formação de palavras**. Pensares em Revista. São Gonçalo-RJ, n. 8, p. 64-80, 2016. <https://doi.org/10.12957/pr.2016.30582>

DUARTE, A. S. **Ensino de libras para ouvintes numa abordagem dialógica**: contribuições da teoria bakhtiniana para a elaboração de material didático / Anderson Simão Duarte. -- 2011.

DUBOIS, J. et. al. **Dicionário de Linguística**. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

ELAN (Versão 6.7) [**Software de computador**]. (2023). Nijmegen: Instituto Max Planck de Psicolinguística. <https://archive.mpi.nl/tla/elan>

FACULDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS (FATEC). **Classificador** [s/d]. Disponível em: <http://www.fatecc.com.br/alunos/apostilas/libras/Classificador/classificador.pdf>. Acessado em: 25/03/2025.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. de. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira**. Uma proposta Lexicográfica. Brasília: UNB/Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas-LIP, 2009.

FAULSTICH, E. **Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez**: In SALLES, H.M.M.Lima (org). Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais. Cap. 6. GO. 2007.

FELIPE, T. **A relação sintático-semântica dos verbos na Língua Brasileira de Sinais**. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

FELIPE, T. A. **Os processos de formação de palavras na libras**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006. <https://doi.org/10.20396/etd.v7i2.803>

FELIPE, T. A; MONTEIRO, M. **Libras em Contexto**: Curso Básico - Livro do Professor. ed. 6. Brasília/DF: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEEP, 2007.

FELIPE, T.A. **Sistema de Flexão Verbal na LIBRAS**: Os classificadores enquanto Marcadores de Flexão de Gênero. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO INES, 2002, Rio de Janeiro, Anais... Rio de Janeiro, 2002, p. 37- 58.

FERREIRA, D. M. de. **Descrição e análise morfológica da terminologia da fisioterapia**: subsídios para a organização de uma base de dados para o português/ Daniela de Mattos Ferreira. -- São Carlos: UFSCar, 2013.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2010[1995].

FINAU, R. A.; MAZZUCHETTI, V. **A incorporação de numeral em estruturas classificadoras de língua brasileira de sinais**. ReVEL, [s.l.], v. 13, n. 24, 2015.

FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística II**: princípios de análise. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FISCHER, S. **Verb inflections in American Sign Language and their acquisition by the deaf child**: Paper presented at the Winter Meeting of the Linguistic Society of America. [s.l.: s.n.], 1973.

GAMA, Fl. J. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995. <https://doi.org/10.1075/z.74>

GODOI, E. **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS** [recurso eletrônico]: a formação continuada de professores / Eliamar Godoi, Marisa Dias Lima, Leticia de Sousa Leite – 2. ed. – Uberlândia: EDUFU, 2021. 315 p.: il. (Coleção Educação Especial e Inclusão Escolar:

políticas, saberes e práticas. Série Material Didático ; v. 3).

<https://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-513-8>

GONÇALVES, AV; ALMEIDA, M.L.L.de. **Morfologia Construcional**: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias (p.165 a 193) Alfa, rev. linguíst. São José Rio Preto. S.P. 2014. <https://doi.org/10.1590/S1981-57942014000100007>

HALLIDAY, M.A.K. (1978). *Language as Social Semiotic*: The Social Interpretation of Language and Meaning. London: Edward Arnold.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais**: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. Volumes I e II. São Paulo: Editora Ciranda Cultural, 2009.

ILARI, R.O **Estruturalismo Linguístico**: alguns caminhos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C (orgs) Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.

JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. **Australian Sign Language (Auslan)**: An introduction to sign language linguistics. Cambridge: Cambridge University Press. 2007.
<https://doi.org/10.1017/CBO9780511607479>

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. **A visão funcionalista da linguagem no século XX**. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariângela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). Linguística Funcional: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, v., p. 17-28.

KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. *The Signs of Language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

KOJIMA, C. K.; SEGALA, S. R. **Libras**: Língua Brasileira de Sinais: a imagem do pensamento. São Paulo: Editora Escala, 2008.

L'ÉPÉE, C. M. A. *L'institution des sourds et muets, par la voie dessignes méthodiques*. Paris, France, 1776.

LANDIM, A. F. M. **Morfossintaxe e o ensino de língua materna**: um olhar às estruturas linguísticas que materializam a comunicação. 2011. 38f. Trabalho de Conclusão de Curso (Lato sensu em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira) – Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, SP, 2011.

LAROCA, M.N.C. **Manual de Morfologia do Português**. 3º. ed. Campinas: Pontes, 2004.

LEITE, L. S. **Mecanismos de avaliação da aprendizagem de aluno surdo no ensino superior no âmbito da linguística aplicada** [recurso eletrônico]. Universidade Federal de Uberlândia-Ufu, M.G. 2019.

LEITE, L.S. **Processos avaliativos e os mecanismos de avaliação da aprendizagem de surdos no âmbito da pós-graduação**. 2024. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia-Ufu, M.G.

LIDDELL, S. K. In: EMMOREY, K. (Ed.). *Perspectives on classifiers constructions in sign languages*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2003b. p. 199-220.

LIDDELL, S.K. *American Sign Language syntax*. The Hague: Mouton, 1980.
<https://doi.org/10.1515/9783112418260>

LYONS, J. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Tradução de Wanda Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1977.

MARQUES, J. G. T.; CANTARELLI, A. **A influência da Língua de Sinais Francesa (LSF) na Língua de Sinais Brasileira (Libras): Estudo Baseado em Metalexicografia Comparativa. Descrição e Análise Linguística da Língua Brasileira de Sinais**. Revista Porto das Letras, Vol. 06, Nº 06. 2020.

MARTELOTTA, M. E. da. **Conceitos de gramática**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo da (Org.). Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2010, p. 43-70.

MARTELOTTA, M.; KENEDY, E. (2003). **A visão funcionalista da linguagem no século XX**. In: FURTADO CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. (Orgs.). Linguística funcional: teoria e prática. DP&A Editora: Brasil.

MARTINS, A.C. **Lexicografia, Metalexicografia e Natureza Iconicidade da Língua de Sinais Brasileira**. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, 2017.

McDONALD, B. H. *Aspects of the American Sign Language Predicate System*. PhD State University of New York, Buffalo, 1982.

MENDONÇA, C. S. S. S. **Classificação nominal em Libras: um estudo sobre os chamados classificadores**. 2012. vii. 155 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

MONTEIRO, M. S. **Língua Brasileira de Sinais: A Interferência do português na análise gramatical em Libras: o caso das preposições**. Myrna Salerno Monteiro; orientador, Tarcísio de Arantes Leite - Florianópolis, SC, 2015. 250 p.

NARUMA, M.I.C. **A ordem Sintática e a repetição na Língua de Sinais em São Paulo**. 1982. Dissertação- Universidade de Mogi das Cruzes. Orientador: Lucinda Ferreira.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PASSOS, CL. & PASSOS, M. E. **Princípios de uma gramática modular**. São Paulo: Contexto, 1990.

PASSOS, R. **Parâmetros físicos do movimento em Libras [manuscrito]: um estudo sobre intensificadores** / Rosana Passos. – 2014.

PERINI, Mário A. **Princípios de lingüística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola, 2006. 208 p.

PIMENTA, Nelson; QUADROS, R.M. de. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. de. **Curso de Libras 2**. 1. ed. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2009.

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. de. **Curso de Libras III**. Rio de Janeiro: LSB. Vídeo, 2011.

PINHEIRO, V.S, de. **O papel dos classificadores na Libras e os contextos linguísticos de suas realizações**. Cascavel, PR. 2022.

PINTO, D. N. **Literatura surda**. SAGAH, 2019.

QUADROS, R. M. de. *Phrase structure of Brazilian sign language*. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre. 1999

QUADROS, R. M. de.; SCHMITT, D.; LOHN, J. T.; LEITE, T. de A. **Corpus de Libras**. <http://corpuslibras.ufsc.br/> 2020.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ARTMED, 2004. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i16.560>

RABELO, A. H. R. **Libras e o fenômeno da incorporação nos processos de formação de sinais** [recurso eletrônico] / Andreolina Heloisa Ribeiro Rabelo. 2020.

RINALDI, G. (1997) (Org.) **Educação especial: deficiência auditiva**, vol. 1º. Série Atualidades Pedagógicas - nº 4. Brasília: MEC / SEESP.

ROCHA, L.C. **Estruturas morfológicas do português**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

RODERO-TAKAHIRA, A. G. **Compostos na Língua de Sinais Brasileira**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) –Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RODRIGUES, C.S; VALENTE, F. **Aspectos Linguísticos da Libras**. Curitiba: IESDE Brasil S.A. 2021, 252p.

SCAPOLAN, B. A., 1982- 2023. (In) **Traduzibilidade das Expressões Idiomáticas entre a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais**. ([recurso eletrônico]: Uma análise conceitual e funcional / Bruno Alexandre Scapolan. - 2023.

SERRANI-INFANTE, S. M. **Discurso e Aquisição de Segundas Línguas**: Proposta AREDA de Abordagem. In: INDURSKY, F. & LEANDRO FERREIRA, M.C. (Orgs.) **Os Múltiplos Territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto. 1999. (p. 281 - 300)

SILVA, M. P. M. **A Semântica como Negociação dos Significados em Libras**. Unicamp, 2006. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/tla/article/view/1954>
Acesso em: 20/07/2020.

SOFIATO, C.G. **Do desenho à litografia: a origem da língua brasileira de sinais**. 2011. 265f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes - Campinas, SP: [s.n.], 2011. Disponível em: <Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000796432&fd=y> > . Acesso em: 25/01/2024. » <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000796432&fd=y>

STOKOE, W. C. ***Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf***. University of Buffalo, 1960.

STOLLER, F. T. C. **O uso dos Classificadores da Língua Brasileira de Sinais no Ensino de Ciências: A reciclagem de materiais em contexto**. 17/11/2016 68 f. Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão. Universidade Federal Fluminense. 2016

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. **Aspectos Linguísticos da Libras – Língua Brasileira de Sinais**. Secretaria de Estado de Educação, Superintendência de Educação, Departamento de Educação Especial, Curitiba: 1998.

SUPALLA, T. ***The classifier system in American Sign Language***. In: CRAIG, Colette. (Ed.) *Typological studies in language: noun classes and categorization*. 7, 181-214. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1986. <https://doi.org/10.1075/tsl.7.13sup>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA-UFSC. **Corpus Libras**. Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/> . Acessado em: 18/10/2020.

VALLI, C; LUCAS, C. ***Linguistics of American Sign Language: an introduction***. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2001.

VELOSO, B. S. **Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na Língua de Sinais Brasileira** / Brenda Silva Veloso. -- Campinas, SP: [s.n.], 2008.

VOTRE, S.; NARO, A. (1989). **Mecanismos funcionais do uso da língua**. In: DELTA, Vol. 5, 2: 169-184.

WILCOX, P.P. ***Metaphor in American Sign Language***. Program at the University of New México: Albuquerque, NM, 2000.

9. ANEXOS

Anexo 1: Manuscritos dos vídeos

Análisi do vídeo

① Region

1) Campanha é o conjunto de ações e atividades planejadas e executadas com o objetivo de alcançar um determinado propósito, geralmente relacionado à promoção de uma causa, produto ou serviço.

para entender, precisamos saber as seguintes informações:

nota de foto clasificada a parte de corpo

O pinto cauboy ^{pch} insolar um furo e colocar no entô de
deca ^{cilindro} e ficar ^a lado do chão do cano? ^{apertar} an maldito. (paga)
vendo a foto unha ^a ^{cl} ^{para} ^{um} ^{bom} b. b. ^a ^{apertando} ^a

Quanto ao preço para obter o lucro e ter uma ideia (antes de se fazer o sinal). Ele vai o dono do bar onde estão os copos.

classificadas pelo tipo,
pelas pos. cima, ~~interiores~~
abaixo com a maior mudança na sua (ou sua posição 62)

Oito - amolece a carne de espinaço
frita, mais em pequenas quantidades.

Oito - cubos no molho de tomate, alho
pepino e tomate

Um um prato com 2 pães
colocar a mão de homem velho
Como velhos.

Cozido: no plano em tudo no
fofo para mais e para menos.
Ch. pão de forma.

pequeno tomate, colocar dentro
velho.

Ch. uma velha como pessoa
e amolece.

Oito - amolece um ólio
Como de feijão verde
Ch. mol. calabresa.

pequeno o pão quando foi
de moqueim. O dono que tem

Como o feijão não há sinal de
cho, no molho, que alguém que
pilha de coqueiro, o frito

Ch. -
os restos, os dons de feijão
de feijão, os dons de feijão

pequeno e quando se comecaram

Ch. - noite o frito que ficou
que foi a parte em tudo frito
e quando se

as porções aumentando no
chato Ch. um coqueiro
feijão de novo. pl. baixo.

O frito com um água ^{nao}
pequeno frito ^{nao}
Ch. de feijão com o frito

que utilizam.

O frito ficou no feijão, frito
no feijão.

Ch. - coqueiro frito.

Oito - feijão requintado e feijão
Ch. -

uma, vai deixando no feijão
Ch. -

onde estava com o pão, se algum
onde do feijão dentro do pão
e feijão (Santo)

Oito comendo um o frito, pronto
moqueim, o feijão que tem

Ch. (se o feijão moqueim)

e... e... e...

- Mansa (1)
- de um lado. dadas aplem e de outro como criança, etc. portanto
- 2º Charles Chaplin vindo encontrou uma pessoa ali (Chaplin vindo)
- 1º Cl. pensa com o rosto
- 2º Cl. Smol. Bupde do lado Chaplin + lampião
- de que vai por um lado, em por outro. Ele colocou mágica nas costas (Cl.)
- 3º a fama determina o lugar para a mágica por colocá-lo
- 3º ou ele Chaplin um objeto (2º) não se Smol repetiu o movimento de arremessar a criança plantando um novo problema (Cl. - não se usou o hot pulber)
- Cl. para Cl. usou class. kids.
- 4º a mágica não se repetiu o movimento de arremessar a criança plantando um novo problema (Cl. - não se usou o hot pulber)
- nos km Smol, X.E.F.
- 5º Charles Chaplin com o mesmo rosto de lado: o que acontece
- com a fama? Cl. tem a mágica dos lados a mágica mágica
- outra parte, no arremessar a mágica de mágica
- de Charles Chaplin 2º - para a mágica, para a mágica
- Stoccolma ou do
- Cl. mov. de vista Stoccolma
- 6º Charles Chaplin arruma o pulber, 2º pulber (Cl. - não se usou o hot pulber)
- tilibra

"Se

a polícia chegou o menino fugiu, a polícia olhou a reação

a mulher viu a polícia, o menino gritou e o Chaplin

pedindo a polícia a polícia

Cl. (mas mágica.)

Cl. ligou a polícia

Cl. mágica de ligar

uma coisa no outro.

6º "ai, ai, polícia foi aqui" polícia com a mágica do menino. fim.

Cl. opinando Smol

mas, o contato mágica isso.

E.F.

Kimar

$p \cdot r = \text{change}$

репутация.

Refúgio! Nunca começar em livros.

1. O personagem: Charles Chaplin, pai com o filho. Bob, Chaplin

Ch = 50 bigode

Combinar: você vai por um lado e por outro lá

Cl₂ f. nov. Cl₂ f. nov.

6 Caminhos

no find a fonte se importa

Worms and snails

10. $\text{C}_2\text{H}_5\text{COOH} + \text{NaOH} \rightarrow \text{C}_2\text{H}_5\text{COONa} + \text{H}_2\text{O}$

mas e impreciso e mantendo

CL. troglodytes

2: Dürstend antworten, was um alles hoch, Dürstend sein

Charles no "stranger" massa pequeno pega na mochila que está na esta

CL

Ch. ~~pan~~ pituit + mochi/c

3. merind vii pinda vici, gumele pinda (pi' pi' no' u di)

the fall on

ANEXO 2: Transcrição dos vídeos pelo ELAN

VÍDEO 1: *TOM E JERRY*

file:///C:/Users/marce/downloads/FLN_GR_F02_NARRATIVA_cam0123.eaf2024 Mar 9, Sat 11:571sinaisd IX(ele)
 2sinaisd PRODUIR2sinaise PRODUIR1sinaisd GATO1Unidade Sintática
 IX(gato) GATO DV(chapéu-arma-cintura)1sinaisd DV(chapéu-arma-cintura) VER
 1sinaise DV(chapéu-arma-cintura)1sinaisd DV(toca-queijo-atar-colocar-voltar)1Unidade
 Sintática VER DV(toca-queijo-atar-colocar-voltar)1Unidade Sintática DV
 (colocar-queijo-armadilha) DV(deu-volta)1sinaisd DV(caixa-madeira-colocar-de-pé-esconder)1sinaise
 DV(caixa-madeira-colocar-de-pé-esconder)1Unidade Sintática DV(caixa-madeira) DV(colocar-de-pé-escondido-
 espia)1sinaisd VER ESPERAR VER RATO VIR1sinaisd ESPERAR VER1sinaise ESPERAR1Unidade
 Sintática RATO2 E(vir) E(atrás)1Unidade Sintática E
 (atrás) DV(porta-abrir) DV(rato-chapéu) TAMBÉM DV(tamanho-pequeno) DV(chapéu) VER1sinaisd
 DV(porta-abrir-rato-chapéu)1sinaisd TAMBÉM1sinaise DV(porta-abrir-rato-chapéu)
 TAMBÉM1sinaisd TAMANHO-PEQUENO DV(chapéu-andar)1sinaise TAMANHO-
 PEQUENO1sinaisd VER1sinaise DV(chapéu-andar)1sinaisd DV(ver-pensar-
 estalar-ver-chefe)1sinaisd FS(ar)1sinaise DV(ver-pensar-estalar-ver-chefe)1sinaisd DV(deitar-dormir-mão-
 DV(deitar-dormir-mão-aberta-mesa)1sinaisd RATO21sinaise DV(deitar-dormir-mão-
 aberta-mesa)1sinaisd DV(subir-prato-pão) PENSAR1sinaise DV(subir-
 prato-pão)1sinaisd E(prato) SEGREDO2 21sinaise E(prato)1sinaisd
 DV(pão-colocar-mão-pegar-vermelho-pequeno-cortar-colocar-mão)1sinaise DV(pão-colocar-mão-pegar-vermelho-
 pequeno-cortar-colocar-mão)1sinaisd DV(andar-apitar) IX(ele) GATO1sinaise
 DV(andar-apitar)1sinaisd DV(esconder) VER E(ver) COMER TEM1sinaise DV
 (esconder)1sinaisd DEM(lá) DV(correr-andar-morder-lanche)1sinaise DV(correr-andar-
 morder-lanche)1sinaisd DV(gritar-pular-sentar)1sinaise DV(gritar-pular-sentar)1sinaisd
 DV(pegar-colocar) GATO DV(correr)1sinaise DV(pegar-colocar)1sinaisd
 CHEFE FS(bar) DV(espigarda-tiros)1sinaisd DV(tiros-correr)1sinaise DV
 (espigarda-tiros)1sinaisd ARVORE DV(esconder-alívio)1sinaise DV(tiros-correr)
 ARVORE1sinaisd E(ver) ÁGUA GRUPO1sinaise DV(esconder-alívio) GRUPO
 1sinaisd DV(pegar-tomar-água-baleado-vazar-barriga)1sinaisd RATO21sinaise
 DV(pegar-tomar-água-baleado-vazar-barriga)1sinaisd DV(andar-correr-seguir)1sinaise DV
 (andar-correr-seguir)1sinaisd RATO2 ANDAR DV(grade) BOI DV(rabo)1sinaise DV
 (grade)1sinaisd DV(pegar-colocar)1sinaise E(ver)1sinaise DV(rabo)
 DV(pegar-colocar)1sinaise SEGREDO2 RATO2 ESTAR DV(levar-andar-pão)1sinaise
 ESTAR1Comentarios Transcritor PÃO1sinaisd E(ver)1sinaise DV(levar-andar-pão)1sinaisd
 DV(abrir-pão-rabo-colocar-correr)1sinaisd IR-EMBORA GATO1sinaise DV
 (abrir-pão-rabo-colocar-correr)1sinaisd DV(correr) E(ver)+ SEGREDO21sinaise
 DV(correr)1sinaisd DV(morder-gritar-correr-rabo-segurar)1sinaise DV(morder-gritar-correr-rabo-segurar)1sinaise
 DV(morder-gritar-correr-rabo-segurar)1sinaisd FUGIR E(não) POSS(meu)1sinaise
 FUGIR E(não) FIM2sinaisd E(positivo)2sinaisd PARABENIZAR FIM1sinaise
 AGRADECER2sinaise E(positivo) PARABENIZAR1sinaisd POSS(meu) ESQUECER FIM
 O-QUE1sinaise FIM2sinaise AGRADECER FIM

VÍDEO 02: *CHARLIE CHAPLIN*

file:///C:/Users/marce/downloads/FLN_GR_F09_NARRATIVA_cam01.eaf2024 Mar 9, Sat 11:501sinaisd PODER
 E(vai)1sinaise PODER2sinaise E(positivo) MAIS NADA2sinaise PODER
 NADA2sinaisd E(então)2sinaise E(possitivo) CONTINUAR INCORPORAR2sinaise INCORPORAR1sinaise
 E(então)2sinaise E(então)EDITAR VIDEO EDITAR
 CLASSIFICADOR1sinaisd DV(pessoa-vindo) SINAL(charlie Chaplin)1sinaise E(então)1sinaise
 E(criança) DV(andar-encontra)1sinaise DV(andar-encontra)1sinaise SINAL
 (charlie chaplin) VOCE IX(vai-lá)1sinaise IX(virar-direita) IX(lá) IX(virar)1sinaise
 IX(caminho)1sinaisd IX(caminho) E(possitivo) OK1sinaise E(possitivo) OK
 1sinaisd DV(pessoa-saindo)1sinaise DV(pessoa-ficar)1sinaise SINAL
 (charlie chaplin)1sinaise DV(pessoa-indo)1sinaise DV(pessoa-fino-colocar-mochila-na-costa)1sinaise
 IX(colocar-mochila-na-costa)1sinaise IX(vidro-fino-colocar-mochila)1sinaise
 E(pronto)1sinaise IX(vidro-fino-colocar-mochila) E(pronto)1sinaise IX
 (pessoa-andar) DV(vigiar) DEM(alí)1sinaise DV(casa)1sinaise DV(segurar-objeto-mão) DV(jogar-objeto)1sinaise
 E(possitivo)1sinaise DV(vidro-quebrar) IX(casa)1sinaise DV(jogar-objeto)1sinaise DV(vidro-quebrar)1sinaise
 DV(vidro-quebrar) MULHER1sinaise DV(vidro-quebrar)1sinaise DV(andar-correndo) SINAL(charlie chaplin)
 1sinaise DV(pessoa-vindo-e-parar)1sinaise DV(andar-correndo) SINAL(charlie chaplin)
 DISFARÇAR1sinaisd IX(pessoa-andando) NÃO-SABER1sinaise DISFARÇAR
 NÃO-SABER1sinaisd DEM(lá) DV(quadrado)EDITAR VIDEO CLASSIFICADOR
 formal1sinaisd E(possitivo) APROVEITAR1sinaise DV(quadrado)EDITAR VIDEO
 verbo manual - pegar-mochila - colocar-mochila1sinaise DV(tirar-quadrado-na-costa)1sinaise
 DV(tirar-quadrado-na-costa)1sinaise DV(quadrado-colocar)1sinaise DV(quadrado-colocar)
 1Comentarios Transcritor classificador pessoa ereta e pessoa andando1sinaisd HOMEM DV(andar-correr) E
 (outro)1sinaise DV(pessoa-parado)1Comentarios Transcritor Verbo_manual_atirar_pedra_Marisal1sinaise
 DV(segurando-mão-objeto) DV(jogou-objeto-forçar)+1sinaise DV(vidro-quebrar)+
 IX(ele)1sinaise DV(vidro-quebrar)+1sinaise SINAL(charlie chaplin)1sinaise
 DV(pessoa-saindo-correndo)1sinaisd ARRUMAR1sinaise DV(pessoa-indo-e-
 parado)1sinaisd IX(indicador) IX(anular) IX(médio)1sinaise ARRUMAR BOIA-1
 BOIA-21sinaisd IX(só) IX(anular) DV(mão-segura-objeto)1sinaise BOIA-3
 1sinaisd DV(pessoa-vindo) POLÍCIA DV(o-que-foi)1sinaise DV(o-que-foi)1sinaise
 NÃO++ FUGIR1sinaise NÃO++ FUGIR DV(pessoa-saindo-correndo)1sinaise
 IX(ele) POLÍCIA ANDAR DV(pessoa-vindo) VER ???1sinaise PONTO-INTERROGAÇÃO
 DÚVIDAR DEM(lá) ???1sinaise DÚVIDAR1sinaise DV(segurar-objeto)
 AMARELOUS1sinaise ARRUMAR DV(limpar)1sinaise ARRUMAR DV(limpar)1sinaise
 (pessoa-ir-andando)1sinaisd PAGAR ???1sinaise MULHER1sinaise DV
 PAGAR1sinaisd DV(pessoa-indo-pra-aí)1sinaise DV(andar-uma-volta-aqui) DV
 DV(pessoa-encontrou-outra-pessoa)1sinaisd DV(pessoa-saiu)1sinaise DV(pessoa-
 encontrou-outra-pessoa)1sinaisd PEQUENO1sinaise DV(pessoa-fica) DV(pessoa-
 parado)1sinaisd DV(pessoa-vindo) NÃO IX(sai-daqui-sai) POLÍCIA1sinaise DV(pessoa-
 TER IX(sai-daqui-sai)1sinaise DV(pessoa-parado)1sinaisd DEM(lá)
 correndo)1sinaise DV(pessoa-encontrar)1sinaise DV(pessoa-encontrar-pessoa)1sinaise
 POLÍCIA1sinaise DV(pessoa-saindo-correndo-devagar)1sinaise DV(pessoa-
 correndo-pra-aí)1sinaisd DV(pessoa-encontrar-pessoa)1sinaise DV(encontrar-pessoa-atrás-
 costa)2sinaisd E(positivo)2sinaise FIM2sinaise E(positivo) FIM

VÍDEO 03: CHARLIE CHAPLIN

```

file:///C:/Users/marce/Downloads/FLN_GR_ML0_narrativa1_cam0143EAF.eat2024 Mar 9, Sat 11:3/1SinaisD IX(eu)
PERFEITO XXX1SinaisE PERFEITO XXX2SinaisD QUERER DE-NOVO NÃO1SinaisD
MAIS-MENOS// IX(eu) MAIS-MENOS ERRAR1SinaisE MAIS-MENOS1SinaisD
JAR IX(ele) SINAL(chaplin) JUNTO FILHO1SinaisE ERRAR TAMANHO-PEQUENO1SinaisD JUNTO1SinaisD
MENINO TAMANHO-PEQUENO1SinaisE COMBINAR+1SinaisE IX(eu)1SinaisD SINAL(chaplin)
COMBINAR+ AVISAR IX(eu)1SinaisE COMBINAR+1SinaisE DV(meu-caminho-você-este-caminho-ir-volta-diferente)1SinaisE
DV(meu-caminho-você-este-caminho-ir-volta-diferente)1SinaisD ENCONTRAR DEM(lá) PRESSUMIR1SinaisE ENCONTRAR
PRESSUMIR1SinaisD DV(ir-lado-direito)1SinaisE E(positivo) MENINO TAMANHO-PEQUENO E(positivo)1SinaisD DV(lados)1SinaisD IX(eu)
ORGANIZAR1SinaisE IX(ele) CERTO IX(eu) ORGANIZAR1SinaisD DV(lados)1SinaisD DV(lados)1SinaisD IX(ele) E(vai) E
(topar) MENINO IR-EMBORA1SinaisE GRUPO2 FRENTE// GRUPO21SinaisE SINAL(chaplin) IX(ele) FS(massa) DV
(amassar)1SinaisD GRUPO2 DV(quadrado) PRONTO1SinaisE DV(amassar)1SinaisD GRUPO2
PRONTO1SinaisD DV(objeto-ir-atrás-sentir)1SinaisD DV(objeto-atirar-atrás)1SinaisD DV(objeto-atirar-atrás)1SinaisD DV
(objeto-ir-atrás-sentir)1SinaisD MENINO IX(ele)1SinaisE DV(colocar-mochila-andar)1SinaisD DV
DV(ir-lugares)1SinaisD MENINO DV(andar-ver)1SinaisE DV(colocar-mochila-andar)1SinaisD DV
FLAGRAR TER VIDRO JANELA1SinaisE DV(pegar-atirar-quebrar-muito)1SinaisE DV(pegar-atirar-quebrar-muito)1SinaisD CHIQUE1SinaisD JANELA
1SinaisD PRONTO MULHER1SinaisE DV(sem-jeito)1SinaisE DV(pegar-atirar-quebrar-muito)1SinaisE PRONTO1SinaisD
DESESPERAR QUAL DV(sem-jeito)1SinaisE DESESPERAR QUAL1SinaisD
FLAGRAR SINAL(chaplin) FINGIR1SinaisE DV(sem-jeito)1SinaisE FINGIR1SinaisD
DV(mochila)1SinaisD MULHER CHAMAR IX(você) AJUDAR1SinaisE DV(mochila)1SinaisE FINGIR1SinaisD
E(onde) MULHER CHAMAR IX(você) AJUDAR1SinaisE DV(mochila)1SinaisE FINGIR1SinaisD
AJUDAR1SinaisD E(positivo) ACEITAR E(positivo)1SinaisE E(positivo)1SinaisD
nada1SinaisD ACEITAR1SinaisD MAS E(olhar) XXX ACABAR1SinaisE E(positivo)1SinaisD
ACEITAR1SinaisD DV(consertar-colocar-quadrado)1SinaisD ORGANIZAR1SinaisE DV(consertar-colocar-quadrado)1SinaisD
colocar-quadrado)1SinaisD ORGANIZAR1SinaisE DV(ir-caminhos)1SinaisD MENINO IX(ele) DV(ir-caminhos)1SinaisD
1SinaisE DV(atirar-quebrar-muito)1SinaisD PRONTO// DV(atirar-quebrar-muito)1SinaisE DV
(atirar-quebrar-muito)1SinaisD DESCULPAR POLÍCIA FLAGRAR1SinaisE IDEIA AVISAR DV(ir-avisar-susto)1SinaisD
PRONTO//1SinaisD POLÍCIA E(então) MENINO OCUPADO_ TAMBÉM1SinaisE TAMBÉM1SinaisD DV(ir-avisar-susto)1SinaisD
(todos) QUALQUER FAZER1SinaisE QUALQUER FAZER1SinaisD COISA FAZER// COISA ERRAR
PESSOA VER OCUPADO_ XXX1SinaisE FAZER// COISA ERRAR ERRAR1SinaisD FAZER// COISA ERRAR
MENHUM VER NORMAL1SinaisE FAZER// COISA ERRAR ERRAR1SinaisD NORMAL1SinaisD PAI2 PAI3// PERFEITO
E(então) MENINO OCUPADO_ PORQUE//1SinaisE E(então)1SinaisD PERFEITO MENINO IX(ele) PERFEITO DV(mexer-pés)
IX(eu) IX(ele)1SinaisE IX(eu) VER IX(eu) BOQUIABERTO1SinaisE BOQUIABERTO DV(mexer-pés)1SinaisD
1SinaisD IX(ele) E(acabar) IX(ele)1SinaisE BOQUIABERTO DV(mexer-pés-para-trás)1SinaisD PEDRA POLÍCIA VER
DV(mexer-pés-para-trás)1SinaisE PEDRA DV(mexer-pés-para-trás)1SinaisD DV(soltar-atrás)1SinaisD PEDRA VER
(soltar-atrás)1SinaisE PENSAR E(não) VER PERCEBER1SinaisE PERCEBER1SinaisD E(saber-nada) PEDRA VER ACABAR
1SinaisE ANDAR1SinaisE PEDRA E(saber-nada) ACABAR1SinaisD FLAGRAR SINAL(chaplin) DV
(colocar-fita-arrumar)1SinaisD POLÍCIA1SinaisE DV(massa-atirar-atrás)1SinaisE DV(colocar-fita-arrumar)1SinaisD
1SinaisD POLÍCIA1SinaisE DV(massa-atirar-atrás)1SinaisD DV(acertar-
rostro-paciência)1SinaisD PARECER1SinaisE DV(acertar-rostro-paciência)1SinaisD
DV(enfurecer-perder-limite)1SinaisD DV(soneca-arrumar)1SinaisE DV(enfurecer-perder-
limite)1SinaisD MULHER DV(sujeito-vir)1SinaisE DV(soneca-arrumar)1SinaisD
DV(enfurecer-perder-limite)1SinaisD DV(soneca-arrumar)1SinaisE DV(soneca-arrumar)1SinaisD
DV(enfurecer-perder-limite)1SinaisD MULHER DV(sujeito-vir)1SinaisE DV(soneca-arrumar)1SinaisD
E(positivo) PAGAR IX(ele)1SinaisE DV(sujeito-vir)1SinaisE PAGAR1SinaisD
ALARIO PRECISAR GRATIS NÃO E(então)1SinaisE E(então) PRECISAR1SinaisD E(acabar)1SinaisD IX(ele) DAR E
acabar) E(positivo)1SinaisE DESCONFIAR1SinaisE DESCONFIAR1SinaisD TAMBÉM1SinaisD
POLÍCIA TAMBÉM DV(sujeito-passar)1SinaisE DV(sujeito-passar)1SinaisE E(então)1SinaisD IX(ele)
MENINO APROXIMAR SINAL(chaplin)1SinaisE APROXIMAR1SinaisD OCUPADO_ MENINO NÃO
:(deixar)+ AVISAR E(deixar)1SinaisD IX(ele) FS(pe) DV(chutar-atrás)+1SinaisE DV(chutar-
trás)+1SinaisD XXX PORQUE// PERCEBER3 VER1SinaisE PORQUE//1SinaisD
DV(sujeito-pé-chutar-afastar-voltar)1SinaisD IX(ele) DV(sujeito-andar-vários)1SinaisD DV
chutar-afastar-voltar)1SinaisD POLÍCIA APROXIMAR+1SinaisE DV(sujeito-andar-vários)1SinaisD
1SinaisD INTESE IX(eu) YYY1SinaisE APROXIMAR+ YYY1SinaisD DV
texto-passar)1SinaisE DV(texto-passar)2SinaisD E(positivo)+1SinaisD
S(the-kids) IX(ele)2SinaisD AGRADECER FIM E(positivo)+2SinaisD
IM2SinaisE AGRADECER FIM

```